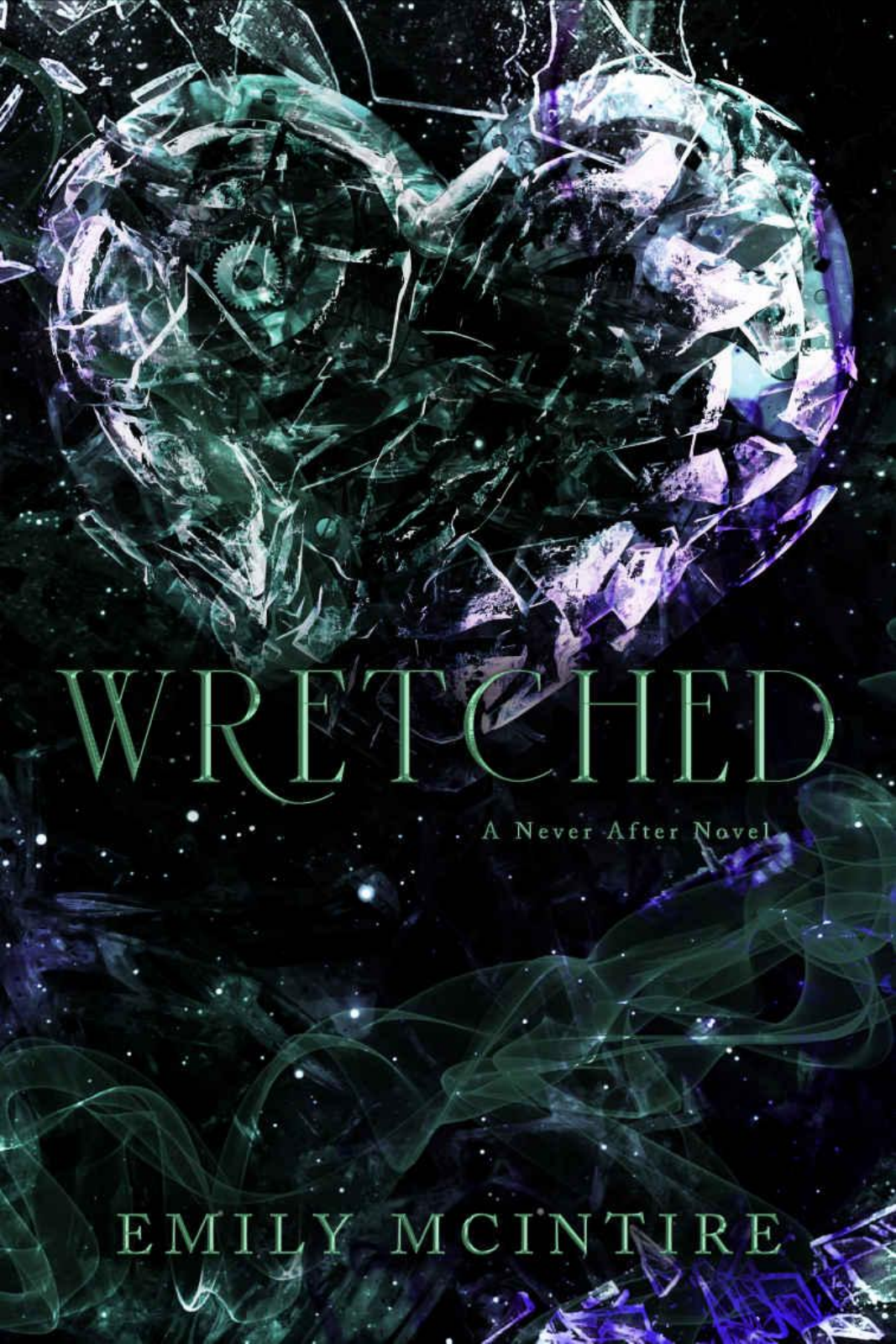




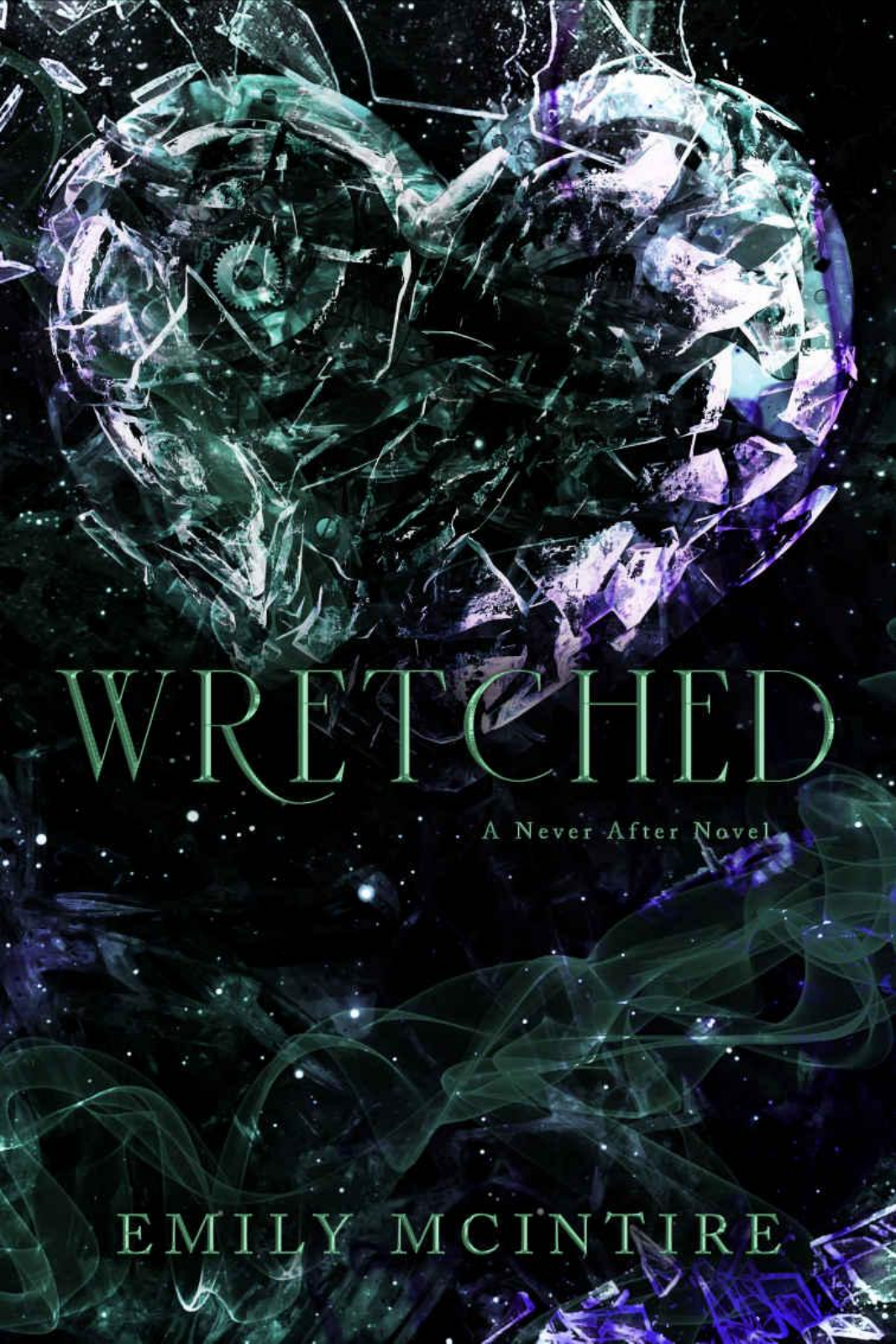
WRETCHED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



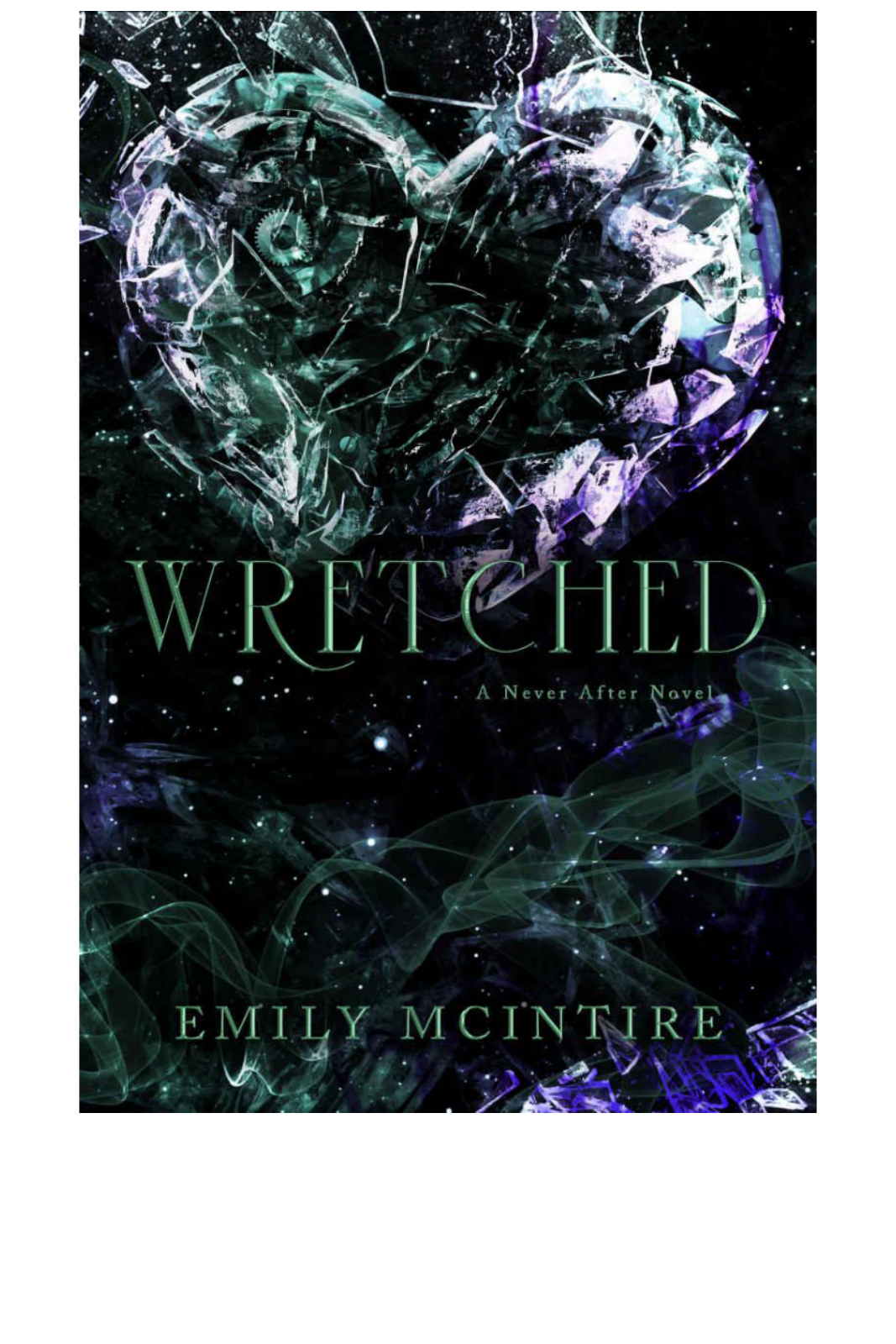
WRETCHED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

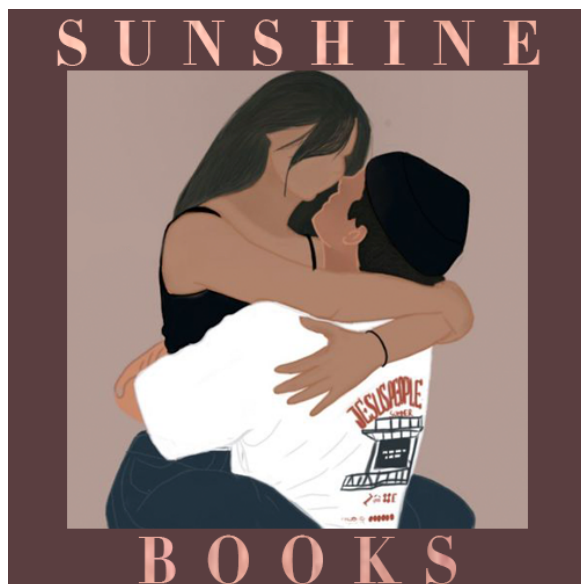


WRETCHED

A Never-After Novel

EMILY MCINTIRE

Staff



Avisos Suns!

A tradução foi efetuada pelo grupo *Sunshine Books*, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo *Sunshine* poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo *Sunshine* de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

WRETCHED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

PLAYLIST



Para o mal compreendido.

— Um coração não é julgado pelo quanto você ama, mas pelo quanto você é amado pelos outros.

L. Frank Baum, O Maravilhoso Mundo De Oz

Prólogo

Eveline (Ehu-Ah-Leen)



Dezessete anos

O luto é uma coisa estranha.

É a única emoção no mundo que as pessoas afirmam entender e ainda tratam como um inconveniente.

— *O tempo cura todas as feridas, Evie.*

Poupe-me.

O tempo não cura nada. Apenas dá às coisas mais espaço para crescer, definhar e apodrecer.

Eu me contorço no meu assento, o velho banco de madeira rasgando a pele das minhas coxas e me fazendo vacilar. Dorothy, minha irmã, a que ainda está viva, olha para mim, olhando para baixo como se meu movimento fosse chamar o tipo errado de atenção. Como se todos os homens na sala não estivessem *já* olhando nosso lado apenas para ter um vislumbre dela.

Seu cabelo castanho é perfeito e cacheado, um rabo de cavalo alto balançando atrás dela enquanto ela se inclina para a frente, ouvindo o padre falar sobre coisas que ele não sabe nada. Sobre memórias e vida não esquecida. Mas *meus* olhos ficam nela. Ela e aquele cabelo castanho estúpido e cacheado.

Minhas mãos coçam com vontade de estender e envolver os fios ao redor dos meus punhos, puxando até que arranque da raiz. Eu me controlo. Não importa o quanto eu queira estrangular Dorothy, isso não é sobre ela. Hoje não.

Hoje é sobre, Nessa.

E Nessa sempre me dizia que eu era escrava dos meus impulsos, então o mínimo que posso fazer é tentar contê-los. É *para ela* essa missa memorial, afinal.

Esse sentimento estranho sobe na minha garganta novamente.

Luto.

Às vezes é fluido, como ondas do oceano, e às vezes é estagnado como esculturas esculpidas em pedra. No momento, é sólido e pesado no centro do meu peito.

Mordo minha bochecha tentando segurá-lo.

Meu pai limpa a garganta e eu olho para ele sentado do outro lado de Dorothy, mergulhando nas tatuagens que alinham os dedos e desaparecem na manga da camisa. De vez em quando, tento dar uma olhada melhor, procurando pistas ocultas sobre o que elas significam, imaginando se uma delas me representa. Muito provavelmente, porém, ele estava entediado apodrecendo em uma cela de seis por oito nos últimos oito anos e queria tatuagem na pele.

Ele olha para mim de lado, tristeza tecendo através de seus olhos castanhos claros enquanto ele envolve o braço em torno de Dorothy, e ela descansa a cabeça no seu ombro. Não tenho certeza se o olhar dolorido é pela perda da própria Nessa ou por causa de todos os anos que ele perdeu. Talvez não seja nenhum.

Não que isso importe, realmente.

Nós fizemos uma vida sem ele, e agora ele voltou, fingindo que não deixou sua família sem nada no nome quando cometeu erros estúpidos.

Meus olhos examinam a sala, absorvendo as cabeças das pessoas que se importaram em aparecer. Eu escolho ignorar como estão cochilando ou sussurrando um para o outro como se fosse apropriado fofocar durante a missa memorial da pessoa mais importante da minha vida.

— Mas acima de tudo, — a voz do padre é exaltada. — Nessa Westerly era uma mulher de família. De fé. E quem melhor para falar sobre seu amor por ambos do que por alguém que *ela* amava mais do que tudo ... a irmã dela.

Meu coração titubeia no meu peito, as unhas cavando na madeira

sob minhas coxas até que sintam que podem se dividir ao meio. *Eu não sabia que precisaria falar.* Mas farei isso porque Nessa era mais do que apenas minha irmã. Dez anos mais velha e eras mais sábia, ela me criou desde os nove anos; depois que nosso pai foi pego com dez quilos de coca na traseira de um avião e jogado na prisão. Embora, sinceramente, ela estivesse cuidando de mim muito antes disso. Minha garganta incha quando me pergunto o que diabos devo fazer agora que ela se foi.

Um pensamento passageiro desliza pelo meu cérebro, curiosa se nossa mãe mostrará seu rosto nojento; se ela sabe que sua filha mais velha está morta, ou que o homem que ela alegou amar, depois abandonou, está livre. Eu me afasto do pensamento, decidindo manifestar que *ela está* morta e apodrecendo, em vez disso. Serviu bem para ela pular fora antes que o veredicto de meu pai fosse finalizado.

Olho de lado para Dorothy novamente, estreitando meu olhar enquanto ela limpa um lenço sob os olhos. Como se ela tivesse o direito de ficar triste. Ela odiava Nessa.

Para ser justa, ela também me odeia, mas com nossa irmã, era diferente. Mais volátil. A princípio, era puro ciúme. Nessa era a mais velha e a mais bonita, chamando a atenção de todos simplesmente existindo. E Dorothy foi ... a segunda melhor. Síndrome da filha do meio no seu melhor.

Quando papai ficou preso, suas últimas palavras foram para Nessa *deixá-lo orgulhoso*. Nem uma única palavra para Dorothy ou eu. Ela mudou depois disso. Sua inveja transformou em ódio, e sua persona passou de uma garota amarga para a mulher “ideal” com problemas de pai profundamente enraizados.

Ela teria sido uma atriz maravilhosa com o quão bem ela desempenha o papel.

Sugando uma respiração profunda nas memórias, eu me movo para ficar de pé, mas antes que eu possa endireitar minhas pernas, Dorothy se levanta, me empurrando para trás enquanto ela passa os bancos e entra no corredor. Ela mal me dá um olhar, mas meus olhos ardem enquanto eu a olho até o corredor, aquele *fodido* rabo de cavalo marrom tremulando, saltos vermelhos brilhantes estalando no chão de madeira.

Meus dentes apertam tão firmemente que meus molares doem quando eu encaro os pés dela.

Sapatos de Nessa.

Deus, que puta.

Sim ... a dor é uma coisa estranha.

Mas também é raiva.

Estou com *raiva*.

Estou com raiva de Nessa por ter sido morta.

E estou com raiva de Dorothy por matá-la.

Capítulo 1

Nicholas



Sete anos depois

— Qual é o nome dela?

Eu olho de lado, Seth, observando enquanto ele roça o dedo na sua barba escura.

— Você sabe, não é de admirar que você não tenha boceta quando tiver essa merda no rosto.

Ele sorri para mim. — As mulheres amam essa merda. E você está desviando.

— *Que* mulheres?

— Todas aquelas que sua bunda bonita deixa para trás. — Piscando, ele se levanta e agarra sua jaqueta, o couro marrom complementando sua pele negra e caindo sobre a arma no quadril. — Você realmente não vai me dizer?

Encolhendo-me, giro na cadeira da mesa, as pequenas paredes do meu cubículo pressionando-me de ambos os lados. — Eu não lembro.

— Típico — Seth zomba.

O riso borbulha do meu peito. — Ela sabia o acordo. Nós fodemos. Não pedi a mão dela em casamento.

Ele balança a cabeça. — Eu não acho que alguém seja estúpido o suficiente para pensar que está recebendo mais de uma noite com você, cara.

Meu peito puxa e eu forço um sorriso. Ele não está errado. Mesmo se eu *quisesse*, não há espaço para um relacionamento neste trabalho. Já tenho dificuldade em manter minha irmã segura. Todo mundo seria bagagem em que não tenho interesse.

— Não fique bravo comigo por me recusar a se envolver em alguma emoção inventada de conto de fadas.

Sua testa se levanta. — O que diabos isso significa?

— Amor. — Eu encolho os ombros. — É falso. Apenas uma reação

química que as pessoas fingem ser mais.

— Se você diz, cara — Seth ri. — Você quer um pedaço?

Olho para o longo corredor de mesas, acentuado por um tapete azul sujo. — Não, Cap quer me ver.

Os olhos de Seth seguem o meu olhar até baterem na porta fechada do escritório do nosso supervisor de divisão, o agente Galen. — Pelo que?

— Provavelmente, ser babá de novo. Deus sabe que já faz tempo desde que ele me colocou em um caso real.

O lado da boca se eleva. — Bem, talvez você não devesse ter fodido a filha dele.

Gemendo, eu corro minhas mãos sobre meu rosto. — Isso foi *uma* vez, e eu não sabia que era a filha dele.

Seth ri e eu franzo a testa, jogando uma caneta aleatória da minha mesa na cabeça dele. Honestamente, rude da sua parte para obter alegria do meu infortúnio.

A porta do escritório de Cap se abre e nós dois seguimos o barulho. O riso de Seth desaparece, seu corpo se endireita quando ele limpa a garganta. Olho para ele e sorrio.

Covarde.

Ele sempre teve medo do nosso chefe, não importa quantas vezes eu tenha dito a ele que Cap é todo latido e sem mordida.

— Woodsworth.

A voz de Galen é áspera, e eu pisco para Seth me levantando e vou para o escritório dele, sentindo a queimadura do olhar de Cap a cada passo. Não é segredo que ele me odeia e me quer fora de sua divisão e posteriormente fora de sua vida. Mas, independentemente de suas emoções pessoais, vivo e respiro esse trabalho, e sou o melhor no que faço.

Sentado na cadeira cinza dura em frente à mesa, meus olhos vagam pelos retratos emoldurados de sua esposa e três filhas, meu pau se contorcendo quando vejo Samantha sorrindo com sua pele de oliva perfeita e um braço magro pendurado no ombro da irmã mais nova.

Eu menti para Seth. Eu *sabia* que era filha de Cap. Eu simplesmente não dava a mínima. Serviu para me arrancar de uma investigação ativa e me dar um tapa em serviço de escritório.

Cap limpa a garganta enquanto caminha por mim, estreitando os olhos e esticando a mão para virar a moldura até ficar com o rosto voltado para baixo. O lado do meu lábio se levanta, mas eu o sufoco, adotando um ar de tédio.

Ele aponta o dedo para mim. — Não olhe para ela, seu merda.

Rindo, levanto minhas mãos em rendição. — Meu erro, Cap.

Ele faz uma careta. — Eu sou seu supervisor, não um capitão. E seu pedido de desculpas significa merda nenhuma.

— Bem, você é o capitão do meu coração e não estou feliz se você não estiver feliz. — Eu pressiono uma mão no meu peito, sorrindo. — Vamos. Eu disse que estava arrependido. O que mais posso fazer?

Seus olhos escuros se estreitam. — Você já fez *mais* que o suficiente.

Sento-me no meu lugar. — Nada que ela não pediu.

Um tapa forte soa pela sala, os dedos de Cap tensos pressionando o topo de sua mesa. — Você está demitido.

Encolhendo os ombros, coloco minhas mãos nos braços da cadeira e me levanto. — Tudo bem.

— Sente-se. *Porra*. — Ele passa a mão sobre a cabeça careca e sopra uma respiração profunda enquanto se encosta atrás da mesa. — Deus, eu odeio sua bunda — ele resmunga.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você tem permissão para dizer isso a um subordinado?

— Eu tenho um trabalho para você.

Agora *isto* chama minha atenção e eu sento para a frente, a diversão caindo do meu rosto.

Finalmente.

— Você já esteve em Kinland? — Ele joga uma pasta, o peso do seu conteúdo batendo no topo da mesa batendo nos meus ouvidos, algumas fotos de vigilância em preto e branco saindo dos lados.

Eu alcanço, as pegando.

— Sim, algumas vezes — digo indiferentemente, não querendo me concentrar na maneira como meu interior se aperta quando penso na caminhada de duas horas de Chicago para Kinland que minha mãe costumava levar eu e minha irmã. — Eu não vou há muito tempo. Desde criança.

Minha voz trêmula um pouco na última palavra, desconforto envolvendo meu pescoço. Limpando minha garganta, viro as fotos. Há pessoas que descarregam caixas de um caminhão. Depois, outro homem mais velho, com cabelos grisalhos e tatuagens dos dedos até o pescoço, sorrindo para o cara ao seu lado. — Quem é?

— *Este é Farrell Westerly. Já ouviu falar dele?*

Eu balanço minha cabeça.

— Irlandês-americano de sangue puro com sua ficha criminal comum. Passou oito anos na Penitenciária de Gilyken antes de ser solto em liberdade condicional por bom comportamento. Ele está aparecendo novamente nos últimos anos. Parece que o cara está *em todo lugar*.

Eu sorrio. — Um condenado reformado?

— Eles não são todos? — Cap bufa. — Eles estão executando uma operação fora de Kinland, inundando as ruas com essa nova merda.

Meu estômago revira. Essa merda “nova” se chama The Flying Monkey e está assumindo o controle. Semelhante a qualquer outro tipo de heroína, só que *não*. É popular pra caralho, o que significa que imitadores estão surgindo em todos os lugares tentando copiar o produto e falhando. Tudo o que acaba acontecendo é mais mortes por overdose de drogas mal fabricadas.

Apertando os olhos, olho mais de perto a foto dos dois homens. — Isso é...

— Isto é.

Suspirando, sento-me na cadeira, reconhecendo os cabelos ruivos e

a construção grande. — Zeke O'Connor

Meu estômago está azedo quando coloco as fotos de volta na mesa dele. Zeke é bem conhecido em nossos círculos. Seu pai, Jack O'Connor, era notório em Chicago como rei da máfia irlandesa. Ele era implacável. Mas isso foi antes de seu poder ser desmantelado anos atrás, e Jack foi assassinado na cadeia enquanto cumpria pena por participar em *numerosos* crimes.

— Então, o que... você quer que eu faça algum reconhecimento.

Seus olhos se estreitam. — Quero que você entre e encontre o fornecedor deles. Se pegarmos o cachorro grande, podemos arrastar o resto. Eu não passei os melhores anos da minha carreira caçando-os apenas para que a máfia irlandesa voltasse com novos rostos em um novo local, pensando que eles podem assumir tudo de novo.

Minhas sobrancelhas disparam alto. — Disfarçado?

— Você está surpreso? — A cabeça dele acena.

Minhas mãos tremem com o repentino choque de adrenalina. — Faz um tempo.

Ele resmunga, seu grosso conjunto de sobrancelhas se amontoando até que um vinco se forme no meio da testa. — Você está dizendo que não está disposto a isso?

Meu estômago revira e eu fico mais reto. — Você está louco? Ninguém mais pode fazer isso como eu, e você sabe disso, Cap.

Ele chega ao lado do computador e pega outra foto, colocando-a na minha frente. É de uma mulher. A *linda* mulher com cabelos castanhos brilhantes puxado para trás em um rabo de cavalo alto,

roupas de grife pingando de seu corpo. — Essa é Dorothy Westerly, a filha de Farrell. Dizem que ela é o ponto fraco dele. Quando entrar tente se aproximar dela. Ela vai soltar.

Surpresa tremula no meu intestino. — Por que ela?

Um sorriso lento aponta para o canto dos lábios e ele se inclina para trás na cadeira. — Você não gosta de filhas bonitas?

Capítulo 2

Eveline



Há sangue no meu sapato.

Merda.

Eu olho para o couro preto desgastado da minha bota de salto, meu estômago está tenso de irritação por ter que passar o resto da noite neste clube de merda com partes de um morto encharcando no meu pé.

Espero que isso não signifique que ele volte para me assombrar.

— O que há, mal-humorada? — meu melhor amigo, meu único amigo, Cody, pergunta, sorrindo enquanto descansa no bar ao meu

lado.

Eu movo meu olhar, trazendo minha mão para o meu peito e levantando minhas sobrancelhas. — Eu não estou mal-humorada.

Seu cabelo loiro salta quando ele joga a cabeça para trás, uma risada borbulhante saindo da boca. — Você é cem por cento pessimista.

Olho para as pessoas que se amontoam atrás dele para tomar uma bebida e encolho os ombros. — Eu sou realista. Há uma diferença.

— Bem, você está sendo fodidamente *chata*. — Ele revira os olhos.
— Foi para isso que você me arrastou? Pensei que, com aquele cabelo falso, você relaxaria um pouco. As loiras devem se divertir mais.

Cerro os dentes, batendo minhas unhas em forma de amêndoa no topo da barra de madeira, o esmalte preto espelhando meu humor. A única razão pela qual estou aqui em Chicago é porque fui encarregada do infeliz dever de rastrear algum *idiota* que precisa aprender uma lição. A peruca loira colada na minha cabeça e lentes de contato colorida são apenas segurança. Não para *diversão*.

— Quer um shot? — ele tenta novamente, mexendo as sobrancelhas que estão meio escondidas pelos óculos.

— Eu não bebo.

As palavras saem mais duras do que eu pretendia, mas tenho uma dor de cabeça crescendo entre os olhos e um temperamento que está se esgotando desde esta manhã, quando algum *imbecil* me interrompeu enquanto eu trabalhava.

Eu espio o sangue seco novamente.

Ele franze a testa. — Desde quando?

Suspirando, eu corro uma mão sobre os cabelos grossos, os fios loiros descoloridos caindo sobre o meu ombro. — Desde sempre, Cody, eu não sei. Cristo, você está planejando me interrogar o tempo todo? Eu só queria ajudá-lo a sair da casa de sua mãe. — Eu encolho os ombros. — Viva um pouco em vez de passar o tempo todo olhando para as telas dos computadores.

Ele pisca para mim.

— Tudo bem — ele finalmente respira. — Eu vou dançar. Encontrar um belo pau grosso para montar.

Meu sorriso abre pela primeira vez a noite toda, e ele pisca. — Depois que você terminar o que realmente veio aqui, faça o mesmo. Talvez uma boa foda faça você perder esse enorme pau enfiado na bunda.

Acenando para ele, eu giro, meu estômago se apertando enquanto o barman caminha em minha direção e sorri.

— Quer algo para beber? — ele pergunta.

— Não tenho certeza *o que* eu quero. — Forço um sorriso malicioso, espiando para ele através dos meus cílios.

Seus olhos azuis brilham. — Não há favoritos?

Eu imito seus movimentos, certificando-me de que o topo do meu decote seja empurrado de onde eu o pressiono contra o bar, dando-lhe uma boa visão. — Eu não gosto muito de beber, sabe? Eu acho

que prefiro...*voar*.

Seu olhar cai dos meus olhos para o inchaço do meu peito, e eu mordo de volta o desgosto de quão previsível ele é. Honestamente, nem sou tão atraente. Não comparada às delicadas características faciais da minha irmã, mas jogue um par de peitos no rosto de um homem e todo o sangue corre para o pau em vez do cérebro.

Ele lambe os lábios.

— Eu só gosto de me divertir...— Eu balanço minha cabeça, batendo minhas unhas compridas no topo do balcão. — Você não?

Ele joga um pano esbranquiçado por cima do ombro e coloca o cotovelo na borda do bar.

— Andrew — uma voz grita. Sua atenção se volta em um garçom que está de pé com uma bandeja vazia e um olhar irritado no rosto. — Cara, posso pegar minhas bebidas?

Com uma careta, ele olha para mim, batendo no topo do balcão com as juntas dos dedos. — Não vá a lugar nenhum. Eu tenho exatamente o que você precisa.

No segundo em que as costas estão viradas, deixei a fachada cair, pegando um porta-copos e girando na minha mão, tentando não pedir água com refrigerante e um guardanapo para que eu possa esfregar a mancha da ponta da minha bota.

Não é perceptível, mas está me *incomodando*.

— Você está se esforçando demais.

Minha cabeça se levanta e trago meu olhar em uma mandíbula

forte e olhos verdes. Eu levanto uma sobancelha. — Com licença?!

O homem sorri, covinhas emoldurando seus lábios carnudos enquanto toma um gole de cerveja e se apoia contra o bar.

Eu sorri, irritada que esse cara tenha decidido me irritar e ainda mais zangada por ser atraente o suficiente para fazer meu estômago estremecer. — Quem disse que estou tentando?

Sua garganta balança e ele se aproxima, enviando um cheiro de canela para o meu nariz passando a mão por seus cachos marrons curtos e levemente encaracolados. Meus olhos rastreiam o movimento, depois se movem mais para baixo em sua jaqueta de couro preta e jeans escuros.

— Você pode praticar comigo, se quiser — continua ele, acenando para o barman. — Antes que ele volte.

Inclino a cabeça, tentando descobrir se ele está flertando ou tirando sarro de mim. — Uau, que oferta.

Ele encolhe os ombros. — Estou de bom humor.

Normalmente, eu não reagiria bem a alguém que estivesse no meu espaço. Mas esse cara me intriga. Além disso, ele é gostoso e, francamente, estou com tesão. É difícil encontrar alguém que eu possa tolerar por tempo suficiente para deixá-los me fazer esquecer.

Erguendo minha mão, pego a cerveja dos dedos dele, trazendo-a para a boca e tomando um pequeno gole. Eu escondo o encolher do gosto, correndo minha língua ao longo dos meus lábios enquanto engulo. Parece estranho sem o piercing que geralmente existe, mas coisas identificáveis como piercing de língua não são boas para manter o anonimato.

E eu não estava mentindo antes. Eu *não* bebo.

— Bem, são boas notícias. — Eu deslizo do banquinho e passo em frente até meu peito roçar seu torso. Sua respiração se arrepia quando eu me levanto um pouco, meus lábios próximos em sua mandíbula. — Porque sou uma beneficiária.

Seus olhos brilham quando eu me afasto e esse sorriso perfeito floresce em seu rosto. — Você é interessante.

— E você é chato — respondo.

Ele ri.

Meu peito aperta e eu mordo meu lábio para esconder o sorriso que quer escapar, balançando a cabeça.

— Qual é o seu nome? — ele pergunta.

Eu espio para ele. — Por quê?

— É natural. O cara vê uma mulher atraente no bar, quer conhecê-la melhor. — Ele estica a mão. — Eu sou o Nick.

Cruzando meus braços, olho para a palma da mão. — Como sei que você não está tentando descobrir meu nome para poder me perseguir?

— Isso é muito arrogante.

— É? Quero dizer, você está aqui em um clube, sozinho, flertando com mulheres aleatórias e perguntando seus nomes. Você nunca viu *Dateline*, Nicholas?

Ele aponta para a pista de dança. — Eu *não* estou aqui sozinho. E é Nick.

Meus olhos seguem para onde ele está apontando para um cara atraente dançando contra uma mulher aleatória no meio da pista.

— Esse é meu amigo, Seth. Hoje fui colocado em um novo emprego que está me levando para fora da cidade, então estamos 'celebrando' uma última vez.

— Eu provavelmente comemoraria também se você estivesse partindo.

Rindo, ele toma outro gole de sua bebida, exatamente no mesmo local que eu fiz anteriormente, com a língua espreitando e correndo por cima dos lábios, sem deixar meu olhar por um único segundo. Meu interior contorce, o calor inunda entre minhas pernas.

É desagradável o quanto ele está me afetando.

— Escute, eu não tenho tempo para — eu balanço meu braço entre nós, — seja lá o que for. Então, vá direto ao ponto ou encontre outra pessoa. Tenho certeza de que há muitas mulheres desesperadas dispostas a desistir de suas informações pessoais para que você possa espiar pelas janelas.

Ele abaixa a garrafa e olha por mim antes de avançar e se curvar, com os lábios impossivelmente perto da minha bochecha. Eu puxo uma respiração, meu coração está subindo no meu peito.

— Eu não quero te perseguir, garota bonita. — Ele enfia um fio de cabelo atrás da minha orelha. — Eu quero te foder.

Oh.

Algo quente e perverso gira pelo meu meio. Esse cara é perigoso. Uma distração uma que não posso aceitar. *Embora...* espio para Andrew, o barman, percebendo que há pelo menos algumas horas antes de ele sair do trabalho. Um pouco de diversão não faria mal, e por que não devo me recompensar? Além disso, não estou acostumada a ser o centro das atenções. Normalmente, eu me escondo em cantos escuros, tentando o meu melhor para me misturar com as sombras. Essa mudança de ritmo é meio agradável, de uma maneira inesperada.

— Bem ...— Eu bato no bar com as pontas dos dedos, sentindo a queimadura do olhar de *Nicholas* enquanto ele segue meu corpo. — Isso foi divertido, mas eu tenho que usar o banheiro. Se você sabe o que é bom para você, não vai me seguir, perseguidor.

Ele franze os lábios como se estivesse segurando um sorriso e inclina a cabeça.

Honestamente, espero que ele me siga de qualquer maneira, mas enquanto eu atravesso a pista de dança e desço os corredores estreitos, passando por uma dúzia de corpos pegajosos e suados, ele não está em lugar nenhum.

É melhor assim.

Abro a porta do banheiro feminino e entro. É um banheiro pequeno, com azulejos de metrô em preto e branco nas paredes e apenas dois banheiros. Eu ando ao redor, espreitando por baixo das duas cabines para garantir que não haja mais ninguém aqui antes de ir para a pia e descansar meus braços contra a borda, soltando uma respiração profunda.

A porta se abre e depois fecha, fazendo meu coração disparar na garganta e minhas defesas se erguerem, uma trava clicando no lugar. Eu giro, emoção apertando meu peito enquanto encontro o

olhar de Nicholas, seus olhos escuros enquanto ele caminha em minha direção. Ele inclina a cabeça, tirando a jaqueta de couro preta e jogando-a no balcão da pia. Volto até ficar grudada contra o ladrilho da parede do banheiro, mas ele continua até que seu corpo seja pressionado contra o meu, uma emoção correndo pelo meu interior.

— Eu sabia que você me seguiria. — Eu reviro meus olhos. — Previsível.

Sua mão se estende e passa pelos fios do meu cabelo, agarrando enquanto ele puxa, forçando meus olhos a encontrá-lo enquanto meu pescoço se estende para trás.

Jesus.

Meu coração acelera, esperando como o inferno que a cola que usei manterá a peruca no lugar.

— Além disso... não sei o que é bom para mim — diz ele.

E então ele se abaixa e me beija.

Eu gemo, minhas mãos voando para a parte de trás da sua cabeça enquanto sua língua mergulha na minha boca, emaranhada com a minha. Ele tem um gosto doce e picante, e eu me perdi no momento. Nunca mais voltarei a ver esse cara, mas espero que ele cumpra sua bravata e possa pelo menos me dar um orgasmo antes que desapareça.

Suas mãos descem até minhas coxas, me levantando, e ele se pressiona em mim até que cada centímetro esteja aninhado entre minhas pernas. Ele empurra e eu choramingo em sua boca.

Tão feliz que deixei minha arma no carro. Isso seria estranho de explicar.

Travando meus tornozelos atrás das costas, eu movo meus quadris, moendo contra ele.

— Porra — ele amaldiçoa, se afastando para seguir seus lábios ao longo da coluna do meu pescoço.

A umidade vaza de mim e arqueio minhas costas até minha cabeça bater na parede, dando-lhe mais espaço para trabalhar.

— Você vai me falar seu nome? — ele grunhe.

— Não.

Chegando lá embaixo, eu tiro o botão na parte superior do jeans dele, enfiando a mão dentro e segurando o seu pau, meu estômago tenso quando percebo o seu tamanho.

Ele deixa minhas pernas, recuando um pouco e puxando um preservativo do bolso. Eu o arranco dele, caindo de joelhos e agarrando o cós da calça, abaixando-as apenas o suficiente para que eu possa alcançar sua boxer e puxar seu pau para fora. A cabeça está pingando com o seu pré-sêmen, e eu me inclino, lambendo o líquido salgado, gemendo quando bate na minha língua. Tem um gosto *bom*, e eu decido que preciso ter mais, então coloco minha boca sobre ele e deslizo para baixo, deixando-o bater na parte de trás da minha garganta.

— *Jesus Cristo* — ele geme, a palma da mão batendo contra a parede.

Eu mexi minha cabeça algumas vezes, deslizando minha língua ao

longo da veia grossa que corria pela base e depois deixando-o escapar de mim com um estalo, voltando e rasgando a embalagem do preservativo com os dentes. Coloco nele, seu olhar queimando no topo da minha cabeça como eu.

Suas mãos seguram meus ombros, levantando-me agressivamente, e antes que eu possa piscar, ele levantou minha saia e minha calcinha foi empurrada para o lado. — Eu preciso estar dentro de você.

Ele levanta minhas pernas ao seu redor e, com um impulso sólido, ele está lá.

Tão profundo.

Ele começa um ritmo rápido e punitivo, e meus olhos reviram na minha cabeça porque acho que ninguém nunca me fodeu assim. Rápido e sujo e como se não quisesse mais nada além de mim.

Esse pensamento combinado com a maneira como ele está me enchendo faz meu orgasmo subir rapidamente, meu clitóris inchando quando a tensão se enrola no meu abdômen.

— Oh, Deus — murmuro, minha cabeça estalando contra a parede.
— Eu amo seu pau.

Ele ri, pressionando-me mais forte, o aperto nas minhas coxas quase machucado com a força. — Mostre-me — diz ele, chupando meu lóbulo da orelha entre os dentes e mordendo. — Mostre-me o quanto você ama meu pau.

Suas palavras são a última coisa que eu preciso, e eu explodo, luzes brilhantes cegando minha visão, minhas unhas cavando em seus ombros enquanto ele continua me fodendo com prazer.

— É isso aí, garota bonita. Me dê isto.

Mais alguns impulsos e ele empurra profundamente até que seus quadris pressionem contra os meus, seus gemidos baixos vibrando através de todos os ossos do meu corpo enquanto seu pau se contorce descontroladamente.

Lentamente, volto à Terra e percebo o que aconteceu e onde estou.

O que eu deveria estar fazendo.

Ele deixa minhas pernas trêmulas, enfiando as pontas dos dedos nas minhas coxas e segurando meus quadris enquanto pressiona a testa na minha. — Diga-me seu nome — ele sussurra.

—Não — escolhendo afastá-lo. Me aproximando para pegar minhas roupas, eu me visto, meus membros ainda estão trêmulos pela maneira como ele me fodeu.

Definitivamente o melhor que já tive.

De repente, o ar parece sufocante e eu preciso sair. Agora.

Não gosto do jeito que ele me faz sentir. Porque eu *quero* dar a ele meu nome. Quero perguntar para onde ele está indo e quem são seus amigos, e... não é assim que eu trabalho.

Não é assim que eu funciono.

Então, em oposição, eu volto, as paredes parecem estar se aproximando de mim. Andando até ele, deslizo meus dedos em volta do pescoço e levanto-me nos dedos dos pés, deixando um beijo suave nos lábios inchados.

Seus olhos escurecem.

Então saio do banheiro, me movendo o mais rápido possível para garantir que ele não me siga.

Ele não segue.

E quando atiro uma bala no pescoço de Andrew, o barman, três horas depois no beco, vendo seu sangue escorrer pela calçada rachada enquanto ele cai de joelhos... tudo em que consigo pensar é em como gostaria de ter falado meu nome a Nicholas.

Capítulo 3

Nicholas



Meu estômago está em nós. O tipo que envia ansiedade girando em sua cabeça e bile subindo pela parte de trás da garganta.

Não há muito que fique sob minha pele e muito menos que me preocupe, mas toda vez que olho para minha irmã, Rose, está em segundo plano, incomodando minha consciência como um pássaro bicando uma árvore. Sabendo que esta é a última vez que a verei por quem sabe quanto tempo fortalece a sensação.

Não é a primeira vez que me disfarço, mas *é* a primeira vez desde que somos apenas nós dois. Desde que eu a localizei nas ruas de Chicago e finalmente - porra *finalmente* - limpou a bunda dela e se instalou no meu apartamento.

— Com fome? — ela pergunta, levantando uma sobrancelha para mim e colocando a mão nos quadris.

— Eu poderia comer. — Eu encolho os ombros, batendo meus dedos na mesa redonda de madeira enquanto a vejo rodopiar em torno da pequena cozinha. Ela se mexe despejando macarrão em uma panela e passa as unhas roídas pelos cabelos vermelhos.

— Quando foi a última vez que você se encontrou com seu traficante?

Seu corpo treme e ela coloca as mãos contra a boca do fogão branco, deixando cair a cabeça com um suspiro pesado. — Não comece, Nick.

— Eu não estou começando qualquer coisa. Só estou perguntando.

— Bem, *pare de* perguntar — ela se exalta.

Meu peito aperta e eu franzo a testa para ela, meus olhos se movendo das sardas no rosto, até os ossos salientes do quadril, embora não sejam tão proeminentes quanto antes, depois as cicatrizes e marcas desbotadas se espalhando entre os dedos e pelos braços.

Ela pega uma colher de pau da gaveta à direita, os outros utensílios batendo enquanto a fecha com severidade. — Eu posso *sentir* que você está me investigando. Pare com isso.

O canto da minha boca se levanta e eu esfrego minha mandíbula, os pêlos arranhando as pontas dos meus dedos. — Escute garota.

— Eu sou três anos mais velha que você.

Eu sorrio. — Semântica.

Ela ri, balançando a cabeça quando volta para o fogão e mexe o macarrão.

Meu estômago torce, meu cérebro tenta empurrar as palavras da minha boca quando não quero dizê-las. Não há muito que eu me importe além do trabalho, mas se há algo que eu *me importo*, está bem aqui nesta cozinha, e deixá-la sozinha por um período indeterminado de tempo faz náuseas agitar no meu íntimo.

— Eu tenho que ir embora por um tempo.

Os ombros dela caem. — Para quê?

Minha língua corre sobre a frente dos meus dentes.

Ela hesita. — Pelo o trabalho?

Eu aceno.

A cabeça dela balança, os dedos disparando até a boca, onde ela mordisca nas pontas.

Expelindo uma respiração pesada, levanto-me, as pernas da cadeira de madeira arranhando o feio piso de parquet e ando em sua direção. — Esse é um hábito nojento.

Ela olha para mim, seus lábios se contorcendo em um fantasma de um sorriso. — Sim, bem ... já foi pior.

Carrancudo, eu levemente bato na sua mão de sua boca.

Ela solta uma risada suave, girando para trás para continuar

mexendo o macarrão. — Alegre-se, Nick. Se não podemos brincar sobre o passado, nunca seguiremos em frente. Além disso, o humor me ajuda.

— O humor deveria ser engraçado.

— Não é problema meu que você tenha mau gosto.

Eu me movo rápido, estendendo a mão para agarrá-la e atraí-la para perto de mim, trancando o pescoço sob meu braço e esfregando meu punho no topo de sua cabeça.

Ela grita, trazendo a colher de pau para bater no meu braço. — Me solte, imbecil.

A diversão aquece meu peito e se espalha pelos meus membros enquanto eu a solto, sorrindo enquanto ela amaldiçoa e alisa seus cabelos. Olhando para mim, ela caminha até a pequena despensa na parede esquerda e se levanta na ponta dos pés para pegar uma jarra antes de voltar para a panela.

O ar alegre gira e rodopia a cada segundo de silêncio até começar a pressionar meu peito.

— Você será capaz de aparecer ainda? — ela pergunta.

Algo se aloja na minha garganta e eu engulo em torno do caroço. — Eu não sei.

Ela acena com a cabeça e volta para o fogão, misturando o molho de tomate. Fico em silêncio, sem saber mais o que dizer, e esperando que ela fique bem enquanto eu estiver fora.



— Eu quero um advogado.

A voz de Zeke O'Connor é áspera e baixa; rude enquanto cospe as palavras sobre a mesa de metal na pequena sala de interrogatório.

— Certo. — Eu sorrio, encostado na minha cadeira até as duas pernas da frente se inclinarem do chão. — Mas somos apenas alguns caras conversando, certo?

Seus olhos castanhos se estreitam.

— A menos que... — Suspiro, passando a mão pelo cabelo, sentindo as leves ondas voltarem ao lugar depois que eu o faço. — Não, não importa.

A mandíbula dele se aperta.

— Deus, não comece essa merda, Woodsworth — geme Seth ao meu lado. — Você sabe que eu não suporto quando você “não importa” como uma mulher.

Aponto um dedo na direção de Seth. — Você é uma merda sexista. E só estou tentando não assustar o cara. — Jogo minha mão aleatoriamente na direção de Zeke, observando a maneira como ele se senta um pouco à frente em sua cadeira, como se estivesse ouvindo nossa conversa sem querer admitir.

A perna de Zeke balança tão rápido que sacode a base da mesa. — Eu não quero ser um rato, cara.

— Bem...— Eu respiro fundo, agarrando minha jaqueta de couro na parte de trás da cadeira enquanto me levanto. — Somos nós ou a prisão.

— Sim — ele resmunga, passando a mão sobre o coque na cabeça.

— Você sempre pode se arriscar — Seth entra em cena. — Tenho certeza que seu pai tem conexões, certo?

Os olhos de Zeke escurecem, os dedos batem agitados, batendo na mesa.

— Oh. — Seth bate na cabeça dele. — Está certo, eu esqueci. Meu erro, cara.

— Esqueceu o que? — Eu pergunto, mesmo que já saiba a resposta.

Seth pressiona os lábios olhando para Zeke antes de voltar sua atenção para mim. — O pai dele morreu na prisão.

Eu aceno, levantando minha mão para esfregar meu queixo. — Está certo. — Eu me viro para olhar para Zeke. — O que foi? Esfaqueado quarenta e *sete* vezes e encontrado pendurado nos chuveiros.

O queixo treme, as mãos grandes se enrolando nos punhos.

Eu assobio, vestindo a jaqueta nos braços. — Espero que eles não guardem rancor.

— Tudo bem — ele cospe. — Estou dentro ..., mas vocês precisam entender. Se isso sair, se essa merda der errado? Eles vão me matar.

— Então não estrague tudo. — Descanso minhas juntas na mesa e

encontro o olhar castanho de Zeke. — Agora me conte sobre Dorothy Westerly.

Capítulo 4

Eveline



— Quer um pouco? — Zeke pergunta, caindo na cadeira à minha frente, o cheiro de seu frango frito e molho girando no ar.

Aperto o nariz, olhando do meu pequeno caderno preto, balançando a cabeça.

Ele ri. — Esqueci que você estava fazendo toda essa coisa vegana.

— Não é uma *coisa* — Eu estalo.

— Então o que é? — Sua sobrancelha ruiva arqueia enfiando metade da coxa de frango na boca.

— Não estou querendo ajudar no abate de animais apenas para diversão temporária. É egoísta.

Ele ri novamente, batendo nos lábios dramaticamente e gemendo enquanto dá a próxima mordida.

Revirando os olhos, olho para o papel e focalizo as palavras, derrubando minha caneta no canto da boca e mordiscando o plástico duro. Desgosto rasteja pela minha garganta enquanto eu abaixo a caneta e desenho linhas duras através das letras até que minha mão queime pela pressão, e tudo o que escrevi é rabiscado e obsoleto.

Merda absoluta.

— Yum, o que cheira tão bem? — A voz de Dorothy soa pelo ar. É leve e airosa, e arranha contra meus ouvidos, da mesma maneira *toda* vez que ela fala. Olho através dos cílios, rastreando-a enquanto ela entra na cozinha e sorri bem quando ela se aproxima de Zeke.

— É carne de animal — Zeke pisca para mim.

Eu sorrio.

Ela ri. — Parece delicioso.

— Parece? Sua irmã acha que sou nojento por comê-lo.

— Eu não poderia me importar menos com o que você escolhe fazer com sua vida, Ezekiel. — Eu tiro meu caderno fechado, puxando-o para o meu peito.

— Bem, Evie não é exatamente conhecida por seu bom gosto — diz

Dorothy, poupando-me um pequeno olhar. — Sem ofensa.

Eu estreito meus olhos, pegando seu terninho xadrez azul-bebê perfeitamente ajustado e lábios vermelhos brilhantes. Ela está sempre composta, mas hoje ela parece um pouco *mais*, e embora não a ter em casa seja uma bênção, também não gosto da ideia de ela sair para a cidade e colocar o rosto em todo lugar em público.

Ela não percebe que constantemente nos coloca em risco ou simplesmente não se importa, e nosso pai a ama demais para controlá-la, permitindo que sua culpa por Nessa sangue em sua afeição por Dorothy enquanto ela entra sem esforço no papel de “a favorita de papai”.

Mas isso é perfeitamente bom para mim. Não quero ser a favorita de ninguém. Eu só quero ser deixada em paz.

— Você está pronta para ir? — Zeke pergunta a ela.

— Sim — ela responde. — Papai já me deu o resumo.

Minha cabeça se inclina, curiosidade girando teias no meu peito. Eu nunca vi Zeke e Dorothy irem a algum lugar juntos, muito menos fazer uma tarefa para o nosso pai. — Onde vocês estão indo?

Por apenas um segundo, a confusão estraga as feições de Dorothy, as sobrancelhas se aproximando e os olhos se movendo para frente e para trás, como se minha pergunta desbloqueasse um quebra-cabeça invisível para ela juntar. Mas é tudo o que dura, um momento. Tão rápido quanto o olhar veio, ele desaparece, seus olhos clareando quando um sorriso se espalha pelo rosto. — Há um cara que Zeke quer trazer. Papai me pediu para ir verificar se ele está de boa.

Os ombros de Zeke endurecem. — Eu *saberia* se ele não fosse bom

para isso. Você acha que eu estou mentindo? Foda-se daqui com essa merda.

Ela ri. — Eu não acho nada, Zeke, apenas dizendo o que papai disse. — Ela inclina a cabeça olhando para mim novamente. — Ele não te contou?

Meu peito contorce por suas palavras porque *não*, ele não me contou. E embora eu não precise saber tudo o que acontece, ainda dói quando ele me mantém em segundo plano, cega de omissão e presa por sangue.

Especialmente quando ele me diz em particular o quanto sou importante.

Mas entendo por que ele não fez. Eu não estaria a bordo de trazer *alguém* novo agora. Não quando parece que estamos sendo atacados por um inimigo invisível de todos os lados. Entre os Cantanellis de Chicago fazendo acordos com o prefeito de *nossa* cidade e os traficantes idiotas que acham que é uma boa ideia seguir para o topo, não é um bom momento.

Os olhos de Zeke piscam para mim. — Ele não disse a você 'porque não há nada' para contar. Ainda não, pelo menos.

Eu aceno, meus dedos brincando com as bordas do papel de caderno.

Ele se levanta, estalando o pescoço. — Eu vou ligar o carro. Partimos em cinco minutos.

Dorothy sorri para ele, seus olhos seguindo enquanto ele caminha pelo corredor e desaparece antes que ela gire para me encarar. — Ele está apenas tentando fazer você se sentir melhor ... você sabe disso, certo?

— Sentir-me melhor para quê?

Ela encolhe os ombros, levantando uma das mãos e verificando suas unhas. — Porque papai está me mostrando o caminho das pedras.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Divirta-se com isso.

O sorriso dela cai. — O que isso quer dizer?

— Isso significa ... *Divirta-se* com isso — repito. — Tenho certeza de que serei chamada quando for hora de limpar sua bagunça.

Os seus olhos tremeluzem em direção ao meu pequeno caderno. — Tanto faz, Evie. *Você* divirta-se sentada aqui, irritada com o mundo e escrevendo seus pequenos feitiços estúpidos de amor. Talvez se você se esforçasse um pouco mais para ser normal, papai prestaria alguma atenção em vez de esconder você nos cantos e apenas trazê-la à noite.

Eu cerro meus dentes, meus dedos apertando as bordas do papel. —
É poesia.

Ela sorri. — Claro.

— Dorothy, precisamos ir — diz Zeke, voltando para a sala e olhando para mim. — Quer que eu pegue alguma coisa no caminho de volta?

Eu sorrio. — Uma nova irmã seria legal.

Dorothy zomba. — Por quê? Você não pode nem manter a sua antiga.

Meu sorriso cai e meus dedos se movem do meu caderno para a

borda da ilha, a dor pulsando no centro do meu intestino como ácido. Fechando os olhos, conto até dez, deixando a memória de Nessa me treinar para uma sensação de calma que eu realmente não sinto. Caso contrário, estarei inclinada a agir sobre esses impulsos irritantes novamente, e isso não me fará nenhum favor.

— Dorothy — Zeke se exalta. — Cale a boca e entre no carro.

— Mas eu...

— Agora.

Ela faz beicinho e sai com um último olhar por cima do ombro.

O silêncio pressiona, sentindo-me mais pesada a cada segundo, mas ainda assim, mantenho meus olhos fechados, com a cabeça começando a doer.

Dez. Nove. Oito. Sete...

— Ela não quis dizer isso — Zeke finalmente sussurra.

Eu abro meus olhos, olhando para ele. — Ela quis. Mas está tudo bem.

Pegando meu caderno, empurro para ficar de pé, a fúria pulsando pelas minhas veias. Saindo de trás da grande ilha da cozinha, empurro Zeke, andando tão rapidamente que minhas pernas queimam. Não paro até estar na entrada da frente, o mármore xadrez preto e branco brilhando sob o lustre de cristal, uma grande escadaria de princesa dividindo os dois lados. Meus pés batem enquanto subo os degraus e me concentro em contar enquanto vou em direção ao meu quarto.

Qualquer coisa para manter minha mente longe da fervura de *sentimentos* borbulhando sob a superfície da minha pele.

Pequenos salpicos de sol se espalham pelo chão de madeira brilhante e eu propositalmente os contorno enquanto ando pelo corredor. Esta casa é muito grande. Muito iluminada, com todas as pinturas abstratas penduradas nas paredes e a luz espreitando pelas vidraças.

Abrindo a porta do meu quarto, corro em direção à mesa e coloco meu caderno na gaveta antes de ir para a penteadeira e suspirar me olhando no espelho.

Meu rosto parece abatido. Cansado. Eu levanto meus dedos para cima e os pressiono sob meus olhos, as olheiras fazendo o castanho das minhas íris parecerem poços de preto. Eu empurro firmemente até a pressão balançar nas minhas órbitas e arrasto minhas unhas pelas minhas bochechas, os anéis que adornam cada um dos meus dedos ressoando quando tocam.

Recomponha-se.

Alcançando ao prendedor enorme em cima da mesa, jogo meu cabelo preto tingido em um coque bagunçado e pego um capuz, saindo do meu quarto e descendo as escadas para garantir que Zeke e Dorothy realmente se foram.

Eles foram.

Zeke não *tecnicamente* mora aqui, mas a maior parte do tempo é gasto na propriedade. Meu pai prefere manter seu círculo interno o mais próximo possível, e é por isso que não se estende muito além de sua família real e de alguns de seus associados mais próximos. Felizmente, a mansão tem mais de três mil metros quadrados, uma das propriedades mais agradáveis de Kinland e tem muito espaço

para eu desaparecer completamente sem muita fanfarra.

Eu e as pessoas realmente não nos damos bem.

Eu ando pelo pequeno corredor na parte de trás da cozinha principal e deixo a casa por uma porta lateral, certificando-se de puxar meu capuz com mais força e manter-me nas laterais das instalações, fora da linha de visão das inúmeras câmeras de segurança instaladas.

Eventualmente, chego às árvores que protegem a propriedade e vou para o meio delas, folhas caídas esmagando-se sob meus pés. Nunca gostei muito do verão, algo sobre o clima frio e o cheiro do outono traz um tipo de paz em que afundo e, quando a brisa de setembro passa pelo meu rosto, fazendo meu nariz formigar e meus ouvidos queimarem, uma sensação de contentamento aquece o centro do meu peito. Pela primeira vez desde que conversei com minha irmã, a raiva desaparece, o foco cai em seu lugar quando eu caminho na clareira das árvores. Dirijo-me à pequena cabana no centro, andando pela estrada de tijolos amarelos desbotados e lascados, meio invadida por vegetação e ervas daninhas, até chegar à varanda de madeira. Alcançando ao meu bolso, as pontas de metal de uma chave cavam nos meus dedos e eu a puxo para fora, destrancando a porta da frente e me movendo para dentro.

Há uma pequena sala de estar com um sofá de veludo verde, uma pequena mesa de café de carvalho que raramente é usada, e ao lado há uma cozinha compacta com fogão branco e frigobar.

Não é nada de especial. Mas é *meu*.

Eu ando direto por tudo, indo para o quarto dos fundos e abrindo a porta para o closet.

Com uma respiração profunda, separo as prateleiras de roupas e

afundo de joelhos, escovando a mão sobre o pequeno traço na parede. É fraco, feito especificamente para se misturar com a tinta arranhada. Você dificilmente notaria que está lá, a menos que soubesse onde procurar.

Meus dedos se encaixam sob o pequeno entalhe e puxam, permitindo que a porta oculta se destranque e se abra, revelando a sala escura e os degraus de concreto que levam ao subsolo. Meus joelhos vacilam quando eu estou de pé enviando um pouco de dor pela minha perna e eu estremeço enquanto entro no espaço escuro, puxando as cordas da luz antes de girar e fechar a entrada secreta atrás de mim.

Eu desço os degraus e atravesso o estreito corredor de concreto. Arrepios batem na espinha na parte de trás do meu pescoço e se espalham pelos meus braços. Eu acelero meu ritmo, os sons de cada passo ricocheteando nas paredes e pulando de volta nos meus ouvidos.

Há um certo calafrio que acontece quando você está abaixo do nível do mar e cercada por cimento. O tipo que absorve seus ossos e envia um arrepio roçando em sua coluna, e não importa quantas vezes eu faça essa caminhada, nunca me acostumo.

Finalmente, cheguei ao final do corredor, parando em frente a uma grande porta de aço com uma tela iluminada à esquerda. Levantando meus dedos, pressiono minha mão nela, observando a leitura de minhas impressões e aciona a trava para destrancar.

Eu abro a porta, centenas de luzes de iodetos metálicos brilhando tão intensamente que fazem meus olhos vacilarem. Há um clique fraco na trava girando atrás de mim, mas já estou permitindo que meu olhar se concentre no que está à minha frente.

A satisfação se instala no fundo do meu peito enquanto desço as

longas fileiras de canteiros, indo em direção ao centro da sala onde fica o termostato digital, depois inclinando-me para ver os números.

Vinte e quatro graus Celsius. Perfeito.

Eu noto a hora. Duas horas até se ajustar a trinta graus, logo após o sol cair no horizonte.

Essas plantas são uma espécie temperamental.

Este não é o único termostato que precisarei verificar. Essa área subterrânea se estende por dois acres e é separada em salas menores para facilitar a contenção. Sorrindo para mim mesma, imagino o que Nessa pensaria sobre os aprimoramentos que nosso pai fez na cabana que ela me presenteou.

O calor se espalha pelos meus membros e eu dou de ombros para fora do meu capuz antes de colocar as mãos nos quadris e mergulhar na vista. De todos os lugares em que estive na minha vida, aqui é onde realmente me sinto em casa. Talvez seja porque esta é a única vez que não estou constantemente olhando por cima do ombro enquanto afundo no meu passatempo favorito.

Solidão.

E botânica, é claro, embora isso não seja realmente uma paixão, mas um meio para atingir um fim.

Meus olhos tremeluzem para as milhares de vagens crescendo lindamente, quase prontos para comer.

Outro dia ... talvez dois.

Veja, o que Dorothy não percebe, o que ninguém mais sabe, é que,

embora nosso pai possa ser o rosto dos negócios da família, ele não é o cérebro.

Ele precisa de mim para isso.

Então ela pode ter a atenção dele e tomar banho no seu amor, mas ela não tem *verdadeiramente* o favor dele.

Eu tenho.

E começa bem aqui, na minha estufa cheia de papoulas.

Capítulo 5

Nicholas



Nunca passei tanto tempo olhando pedras brilhantes.

O mês passado foi gasto isoladamente, distanciando-me de “Nick Woodsworth” e tornando-se “Brayden Walsh, ladrão extraordinário”, subsequentemente aprendia os meandros de jóias raras. Eu estive escondido no meu novo apartamento, no centro de Kinland; cortesia da DEA. As únicas pessoas com quem conversei são Cap, Seth e Desmond Dillam, o principal joalheiro da região. Eu tenho vivido e respirado cortes, clareza, cores e tudo mais até meus olhos sangrarem e eu sonhar com diamantes.

Quando não estou aprendendo isso, estou me afogando em tudo o que posso sobre Farrell Westerly e sua influência, embora não haja *também* muito que eu possa descobrir. Enquanto Farrell corre

claramente pelas ruas de Kinland, a cidade em si está de boca fechada e o funcionamento interno de sua operação é mais trancado que Fort Knox. Tudo o que tenho a seguir são fotos granuladas de vigilância que não provam nada e “um palpite”.

Acrescente ao fato de que Farrell é aparentemente um Robin Hood moderno que compartilha sua riqueza com a comunidade, e isso pode ser comparado a como arrancar um dente sem Novocain.

Ele tem duas filhas vivas, mas está claro que a mais velha, Dorothy, é quem gosta de viver no centro das atenções. Meus arquivos têm dezenas de fotos; andando pela cidade, indo a brunches com os amigos, sentada no carrinho com o pai enquanto jogam golfe com seus “colegas de negócios”.

Sua outra filha, Eveline, parece ser mais reclusa. Existem algumas fotos, mas sempre tiradas à distância. Sei que ela é incrivelmente inteligente, graduando-se cedo como oradora oficial da Kinland High aos dezesseis anos, mas a foto mais clara que temos em arquivo é antiga. Cabelos castanhos claros, olhos castanhos escuros e um rosto que não havia perdido a redondeza que vem com a juventude. As fotos mais recentes são todas de vigilância.

Eu tensiono meus dedos enquanto Seth tagarela no meu ouvido. Ele é meu ponto de contato, aquele com quem me designam para fazer check-in toda semana. Fora isso, não haverá interação externa com minha vida real.

— Que pena que não saímos uma última vez — suspira Seth.

— Nós *saímos*. — Eu respondo, fechando o livro velho e desgastado na minha mão.

É um livro de poemas; a única coisa que me resta de minha mãe e, embora não consiga pensar nela hoje em dia, por algum motivo,

mesmo quando estou fingindo ser outra pessoa, eu me apego a ela. Talvez, porque me lembre por que faço o que faço. Alguns dos únicos momentos sóbrios que tivemos foram quando ela se deitou na minha cama e leu esses poemas até eu adormecer.

— Isso dificilmente conta, mano. Você nem perdeu tempo comigo, seu idiota. Desapareceu para molhar seu pau. Que tipo de amigo faz isso?

Flashes da loira mal-humorada e a maneira como ela iluminou meu corpo com um toque correm pela minha mente. Meu pau pulsa e eu balanço a cabeça, sorrindo olhando para a mesa de café cor castanha na minha sala de estar temporária.

Eu deveria ter conseguido o número dela. Ou o seu nome.

— Já sente minha falta, amigo? — Eu pergunto, tentando limpar meu cérebro de coisas que não importam.

Ele ri. — Por favor. Você sabe o quanto é mais fácil conseguir uma mulher quando não preciso competir com o seu sorriso encantador.

— Isso não é muito legal. — Levanto-me e caminho até a parede das janelas que levam ao convés com vista para o centro da cidade. É uma cidade bonita, com cerca da metade do tamanho de Chicago, mas com aparência muito maior. Silhuetas de arranha-céus tocando as estrelas, milhares de janelas com tons de verde brilhando até na lua.

E talvez se eu fosse um homem sentimental, pudesse encontrar a beleza. Em vez disso, me sinto oco.

— Ei — interrompo enquanto Seth continua a divagar. — Você vai checar Rose por mim, sim? Enquanto eu estiver fora.

A linha fica quieta por alguns segundos. — Claro. Eu tenho visitado a cada dois dias. Vou mantê-la segura.

Concordando, eu mordo o interior da minha bochecha. — Bom. — Os nós no meu estômago apertam. — Bem, isso significa que só resta uma coisa.

— O que? — Seth pergunta.

— Diga-me que você sente falta do meu sorriso.

Ele geme. — Vá se foder, Nick.

— Não — respondo, o nome tocando nos meus ouvidos. — Não me chame assim. Não quero ficar confuso.

Ele hesita, o silêncio zumbindo no meu ouvido. — Você está pronto para isso, cara?

Pressionando meus dedos contra o vidro, olho para a cidade que é minha nova casa no futuro próximo. — Sim. Estou pronto. Vamos derrubar esses merdas.

Duas noites depois, estou descansando na cabine do Winkies, o bar de propriedade do Westerly, no lado leste de Kinland. Eu nunca fui fã de uísque, mas é o que estou tomando enquanto observo a cena. É um lugar agradável, no que diz respeito aos bares, ocupado o suficiente para passar como legítimo, mas não em uma parte rica o suficiente da cidade para atrair muita atenção.

Dizem que Farrell abriu para ajudar a comunidade a prosperar, mas é mais do que provável que ele o use como uma maneira fácil de lavar dinheiro em uma área protegida intocada pelos dois federais, e mais importante, os italianos.

Os Cantanellis são a máfia poderosa em Chicago e tentam afundar suas garras no território de Kinland nos últimos dez anos.

No momento, às três horas da quarta-feira, Winkies fica praticamente vazio, com TVs nos cantos tocando as estatísticas da próxima temporada de futebol, e cabines cobertas de vinil verde que abrigam uma série de bêbados ou pessoas que se aproveitam de um happy hour precoce.

Minhas costas estão de frente para a parede em uma das mesas que fica no canto da extrema direita e, embora eu não a mostre no rosto, meu interior se contorce, ansiedade causando apreensão para esfaquear no meu peito.

Esses primeiros momentos de trabalho secreto são sempre os mais estressantes. Faça ou caia fora, você se prepara para o sucesso ou falha antes de ter a chance de conseguir.

Mas nunca vacilei sob pressão; eu prospero.

Nem todo mundo é destinado a este trabalho. Nem todo mundo *aceitam* isto. Algumas pessoas estão muito arraigadas em sua moral, em seu ego, para fazer o que é preciso para desempenhar o papel. Você tem que viver e respirar o trabalho. *Tornar-se* isto. Caso contrário, você acaba com sapatos de concreto e uma bala na cabeça.

Ou retirado no meio de uma investigação e considerado inapto.

Meu queixo se aperta quando me lembro do meu último ato e como ele terminou. A maneira como fui arrancado das ruas, forçado a assistir enquanto deixavam o caso esfriar.

Um pequeno sino toca na porta da frente e eu bato meus dedos na borda do meu copo, observando Zeke O'Connor e Dorothy Westerly

entrarem e seguirem em minha direção.

Meu estômago revira.

Hora do show.

Zeke é um homem grande, com ombros largos e cabelos ruivos e longos que atingem seu peito, e se eu fosse outra pessoa, provavelmente ficaria intimidado. Ele parece uma mistura rude e alegre, como se pudesse esmagar a caneca na sua cabeça antes de ajudá-lo e comprar outra rodada.

— Brayden — ele diz quando chegam à mesa. Ele não oferece a mão, então eu também não, optando por sentar e trazer o copo de uísque para a minha boca, meus olhos deslizando sobre sua moldura gigante antes de se mover para a companheira.

Filha de Farrell.

Meu olhar permanece no dela um pouco demais para ser considerado apropriado.

Ela é uma mulher atraente e, em qualquer outra situação, ela seria meu tipo.

Mas ela é um trabalho. Uma maneira de recolher informações e canalizá-las de volta a base.

— *Você é o cara que estamos conhecendo?* — Ela lambe seus lábios vermelhos brilhantes.

— Está certo — digo, abaixando o copo antes de levantar minha mão para esfregar minha mandíbula. — Problema com isso?

Ela inclina a cabeça fazendo seu rabo de cavalo balançar para o lado e jogar na frente do ombro. — Você é apenas... não é o que eu esperava.

Meu sorriso cresce e me inclino até que a borda da mesa cave no meu esterno. — Eu raramente sou o que as pessoas esperam.

Zeke ri, apontando um dedo grosso para mim. — Não flerte com ela.

— Por que você tem um namorado? — Eu pisco e suas bochechas coram um tom brilhante de vermelho.

— Talvez — ela responde, sorrindo enquanto se senta à minha frente. Ela estende a mão, batendo as unhas vermelhas na mesa. Meus olhos tremem para o pequeno trevo tatuado em seu pulso interno, escondido sob finas pulseiras de ouro rosa.

Zeke senta ao lado dela, cruzando uma perna sobre o joelho oposto me observando. Não tiro o olhar de Dorothy, mas sinto seu olhar e um pedaço de arrepio inquieto descendo pelos meus lados, imaginando se talvez ele não tenha repensado, afinal. Se esta é uma armadilha.

Foi estúpido deixá-lo ver meu rosto antes de hoje.

— Então, estamos fazendo algo aqui? — Eu finalmente digo. — Ou você me ligou apenas para perder meu tempo?

Zeke sorri, passando a palma da mão sobre a barba. — Você deve estar honrado por querermos conversar com você. Skip não se encontra com ninguém.

Skip é a abreviação de Skipper, que é o que eles chamam de Farrell.

Viro a cabeça para a esquerda e depois para a direita antes de olhar para ele e dar de ombros. — No entanto, ele não está aqui, está?!

Os olhos dourados de Zeke escurecem e ele dispara para a frente em seu assento, com o punho pressionando a mesa. — Você acha que isso é um jogo, Brayden? Estou indicando você como um favor. Você quer entrar? Você quer um pedaço? Esta é sua chance, não vou lhe dar uma novamente. Então, pare de ser um espertinho e mostre algum respeito.

Lambendo meus lábios, pego meu copo e viro o último gole de uísque, permitindo que queime na minha garganta e aqueça meu peito. Quando coloco na mesa, corro o dedo ao redor da borda e aceno com a cabeça. — Já nos conhecemos Zeke, e agradeço por você ter me procurado. Eu faço. — Eu limpo minha voz. — Mas não pense que você pode falar comigo como uma de suas cadelas. Vocês não querem fazer negócios comigo? Isso é bom. Há muitos outros peixes no mar. Peixes *Maiores*. Os que vêm da Sicília e conhecem a oportunidade quando a veem.

Zeke se move de volta em seu assento, com as sobrancelhas batendo na linha do cabelo.

— Você me entendeu? — Eu termino.

Ele está calado enquanto olha para mim, e eu espero, meu interior pulsando enquanto o sangue corre pelas minhas veias.

Finalmente, um sorriso aparece em seu rosto. — Sim, seu miserável do caralho. Eu entendo você.

A satisfação escorre pelo meu interior. Ele desempenhou bem seu papel.

Dorothy limpa a garganta. — Aqui. — Ela abre o colar, colocando-o

na mesa na minha frente. — Fale-me sobre isso.

Olho para a grande esmeralda verde. Meus nervos se apertam, fazendo meus músculos se contorcerem; isso está indo exatamente como eu quero. Mas certifico-me de manter minhas características faciais mundanas e neutras.

Suspirando, levanto-me e arranho o canto da minha orelha antes de prender os olhos com ela novamente. — Que tal isso?

Ela gesticula em direção à joia. — Você me diz. É nisso que você é bom, certo?

Eu aceno. A fina corrente de ouro rosa fria contra meus dedos enquanto inspeciono a jóia.

— Você conseguiu isso com aquele namorado? — Olho para ela, o lado esquerdo da minha boca levantando.

Ela sorri. — Do meu pai.

— É assim que eles estão chamando hoje em dia?

Os olhos dela estão estreitos. — Meu pai, seu pervertido.

Rindo, olho para o colar novamente antes de colocá-lo de volta na mesa. — Bem, diga ao seu *Papai* que ele deveria receber um reembolso.

Seu rosto cai e Zeke se senta à frente.

— Desculpe? — ela engasga, a mão enrolando a corrente e trazendo-a para o peito.

Eu encolho os ombros. — É uma pedra legal, mas não é verdadeira.

— Então, o que é? — ela pergunta, olhando para a jóia como se fosse veneno.

— Sintético? Porra se eu sei.

Ela zomba. — Achei que seria capaz de dizer.

— Só porque você acha que é algo, não a torna verdadeira.

Eu estendo a mão dela na minha, ouvindo sua forte inspiração quando o faço. Traçando meu dedo pela superfície da jóia, levo nossas palmas para que ela reflita a luz. — Veja. Vê como está a pedra? Tem tons amarelos. — Eu movo nossas mãos, permitindo que a “esmeralda” brilhe. — As esmeraldas reais têm tons de verde puro ou azulado. Nunca amarelo.

— Mas parece impecável. — Ela inclina a cabeça.

— E esmeraldas verdadeiras têm falhas, querida. Assim como o resto de nós.

Zeke tosse. — Como sabemos que você está dizendo a verdade?

Olhando para ele, deliberadamente corro o polegar por trás da mão de Dorothy antes de jogá-la na mesa. — Você não sabe.

Capítulo 6

Eveline



Vinte e quatro parece diferente.

Parei de comemorar meu aniversário há muito tempo. Depois que Nessa morreu, não havia mais ninguém para me forçar a comemorar, ninguém que se importasse o suficiente para se lembrar.

Mas *tecnicamente* hoje é o dia.

É engraçado olhar para trás quando eu era criança. Passei meu aniversário inteiro tentando imaginar como era quando nasci; como minha mãe reagiu quando me trouxe ao mundo.

Ela chorou?

Ela me puxou para o peito e sentiu nossos corações sincronizarem?

Meu pai estava segurando a mão dela?

— Quanto tempo mais?

A voz áspera do meu pai bate nos meus ouvidos e meus ombros tensos com a intrusão. Não me viro para ele, mantendo meus olhos fixados na cápsula de flores na mão. Viro-o para frente e para trás, inspecionando a pequena coroa no topo e certificando-me de que as pontas não estão curvando-se para baixo, antes de pegar minha lâmina e cortar uma incisão rasa no lado.

— Olá, alguém em casa? — ele late. — Eu fiz uma pergunta.

Ele está na minha visão periférica, descansando contra a parede da minha estufa com as mãos tatuadas nos bolsos e os cabelos grisalhos lisos para trás.

— Eu ouvi você — murmuro, cortando outra pequena linha.

— E?

Solto a papoula e aperto o punho ao redor da alça da minha régua enquanto me viro para encará-lo. — E? — Eu repito. — Essa é a única razão pela qual você está aqui? Para verificar meu progresso?

Um sorriso divertido aparece em seu rosto e eu odeio a maneira como meu coração pula quando isso acontece.

— Claro que não, Bug.

O apelido arranha minha pele.

— Eu preciso de você no Winkies hoje à noite.

E assim, a ponta de esperança se despedaça em mil pedaços quebrados, queimando no meu estômago quando caem. Suspirando, volto para minhas papoulas e conto até dez na minha cabeça.

—Eveline. Não me ignore...

— Cerca da metade delas está pronta — interrompo. — Mas levará uma semana para estar pronta para iniciar o processo químico.

— Uma *semana*?

Outra fatia, desta vez com um novo broto. — Talvez mais.

— Isso é muito tempo.

— É o que é.— Eu encolho os ombros, irritada por ele estar entrando no *meu* espaço em *meu* aniversário e agindo como se eu não estivesse fazendo o suficiente. — E eu não vou para Winkies.

Ele endireita. — Você vai.

— Não — eu digo novamente. — Eu não vou. — Minhas juntas branqueiam quando aperto a régua tão apertada que corta a circulação.

Ele suspira, passando a mão sobre o rosto e gemendo. — Escute, Bug. Estou trazendo um cara novo.

Não digo uma palavra, apenas continuando o trabalho de abrir as vagens, lentamente avançando na fila.

— Você ouviu o que eu disse? — ele pergunta.

Corte.

— Eu ouvi você.

Honestamente, ele é realmente estúpido se acha que eu ainda não sabia. Sei tudo o que acontece, de que outra forma ele acha que nossos negócios permanecem à tona?

— Eu preciso de você lá hoje à noite para me representar. Verificar se ele é alguém em quem podemos confiar.

— E se ele não for? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Então, ele não é.

O que ele realmente está dizendo é que quer que eu faça o trabalho sujo. Novamente.

Eu viro minha cabeça, olhando para ele do canto do meu olho. — Você já não enviou Dorothy? O que ela achou?

Ele limpa a garganta, o rosto azedo. — Dorothy está ... apaixonada. Não posso confiar que ela não está deixando isso obscurecer seu julgamento.

Minhas sobrancelhas levantam porque isso me surpreende. Dorothy adora ser o centro das atenções, mas normalmente ela usa e abusa dos homens em sua vida, nunca se contentando com mais de um fim de semana. Seja porque ela não quer ser amarrada ou porque é sociopata, não tenho certeza.

Acho difícil me importar, se for completamente honesta.

— Bug. Eu preciso de você aqui. Sua *família* precisa de você.

Meu estômago aperta as palavras dele, do jeito que acontece toda vez que ele diz isso, e a voz de Nessa sussurra no fundo da minha mente.

— *Não há ninguém como a família, Evie, e não há lugar como o lar. Temos que ficar juntas.*

— Tudo bem.



— Eu não sabia que você estava vindo.

Dorothy aparece ao lado de onde estou sentada no bar, com os lábios vermelhos e bochechas rosadas.

Olho para ela, mergulhando meus dedos na pequena tigela de azeitonas verdes que roubei da bandeja de enfeites e sorrindo largamente. — Surpresa.

Ela abre a boca, mas antes que ela possa falar, Zeke caminha atrás dela, um sorriso no rosto enquanto o olhar dele se move dela para mim.

— Ela vive! — Ele coloca uma mão no peito. — Eu tenho tentado falar com você o dia todo.

De todos que trabalham para o meu pai, Zeke é sem dúvida o meu favorito. Ele é uma das únicas pessoas que posso tolerar e, ao longo dos anos, ele me conquistou o suficiente para realmente aproveitar sua companhia.

— Estive ocupada. — Eu coloco outra azeitona na minha boca.

— Com o que? — Dorothy zomba. — Você está saindo com aquele perdedor da sua escola de novo?

Cerro os dentes, tentando conter minha irritação por causa de seu constante incômodo. Ela está falando sobre Cody, é claro. Ela está convencida de que somos amantes, e eu permito que a imaginação dela corra solta, porque o que ela pensa de mim não é da minha conta.

A verdade está longe disso, no entanto. Cody é um nerd de computador, e eu percebi quando ele se sentou ao meu lado na aula de química que fazer amizade com ele funcionaria para mim a longo prazo. Então, eu o mantive perto e tolerava sua companhia, sabendo que ele estaria do meu lado sempre que eu precisasse. E foi bom que eu fiz, considerando que ele agora é um dos principais hackers do mundo. Claro, ninguém sabe disso além de mim, e a maioria das pessoas concorda com Dorothy, pensando que ele não passa de um perdedor que falhou no Vale do Silício e voltou a morar no porão de sua mãe.

Eles não poderiam estar mais longe da verdade.

Zeke coloca a mão no ombro dela e acena para a porta da frente atrás de mim. — Ai está ele.

Seus olhos se estreitam e ele fica um pouco mais reto. Meus olhos viram para Dorothy, a observando esticar o peito, as pupilas se dilatando.

— Você está atrasado — diz Zeke.

— Gosto de fazer uma entrada — responde uma voz sedosa.

Uma sensação de enjoo cai no meu estômago porque *eu conheço essa voz*. Eu a escuto em minha memória desde que gemeu em meu ouvido.

— Brayden — Dorothy murmura. — Oi.

A bobina se desenrola um pouco. *Talvez, ele pareça o mesmo.*

Eu giro no meu banquinho e minha respiração grita dos meus pulmões como um soco no estômago porque é ele. Nicholas.

E ele parece ... chocado.

Ele mentiu para mim sobre o seu nome?

Ele tem a mesma jaqueta de couro preta que usava na noite em que me fodeu contra uma parede do banheiro, e uma corrente de prata espreitando levemente para fora do decote de uma camisa branca.

Quando nossos olhos se encontram, o calor inunda em minhas veias, e não tenho certeza se é porque me lembro de como ele se sentiu bem dentro de mim ou porque estou furiosa por ele estar aqui agora.

Ele leva seu tempo examinando o comprimento do meu corpo e depois volta para cima antes de prender meus olhos novamente. E então, ele sorri.

A irritação fervilha profundamente no meu peito.

— Brayden — diz Dorothy novamente.

O nome me tira desse estranho concurso que estamos participando, e eu deixo o canto da minha boca inclinar-se em um sorriso sardônico.

Brayden. Ele mentiu para mim sobre o seu nome.

Ele se recompõe, sacudindo qualquer emoção momentânea que caísse sobre seu rosto e substituindo-a por uma aura confiante que grita descontráida e no controle. — Zeke. Dorothy — ele murmura, seu foco nunca me deixa. — E quem nós temos aqui?

Eu olho e esse sorriso estúpido cresce.

Colocando outra azeitona na minha boca, mastigo e engulo.

Seu olhar cai nos meus lábios.

— Isso não é da sua conta, *Brayden*. — Eu digo.

— Evie! — Dorothy se exalta.

A satisfação acende em suas íris e ele inclina a cabeça. — Por alguma razão, eu conheço você, Evie.

— É Eveline.

Seu rosto suaviza. — Agora *isso* é um nome bonito.

Meu interior se aperta.

Dorothy ri e dá um passo à frente até se inclinar na minha frente, estendendo a mão e passando pela manga do braço dele. — Vamos

lá, vamos pegar uma mesa lá atrás.

Finalmente *-finalmente-* ele para de me encarar e coloca sua atenção na minha irmã, todo o seu comportamento mudando em um instante. Ele acena com a mão nas costas dela, permitindo que ela o afaste, e meus ombros cedem por tensão que eu nem sabia que estava segurando.

Zeke cantarola, esfregando a mão sobre a barba enquanto me observa.

— O que? — Volto os olhos para o bar, pegando meu telefone e de pé.

Ele balança a cabeça. — Nada. Você tem algo que precisa me dizer?

Meus músculos se apertam. — O que você gostaria que eu dissesse, Ezekiel? Estou aqui porque o querido *Papai* não confia no seu julgamento. Ou Dorothy aparentemente.

Meus olhos se voltam para onde ela está entrando ao lado de Brayden na cabine.

Zeke assente, estufando as bochechas. — Conheço Brayden há anos. Não o vejo há muito tempo, mas ele é um bom cara. E ele está procurando trabalho.

Colocando meus dedos no topo do bar, a decepção envolve o meu meio. — Não vejo como esse é o nosso problema.

Ele sorri, jogando um braço em volta do meu ombro e me puxando para o lado dele enquanto caminhamos para a mesa. — Você e seu coração sangrento.

Eu rio do sarcasmo dele e o deixo me levar até a cabine, ignorando o *coração sangrento* acelerando quando olho para cima e encontro um par de olhos verde.

Capítulo 7

Nicholas



Aquela mentirosa.

Tecnicamente, suponho, ela nunca me disse seu nome.

Mas ela é Westerly. E eu ... eu *disse* a ela meu nome. E que eu estava começando um novo emprego.

Porra.

Sou agente há oito anos, desde os vinte e quatro anos, e nem uma

única vez me questioneei. Mas agora, vendo a garota que não deixa minhas memórias na minha frente enquanto estou em uma investigação secreta ativa? As probabilidades definitivamente não estão a meu favor. E para ser completamente honesto, eu já deixei cair a bola, porque se eu estivesse fazendo meu trabalho, teria reconhecido quem ela era quando estudei suas fotos em nossos arquivos. Talvez se eu tivesse olhado um pouco mais de perto, teria notado a semelhança, mas *minha* menina bonita não é essa garota de cabelos pretos com piercings que cobrem o comprimento de suas orelhas e olhos castanhos que parecem tão profundos que queimam minha pele.

— Eu sei — Dorothy me tira do meu olhar.

Eu levanto uma sobrancelha. — Sabe o que?

Ela senta mais perto de mim. — Você está olhando para minha irmã. Ela é diferente. Muitas pessoas a chamam de antissocial. Ela não sai muito.

— Oh?

— Não é culpa dela. Nossa mãe, ela ... ela não tratou Evie muito bem, sabe? Causou muitos problemas. — Ela bate a cabeça. — Aqui em cima.

O desejo de continuar fazendo perguntas, de descobrir tudo sobre Eveline Westerly, é forte, mas eu repito a noção, inseguro se eu quero saber por causa do caso ou porque ela está sob minha pele; a energia fluindo nela, mesmo agora, é pesada o suficiente para me deixar mais irritado com a sanidade.

Nunca houve alguém que me afetou assim. É a razão pela qual eu a abordei no clube, e é *definitivamente* a razão pela qual eu a fodi contra o azulejo sujo do banheiro enquanto ela gritava na minha

boca.

Meus olhos rastreiam Eveline e Zeke enquanto caminham para a mesa, o braço dele girando em torno dos ombros dela e um leve sorriso no canto dos lábios. A irritação voa através de mim enquanto eu assumo a compatibilidade deles. Ela está à vontade com ele. Ela confia nele.

Eles estão namorando? Ele é velho demais para ela.

No segundo em que eles nos alcançam, nossos olhares se prendem, meu queixo se tensiona enquanto ela desliza na cabine primeiro, entre os painéis de madeira e Zeke, que se senta ao seu lado.

Uma mão toca meu braço e me tira do meu problema de olhar, e eu olho para Dorothy, lembrando onde estou e, o mais importante, o que devo estar fazendo.

Você é Brayden agora.

— Você está com fome? — Dorothy pergunta, um sorriso se espalhando pelo rosto.

Ela parece tão inocente e doce que é difícil acreditar que ela esteja envolvida em qualquer atividade criminosa. Mas aprendi há muito tempo a nunca julgar um livro pela capa. Os melhores criminosos são aqueles que você nunca suspeitaria. Eles são aqueles com quem você brinca, aqueles em quem você aprende a confiar, que se tornam seus melhores amigos enquanto esfaqueiam você pelas costas e roubam tudo debaixo de você.

Meu olhar flutua pela frente do vestido amarelo pálido de Dorothy e depois volta para o rosto, com as bochechas corando carmesim da minha leitura. — Eu poderia comer.

— Eu já os tenho preparando algo lá atrás para nós — interrompe Zeke.

Meus olhos atiram em Zeke e depois se movem em direção a Eveline, incapaz de me impedir de me envolver com ela. — E quanto a você? — Eu empurro meu queixo na sua direção. — Você vai comer?

Dorothy ri ao meu lado, cobrindo a boca e balançando a cabeça para sufocar o barulho. — *Por favor*, Evie nunca come aqui.

O olhar de Eveline queima através do meu até que eu o sinta na ponta dos pés.

— Por que? — Eu pronuncio. — Você é boa demais para comida de bar, querida?

Ela endireita, mas não diz uma palavra, apenas fica me observando com aqueles malditos olhos letais dela.

— Eles são bons para uma rápida indulgência de vez em quando — ela finalmente responde. — Mas fora isso, não há nada realmente especial. Dificilmente lembro que eles estavam na minha boca quando termino.

Dorothy faz uma careta. — Nojento, Evie. Por que você disse dessa maneira?

— Isso parece bastante pretensioso — eu interrompi, irritado por ela estar sugerindo a nossa noite juntos como esquecível. Estendo meu braço pela parte de trás da cabine, estabelecendo-me mais perto no lado de Dorothy.

Eveline dá um pequeno sorriso, um falso. O tipo que não mostra

dentess e mal se inclina nos cantos. Mas é o suficiente para acender uma faísca no meu estômago, sabendo que estou conseguindo uma reação dela.

Ela se lembra do nome que eu dei a ela?

Talvez ela fique muito, e eu sou apenas um em uma longa fila. O pensamento causa uma pontada de desconforto.

É estranho que ela não esteja me questionando sobre isso, e não consigo decidir se quero que ela se lembre ou se prefiro que esqueça. Este último seria o mais fácil. Mas no fundo, eu sei a verdade, por mais que eu desejasse não ter que reconhecê-la eu quero que ela se lembre de cada segundo do nosso tempo, da mesma maneira que foi queimado no meu cérebro desde que aconteceu.

E agora ela está me observando.

Na verdade, ela não parou de me observar desde o momento em que entrei, como se estivesse descascando minhas camadas uma a uma e reorganizando-as para caber em sua cabeça.

Sinto-me vulnerável, exposto, quase à sua mercê. O que significa que ela é um *enorme* risco.

Minha garganta se fecha, nervos correndo sob minha pele.

Foda-se, porra, caralho.

— Com licença — digo, minha mão estendendo para pressionar contra o ombro de Dorothy, de repente precisando de alguns minutos para me recompor.

Suas sobrancelhas franzem, o lábio inferior abertos um pouco. —

Você está bem?

Forçando um sorriso, eu aceno. — Sim, eu já volto.

Ela se move, saindo da cabine e de pé, e eu estou logo atrás dela, passando enquanto vou em direção ao corredor escuro que leva aos banheiros.

Mas não é o olhar dela que sinto olhando nas minhas costas.

Minhas pernas queimam enquanto eu corro para o banheiro pequeno, abrindo a porta e fechando-a rapidamente atrás de mim, depois correndo para a pia e abrindo-a, segurando a água fria em minhas mãos e espirrando no meu rosto. A sensação gelada choca meus nervos de volta ao estado normal e minhas juntas se apertam ao redor da borda do balcão, gotículas de água escorrendo do meu nariz e entrando na bacia da pia.

Recomponha-se. Isso não é um problema. Ela não é um problema.

Estralando meu pescoço, me viro para o dispensador de papel toalha, agarrando um punhado. Eu limpo meu rosto antes de respirar fundo e me convencer de uma confiança falsa que realmente não sinto quando saio do banheiro e volto para o corredor escuro.

Meus passos tropeçam quando encontro Eveline, descansando contra a parede, onde ela está claramente me esperando.

Seus olhos estão abatidos enquanto ela inspeciona suas unhas, seus cabelos pretos puxados para trás, mostrando a extensão impecável de seu pescoço. Meu olhar segue ao longo de sua figura, bebendo-a como se estivesse no deserto. Ela é tão diferente de quem ela era a noite naquele clube, com sua camiseta rasgada de tamanho grande, saia preta, botas na altura do joelho e anéis de prata, mas isso

combina mais com ela; o roxo profundo em seus lábios de alguma forma ainda mais sexy do que o rosa chiclete que ela estava usando na noite em que nos conhecemos.

— Nicholas. — Finalmente, ela olha para cima, endireitando-se da parede e inclinando a cabeça. — Ou devo dizer Brayden?

Ela dá um passo mais perto, e por mais que eu tente, flashes de seu pequeno corpo em minhas mãos voam pela minha mente. Como ela se moldou perfeitamente a cada centímetro do meu corpo. Quão flexível e quente ela estava quando eu a envolvi na minha cintura e a dividi com meu pau.

Limpo minha garganta, passando a mão pelo meu cabelo.

— Sim — eu estremeço. — Desculpe por isso.

Seus olhos se estreitam e ela dá outro passo. — Sobre o que?

— O que? — Eu repito.

— Do que você sente muito, exatamente?

Por *tudo*. Me desculpe, eu a conheci então. Me desculpe, eu a conheço agora. E sinto muito que ela não esteja nem perto da pessoa que eu imaginava que ela fosse. Mas eu não digo nada disso. Em vez disso, afundo Nick Woodsworth, lá no fundo, onde não poderei encontrá-lo, e deixo Brayden Walsh ocupar o centro do palco.

Eu encolho os ombros, adotando um sorriso torto no rosto.

Seus olhos piscam, lábios se abrindo um pouco. Ela dá mais um passo mais perto. — Existem duas opções, *Brayden*. Você mentiu

para mim sobre o seu nome ou ... você está mentindo agora.

— Não é tão profundo, querida. — Eu rio. — Eu conheci seu tipo mil vezes. Garota solitária no bar, jogando duro para conseguir, mas desesperada para ser fodida. Todos os sinais clássicos de uma grudenta.

Meu olhar mergulha ao longo da extensão do pescoço enquanto ela joga a cabeça para trás e ri. — *Por favor*, não fui eu quem estava implorando por um nome e me seguindo para espaços privados apenas para provar-se.

Agora sou eu quem dá um passo à frente, meu hálito soprando suavemente no topo da cabeça dela.

Porra, ela é baixa.

Ela gira o pescoço para encontrar meu olhar, e eu respiro fundo quando ela o faz.

A princípio, pensei que sentia falta do azul marcante dos olhos dela desde a noite em que nos conhecemos, mas tão perto, os marrons escuros rodopiam em amarelo e uma pitada de verde criando um caleidoscópio de cor tão profundo e bonito que me sugam e me arrastam para baixo como areia movediça.

Meu pau endurece.

Não. Eu daria qualquer coisa para voltar àqueles azuis simples.

— E que sabor delicioso foi — eu sussurro.

Ela zomba. — Você é um porco.

Inclinando-se, minha boca toca contra a orelha dela. — Eu nunca afirmei ser um cavalheiro, e não vou me desculpar por mentir quando terminou com você tremendo em volta do meu pau.

— Eu fiz? — Ela inclina a cabeça. — Eu não lembro.

Eu sorrio. — Agora quem está mentindo?

Ela cantarola, levantando os dedos e suavizando-os na abertura da minha jaqueta. Olho para o movimento, minhas mãos se apertando nos punhos para não estender a mão e arrastá-la para perto de mim. Para lembrá-la de quanto ela *amou* como eu a fiz sentir.

— E este é o novo trabalho que você está começando? — ela murmura, mantendo a atenção em todos os lugares que toca. — Trabalhando com meu pai?

— Apenas um novo empreendimento — murmuro. — Ampliando meus horizontes. Eu não sabia que ele era seu pai.

A cabeça dela se inclina, como se estivesse absorvendo o que eu digo e deixando afundar em seu cérebro, captando para usar contra mim mais tarde.

Eu nunca conheci alguém como ela.

Ela está me enervando de uma maneira que faz a pele arrepiar. Ela seria uma interrogadora fantástica.

Seus dedos envolvem minha jaqueta e ela se levanta na ponta dos pés, me arrastando até os lábios dela tocarem pela minha mandíbula. — Nicholas. *Brayden*. Seja qual for o seu nome, fique longe de mim e fique longe da minha família. Você não é bem-vindo aqui.

Ela perde o controle e me empurra bruscamente antes de se virar e se afastar.

Capítulo 8

Eveline



Oscar Norman, prefeito de Emerald, é um homem chamativo que passa mais tempo preocupado em encher os bolsos do que em sua moral. Eu o conheci quando tinha dez anos e Nessa o levou para jantar e um “bate-papo”.

Eu, sendo a garota que eu era na época, pensei que ele era o namorado dela. Mas eu deveria saber melhor porque Nessa nunca fez nada sem justa causa, e logo o nome Westerly estava bancando o diploma de ciência política de Oscar. Ao longo dos anos, eu assistia com muita atenção enquanto ela puxava as cordas dele como uma marionete, canalizando-o pelas avenidas estreitas que ela queria que ele tomasse, até um dia, ele se tornou um nome familiar.

Exatamente como ela queria que ele fosse.

Presumi que sua lealdade a Nessa era tão forte quanto a minha. Eles pareciam ter um vínculo, e ela é a razão pela qual ele valia a pena. Mas logo percebi que noção tola era depois que ela morreu no barco *dele* e ele nem apareceu no seu funeral.

Cortou todos os laços conosco e não voltou mais desde então.

Oscar Norman é uma fraude, escondendo-se atrás de uma cortina de devassidão enquanto retrata a imagem de um homem de família moralmente honesto. E eu o assisto curvado sobre sua mesa enquanto o comissário da cidade enfia um pau na sua bunda, isso nunca foi tão óbvio.

— Você pode diminuir essa merda? — Cody torce o nariz, alcançando ao lado do computador com monitor triplo e pegando os fones de ouvido com cancelamento de ruído. — Nem todos nós queremos ouvir os homens governando nossa cidade gemendo como porcos presos.

Eu sorrio, jogando um pedaço de pipoca na minha boca mantendo meus olhos na tela. — Por favor. Eles não saberiam administrar esta cidade se suas vidas dependessem dela.

Ele ri, passando a mão por suas mechas loiras. — Você tem razão.

— Ei — eu digo, nunca tirando meus olhos da tela. — Você pode me fazer um favor?

— Você quer dizer outro? — ele pergunta, girando em sua cadeira para me encarar. — Você sabe, manipular uma câmera escondida no escritório de um funcionário do governo não é exatamente *fácil*. Um agradecimento seria bom.

Eu aceno. — Obrigada. Eu preciso que você olhe alguém.

Ele empurra os óculos com armação de arame enquanto se senta à frente no assento, colocando os cotovelos nos joelhos. — Me deixou interessado. Quem?

Meu interior se torce, e o fato de meu corpo reagir tão visceralmente até mesmo ao pensamento de Brayden Walsh me irrita. Eu estralo meu pescoço, tentando aliviar a tensão.

Um sorriso lento se arrasta pelo rosto de Cody. — Alguém te deixou fodida.

Eu estreito meus olhos. — Alguém me irritou, se é isso que você quer dizer, e estou tentando decidir se o matarei ou não.

Seu sorriso cresce e, com isso, minha irritação também aumenta até que seja uma coisa viva, respiratória e rosnando dentro de mim. — Me faça um favor? — Eu grunho. — Pare de psicanalisar e atenha-se ao que você sabe.

O rosto de Cody cai. — Deus, você é uma cadela.

Gritando, coloco outro pedaço de pipoca na boca e encolho os ombros.

— Você tem problemas sérios, querida — diz ele, assim como um longo gemido soa do computador na minha frente.

Nós dois desviamos nossa atenção de volta para a tela, observando nosso querido prefeito se levantar de sua posição precária, sêmen pingando de sua bunda e descendo sua coxa.

Cody faz um barulho de engasgo. — Eu poderia ter passado a vida toda...

Avanço, o rolo do mouse pressionando a ponta do dedo enquanto pressiono salvar e baixar a gravação em uma unidade USB.

— É só sexo. — Olho para Cody. — Aposto que o comissário também te foderia se soubesse que você é o misterioso Oz. Ele provavelmente gozaria apenas com o pensamento de poder usar você.

Ele sorri, as bochechas tingindo de rosa. — Sim, infelizmente para ele, eu gosto de foder não *ser* fodido.

— Semântica. — Eu sorrio.

O computador apita, informando que o download está completo e eu chego à frente, pegando o USB. A satisfação se instala no centro do meu estômago e se espalha para fora enquanto eu deslizo no meu decote, enfiado no meu sutiã.

— Para o seu banco de palmadas pessoal? — Cody mexe as sobrancelhas.

— Para segurança — eu corrijo.

— Então, quem é? — Cody pergunta.

— O que? — De pé, estico meus braços acima da cabeça, as ondulações dos meus músculos tensos fazendo um suspiro aliviado me escapar. Eu ando até o sofá vermelho contra a parede oposta e pego minha jaqueta nas almofadas.

— Quem quer que você esteja debatendo sobre assassinato.

Meu estômago se aperta quando um flash de olhos verdes e couro voa através da minha memória. — Brayden Walsh.

Cody murmurou. — Nunca ouvi falar dele. O que você precisa saber?

— Tudo. — Eu deslizo meus braços pelas mangas do meu casaco e arranco meu cabelo da gola, virando para encará-lo.

— Baby, você precisará ser mais específica.

Eu cerro os dentes, desejando que ele parasse de fazer tantas perguntas e faça o que eu preciso, mas sufoco o forte desejo de explodir, porque se não jogar bem, não conseguirei o que quero. Atravessando a sala, paro diretamente na frente dele. — Eu *estou* sendo específica.

Seus olhos se voltam para o meu peito e, se eu não soubesse que ele é gay, me inclinaria e daria um pequeno show para garantir que ele me desse o que eu queria. Mas, infelizmente, Cody não é sedutível, então, em vez disso, tenho que ser *amigável*.

— Quero saber onde ele dorme, quem é sua família, se ele tem estrelas douradas em suas malditas pastas de trabalho escolares. Tudo.

As sobrancelhas de Cody se erguem e ele levanta as mãos na frente dele, com as palmas voltadas para fora. — Claro. Certo. Me dê algumas semanas. — Ele faz uma pausa. — Sabe, se você quiser mais ajuda com as coisas, eu estou aqui.

Eu me levanto, a borda do USB cavando a pele do meu peito.

— Você tem dois dias.

Uma hora depois, quando finalmente volto para a propriedade, acenando para os seguranças postados do lado de fora da entrada fechada e dirigindo meu Range Rover escuro pelo caminho sinuoso

alinhado com arbustos perfeitamente bem cuidados.

Correndo a bola da minha língua para a parte de trás do meu lábio, estaciono meu carro na garagem e ando em direção à porta, meus músculos da perna queimando com a rapidez com que me apresso para dentro. O USB está abrindo um buraco no meu peito, e eu tenho que me impedir fisicamente de agarrá-lo continuamente apenas para garantir que ele ainda esteja lá.

A porta da garagem se abre diretamente para a cozinha, e enquanto eu sei que estou a salvo de olhares indiscretos, ninguém que mora aqui me nota até que eles precisem de algo, a ansiedade ainda se arrasta pela minha espinha e envolve minha garganta, pedindo que eu me mova rápido até conseguir a USB um local seguro.

Risos altos soam no corredor e meu coração titubeia contra meu peito, fazendo meus passos vacilarem. Parece que está vindo da sala de jantar e, embora não faça sentido mudar de direção e seguir em direção ao barulho, é o que faço de qualquer maneira.

Tiro minha jaqueta e sapatos, andando o mais leve possível, tentando garantir que meus passos não sejam ouvidos no chão de madeira, e quando eu chego à sala de jantar na entrada da frente, a raiva inunda meu sistema com tanta força que me imobiliza.

Ele está em casa.

Em nossas vidas há menos de uma semana e Brayden Walsh já está em nossa casa.

Minha família está cheia de idiotas. Meu coração bate contra minhas costelas e meus dedos se enrolam em punhos, unhas cortando minhas palmas.

Dez, nove, oito...

O controle volta ao lugar enquanto eu conto até um, e eu viro, andando pelo corredor rapidamente, fazendo um rápido pit stop na cozinha para pegar uma água.

É quando estou dobrada na geladeira, meus dedos tocando contra o lado da garrafa, que o ouço novamente.

— Oi, querida.

Sua voz desliza sobre minha pele como mil facas, e a maneira como ele usa *querida* me faz querer gritar.

Eu fodidamente tenho *ódio* dessa palavra.

— Já me ignorando?

Gemendo, levanto-me e fecho a porta da geladeira. — É Eveline, perseguidor.

Ele sorri e isso me faz querer dar um soco na sua cara. — *Eveline*.

— O que você quer? — Eu pergunto, tentando me mover ao seu redor. Ele pisa para o lado quando eu me movo para que eu esteja enjaulada. A tensão se estende ao redor dos meus ombros.

— Você é um pouco assustadora, espiando pelas paredes e pelos cômodos — ele observa, inclinando a cabeça. — Não queria dizer oi?

Eu sorrio. — Eu vivo aqui, gênio. E eu estava tentando te evitar.

— Por quê? — ele pressiona.

— Porque se não o fizer, vou matar você.

Seus olhos piscam e seu sorriso cresce.

Ele acha que estou brincando?

Ele chega perto de mim e eu perco o fôlego com a rapidez com que o ar muda.

Quer eu queira admitir ou não, fisicamente, esse homem me afeta mais do que qualquer outra pessoa, e isso faz com que o pânico penetre em todos os nervos, porque a última coisa que preciso é de alguém em quem não confio e me faça sentir fora de controle.

Eu jogo minhas mãos para cima e as pressiono contra seu peito. — Você está na minha bolha.

Ele levanta uma sobrancelha. — Sua bolha?

Acenando com a mão entre nós, tento empurrá-lo de volta. — Esta é a minha bolha, *filhote*. E você está nisso.

— Talvez eu goste da sua bolha. — Ele se inclina para mim, minhas palmas são a única coisa que separa seu corpo de tocar contra o meu. — É aconchegante. *Apertada*.

— Ótimo — digo secamente. — Você pode se mover agora?

Ele assobia e pressiona em mim novamente, desta vez empurrando até minhas costas ficarem niveladas contra a geladeira. Quando ele levanta a mão, meus dedos cavam na camisa dele, meu coração batendo nos meus ouvidos, e ele tira um fio de cabelo da minha testa antes de agarrar minha mandíbula.

Seus olhos verdes tremeluzem do meu rosto até os meus lábios.

O calor explode no meu estômago.

— Deixe-me ir — eu consigo murmurar.

— Não.

— Não era uma pergunta — eu sibilei. — E eu quero que você deixe minha família em paz. Eu não estou brincando.

Ele empurra os quadris contra mim e se abaixa, a sua respiração pairando no meu pescoço, causando arrepios na minha espinha.

— Não tenho muita certeza de quem você pensa que sou — ele sussurra. — Mas claramente me confundiu com alguém que se importa com o que você quer.

Eu cerro meus dentes, a raiva sangrando na minha visão até escurecer nas bordas.

— Então, se eu quiser jantar em sua casa — ele continua. — Se eu quiser fazer negócios com seu pai ... se eu quiser foder sua ingênua irmã mais velha, é isso que farei.

Meu peito aperta, narinas inflando enquanto eu viro meu rosto para o lado, tentando controlar meu temperamento. Que hora de não ter minha arma.

— Você me entendeu, garota bonita?

Deixando sair uma risada, aceno com a cabeça, mergulhando a ponta da língua e correndo pela borda do lábio inferior.

Seus olhos rastreiam o movimento, da mesma maneira que na noite em que nos conhecemos no clube.

Levanto-me na ponta dos pés até nossos narizes tocarem, o cheiro de canela e pinheiro nadando através dos meus sentidos. — Vá se foder.

Sorrindo, empurro o peito dele o mais forte que posso. Ele não se mexe muito, mas é o suficiente para eu sair do seu domínio e escorregar por baixo do braço, e eu vou embora o mais rápido possível, meu coração batendo contra minhas costelas a cada passo.

Capítulo 9

Nicholas



— Onde estamos? — Eu pergunto, olhando ao redor do estacionamento.

Eu já sei, é claro. Estamos no The Yellow Brick, que é um clube de strip no coração de Kinland, de propriedade de ninguém menos que o próprio Farrell Westerly.

Liam, um dos associados de Farrell que foi encarregado de tomar conta de mim, sorri afastando seus fios vermelhos gordurosos no espelho retrovisor de seu carro.

— Não vamos brincar, ok novato?!— ele diz, virando-se para mim e acendendo a ponta de um cigarro. — Nós dois sabemos que *você*

sabe onde estamos.

Meu coração dispara na minha garganta. *Isso é uma armadilha? Eu fui pego?* — O que diabos isso quer dizer?

Ele franze a testa. — Você espera que eu acredite que não sabe o que é um clube de strip?

O alívio inunda meu sistema e meus músculos relaxam. Ele está apenas sendo um idiota. Eu me inclino para trás no assento do carro e sorrio.

Ele franze os lábios. — Deve ser bom encontrar tão rápido com o The Skip.

Eu encolho os ombros, não me incomodando em responder. Para ser completamente honesto, estou tão chocado quanto qualquer outra pessoa que Farrell me concedeu acesso à pessoa dele tão facilmente; que me permitiu entrar em sua casa e encontrá-lo cara a cara. Que ele não parece se importar se seu “orgulho e alegria” quer me foder de seis maneiras desde domingo e que, pelo menos aos olhos de todos os outros, estou entretendo o pensamento.

E isso me diz uma das duas coisas. Farrell Westerly é o filho da puta mais idiota que já comandou um círculo do crime organizado, ou ficou excessivamente confiante e desleixado.

De qualquer maneira, isso levanta a questão de como diabos ele construiu um império em tão pouco tempo, se esses são os tipos de decisões que ele toma.

Liam resmunga antes de abrir a porta do carro e bater atrás dele, jogando o cigarro meio queimado no chão. Sigo o exemplo, o ar frio da noite chicoteando meu rosto quando deixo o veículo e ando em direção à porta da frente. O cascalho solto do estacionamento do

clube se amontoa sob meus sapatos enquanto caminhamos para a entrada da frente, e eu assumo meu papel como Brayden, minha mão correndo ao longo da corrente no meu pescoço, puxando-a para descansar em cima da minha camisa, em vez de embaixo dela. O fio minúsculo dentro não capturaria muito vídeo se estivesse escondido sob o tecido.

O interior é exatamente o que você esperaria do nome. O piso é quase preto e é acentuado com paredes de tijolos amarelos. Os sofás alinham o perímetro com áreas VIPs escondidas ao longo das costas. A iluminação fraca e a música que bombeia pelos alto-falantes criam uma atmosfera de boate, mas, em vez de serem esmagadoras e na sua cara, são relaxantes. Há um bar ao longo da extrema direita que abrange toda a extensão do edifício e no centro da sala há um grande palco com um poste. Palcos circulares menores estão espalhados por toda parte, todos com mulheres em vários estágios de nudez.

Conheço o layout deste lugar por dentro e por fora, tendo olhado para as plantas arquitetônicas até meus olhos sangrarem. Mas vê-lo pessoalmente é diferente.

A mão de Liam bate no meu ombro, apertando. — Olhe para todos os peitos que você quiser mais tarde, vamos lá.

Eu me movo atrás dele enquanto ele passa pelo palco principal e pelo bar, mal poupando a ninguém um segundo olhar enquanto ele se dirige para trás, onde estão as áreas VIP. Eu giro enquanto caminhamos, tentando obter um visual do máximo possível da sala. Há um longo corredor com portas brancas e ele passa pelos duas primeiras antes de abrir a terceira agressivamente, o som batendo contra a parede dura contra meus ouvidos.

Um homem senta-se no centro de uma cabine em forma de U com um charuto na boca e uma garrafa de Don no centro da mesa. Ele

joga a cabeça. A garota no colo dele ignora que estamos aqui completamente e continua a esfregar sua boceta nua em cima dele.

— Liam, mano. — Ele espia em volta do ombro dela. — A que devo o prazer?

— Tony. — Liam estrala as juntas dos dedos, depois coloca a mão no bolso e puxa um colar de esmeralda. Meu estômago aperta quando percebo que foi o que eu disse que era falso.

Ele traz o braço para trás e depois o joga. Ele bate na mulher pelas costas e ela grita, gaguejando em seu movimento.

O rosto de Tony cai, a facilidade descontraída que estava presente se transformando em algo mais sinistro. Ele coloca as mãos nos quadris da dançarina, parando-a. Ele aperta a bunda dela e geme como se não pudesse suportar o pensamento de deixá-la ir antes de bater nela com a palma da mão. — Me dê alguns minutos, boneca.

Ela se levanta e olha para Liam e eu antes de sair completamente da sala.

Ele ajusta a cintura da calça antes de apontar um dedo com anéis de ouro para Liam. — É melhor você ter uma boa razão para fazer o que acabou de fazer.

Liam levanta o queixo. — Você está vendendo falsificações a Skip agora?

Meu peito aperta, meus olhos vão e voltam entre eles.

Porra, ótimo.

— Por favor — Tony ri. — Que porra você está dizendo com isso.

Liam levanta as sobrancelhas, jogando um polegar na minha direção. — Esse cara diz que você está.

— Besteira — Tony cospe, com os olhos se estreitando em mim. — Você está dizendo que eu dei uma falsificação?

Aperto minha mandíbula, querendo estar em outro lugar que não seja nesta sala. Porque não, ele *não*, em toda realidade. — Vamos, amigo. Não vamos jogar.

— E agora você está me chamando de mentiroso? — Ele senta-se em linha reta, olhando para Liam. — Quem diabos é esse cara? Você vem aqui e me acusa de merda? Não preciso responder a ninguém. Nem mesmo o seu chefe.

Liam balança a cabeça. — Ele quer seu dinheiro, Tony.

Ele se senta, cruzando a perna sobre o outro joelho e sorrindo. — Diga a ele para me cobrar.

Há um momento de hesitação em que considero o que estou prestes a fazer, mas é só isso; um momento. Preciso ganhar a confiança de Farrell o suficiente para entrar no círculo interno e, independentemente das repercussões, a palavra chegará a ele.

Eu rio antes de avançar e agarrar Tony pela nuca, batendo a cabeça na mesa de vidro. O som é alto, e uma dor abrasadora dispara pela lateral do meu braço, um fluxo constante de líquido escorrendo de um corte no meu pulso.

— Sim, sim — Liam se exalta, me puxando para trás enquanto Tony luta e grita ao fundo. — Pelo amor de Deus, novato, se controle. Pelo amor de Deus.

Eu zombo, jogando meu braço em sua direção. — Você vai deixar alguém te desrespeitar, desrespeitar Skip assim? Aqui? No seu território. — Eu balanço minha cabeça. — Nah, não comigo. Não é assim.

— *Vattela um pigliare em culo*¹, —Antonio cospe.

— Que porra você disse? — Eu respondo, virando-me para ir para ele novamente. As falsas explosões de violência me fazem sentir uma merda, mas tudo na minha persona precisa se encaixar no molde. O discurso preguiçoso, o pavio curto e as chamadas da violência. Esse é Brayden, então, na verdade, sou eu.

Os olhos de Liam se estreitam, suas narinas inflando e ele agarra a frente da minha camisa, me arrastando para ele. — Você não bate na cabeça das pessoas com mais importância do que você. *Eu posso*, mas você não pode. Entendido?

Eu dou de ombros, meu coração batendo contra o meu peito pela adrenalina. — Tanto faz.

— Vá se limpar. — Ele olha para a minha mão. — Cristo.

Suspirando, balanço meu pulso e vou em direção aos banheiros, esperando como o inferno que não cometi um erro ao foder com um italiano. Suponho que se ele estivesse no território Westerly, não é ninguém da cadeia alimentar, poderia até ficar com oitenta e poucos se as pessoas descobrissem, mas quando se trata do funcionamento interno do submundo, você nunca pode ter muita certeza.

Viro a esquina e bato em um corpo, minhas mãos disparando rapidamente e segurando ombros magros, os movendo para mim para nos manter firmes.

Meu pulso palpita.

Olhando para baixo, encontro olhos castanhos com raiva delineados em preto.

Eveline. O que diabos ela está fazendo aqui?

— Por que não estou surpresa em vê-lo? — ela diz, levantando uma de suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas. — O que você está fazendo aqui atrás?

Meus olhos a absorvem, olhando as linhas suaves do rosto e a blusa preta de renda coberta com um moletom com zíper aberto na frente, deixando o decote em exibição total.

Deveria ter prestado mais atenção a eles quando tive a chance.

— Tem sentido minha falta?

Ela estreita o olhar antes de respirar fundo e arfa, com a mão estendendo para agarrar meu pulso. — O que aconteceu?

Eu levanto uma sobrancelha, surpreso com seu toque suave, então, em desacordo com a parede que ela ergue sempre que está perto de mim. — Não sabia que você se importava tanto, querida.

Ela se vira, me puxando em direção à porta mais próxima e abrindo-a para que possamos entrar em um grande escritório com móveis de mogno e madeira vinho.

— Só tendo certeza de que você não vai sangrar na propriedade Westerly — ela murmura me empurrando para um dos sofás contra a parede. — É ruim para os negócios.

Eu recuo de bom grado, o tecido macio e tão confortável que afundo nas almofadas.

— Fique aí. — Ela aponta para mim enquanto atravessa a sala e entra pela porta da suíte.

Não fico, é claro, pulando imediatamente e caminhando até a mesa, meus olhos se movem para a porta aberta do banheiro particular e depois voltam enquanto me inclino para permitir à câmara uma boa visão do topo da mesa. Não toco em nada e, mais do que provavelmente, não há nada de importante, mas você nunca sabe.

— O que você está *fazendo*? — A voz de Eveline rompe o nevoeiro, fazendo meu estômago pular na garganta.

Voltando, eu corro uma mão pelo meu cabelo. — Bisbilhotando, obviamente.

Suas sobrancelhas se aproximam. — Eu disse para você ficar parado.

Me aproximo dela até que sua bunda seja pressionada contra a borda da mesa e meus quadris estejam presos contra os dela. — E eu não sou um cachorro que você pode exigir latir, querida.

Ela sorri. — Desculpe, mas discordo.

Meu pau se contorce, excitação em guerra com meu cérebro, me avisando para manter distância. Meu cérebro perde, do jeito que parece *sempre* perder com ela.

— Você está certa — eu concordo, pegando minha mão não ferida e estendendo para agarrar seu quadril e puxá-la para perto de mim. — Diga-me para sentar e comer como um bom garoto, e juro por Deus que vou fazer isso.

Minha boca seca até o pensamento de como ela teria gosto.

Seus lábios se separam, e eu tenho o visual mais delicioso do meu pau deslizando entre eles, seus grandes olhos castanhos olhando para mim, e aquele piercing de língua que ela não tinha na noite em que nos encontramos correndo ao longo do comprimento.

— Esta mesa vale mais do que a sua vida — ela sussurra. — E você está sangrando por toda parte.

Eu sacudo meus pensamentos, percebendo que meus dedos estão apertando a carne da bunda dela, e eu passo para trás, deixando ir como se ela me incendiasse antes de olhar para onde há uma pequena poça vermelha na madeira.

Jesus, o que diabos há de errado comigo?

Um suspiro alto sai da boca de Eveline e então ela está me puxando pela mão novamente, de volta ao sofá, me jogando como uma boneca de pano. Ela se senta ao meu lado, arrastando meu braço sangrando para o colo. Então ela pega o kit de primeiros socorros e começa a trabalhar, derramando peróxido de hidrogênio sobre a ferida.

A dor permeia minha pele e me faz assobiar. — *Aí. Porra.*

— Opa. — Ela olha para mim com olhos arregalados. — Isso doeu?

Fico quieto quando ela tira o anti-séptico e a gaze, limpando a ferida e se movendo, com os olhos focados como laser na tarefa em questão.

Meu estômago aperta e tomo o momento para olhar para ela, *realmente* olhar, imaginando novamente o que ela está fazendo aqui e como se sente sobre a profissão escolhida por sua família. A tristeza gira pelo meu peito enquanto penso em tudo o que ela poderia ser.

Talvez não seja tarde demais. Talvez eu possa tirá-la.

— Por que você mentiu para mim sobre o seu nome? — ela pergunta sem olhar de onde está enfaixando a ferida.

Meu peito torce. — A mesma razão que você não me deu o seu.

Ela engole audivelmente e me olha através dos cílios, os olhos se movendo de um lado para o outro rapidamente, como se estivesse tentando ver além da fachada e arrastar minha alma. Seus lábios se separam e meu abdômen tensiona, o ar ficando espesso e preenchendo o espaço entre nós até parecer que eu poderia quebrar ao meio.

O seu rosto está a uma polegada do meu e quando ela respira, eu respiro, tentando como o inferno lembrar que ela é a inimiga. Que estou aqui para derrubá-la e todos com quem ela se importa.

Que nada disso é real.

Não pode ser real.

De repente, a porta se abre e bate contra a parede, fazendo com que nós dois nos separemos. Liam entra, correndo direto para nós e enfiando o dedo grosso no meu rosto.

— Foda assim novamente, e eu vou colocar uma bala na sua boca. Você me entendeu?

As sobrancelhas de Eveline saltam e ela fica de pé, movendo-se pela sala para pousar atrás da mesa.

Eu me encosto nas almofadas do sofá. — Lembre-me quando comecei a trabalhar para você, Liam?

Suas bochechas ficam vermelhas, seu corpo tenso, mãos rolando em punhos como se ele estivesse prestes a tentar me bater. O cara tem problemas de raiva, com certeza.

— Quando vocês terminarem de medir paus, fiquem à vontade para me dizer o que está acontecendo — interrompe Eveline.

Ele gira para encará-la, fios de seus cabelos ruivos caindo sobre sua testa. — Não se preocupe com o que os meninos grandes estão fazendo, querida. Apenas sente-se, fique bonita e execute os números como seu pai pede.

Então, ela está fazendo os livros. Merda.

Ele chamando de querida queima profundamente no meu intestino, porque chamá-la assim é *minha* maneira de irritá-la, não a dele. Toda vez que digo isso, meu pau se contorce do rubor furioso que afunda sua pele. Quando o apelido cai dos lábios *dele* eu quero me levantar e enfiar o rosto no vidro do jeito que fiz em Tony alguns minutos atrás.

A persona inteira de Eveline muda em um instante. Ela inclina a cabeça para o lado e sorri. — Repita.

— Por que você não nos dá um minuto? — Liam continua.

Claramente, Liam não vê a mudança.

Eveline coloca as mãos delicadas em cima da grande mesa de mogno, abaixando a cabeça e balançando-a para frente e para trás enquanto fecha os olhos, falando números.

— Vamos, Evie. Você não precisa ouvir tudo isso — ele tenta novamente, piscando para ela desta vez. — Eu sei que você gosta de

ser chefe quando Skip não está por perto, mas isso é coisa de homem, ok?

Seus olhos se abrem e afiam como uma lâmina enquanto ela pega alguns envelopes do canto da mesa e um abridor de cartas de prata antes de caminhar em direção à porta. — Claro, meu erro.

Minhas sobrancelhas se levantam, surpreso que ela aceite tão rapidamente, mas eu deveria saber melhor. Ela chega a Liam e o empurra com força na parede, usando todo o corpo para prendê-lo, o abridor de cartas pressionando sua virilha, e o salto fino daquelas botas que ela está sempre usando esfaqueando no pé dele.

Ele empurra para trás contra ela, com as mãos nos ombros, e eu passo para pular entre eles, mas rapidamente percebo que não há necessidade. Ela o subjuga facilmente.

Na verdade, é uma visão bastante cômica, uma garota baixa nem sequer com 1,57m com um homem alto bem mais de 1,80m à sua mercê.

Sento-me, com nojo do que ela é capaz e a outra metade admirado pelo poder que ela está subitamente exalando.

— Você sabe — ela começa. — Eu sempre me perguntei como seria cortar os testículos de um homem.

Ele se contorce novamente, mas ela muda seu peso, seu calcanhar pontudo cavando em seu pé até que ele geme de dor. Suas mãos estão tensas ao lado dele, mas mesmo ele não é estúpido o suficiente para tentar qualquer coisa enquanto ela tem uma lâmina afiada contra o seu pau.

Ela inclina a cabeça. — Devo tentar com você?

— Evie, vamos lá. Não se perca agora. — Sua voz está tensa. — Seu pai vai me matar se eu tiver que te machucar.

— Perder? Eu não estou *perdendo* qualquer coisa — diz ela, olhando para mim. — As pessoas parecem pensar que tenho problemas com o controle de impulso. Você acredita nisso?

Ela ri e estou congelado, preso no meio do meu assento e a meio caminho de ficar de pé, a queimação nas minhas coxas nada perto do pânico girando no meu interior e subindo para a garganta.

Os olhos de Liam piscam para mim, e eu ... eu não sei o que diabos fazer. Eu deveria parar o que quer que seja, o *certo* a fazer é impedi-la, mas a outra parte de mim, talvez a parte mais vingativa, quer deixar isso acontecer. Me aproximar é um risco. Um que não posso dar ao luxo de levar.

— Oh não, — ela se une a Liam. — Brayden não pode ajudá-lo. Ele me garantiu que é incrivelmente hábil em seguir as instruções. — Sua mão pressiona o abridor de cartas mais para dentro da virilha de Liam. — Não é mesmo, filhote?

Ele choraminga.

— Peça desculpas — ela exige.

— Sinto muito — ele grunhe.

Ela repreende. — Assim como um homem. Dar o mínimo necessário e esperar que fiquemos satisfeitas. Diga como se estivesse falando sério, Liam, e talvez não deixe este quarto um eunuco.

Ele engole. — Desculpe, Evie. Eu estava errado. Não vou desrespeitá-la novamente.

Ela avança e dá um tapinha na bochecha dele duas vezes. — Bom garoto.

Quando ela o deixa ir, ela gira e se afasta rapidamente, sem se preocupar em manter os olhos nele, como se estivesse completamente confiante de que não buscaria vingança pelas costas dela.

Meus olhos, no entanto, não o deixam por um segundo. Só para ter certeza.

Ele não faz nada. Ele apenas limpa a garganta e ajusta suas roupas amassadas enquanto se endireita da parede.

Voltando para a mesa, ela passa o abridor de cartas pelos dedos, me mostrando um sorriso. Liam e eu estamos em silêncio, e não demora muito para ela perceber.

Ela gargalha e eu juro que nenhum outro som jamais me causou um calafrio.

— Oh, acalmem-se. Eu só estava brincando. É como você disse, Liam. Só estou aqui para fazer os livros do papai. Vou deixar o 'negócio' com vocês, homens grandes e fortes. — Os seus olhos piscam para o meu pulso enfaixado. — Vocês claramente lidam com isso tão bem.

Ela sorri novamente, o mesmo sorriso fino, sem dentes e olhos ardentes que ela sempre dá, e eu percebo que Eveline Westerly *não* é um dos mocinhos.

E ela absolutamente não pode ser salva.

Capítulo 10

Eveline



Eu tenho pensado constantemente sobre como eu bati em Liam, na frente de Brayden, duas noites atrás. Foi estúpido da minha parte, e agora Brayden me olha de maneira diferente.

Onde antes ele era rápido em seguir me irritando com seu sorriso e suas perguntas estúpidas, agora ele mantém distância.

Considerando que eu não gosto dele de qualquer maneira, isso não me incomoda.

O que *incomoda* é o fato de ele praticamente se mudar e se tornar outra extensão da família Westerly. Ele está sempre por perto, saindo com Zeke ou sussurrando coisas no ouvido da minha irmã, e quando ele não está com nenhum deles, está correndo para o meu

pai, com cobrança de taxas de empresas ou ajudando a manter nossos revendedores de baixo nível alinhados.

Meu pai parece ter zero problemas em confiar nele, o que, francamente, me surpreende porque meu pai é notoriamente paranóico. Ele sempre foi, e isso aumentou dez vezes quando saiu da cadeia e percebeu que Nessa havia mudado a cena do nosso nome, onde ele falhou pela primeira vez. Ele hesita em atrair novas pessoas ou parceiros e ainda é mais protetor de quem obtém acesso direto a ele. E Dorothy.

É por isso que acabo fazendo tudo o que envolve mais do que um simples processo de pensamento.

Portanto, há algo de errado na maneira como ele permitiu que um completo estranho entrasse em seu círculo. Sei que Zeke atestou ele, e não é que eu não confie na palavra de Zeke, mas não confio nos outros, e Brayden poderia estar mentindo para Zeke tão fácil quanto o resto de nós.

Estou na sala dos fundos da estufa, com equipamento de proteção, meus óculos nos olhos e uma máscara KN95 no rosto quando meu telefone toca.

Quase não respondo, mas no último segundo, por algum motivo, arranco a luva amarela da mão e atendo.

— Estou ocupada — sibilo no telefone, colocando-o no alto-falante e colocando-o na mesa. Olho para o tambor de óleo de cinquenta e cinco litros do outro lado da sala, sentada em uma plataforma de aço com um queimador embaixo.

— Ok, mas eu tenho as informações que você queria — diz Cody. — Acho que ligo mais tarde.

— Espere.

Ele ri. — Merda, você está ansiosa. O que você está fazendo, afinal?

Suspiro, caminhando até o tambor de óleo, pressionando um botão para iniciar o fogo baixo, e depois volto para a mesa e cruzo meus braços. — Estou me certificando de que ele seja confiável, já que ninguém mais na minha família parece se importar.

— Bem, ele confere.

Minhas sobrancelhas sobem. — Ele confere?

Curvando-me, pego os quinze quilos de ópio cru que sangrei das vagens, meus músculos doendo enquanto o carrego em direção ao tambor e o deixo na água de aquecimento.

— Sim. Brayden Walsh. Nascido trinta e dois anos atrás em Chicago, filho de uma mãe solteira que morreu de câncer aos dezoito anos. Não há outros parentes.

— Interessante — murmuro, embora tenha certeza de que Cody não pode me ouvir.

— Provavelmente para o melhor. Poucas famílias ficariam orgulhosas da ficha criminal que ele acumulou. É honestamente impressionante.

Sorrindo, volto para o meu telefone e levo a máscara até o pescoço.

— Ou embaraçoso ser pego tantas vezes.

— Verdade. Mas ele mantém seus crimes simples ou não é ruim o suficiente para ser pego pelos grandes. Ele nunca passou mais do que alguns meses atrás das grades.

Eu corro meu piercing de língua contra a parte de trás do meu lábio. — Então é isso? Nada parecia... estranho ou fora do normal?

— Não. Você sabe, Evie ... nem todo mundo está perseguindo você. Um dia talvez, você perceba isso.

Meu peito repuxa.

Honestamente, pensei que me sentiria aliviada por Brayden ser quem ele diz ser. Afinal, isso significa que ele não está mentindo para minha família. Mas, por outro lado, me deixa irracionalmente zangada por ele ter mentido para mim quando nos conhecemos. Como *eu* fosse a desesperada.

Ele não tem muito, mas ele tem a audácia do caralho.

— Hmm.

— O que isso significa? — Cody pergunta.

— Isso significa 'hmm', Cody, nem sempre precisa significar algo.

— Por que você parece tão abafada? — ele continua. — Eu não sei onde você está sempre que o telefone está soando assim, mas, honestamente, seu serviço de celular é péssimo.

Meus músculos se apertam, irritados por eu ter atendido o telefone em primeiro lugar. São momentos como esses em que eu gostaria que não tivéssemos conectado a estufa com tecnologia, porque eu daria *qualquer coisa* para ficar completamente fora de contato enquanto estou aqui.

— Eu te disse, estou ocupada.

Em um movimento, pressiono finalizar chamada antes que ele possa dizer mais alguma coisa e deslizo meus dedos de volta para a luva amarela, deixando a borracha estalar contra minha pele. Volto para o tambor de óleo, agarrando o bastão que uso para mexer e misturar na água fervente, girando-o.

De todas as coisas que faço pelo meu pai, esta é minha favorita. É preciso habilidade e precisão para criar heroína, e mais ainda quando você cria um processo impecável que produz uma droga tão pura que ninguém mais pode igualá-la.

Eu dominei a arte quando eu era criança, quando Nessa estava no comando, cansada de vê-la receber acordos de merda de homens de merda que a trataram de maneira diferente porque ela tinha uma vagina. E enquanto Nessa era muitas coisas, minha mentora e minha melhor amiga, ela era muito gentil quando importava. Ela não fez pessoas terem *medo* o suficiente dela e, como resultado, ela foi maltratada.

Mas quando ela falhou, eu aprendi.

E quando nosso pai saiu da cadeia, ele percebeu que tinha uma mina de ouro na ponta dos dedos. Passamos três anos construindo esta estufa subterrânea para mim e nunca olhamos para trás. Bem, *ele* nunca olhou para trás.

Um nó grosso surge na minha garganta, a dor subindo como uma onda e ameaçando embaçar meu controle. Meus dedos enluvados seguram a haste até que sintam que vão quebrar. Fecho os olhos e conto de trás para frente.

Dez. Nove. Oito...

Soltando uma respiração lenta, abro as pálpebras, ignorando a queimadura aguda atrás do nariz enquanto engulo a dor. Lenta,

mas seguramente, ela morre, permitindo que eu a empurre no escuro, onde posso mantê-la escondida, mesmo de mim.

Capítulo 11

Nicholas



Farrell senta-se em seu escritório em casa, sua loção pós-barba tão forte que flutua sobre sua mesa e se instala no meu nariz sem nem respirar.

Seu cabelo grisalho está liso para trás, mais longo no topo e cortado nas laterais, e ele está me encarando com olhos escuros e calculistas, seus dedos tatuados correndo ao longo da parte inferior da mandíbula. Ele está balançando para frente e para trás em sua cadeira apenas um pouco. Repetidamente, ele fazendo o movimento, um som estridente imitando o clique de um relógio.

Esta é uma tática comum. O silêncio. O olhar. A contemplação enquanto eu sento no assento confortável e espero o que quer que seja que ele me chamou aqui para dizer. Tudo isso significa

intimidação, mas nada disso vale a pena. Você precisa temer alguém para suas táticas funcionarem e, embora seja inegável que Farrell Westerly é uma pessoa perigosa, não tenho medo dele.

Ele deveria *me* temer.

Então, se ele quer sentar aqui em silêncio, eu estou no jogo.

Cruzo minha perna pelo joelho oposto e bato meus dedos no braço da cadeira, esperando pacientemente até que ele tenha o suficiente.

Finalmente, ele fala.

— Eu ouvi sobre o que você fez com Tony. — Ele mergulha os dedos sob o queixo. — Você tem algo a me dizer sobre isso

— Sim, eu deveria ter batido nele com mais força. — Eu encolho os ombros.

Os lábios de Farrell se contraem. — Você sabe que ele é o primo de um dos capos dos Cantanellis. Você poderia me causar muita merda se precipitando e fazendo-os sangrar.

— Com todo o respeito, Skip ... você anda por aí deixando as pessoas, independentemente de quem elas são, venderem pedras falsas e desrespeitarem você em seu próprio clube? Isso não fica bem para mim.

— Não? — ele pergunta.

— Não. Foda-se esse cara. Ele deveria estar beijando seus pés por não colocar uma bala em sua cabeça no segundo em que você percebeu o que ele fez. E eu não sou um idiota, independentemente do que o tonto do Liam possa pensar. — Inclinando-me para a

frente, descanso os cotovelos nos joelhos, mantendo o contato visual para que ele saiba o quanto estou falando sério. — Eu peso as opções de tudo o que faço. Antonio Cantanelli, italiano, em *seu* clube? — Eu balanço minha cabeça. — Ele não tem problema. Seu primo o mataria primeiro por pisar em Kinland.

Suas sobrancelhas se erguem e um sorriso aparece em seu rosto. — Você tem muita coragem, garoto. Eu gosto disso.

Ele se levanta, andando pela mesa e descansando contra a borda, as mãos deslizando nos bolsos das calças de terno cinza. Ele pega um Black & Mild e o coloca na boca, agarrando uma caixa de fósforos no canto da mesa e acendendo a ponta. O cheiro permeia a sala imediatamente, fazendo meu estômago revirar.

Eu fodidamente *odeio* esse cheiro. Isso me lembra o namorado da minha mãe e todas as memórias de merda que vêm junto. O homem nunca foi a lugar nenhum sem um Black & Mild pendurado na boca marcada.

— Você se lembra de Evie? — ele pergunta, olhando para o fósforo aceso.

Meu coração salta, a náusea fica mais forte. *Gostaria de nunca ter feito.*

— Brevemente. Não é realmente um pássaro social, é? — Eu sorrio.

Ele ri, soprando uma nuvem de fumaça. — Ela é uma raça diferente, com certeza. Nada como minha Dorothy. Mas quando se trata disso... ninguém mais, eu prefiro ter ao meu lado que ela.

Minhas sobrancelhas se levantam e meus músculos se apertam, antecipação fazendo meus nervos cantarem. Não sei ao certo o que ele está prestes a dizer, mas o que quer que seja é importante.

— Que boa filha, hein? — Eu brinco.

Sua língua corre sobre os dentes enquanto olha para o charuto. — Não sei se essas são as palavras que eu usaria. — Ele bate na têmpora, cinzas caindo no chão. — Ela é inteligente como o inferno. A mulher mais teimosa que você já conheceu, mas esse cérebro que ela tem? Tão bom quanto ouro.

Eu sento para a frente. — Você a fez correr por aqui?

Seu olhar se aguça e ele inclina a cabeça em mim.

Meu estômago vira. Pergunta estúpida. Muito intrometido.

— Ela faz o que diabos eu digo para ela fazer. — Ele aponta para mim. — E você também. Você trabalha para mim agora, entende? Chega dessa besteira de roubo simples. Eu posso te dar dinheiro. Dinheiro *de verdade* ..., mas você tem que fazer os negócios do meu jeito. Isso significa que se eu digo pule, você pergunta o quão alto.

Eu aceno, engolindo. É exatamente disso que eu preciso.

— E acalme-se nas perguntas. Jesus, você é como minha mãe, que ela descansa em paz.

Eu sorrio. — Foi mal, Skip. Eu tenho uma personalidade curiosa.

Ele resmunga, bufando no charuto novamente e depois se movendo para arranhar sua sobrancelha espessa. — Evie está fazendo rondas nas próximas semanas para mim, assumindo algumas tarefas enquanto meu cara de sempre está fora.

Meu interior pula em verdadeira surpresa. *Ele está fazendo Eveline traficar?*

Ele franze os lábios. — Você vai com ela. Seja o músculo dela, guarde suas costas e continue aprendendo o caminho das pedras ao mesmo tempo. Entendido?

O nó afunda no meu estômago, mesmo que seja exatamente isso que estávamos esperando.

Desde que ela atacou Liam, eu fiz o meu melhor para evitá-la. Não tenho espaço para distração, e ela fode com a minha cabeça. Fisicamente, eu nunca quis jogar alguém no chão e enchê-la com meu pau, mas mentalmente, ela *me* enche com nojo.

Nunca vou entender como alguém pode estar tão envolvido em colocar drogas nas ruas e dormir em paz à noite.

Malditos ratos de rua imundos, todos eles.

Mas fazer cobranças é exatamente o que preciso para coletar informações. Então, enquanto originalmente pensávamos que Dorothy era minha, talvez seja Eveline. E terei que fazer o que for preciso para chegar a um acordo com isso.



— Entre e cale a boca. — Eveline diz caminhando por mim, sua saia preta esvoaçante balançando nos joelhos e as mesmas botas até a coxa nos pés.

— Como você pode dirigir nelas? — Eu pergunto, deslizando para o

lado do passageiro do seu Range Rover.

Ela suspira, passando a mão pelo rosto. — Cale a boca geralmente inclui menos fala e mais silêncio.

Eu me aproximo, clicando no cinto de segurança no peito. — Eu tenho o direito de fazer perguntas. Você está no comando da minha vida agora.

Ela sorri.

— Estou falando sério. E se batermos porque seus pés minúsculos nesses saltos ridículos de quarenta e cinco centímetros não conseguem sentir os pedais?

— Eles têm quinze centímetros. — Seus olhos flutuam para o meu colo quando ela liga o carro. — Mas não estou surpresa que você exagere.

— Acho que nós dois sabemos que não preciso exagerar a verdade, querida.

Ela ri. — Certo.

— O que isso significa? — Eu franzo a testa.

Ela fica calada, com os olhos na estrada enquanto sai do acostamento, ignorando os seguranças no portão e vira para a estrada principal.

A irritação cola meu interior como mosquitos.

Com quem diabos ela esteve que é maior que eu?

— Não pense muito, você vai se machucar — ela brinca.

— Para onde vamos, afinal? — Eu mudo de assunto, descansando meu braço contra a porta do carro.

— Nada da sua conta.

— Seu pai parece pensar que é da minha conta.

Ela me olha de lado. — Sim, bem, meu pai não é conhecido por suas habilidades de tomada de decisão.

Eu me inclino. — Então o que é que ele é conhecido?

— Pescando por informações novamente, perseguidor? O que você é, um policial?

As palavras envolvem meu pescoço como um laço e eu bato de volta no meu assento. — Estou apenas conversando, *Cristo*.

— Bem, pare.

Eu não respondo, demorando um pouco para vê-la enquanto ela dirige, meus olhos fixados em suas feições, o delineador escuro e cílios longos não fazem nada além de destacar a estrutura óssea quase perfeita de suas bochechas. Seu cabelo é jogado em um coque bagunçado e sua blusa preta se estende contra os seios. *Porra, ela é linda.*

— Você faz isso frequentemente para o seu pai?

Ela espreita para mim. — Eu faço o suficiente.

Eu aceno para a roupa dela. — Por que a saia? Não é realmente o

melhor traje para lidar com traficantes de drogas e coagir dinheiro de lojas.

O queixo dela aperta. — Preocupe-se com si próprio.

Rindo, eu balanço minha cabeça. — Você é tão tensa. Eu acho que você precisa ser fodida novamente. Há quanto tempo?

Ela não responde, mas não sinto falta do jeito que as juntas dela rodeiam o volante.

A satisfação provoca meu peito e eu levanto uma sobrancelha. — Foi *eu*?

Ela bufa. — Não se iluda.

— Estou apenas perguntando. — Eu jogo minhas mãos para cima, palmas voltadas para ela.

— É dolorosamente previsível que você espere que minhas emoções estejam ligadas a se eu tenho ou não um pau dentro de mim.

Eu encolho os ombros, sorrindo. — Apenas trabalhando na experiência, querida.

— Pare de me chamar assim. Eu *não sou* sua namorada. — Ela aumenta o aperto no volante.

— Já ouviu falar de manifestação? — Eu respondo. — Você precisa falar coisas sobre a existência. Talvez se eu disser o suficiente, você deixará de ser uma vadia.

O carro pára e ela se vira para olhar para mim, aqueles olhos castanhos me sugando como um vórtice. — Então é isso? — Ela

lambe os lábios. — Você acha que eu deveria encontrar outro homem que possa me jogar contra uma parede do banheiro e me foder até eu gritar?

Meu abdômen se aperta e minha boca seca. — Não poderia machucar — de alguma forma eu consigo dizer.

O olhar dela se esvai. — Não, eu concordo. Definitivamente não poderia *machucar*.

Meus olhos se estreitam, mas não falo de novo, não querendo lhe dar mais munição para machucar meu orgulho. Não sei dizer se ela está sendo maliciosa ou se está tentando me dizer algo e, de qualquer forma, não sinto mais vontade de jogar os jogos dela.

O carro fica quieto, nada além da irritação fervente que permanece no ar entre nós. Isso me permite tempo para me perder em meus pensamentos, vendo as ruas aumentarem enquanto dirigimos, memorizando o layout, caso seja um lugar que eu precise conhecer mais tarde.

Em pouco tempo, chegamos a um pequeno grupo de edifícios na faixa principal de Kinland, estacionando diretamente em frente à Anderson's, uma subloja.

— Você está armado? — ela pergunta.

Meu estômago tensiona e olho para ela, levantando uma sobrancelha junto com a bainha da minha camisa. Seus olhos caem para onde um pedaço da minha barriga aparece e continua sua caminhada até que ela vê a arma no coldre da cintura das minhas calças. Eu odeio o quão bom é ter os olhos dela em mim.

Ela engole e desliga o carro, o braço mal tocando contra o meu peito quando ela passa por cima do console e abre o porta-luvas.

Um cheiro de algo floral e terroso atinge meu nariz e meu pau se contorce. Cerro os dentes, enojado com a reação do meu corpo. *Recomponha-se.*

Ela puxa uma Desert Eagle de ouro rosa, e meus olhos se arregalam enquanto eu a vejo acariciá-la com amor.

— Grande arma para uma garotinha.

— Você sabe, você realmente tem uma obsessão pelo tamanho. — Ela puxa o slide para a câmara. — Me pergunto por que isso.

Ela agarra a barra da saia preta, deslizando-a pela pele impecável. Minhas veias esquentam e meu estômago dói quando ela expõe uma polegada da perna, torturante. Eu quero desviar o olhar, sei que *devo* desviar o olhar, mas estou paralisado enquanto ela continua levantando até que um coldre de coxa apareça.

Eu engulo um gemido. *Porra, inferno.*

Ela coloca a arma no lugar antes de largar a saia e alisar as mãos sobre o tecido. — Para responder à sua pergunta anterior, as saias permitem fácil acesso. — Ela olha para mim. — Mas você já sabe disso, lembra?

Flashes de mim empurrando a saia em volta dos quadris e afundando nela voam através de mim, e eu mordo o interior da minha bochecha, meu pau agora tão duro que dói.

Antes que eu possa formular um pensamento, ela abre a porta e pula.

— Vamos, perseguidor. Vamos pegar nossas dívidas.

Capítulo 12

Eveline



Benny Anderson é um homem baixo com uma atitude. Ele pensa que, porque viveu em Kinland a maior parte de sua vida, isso significa que ele administra o lugar e todos os que estão nele. De todas as pessoas com quem lidamos nas ruas, ele é de longe o pior. Mas ele possui conexões e é um de nossos intermediários, o cara de todos os nossos traficantes de baixo nível que pegam sua parte e os que pagam suas dívidas.

Quanto menos pessoas tiverem contato direto conosco, melhor.

Normalmente, não sou eu quem faz essas tarefas. Mas quando há uma necessidade, aqui estou eu, e o fato de a queda de Benny ter sido curta em quinze mil *precisa* de uma visita especial.

Meu intestino aperta enquanto caminhamos para dentro da subloja de Anderson, minha Desert Eagle pesa onde fica contra a minha coxa. Olho para Brayden, irritação se contorcendo sob a superfície da minha pele apenas ao vê-lo. Eu realmente, *de verdade*, não o quero aqui.

Com toda a honestidade, eu queria que isso fosse um show solo. Não preciso de músculos para me apoiar e, se houver, prefiro ter Zeke ao meu lado. Não estou totalmente convencida de que Brayden não me usaria como escudo para se proteger.

Brayden passa por mim enquanto caminhamos, cortando na minha frente para pegar a porta primeiro. Ele segura a maçaneta e a abre, a campainha acima da porta tocando. Por um momento, acho que ele está mostrando cavalheirismo, mantendo-a aberto para eu passar, mas quando passo em frente, ele solta, batendo a porta na minha cara.

Idiota.

Eu arremesso o pé, enfiando-o na brecha antes que feche completamente e pego a fechadura, entrando. Brayden já está no centro da loja, me ignorando completamente.

O cheiro de carne é forte e faz meu estômago revirar. Enquanto ando pela loja, encontro os olhos de clientes espalhados pelas várias pequenas mesas circulares brancas, sem perder a maneira como todos desviam seus olhares, tendo pequenos vislumbres quando pensam que não estou prestando atenção.

Mantendo a cabeça erguida, empurro meus ombros para trás e passo para o caixa da frente, ao lado de onde Brayden já está descansando contra o balcão.

Ele cruza os braços, olhando para o lugar, o músculo da mandíbula

pulsando. — Por que eles estão olhando para você assim?

Olho para trás, ignorando a maneira como minhas palmas começam a suar quando me pergunto o que elas estão pensando. *Nada de bom, tenho certeza.* — O que as outras pessoas pensam de mim não é da minha conta.

Ele faz uma careta, virando em minha direção e levantando uma sobrancelha. — Isso soa como algo que alguém diz quando se importa *muito*. — Ele se aproxima de mim. — Você não se importa com o que eu penso de você?

— Prefiro que você não tenha pensado em mim.

Ele sorri, aquele sorriso estúpido de menino que ilumina os olhos e mostra as covinhas desagradáveis e perfeitas em suas bochechas. — Então você *realmente* se importa.

— Você já calou a boca? — Eu estalo, batendo minha mão no pequeno sino.

— Você já deixou de ser uma vadia? — ele revida.

Cerro os dentes olhando para o menu do quadro-negro escrito em giz verde-escuro.

— O que eu posso pegar para você? — uma voz alegre pergunta.

Olho para trás, vendo o rosto de uma jovem, os olhos dela passando de mim para o mosquito ao meu lado, as bochechas corando um pouco quando ficam em Brayden.

Algo belisca no meu peito.

— Onde está Benny? — Eu pergunto.

— Oh — diz ela, com as sobrancelhas loiras franzindo. — Não tenho certeza se ele está disponível.

— Não perguntei se ele estava “disponível”, perguntei onde ele estava.

O sorriso de serviço ao cliente cai e meu estômago se aperta, sabendo que ela está prestes a me irritar. Ela abre a boca, mas antes de falar, Brayden corta, descansando um cotovelo na mesa e inclinando-se para ela. — Qual é o seu nome?

Seu sorriso se recupera como uma flor ao sol. — Amanda.

— Sêrio? — Ele inclina a cabeça, seu olhar obviamente escaneando o comprimento do corpo dela. — Adequado para você.

O seu sorriso aumenta e meu peito queima.

— E loira também. — Seus olhos piscam para mim quando ele coloca uma palma sobre seu coração. — Minha fraqueza.

Eu estreito meu olhar.

— Escute, tenho certeza que você pode dizer para esta... — ele aponta o polegar na minha direção— não é a pessoa mais agradável para se estar por perto. E quanto mais rápido vemos Benny, mais rápido posso me livrar dela.

Minhas sobrancelhas disparam para minha linha do cabelo e eu cruzo meus braços.

— Então, se você pudesse encontrá-lo e avisá-lo que Eveline

Westerly está aqui, você com certeza estaria me ajudando. — Ele pisca. — Me liberte rápido para coisas melhores.

O rubor que mancha suas bochechas é forte e repugnantemente previsível.

— Ce-certo — ela gagueja. — Deixe-me ir encontrá-lo.

— Chop, chop. — Bato palmas, vendo-a girar e desaparecer pelo corredor nos cômodos dos fundos.

Meu humor está azedando consideravelmente a cada segundo que estamos aqui. — Ei perseguidor, me faça um favor?

Ele se aproxima e lambe os lábios, o olhar caindo no meu decote. — Depende do favor.

Cerrando os dentes, me aproximo dele, colocando o pé entre os dois. — *Nunca*, fale por mim novamente.

Ele sorri e se dobra um pouco até nossos olhos travarem. — Talvez, se você fosse melhor em fazer as coisas, eu não precisaria.

O fogo acende no centro do meu peito e bate para fora, queimando tudo em seu caminho. Meus punhos se apertam, uma picada aguda irradiando pelas palmas das mãos pela maneira como minhas unhas as pressionam. — Eu vou te matar.

Ele ri. — Oh, *amor*. Eu adoraria ver você tentar.

Uma garganta limpa e nós dois pulamos para trás, meu interior se sentindo como restos queimados e brasas ardentes. E só então, eu percebo o quão perto estávamos e como *todo mundo* na loja está olhando para o nosso caminho.

— Hum — a garota começa. — Benny está no escritório.

Respiro fundo, colando um sorriso no rosto.

— Eu posso most...

— Eu sei o caminho — eu a cortei.

— Vamos — digo a Brayden me afastando.

Quando chegamos ao escritório, abro a porta entreaberta com o pé, saboreando o salto que Benny faz por trás de sua velha mesa arranhada. Há papéis empilhados até os cotovelos e manchas de óleo cobrindo sua camisa esbranquiçada.

— Oi, Benny. — Eu sorrio. — Você não estava me evitando, estava?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Eu nunca faria isso, Eveline.

Ele se concentra atrás de mim, o pomo de adão balançando com seu engolir. — Quem é o novo cara?

— Não olhe para ele. — Eu me movo em sua direção, deslizando minha mão direito sob minha saia para soltar minha arma. Colocando na mesa, meus dedos firmes ao redor. — Olhe para mim.

Seus olhos crescem, pequenas gotas de suor aparecendo na sua testa.

— Benny — eu murmuro. — Você sabe o que significa quando meu pai me envia, certo?

Ele engole novamente. — Escute, eu não sei para que você está aqui. Eu deixei as bandas ontem à noite com Liam.

Eu estalo na minha língua, suspirando. — Você realmente quer que as coisas sejam assim?

Endireitando, ando pela mesa, mantendo meus olhos nele o tempo todo. Não paro até estar diretamente ao seu lado. Ele gira em sua cadeira até ficar de frente para mim.

Eu levanto minha arma e pressiono contra a têmpora dele. — Onde está o resto, Benny?

Ele limpa a testa com as costas da mão e grunhe. — Escute, Eveline. Só sei o que os caras me deram...

Gemendo, eu movo minha mão, trazendo-a de volta antes de arremessar em seu rosto.

— *Porra!* — Ele chora, sangue espirrando em seus papéis espalhados.

— Jesus, Eveline — diz Brayden. Eu o espio quando percebo que ele está se movendo em nossa direção, e o que quer que ele veja o faz parar no meio do caminho.

Olho para Benny, empurrando o cano da minha Eagle contra a sua cabeça novamente. — Eu não quero ter que te machucar, Benny. Mas eu *realmente* não gosto de pessoas questionando minha inteligência. Então, aqui está o que faremos. Ou me dê o dinheiro, ou eu lhe darei cinco segundos para ver sua esposa e filhos antes de eu explodir sua porra de cérebro por toda a foto da família.

A respiração de Benny está irregular, e o som disso combinado com as gotas de sangue dele se acumulando sob a boca e na mesa é suficiente para me fazer tremer.

Eu bato a ponta da minha bota contra o piso. — Eu não abusaria da minha generosidade. Poucos na minha posição seriam tão gentis.

Estou blefando. Seria estúpido para mim matá-lo agora, quando há tantas testemunhas pela loja. Mas ele não precisa saber disso.

— Bem. *Tudo bem*, porra! — Ele se senta em linha reta, olhando para mim. Sorrio, puxando minha arma para trás, mas mantendo-a apontada para o rosto dele. — Olha, eu não sei onde está o dinheiro, ok? Eu te dei o que recebi dos idiotas vendendo sua merda nas ruas. Mas tenho alguns aqui para compensar a diferença.

Ele se abaixa e começa a digitar um código para o pequeno cofre embaixo da mesa, mas eu levanto minha perna rapidamente, pressionando o calcanhar da minha bota na virilha da calça, minha arma mais uma vez pressionou contra a têmpora. — Dê a *ele* os números. — Eu aceno para Brayden.

Ele dá.

Brayden olha entre nós dois e caminha, agachado enquanto se aproxima com o código para destrancar a porta.

Há pilhas de dinheiro enchendo todo o cofre e algumas pastas de papel pardo.

Brayden olha para mim, agarrando a bolsa preta dobrada e enfiada na lateral. — Quanto estamos levando?

Eu sorrio bem. — Tudo isso.

— Eveline, *por favor* — Benny pede. — Eu tenho filhos. Bocas para alimentar.

Acenando, eu movo minha arma até que o lado deslize por sua bochecha como uma carícia fria. — Eu sei. — Puxando minha mão, eu a trago para frente, esmagando minha Eagle em sua bochecha uma última vez. — Eu simplesmente, não me importo.

Capítulo 13

Nicholas



Somos apenas Eveline e eu no porão do The Yellow Brick. Estamos sentados em uma longa e pesada mesa de carvalho com uma pilha de dinheiro sujo de um lado, dinheiro embrulhado do outro e um contador de dinheiro bem no meio.

Atualmente, Eveline está recebendo um punhado do dinheiro não vinculado e canalizando-o através da máquina. A contagem de dólares cria um barulho, zumbido semelhante a uma ventilação em uma sala silenciosa e, apesar do que testemunhei apenas algumas horas antes, sinto-me calmo.

E ela também. Ela parece normal. Completamente no controle. O que é tão diferente de como ela estava há algumas horas atrás com Benny.

Como alguém tão bonita pode ser tão ruim assim?

— Pare de me encarar.

Empurro minha cadeira do chão com os calcanhares, equilibrando nas costas por duas pernas. — Estou surpreso, só isso.

Ela olha para mim. — Sobre o que?

— Isto. — Eu balanço meu braço pela sala.

Ela ri. — Você, o ladrão de jóias, fica surpreso com pilhas de dinheiro?

— Não — eu digo, balançando a cabeça. — Estou surpreso que você esteja tão envolvida. E tão *violenta*. Você provavelmente deveria ver alguém sobre isso.

Suas sobranceiras caem quando o contador cospe outra pilha. Ela o toca e depois o coloca ao lado. — Surpreso por que sou uma mulher?

— Não, porque você é *você*.

Nem sei o que quero dizer com essa afirmação, que não é totalmente chocante, considerando que não consigo nem descobrir como me sinto. Eu fodi essa mulher. Estou insanamente atraído por ela, apesar de ser desequilibrada, mas não posso correlacionar a mulher que imaginei quando nos encontramos com quem ela é agora. Porque *agora*, ela é contra quem estou lutando. Ela faz parte do problema que estou tentando resolver.

Ela faz uma pausa, colocando um punhado de dinheiro de volta na pilha não contada. A sua língua se mostra, piercing deslizando pelo lábio inferior enquanto ela olha.

Meu estômago está sacudindo.

— Bem, isso *sou* eu.

— Infelizmente — murmuro.

— O que isso quer dizer? — Ela inclina a cabeça.

Eu encolho os ombros, sabendo que não deveria cutucá-la, mas não sendo capaz de me conter. — Só significa que talvez sua irmã estivesse certa.

O seu queixo tensiona. — Minha irmã não sabe *nada* sobre mim.

— Pelo menos ela sabe como tratar as pessoas.

— Ótimo, vá incomodá-la então.

Eu sorrio. — Estou te irritando, querida?

Ela bate as mãos na mesa, fazendo tudo tremer e empurra a cadeira para trás. Ela se inclina, os seios derramando do alto da camisa e meu olhar cai, porque eu não posso *não* aproveitar a vista quando ela estiver disposta a oferecer.

Um rubor rasteja ao longo da clavícula e marca o pescoço, como sempre acontece quando eu a deixo com raiva.

Meu pulso acelera.

— Eu não sou sua namorada — diz ela com os dentes cerrados. — E para registrar, *tudo* sobre você me irrita. O jeito que anda. A maneira como você aparece constantemente em qualquer lugar que eu esteja. A maneira como faz perguntas após perguntas, mas

nunca parece ter uma única resposta.

Meus lábios se inclinam para cima.

Ela aponta um dedo. — Essas merdas idiotas nas suas bochechas.

O sorriso cresce. Largo as pernas da frente da minha cadeira e descanso os cotovelos na mesa, apoiando o queixo na mão. — Dê para mim, querida. O que mais?

— Eu odeio o jeito que você me olha — continua ela.

Estou prestando atenção, minha mente muito ocupada imaginando até onde vai o rubor no peito e o que mais eu poderia fazer para fazê-la ficar tão rosada.

— E... — Ela levanta a voz. — Você é um mentiroso.

A diversão acaba com suas palavras e agora sou eu empurrando para uma posição, meus punhos pressionando contra a mesa. — Eu *não* sou um mentiroso.

— Por favor — ela zomba. — Tudo o que você já fez foi mentir para mim.

Eu gemo, beliscando a ponte do meu nariz. — Aqui vamos nós. Isso é por causa do nome?

— É por causa de sua existência geral.

— Querida — eu suspiro. — Eu não achei que isso importava.

Ela bate as mãos contra a madeira novamente. — Eu disse para você não me chamar assim.

Eu rio, imaginando como seria gratificante alcançá-la e estrangulá-la, apenas para calá-la. — E eu disse a *você* que eu não sou sua vadia.

O incêndio nos olhos dela é tão intenso que juro que sobe pelo ar e afunda na minha pele até queimar de dentro para fora.

Ela sorri. — Discutível.

Em um segundo, estou pensando em quanto quero sufocar essa pirralha e no próximo me levanto, minha mão disparando pela mesa e enrolando em seu pescoço.

Ela suga uma respiração aguda, mas não luta comigo, o homem que ela afirma odiar tanto.

O homem que é *suposto* odiá-la.

E isso me irrita ainda mais, porque eu a odeio. Eu não posso malditamente *suportar* quem é essa garota. Eu daria qualquer coisa para alcançá-la e puxaria a mulher que conheci naquela noite no clube.

É ela que me interessa, a que estou morrendo de vontade de ver.

E quando Eveline se aproxima, alongando o pescoço como se ela quisesse que eu a marcasse com meus dedos, acho que talvez a tenha encontrado.

Mas então, ela franze os lábios e cospe.

Saliva molha minha bochecha e escorre pelo meu rosto, cortando o último fio da minha sanidade. Eu passo para frente, meu braço livre passando por cima da mesa, o som de dinheiro e o contador batendo

no chão silenciado pelo golpe nos meus ouvidos. Envolver minha mão em volta da sua cintura, arrastando-a bruscamente para a mesa e batendo minha boca na dela.

Não penso em como isso é inapropriado. Como ela representa tudo o que sou contra. Como sou o vilão da história dela tão certamente quanto ela é da minha.

E definitivamente não considero o fio escondido em volta do meu pescoço, pegando tudo como acontece.

Minha língua mergulha na sua boca, procurando a pitada de metal, e quando o encontro, a pequena bola massageia contra mim, uma onda de choque rola pelo meu corpo.

Minha mão aperta a sua garganta, seu pulso batendo na minha pele.

Ela geme, suas unhas parecidas com garras cavando na parte de trás do meu pescoço, e meu pau palpita, pressionando contra a frente do meu jeans.

Movo meus lábios pela mandíbula e pelo pescoço, usando o polegar para inclinar a cabeça para trás e me dar mais espaço. Ela avança, os joelhos deslizando nas poucas notas soltas de cem dólares que estão embaixo dela, e ela estende a mão, apertando o botão da minha calça e deslizando a mão quente para dentro. Ela me agarra com força, e eu me pressiono na palma da sua mão quando ela me acaricia da base até a ponta. Pré-sêmen escorre da cabeça e ela passa a ponta dos dedos sobre ela, usando-a para lubrificar seus movimentos no caminho de volta.

— Porra — eu bato contra ela.

— Cale a boca — ela solta, aproximando a boca para me beijar

novamente.

Meu peito esquenta como ela está sempre malditamente me *desrespeitando*, e eu aperto sua garganta com mais força, batendo-a na mesa até que ela fique deitada. O dinheiro voa das bordas e cai para o chão, o movimento repentino fazendo seu aperto diminuir de onde está enrolada no meu pau.

Ela grita, os olhos brilhando, mas antes que ela possa dizer outra palavra, eu estou nela, minha mão se movendo do pescoço até a mandíbula. — Você e essa boca do caralho.

Eu pressiono um beijo nos lábios inchados, minha outra mão deslizando pelo peito até que o seio esteja na minha mão. Meu polegar corre sobre o pico endurecido, escondido embaixo do tecido. Ela tenta falar, mas eu pressiono meus dedos contra suas bochechas, até sentir o recuo dos dentes. — Estou ficando muito cansado de você passar por cima de mim. *Cuspir* em mim. Fingindo que te machuquei quando nós dois sabemos que você realmente não se importa. E eu terminei de jogar.

Seus lábios se separam, e eu aproveito a oportunidade, coletando saliva na minha língua e deixando-a escorrer em sua boca aberta.

Espero que ela se enfureça. De fato, meu domínio sobre ela se fortalece, a antecipação ilumina meu interior sobre como ela reagirá.

Mas ela só sorri e engole.

Minhas bolas apertam, sangue correndo para o meu pau até que esteja latejando tão forte que estou preocupado por poder gozar.

Ela move a mão para cima novamente, gemendo. — Isso te excita, não é? Eu posso sentir você ficando mais duro.

— Sim? — Eu mordo meu lábio. — Você vai fazer algo sobre isso, garota bonita?

Ela empurra o cotovelo, o coque bagunçado se soltando em sua cabeça, e me aperta mais uma vez antes que ela retire completamente o toque. Inclinando-se, ela pressiona um beijo nos meus lábios. — Eu quero que você se ajoelhe e lamba minha boceta como um bom filhote.

Meu interior queima sob o comando, mas não discuto, a esmagadora necessidade de fazê-la anular qualquer senso de autoridade de que possa estar me despojando. Minhas mãos descem pelo seu corpo até chegarem à bainha da saia e deslizarem por baixo, deslizando por sua pele macia até atingirem os coldres dos dois lados das pernas. Uma imagem dela nua, com nada além de sua arma amarrada envia flashes na minha mente, e eu gemo com a visão.

Pressionando meus dedos na sua pele, mudo meu rosto de volta para o dela, pressionando beijos ao longo de sua bochecha até chegar ao seu ouvido. — Não me diga o que fazer.

E então eu me movo, segurando a carne das coxas e puxando, o corpo deslizando para baixo da mesa com severidade, enviando mais dinheiro flutuando para o chão.

A saia está enrolada nos quadris e ela está vestindo calcinha de algodão branca que tem um ponto úmido no centro. O ar deixa meus pulmões em um suspiro. É uma dicotomia; calcinha branca simples escondida sob camadas de preto e litros de cadela.

— Não olhe apenas para isso. — Suas mãos pressionam a parte de trás da minha cabeça.

Pressionando meu polegar para o local úmido, desfiz meu jeans o resto do caminho para libertar meu pau o suficiente para que eu

possa agarrá-lo na palma da mão. — Caramba, você está molhada. Molhando a calcinha, tudo para mim?

Eu acaricio meu eixo, flashes de prazer deslizando ao longo da espinha com a sensação, e então pego o tecido de sua calcinha e puxo, arrancando-a com um movimento fluido.

Ela geme e eu mergulho imediatamente, porque se eu não provar, *agora*, eu posso morrer, porra.

Minha língua desliza pelo comprimento de sua fenda, coletando a umidade que escorre de seu núcleo, e eu gemo com o gosto almiscarado. *Perfeito*. Minha mão desliza pelo corpo dela até que esteja pressionando contra o estômago para segurá-la no lugar, e eu começo a me banquetear, girando em torno de seu buraco e até seu feixe sensível de nervos. O seu clitóris palpita contra o plano da minha língua, e o pensamento de eu excitá-la, me revira, então eu o chupo na minha boca, levantando minha mão e mergulhando um dedo dentro dela ao mesmo tempo.

Ela está tão molhada que eu deslizo facilmente e começo um movimento repetitivo, transando com ela com os dedos e devorando sua boceta até que ela esteja ofegando debaixo de mim.

— Oh, Deus — ela sussurra, os cotovelos caindo até ficar deitada novamente.

Suas coxas estão tensas ao redor da minha cabeça, as costas arqueando para fora da mesa. Eu solto o seu clitóris e olho para ela, meu pau pingando pela visão de seu peito e olhos cheios de prazer, prazer que *eu* causei.

— Dê para mim, garota bonita. Mostre-me como você é imunda, com os dedos do homem que afirma odiar.

Ela faz, imediatamente. Espetacularmente.

Suas pernas tremem e ela solta um gemido alto, sua boceta pulsando enquanto ela monta seu orgasmo. Eu a pego como leite, tão pronto para afundar meu pau dentro dela e estilhaça-la de dentro para fora.

Continuo a trabalhar com ela através de seu gemido e ela ri quando a chupo na minha boca mais uma vez, com as mãos empurrando para meus ombros. — Pare, é sensível.

Sorrindo, algo quente cai no meu peito, e eu trabalho de volta pelo seu corpo, pressionando beijos nas coxas, no estômago coberto até eu chegar no peito. Meu pau pressiona entre as pernas, cutucando sua entrada.

Suas pernas envolvem meus quadris, me puxando para mais perto. Minha cabeça desliza através de sua boceta lisa e envia uma gavinha de prazer atravessando meu pau e entrando nas minhas bolas. Apertando a base do meu eixo, deslizo-me pelas suas dobras, batendo a ponta do meu pau em seu clitóris carente, revelando-me na maneira como seu corpo se sacode com o toque.

— Me foda — ela sussurra.

Eu permito que a ponta do meu pau deslize, apenas um pouquinho. — Diga-me o que eu quero ouvir.

Ela levanta uma sobrancelha.

Eu lambo a concha da sua orelha, um arrepio que desce pelo corpo.

— Diga-me que sou o maior pau que você já teve.

— Oh meu *Deus*, isso realmente...

Gritando, eu bato dentro e sua frase corta, suas palavras cortando com a respiração pesada que escapa aos pulmões. Fecho meus olhos, a sensação de sua boceta me agarrando tão perfeitamente, fazendo minhas bolas se encherem e o calor se acumular na base da minha coluna.

Começando um ritmo constante, me perco na sensação de estar dentro dela novamente. Ela passa os dedos pelos meus cabelos e começa a mover os quadris debaixo de mim, fazendo com que seu clitóris moa contra a minha pélvis. Eu pressiono mais, querendo - precisando - senti-la gozar em volta do meu pau.

— Caralho, você é muito gostosa.

Seus olhos brilham e ela aperta as pernas, tirando os dedos dos meus cabelos e empurrando meu peito. Eu me acalmo, permitindo que meu pau a deixe enquanto ela nos vira, minha cabeça pousando na pilha de dinheiro no topo da mesa.

Ela me monta, suas botas na altura do joelho de repente, a coisa mais sexy que eu já vi quando ela desliza de volta pelo meu eixo, cada centímetro de sua boceta me engolindo perfeitamente até ficarmos unidos.

— *Cristo* — eu murmuro, minhas mãos segurando seus quadris tão estreitos, tenho certeza que eles vão machucar.

O material dos coldres da coxa esfrega contra a minha pele, criando uma queimadura por atrito enquanto ela me trabalha rápido e duro. Ela se move para frente e para trás, depois salta para cima e para baixo. Meus olhos bebem a visão dela acima de mim, seus cabelos pretos, pele corada e olhos vidrados. De repente, não suporto o pensamento de não a tocar *em todo lugar*, e meus dedos

sobem pelo estômago até eu cobrir os seios dela, rolando os mamilos sob meus dedos. Seus movimentos titubeiam e eu os belisco. *Forte.*

Um jorro de umidade encharca meu colo e ela joga a cabeça para trás, os dedos criando marcas crescentes no meu abdômen enquanto ela me monta.

A mão dela desaparece sob a saia e eu vou protestar até sentir o calor dos dedos dela acariciando minhas bolas enquanto ela se afunda no meu colo. Meu corpo inteiro treme.

Eu ajusto os mamilos dela novamente, depois levanto uma mão para cima, segurando o coque que resta apenas na metade da cabeça e puxe-os para trás, puxando os fios com severidade.

Ela geme, suas paredes da boceta se espasmando ao meu redor, fazendo meus olhos rolarem.

— Goze para mim de novo, garota bonita. Eu quero sentir você encharcar meu pau.

A outra mão levanta a saia, dando-me a visão excepcional do meu pau desaparecendo dentro dela, e ela começa a esfregar o clitóris inchado, a boca se separando.

Isso, além do movimento constante dela acariciando minhas bolas, é o meu ponto de não retorno. A tensão se rompe quando suas paredes se contraem ao meu redor, e eu me despedaço em mil pedaços, atirando profundamente dentro dela. Um pulso, dois, três ... ela me monta em cada impulso até meus membros ficarem dormentes e minha visão ficar branca.

Finalmente, ela diminui a velocidade antes de sair completamente de mim, meu esperma e sua umidade se misturando e pingando do meu pau liso e saciado.

Demora alguns momentos para eu recuperar o fôlego, e viro o rosto para observá-la, para dizer *algo*, embora eu não tenha ideia do que.

Mas seus olhos já estão endurecidos como pedra.

Meu peito torce, mas eu o escondo, sem saber o que isso significa. Sorrio suavemente, o eco do que aconteceu tocando nas bordas ocultas do meu coração. — Que rápido, hein?

— Obviamente, isso foi um erro — ela responde.

Acenando, eu passo para uma posição sentada, meu pulso ainda está acelerado. — Sim, o que você disser, querida.

Eu deslizo da mesa e sento para baixo para pegar meu jeans, puxando-o e fechando-o.

— Você sabe... — eu começo, olhando para trás.

Mas não adianta, porque ela já se foi.

Capítulo 14

Eveline



O cemitério de Quads fica a cerca de 45 minutos de carro da propriedade e todos os domingos após a missa eu vou lá sem falhas. Ninguém nunca se incomoda em aparecer, e parte de mim está contente porque não preciso compartilhar meu tempo, a outra parte está com nojo de que ninguém parece se importar.

No segundo em que Nessa se foi, todos seguiram em frente como se ela não estivesse lá em primeiro lugar. Um brinquedo usado que é jogado no lixo e esquecido.

Normalmente, sento-me no culto e depois saio antes do jantar de domingo em casa, mas hoje, com Brayden sentado a dois corredores de distância, eu precisava de uma fuga.

Precisava de um lembrete dos meus objetivos e *porque* eu os tenho em primeiro lugar.

Folhas caídas trituram sob meus sapatos enquanto passo pelo cemitério, uma mistura de lápides alinhando o caminho. Paro na frente de Nessa, o mármore cinza embotado em finas camadas de sujeira, e coloco o pequeno buquê de rosas vermelhas que peguei de um vendedor de rua em sua banca.

— Ei, Ness — eu murmuro.

Eu chego à frente, passando os dedos pelas letras gravadas do nome dela, *Vanessa Esther Westerly*, desejando poder limpar a sujeira junto com ela. Não há corpo real aqui; nunca foi recuperado após o “acidente” que a matou, mas eu venho aqui de qualquer maneira, o memorial de sua vida de alguma forma me fazendo sentir mais perto dela do que em qualquer outro lugar.

Meu estômago revira.

— Sinto sua falta — sussurro, olhando para qualquer um dos meus lados antes de me sentar. A grama está fria, mas me sinto o mais confortável possível, envolvendo os braços em volta dos joelhos dobrados olhando para a sua lápide.

Uma bola de tristeza se forma na minha garganta, dificultando engolir a dor.

— *O que você deveria ser?* — *Nessa ri, sacudindo a parte superior do meu chapéu pontudo.*

Eu sorrio para ela, a tinta verde na minha pele ainda está fresca quando jogo minhas mãos para os meus lados. — Uma bruxa, duh.

Ela sorri, os olhos observando minha roupa. Sei que não é muito, mas fiz tudo sozinha e tenho muito orgulho disso. Levou dias.

Ela coloca as mãos nos quadris. — Você é uma boa bruxa ou uma bruxa má?

Inclino minha cabeça para o lado, sem entender a pergunta. — O que você quer dizer?

— Bem ... você lança feitiços perversos contra seus inimigos ou usa seus poderes para o bem. Você sabe, para ajudar as pessoas. — Ela me olha de novo. — Boas bruxas normalmente usam branco. Pelo menos, é o que dizem.

Eu mordo a parte interna do meu lábio, minhas sobrancelhas franzindo absorvendo as palavras dela. Eu não tinha pensado em que tipo de bruxa eu queria ser. Honestamente, eu não sabia que havia escolhas. O constrangimento gira através de mim, imaginando se as pessoas vão me julgar se eu escolher errado.

Dorothy gargalha, entrando pelo hall de entrada, seguida de perto por nossa mãe. — De jeito nenhum ela é boa. Olhe para ela.

Os olhos de Nessa se estreitam e meu peito se torce quando vejo mamãe bajulando Dorothy, como sempre, e me ignorando completamente.

Eu torço meus dedos juntos, me virando nos pés, de repente me sentindo como se minha roupa caseira fosse estúpida. Especialmente ao lado de Dorothy, que está vestida com um vestido de baile rosa brilhante, com uma elaborada coroa de prata na cabeça e uma varinha mágica com uma estrela no topo.

— Uau. Quem você deveria ser? — Eu pergunto, maravilhada com a sua roupa.

O sorriso de Dorothy se alarga e ela gira em círculo, o vestido brilhando como ela. — Eu sou uma princesa de fadas, certo mamãe

Nossa mãe olha para ela, passando a mão pelas pontas dos cabelos perfeitamente enrolados de Dorothy. — Está certo, menina. — Ela olha para nós. — Ela não está ótima? Tínhamos a roupa especialmente feita.

Meus dedos torcem tanto que doem.

Nessa zomba. — Jesus, mãe.

— Glinda! — A voz do papai chega do corredor. — Entre aqui. Agora.

O sorriso da mãe cai e ela vira a cabeça para atrás antes de olhar para Dorothy. — Volto mais tarde. Você se diverte, doces ou travessuras, ok? Lembre-se do que eu te disse.

Dorothy assente, sorrindo, e nossa mãe se inclina para beijá-la na testa antes de virar e se afastar.

Nessa respira fundo, colando um sorriso e batendo palmas. — Ok, vamos agora antes que todos roubem todos os bons doces.

— Boa fantasia, Dorothy — sussurro quando passo ao seu lado, agarrando o balde preto em forma de caldeirão localizado no balcão da cozinha.

Ela torce o nariz, olhando além de mim para Nessa. — Eu estarei na frente. Fede aqui atrás.

Meu peito dói e olho para o chão.

Uma mão bate no meu ombro, o rosto de Nessa aparecendo. — Sabe? Eu definitivamente acho que você é uma boa bruxa.

Eu aceno, tentando segurar o soluço que quer se libertar. Eu engulo, olhando para o corredor vazio onde Dorothy desapareceu. Ela é tão estúpida, pensa apenas porque tem oito anos e é a favorita da mamãe que é melhor que todos.

Algo se torce escuro e pesado no meu peito, aquecendo meu corpo enquanto se espalha. Boas bruxas ajudam as pessoas, mas não tenho vontade de ajudá-la. Ou qualquer um, nesse caso.

— Não — digo, endurecendo minha coluna e olhando para o espaço vazio. — Eu sou má.

Esse foi o último Halloween que vi minha mãe. Antes de papai ir embora, ela decidiu que era boa demais para criar suas filhas sozinha.

Os passos se aproximam atrás de mim, e minha coluna endurece, me sacudindo da memória.

Eu venho aqui todos os domingos nos últimos sete anos, e ninguém *nunca* me seguiu. Ninguém se importava que eu desaparecia em primeiro lugar. Eles nunca fazem.

Zeke aparece ao meu lado e senta-se, cruzando as pernas.

Eu sopro um suspiro, agarrando uma folha caída e girando-a através dos meus dedos.

— O que, sem olá? — ele pergunta depois de um minuto de silêncio.

Eu encolho os ombros, mantendo meus olhos treinados no marrom e

dourados girando na minha mão.

— É por isso que você é a minha favorita — ele suspira, recostando-se nos cotovelos e esticando as pernas na frente dele. — Sem besteira.

Ele desliza um cigarro de trás da orelha e tira um isqueiro do bolso, acendendo a ponta e soprando um anel de fumaça no céu. — É aqui que você vem quando desaparece?

— Às vezes.

— Hmm — ele cantarola.

Ele fica quieto depois disso, apenas o som do vento acariciando as árvores e o papel queimado do cigarro, impedindo que ele fique em completo silêncio.

— Sabe — ele finalmente diz. — Eu vi Nessa algumas vezes, quando ela saía naquele iate ridículo com Oscar.

Náusea surge no meu estômago e na minha garganta ao pensar naquele barco estúpido. Eu fui uma vez e acabei tendo um ataque de pânico por estar na água, então nunca mais fui. Talvez se eu tivesse, ela ainda estaria aqui.

— Ela tinha um jeito dela, não tinha? — Ele sorri. — Todo cara estava meio apaixonado por ela naquela época. Inferno, a maioria das meninas também estava.

Ele ri, mas não consigo encontrar o humor, pois ele me lembra o quão mais sombrio o mundo é sem ela.

— Seu pai...

— Eu não quero falar sobre ele aqui. — Mordo tanto o interior do meu lábio que provo a pitada de cobre.

Ele assente, sugando outro trago e deita no chão. — Bem, isso é importante, e não sei se terei a chance de repetir, então apenas...

Tudo em mim quer dizer para ele calar a boca e sair. Eu quero estalar os dentes e gritar, como *ousa* ele o criou. Ele, o homem que não pode se incomodar em aparecer. Ele não merece ser reconhecido. Aqui não.

Mas é Zeke, e ele ... bem, ele é uma das únicas pessoas na minha vida que não me trata como se eu fosse diferente. Menos. Então, em vez disso, eu deito com ele, minha cabeça pressionando contra o chão duro, o cheiro de flores deixadas por outras almas de luto atacando meus sentidos.

— Seu pai tem sido bom comigo e é bom como o inferno no que faz — ele tenta novamente. — Mas um homem pode ser bem-sucedido e ainda falhar onde importa.

Meu peito aperta com força.

— Eu observo você, Evie, sabia? Você e esse coração sangrento. — Ele vira o rosto para me encarar. — Seu pai te ama ... e ele também a ama. — Ele aponta para a lápide de Nessa. — Ele simplesmente, não sabe como mostrar.

Meu nariz queima e enfio minha língua no céu da minha boca, tentando conter a dor que brota com cada palavra que ele diz.

Parece bom, mas é tudo besteira no final do dia. Zeke pode fingir que conhece a dinâmica de nossa família o quanto quiser, mas isso não muda como *me sinto*. Eu o olho do meu periférico, em vez de encontrar seu olhar. — Por mais que eu goste do vínculo

sentimental, podemos terminar.

Ele ri, cinzas do cigarro caindo em cima das juntas com cicatrizes.
— Sinto muito, por você ter perdido sua irmã, Evie. Acho que nunca te disse isso.

Eu engulo. — Foi há muito tempo.

Agora eu me viro para encará-lo, absorvendo a maneira como seus olhos estão entreabertos, sua juba de cabelos domada em um coque.
— Você pensa no seu pai, Zeke?

Suas feições se transformam em algo mais pesado. — O tempo todo.

— Você o amava?

— Pensei que tínhamos terminado com a merda sentimental — ele resmunga.

Eu levanto um ombro. — Mudei de ideia.

Ele leva o cigarro até os lábios, inalando antes de soprar outro anel de fumaça. — Ele era um idiota.

— Então, não?

— Sim, eu o amava. — Ele suspira. — Eu faria qualquer coisa para não acabar como ele, no entanto.

— Bem ...— eu paro, colocando minhas mãos em cima do meu estômago. — Eu faria qualquer coisa para ser um pouco como Nessa.

— Isso é uma vergonha. — Ele se senta então, olhando para mim.

— Se você fosse como ela, não haveria uma *você*.

Puxo um fôlego de suas palavras, gavinhas de desespero rompendo o chão e envolvendo meu peito, apertando até que meu coração pareça que pode explodir pela restrição.

Zeke fica de pé, tirando o pó da calça. — Até mais, Evie.

Ele se afasta então, e eu fico deitada no chão, aproveitando o silêncio.

Mas, pela primeira vez em anos, a solidão parece um pouco menos como conforto e um pouco mais vazia.

Capítulo 15

Nicholas



O motel nos arredores de Kinland é um buraco de merda, mas é o lugar mais discreto para Seth se instalar sem que eu precise viajar duas horas para fora da cidade.

A única fonte de luz no estacionamento escuro é de um poste tremeluzente e as lâmpadas amarelas escuras iluminando as passarelas. Estacionando meu carro, olho em volta para garantir que ninguém mais esteja aqui antes de sair e seguir para a última porta à esquerda, batendo duas vezes.

Há um leve cheiro de lixo da lixeira a alguns metros de distância que faz meu nariz torcer, e uma coruja pula de uma árvore à distância. Fora isso, e o zumbido constante de carros na rua, há silêncio, mas isso não impede que meu estômago vire enquanto eu

viro meu olhar atrás de mim mais uma vez, apenas para garantir que não fui seguido.

A porta se abre, o rosto cansado e desgastado de Seth me cumprimentando. Ele é uma visão bem-vinda e caminha para o lado para eu entrar antes de fechar a porta novamente atrás de mim. O quarto em si não é nada de especial, uma cama no centro, um pequeno sofá marrom-escuro no outro e mesas montadas com monitores de computador e equipamentos de gravação; o suficiente para me informar que ele não está vigiando aqui sozinho.

Há xícaras de café vazias espalhadas pelas bancadas e recipientes brancos para viagem a sala com o cheiro de comida chinesa.

Enquanto eu estava espionando, eles estavam recebendo.

— Mais alguém aqui? — Eu pergunto, olhando em volta antes de ir para o sofá e me sentar.

Seth balança a cabeça, passando a mão sobre a barba, mas ele não fala, e sua atitude me pega desprevenido, enviando ansiedade picando pelo meu interior. Eu dispenso, imaginando que ele está cansado, da mesma maneira que eu.

— Há um lance acontecendo amanhã à noite.

Seth pega sua caneca no final da mesa e se move para sentar do outro lado do sofá, levantando uma sobrancelha. — Do que?

Eu encolho os ombros. — Nenhuma pista. Eles não disseram o que era, apenas que deveríamos estar lá para buscá-lo.

Ele assente, tomando um gole da xícara. — Você não pensou em perguntar?

Seu tom é acusador, e ele voa pelo pequeno espaço entre nós e me bate no centro do meu peito. Minha ira aumenta. — Eu realmente não estou em posição de fazer muitas perguntas, Seth. Posso estar lá, mas ainda não sou ninguém, sabe? Perguntas matam pessoas.

Ele balança a cabeça novamente, com os olhos olhando para os meus. — Certo.

A irritação acende meu interior. — Tudo bem?

— Você me diz. — Ele levanta um ombro.

Eu jogo minhas mãos para cima. — Ok, bem, não tenho tempo para isso. Se você ouvir o áudio de ontem, ouvirá sobre a entrega por si mesmo.

Batendo minhas mãos nos joelhos, começo a ficar de pé, mas pauso quando ele fala novamente.

— Oh, eu ouvi o áudio. Pena que se foi agora.

A respiração grita dos meus pulmões. — Que porra você quer dizer, se foi?

Rindo, ele coloca sua caneca na mesa de café, enfiando dois dedos em sua têmpora. — Pense por um segundo, Nick. O que poderia ter acontecido que me fez sentir que era necessário “perder” evidências?

— Eu disse para você não me chamar assim — eu estalei.

Imediatamente depois de dizer isso, uma pontada bate no meu peito, percebendo o quanto pareço Eveline.

Gemendo, eu corro minhas mãos sobre meu rosto. — É isso que fazemos agora, Seth? Conversamos em enigmas?

Ele franze a testa. — Mano. Eu sei que você não é estúpido.

— O que? — Repito, ficando irritado.

— Deixe-me colocar uma merda para você — diz ele. — Esta manhã eu vim aqui e olhei por cima de tudo o que foi transmitido pelo seu fio ontem à noite. — Ele aponta para a corrente de prata em volta do meu pescoço. — E houve uma boa merda, cara. O melhor que conseguimos até agora. Eveline Westerly? Ela é uma escória.

Meu estômago revira.

— E então, eu tive que excluir metade disso, porque você não pode manter seu pau na calça.

Todo músculo do meu corpo congela, o constrangimento surge no meu interior, porque como eu poderia ser tão estúpido?

Seth passa a mão sobre a boca e desce a barba curta. — Então, depois de analisar todas as situações na minha cabeça, decidi que não havia chance de Galen ver isso e *não* acho que você está muito fundo. Então, eu limpei. Para você. Cobri *suas* costas.

Respiro profundamente, tentando conter a náusea que está se formando no meu intestino. — Escute, Seth.

Ele balança a cabeça. — Preciso que você me diga, honestamente, que sabe o que está fazendo.

Minhas sobrancelhas disparam para cima e uma parede de defesa bate dentro de mim, porque, independentemente de eu estar

fodendo Eveline ou não, tenho certeza que não preciso que ele questione minhas habilidades. — Você está dizendo que eu não estou fazendo meu trabalho, Seth?

— Estou dizendo que você fodendo a filha de Farrell Westerly em cima de uma pilha de dinheiro sujo não está exatamente me fazendo ter confiança, você sabe o que diabos está fazendo, sim?

Eu limpo minha garganta, minha mente está acelerada sobre como consertar isso. — Quantas vezes eu segurei um caso? — Eu pergunto.

— Nunca, mas...

Eu levanto uma mão, cortando-o. — Certo, nunca. E agora, de repente, você acha que estou perdendo dentro de algumas semanas? Me dê um crédito, cara.

— Você está colocando nós dois em risco com essa merda. Você sabe em quantos problemas eu estaria se soubessem que eu limpei as evidências?

— Eu não pedi para você fazer isso — respondo com cuidado. — Ela está *envolvida*, claramente, como você pode ver. E obtivemos as informações de que precisávamos, não é? Temos casos de coerção e lavagem de dinheiro acumulando mais rápido do que podemos piscar.

Seth franze seus lábios. — Nós dois sabemos que esse não é o objetivo aqui. Não é suficiente. Nós queremos o fornecedor.

Eu passo em frente, colocando minha mão no ombro dele e encontrando seus olhos. — Ela é nossa, Seth. É ela quem pode nos fornecer as informações. E se eu tiver que transar com ela para que confie em mim, é isso que farei.

Ele está quieto e, a cada segundo que está, a culpa se espalha pelo meu peito, camada após camada até ficar pesado e grosso.

Finalmente, ele solta um sorriso. — Você é um bastardo sem coração, cara.

Eu encolho os ombros, forçando um sorriso fraco.

Não foi por isso que eu a fodi. Mas não estou mentindo agora. No final do dia, Eveline é o inimigo.

Não é minha amiga.

Não é minha amante.

Não é minha qualquer coisa.

Capítulo 16

Nicholas



Há um armazém abandonado no meio de Kinland. Pelo menos, para olhos desatentos *parece* como se estivesse abandonado. Estando aqui agora, está claro que não é o caso.

Liam, Zeke e Farrell estão todos aqui, juntamente com alguns outros associados de nível inferior que eu já vi de passagem, mas ainda não conheci. Um deles nem está em nossos arquivos, e eu tomo uma nota para tentar descobrir mais sobre ele mais tarde. Mas agora, isso não importa.

O que importa são as caixas de armas me encarando e fazendo meu coração bater do meu peito.

Putá merda.

Está escuro aqui fora, as estrelas e o feixe dos faróis de nossos carros são a única fonte de luz e Zeke sorri, abrindo a parte de trás do SUV. — Vamos lá, rapazes, não vão se mexer.

Eu me inclino para Liam. — Estamos no negócio de armas agora?

Ele me olha de lado, mas não responde. Claramente, ainda não superou a outra semana.

— Precisamos checá-las, Skip? — ele pergunta, levantando a parte superior de uma das longas caixas de madeira e espiando por dentro.

Farrell ri, empoleirado contra o pára-choque de seu carro, bufando em um Black & Mild. — Eles são bons.

Zeke sorri. — Vamos carregá-las.

Olho em volta, o telefone queimando no bolso enviando ansiedade correndo por mim. Meus caras sabem que estamos aqui hoje à noite, mas estávamos sob a suposição de que isso seria drogas. Não *armas*. Passamos as informações para o DP² local, esperando que uma apreensão rápida agitasse algumas coisas, talvez conseguisse falar sem que eles soubessem que têm a atenção da DEA.³ Mas a cada segundo que o DP não aparece, minha ansiedade diminui.

Um telefone toca e Farrell arrasta o celular para fora, uma nuvem de fumaça girando ao seu redor enquanto ele olha para o que está na tela. Seu rosto muda e sua cabeça se vira, seus olhos saltando de um cara para o outro.

Meu estômago revira.

— Apresse-se — ele se exalta. — Temos companhia. Dez minutos para dar o fora.

Meu coração pára, caindo no chão. Existe ... ele tem uma conexão no DP?

Claro que sim.

Pego uma das caixas, meus músculos queimam enquanto a carrego para a parte de trás do SUV e a carrego no porta-malas, meus olhos examinando a área a cada poucos segundos, preparado para a polícia aparecer. As armas são pesadas e desajeitadas como o inferno, mas isso me dá algo a fazer além de focar no fato de que, de alguma forma, Farrell sabe que os caras estão a caminho.

— Companhia? — Eu pergunto, passando minha mão pelo meu cabelo.

Farrell caminha até mim, descansando uma mão no meu ombro, com os olhos penetrando olhando diretamente para os meus. — Você e essas perguntas. — Ele sopra seu charuto antes de deixar a fumaça soprar na minha cara. — Assim como minha mãe, sim? Sempre *tantas* perguntas.

Sangue corre pelas minhas veias, meus dedos se contorcendo enquanto debato se preciso puxar minha arma. Eu engulo, encolhendo os ombros. — Apenas tentando ser o melhor no que faço, Skip.

— Hmm. — Seu aperto aumenta. — Conhecimento é poder e tudo isso?

— Exatamente. — Eu sorrio.

Ele traz o Black & Mild para a boca novamente e sorri ao redor, com os dentes mastigando a ponta filtrada. — Bom homem. Agora cale a boca e carregue minha merda. — Girando para longe de mim, ele gesticula em direção ao carro. — Zeke, vamos lá. Agora.

Meus músculos estão congelados no lugar, meu coração batendo contra minhas costelas.

Jesus Cristo.

Zeke olha para nós, uma perna já no lado do motorista do carro de Farrell. — Se você for puxado, eu mesmo mato você.

Seus olhos encontram os meus e se mantêm por apenas um segundo a mais. Eu mexo no queixo, esperando que ele tenha uma sensação de segurança, que eu definitivamente não sinto. Porque a verdade é que, embora eu queira garantir a segurança de Zeke, não posso. Não quando eu não posso nem garantir a minha.

Observo como as luzes traseiras vermelhas desaparecem à distância, passando por uma colina até sumirem completamente.

— Que porra você está fazendo? — Liam grita. — Venha aqui e ajude. Pelo amor de Deus, é como se você não tivesse sentido na cabeça.

Meu coração martela no peito e eu giro, percebendo que ainda há uma dúzia de caixas no armazém, mas os meninos pararam de carregar. Um deles bate o porta-malas e corre para a porta lateral do motorista.

Liam tem uma lata de gasolina com a qual está correndo em direção ao armazém.

De onde diabos isso veio?

Ele começa a derramar a gasolina ao longo do perímetro, mergulhando nas áreas gramadas. Fico parado, minha mente acelerando enquanto tento descobrir como posso impedir que isso aconteça.

Olho para trás, esperando como o inferno que vejo carros chegando na curva, mas não vejo.

Liam se aproxima de mim, limpando a testa suada com a manga do braço. Então, ele me joga uma caixa de fósforos. — Acenda para mim, sim?

Olho para os fósforos e para o armazém antes de encontrar os olhos de Liam. — Mas ainda há caixas.

— Custo de fazer negócios com ratos, hein? — Ele encolhe os ombros.

Porra.

Se o armazém queimar, queima todas as evidências. Mas se eu não ... eu encontro os olhos de Liam.

— O que há de errado, novato? — Ele sorri, seus olhos calculando quando me acolhem. — Nervoso?

Puxo os fósforos e corro para o prédio, batendo-a contra a caixa e jogando-a na grama que reveste o perímetro.

Imediatamente, pega fogo.

Virando-me, corro de volta, o SUV já saindo do estacionamento,

cascalho voando por baixo de seus pneus. Liam está em seu carro, acelerando o motor. Meus pulmões queimam quando corro para o lado do passageiro e deslizo, exatamente quando ele começa a se afastar.

Chamas e fumaça surgem atrás de nós e partimos antes que haja uma dica dos meus caras em cena.

Mas eu já sei o que eles encontrarão.

Absolutamente nada.



Duas horas mais tarde e estamos no porão do The Yellow Brick, o silêncio pesado pressionando tudo ao nosso redor. Todo mundo está no limite, inclusive eu, mas não posso deixar de minha mente vagar. Farrell está sentado à mesa exata em que eu fodi sua filha duas noites atrás. E eu não a vejo desde então.

— Eu quero saber — começa Farrell, com a voz baixa e letal. — Quem, *porra*, avisou a polícia? Quem é estúpido o suficiente para não perceber que tenho olhos e ouvidos em todos os lugares?

Ninguém diz uma palavra.

Farrell dispara de seu assento, batendo o punho na madeira. — Ninguém tem nada a dizer?

Liam me olha do outro lado da sala, e a ansiedade gira em torno do

meu peito e aperta, fazendo meu coração bater duas vezes mais.

A porta do porão se abre, o som de saltos estalando nas escadas, mas mesmo que eu não pudesse ouvir os passos dela, saberia que Eveline estava aqui. Por mais estúpido que pareça, juro por Deus que posso senti-la.

Ela passa por mim e segue direto para o pai, nem mesmo me poupando um olhar.

— O que aconteceu? — A voz dela é afiada.

— Uma porra de *rato*, foi o que aconteceu — cospe Farrell.

Suas sobrancelhas se erguem e ela olha pela sala, seu olhar permanece no meu, e *caralho* meu estômago revira do jeito que acontece.

De repente, há metal frio pressionado contra minha testa, fazendo minha temperatura subir e meus músculos tensos.

Olho para Liam, sua arma empurrando minha pele. — Tire sua porra da arma da minha cara.

Ele ri. — Sem chance, novato. Não até você provar que não é você.

Deitando na minha cadeira, sorrio, embora a bÍlis provoque a parte de trás da minha garganta. — Eu não tenho que provar *merda* nenhuma para você.

Farrell senta-se à frente, com os olhos afiados quando pousam em mim, e eu já sei que, por nossa interação anterior no armazém, ele não ajudará.

Eveline cruza os braços, olhando preguiçosamente para o local, como se não pudesse se importar menos que alguém estivesse a dez segundos de empurrar uma bala no meu cérebro. Provavelmente, ela deseja que seja ela quem faça isso.

— Você espera que acreditemos que você aparece e de repente temos um vazamento? — ele cospe, pressionando sua arma contra mim com mais força.

Minha cabeça se inclina para o lado da força e eu me afirmo. — Muito defensivo para alguém que não tem nada a esconder, Liam. Como sabemos que não é *you*?

Meus olhos encontram Zeke do outro lado da sala, onde ele se inclina contra a parede com os braços cruzados e a mandíbula tensa, sem dizer uma palavra.

Ele está nervoso.

— Não é ele. — A voz de Eveline é nítida e forte.

— Claro que não sou eu — diz Liam.

— Não *you*, idiota. — Os olhos de Eveline se estreitam e ela acena uma mão em minha direção. — Não é *ele*.

As narinas de Liam inflam.

— Como você sabe, Bug? — Farrell pergunta.

Ela caminha até mim, seu olhar segurando o meu, e mesmo nessa situação fodida, meu estômago vira quando ela me olha. Ela inclina a cabeça enquanto fica ao lado de Liam, cuja arma está *ainda*, pressionada contra minha cabeça.

Eu sorrio para ela.

Ela franze a testa em resposta. — Eu já o verifiquei. Ele é quem diz ser. Além disso, eu o segui por semanas.

Meu peito torce, surpresa correndo sobre mim. *Que porra é essa?*

De jeito nenhum ela está me seguindo. Se ela tiver, saberia que eu estava naquele motel e, se sabe disso, por que ela estaria dizendo que eu *não* sou o rato?

— Liam — ela continua. — Eu sei que ele machucou seu ego na outra noite, quando vocês brincaram de 'cujo pau era maior', mas você não pode matar um de nossos caras só porque não gosta dele.

Ele ajusta o controle da arma, o metal batendo sob o aperto. — Ele é o rato, Evie. Estou dizendo a você.

Eu a vejo deslizar a mão na coxa antes que mais alguém o faça, e em alguns segundos ela tem sua Desert Eagle pressionada sob o queixo dele.

— Ele não é — diz ela calmamente.

Seus olhos se voltam para ela. — Sério, Evie? Você me conhece todos esses anos e defende esse cara?

Ela sorri, destravando a segurança.

— Liam — Farrell intercepta. — Encontre todos os filhos da puta que sabiam o que estava acontecendo hoje à noite e os traga para mim. — Ele olha para Eveline. — Você conseguiu aquela coisa chique que seu amigo misterioso, certo? Aquele que procura fios? Traga.

Meu interior enlouquece, a ansiedade come através de todos os tendões. *Uma coisa que procura fios? Como diabos?*

A mandíbula de Liam aperta, o braço tremendo enquanto ele mantém a arma apontada para minha cabeça. Eu mantenho contato visual, mesmo que tudo em mim queira olhar para Eveline. Para ver como ela é sexy enquanto defende minha honra diante de um homem que ela conhece há anos.

Meu estômago rola, sabendo que não mereço.

Finalmente, ele larga a arma e Eveline dá um passo para trás, girando em direção ao pai. Um brilho maniaco entra em seus olhos e *minha* Eveline desaparece em um segundo.

E assim, lembro que ela não está do meu lado.

Capítulo 17

Eveline



— Eveline.

A voz de Brayden roça minha pele e eu acelero para tentar superá-lo. Estou quase no meu carro e, se puder dar mais alguns passos, estou em casa livre.

É o meio da noite, então ninguém mais está aqui além dos meninos no porão, mas não quero ficar por aqui até que eles precisem de mim. Já estou no meu limite de “brincar” e estou desesperada por alguma solidão depois dos últimos dias de não fazer nada, exceto estar perto de outros.

— Espere, Eveline — diz Brayden novamente.

Claro, ele está me seguindo. Quando ele *não* está me seguindo? E o que diabos eu estava pensando em defendê-lo dessa maneira? Além disso, eu menti. Sem pensar duas vezes, eu disse que o seguia, o que não é verdade. Mas foi isso ou levantar mais perguntas sobre como eu sei, e nunca colocarei Cody em suas mãos sujas e gananciosas.

Não posso dizer que minha moral é honesta, mas eu *sou* leal a uma falha se você merece. É que a maioria das pessoas não merecem.

Meus dedos alcançam a porta lateral do motorista do meu carro e estou a dois segundos de escapar quando a mão dele agarra meu braço, me girando.

Ótimo.

— O que? — Eu assobio, empurrando-o no peito.

Ele me libera, mas não se retira, optando por ficar no lugar e me prender. — Só queria dizer obrigado.

Movo meu rosto para o lado, precisando me afastar da intensidade de seu olhar. Não tenho certeza se é mais potente hoje à noite do que o normal ou se são os efeitos posteriores de estar intimamente familiarizada com o seu pau, mas de qualquer maneira, olhá-lo nos olhos desperta emoções que prefiro enterrar.

— Agradecimentos *não* aceitos. Posso ir agora?

Ele pressiona mais perto até que seus quadris me prendam inteiramente à porta. Meu estômago está tenso, o calor queimando entre as pernas.

— Você realmente me checkou? — ele pergunta.

Quando ele está tão perto, é impossível não cheirar a canela e o pinheiro e, a cada inspiração, a excitação cava ainda mais suas garras sujas em mim. É indesejado e não faz nada, exceto me irritar que estou sentindo isso em primeiro lugar.

Eu levanto uma sobrancelha. — O que você acha?

Sua língua passa pelo lábio inferior. Eu acompanho o movimento, minha boceta latejando com o movimento simples, lembrando a sensação quando ele estava lambendo meu clitóris.

— E você está me seguindo? — Sua testa se eleva nisso, como se ele não acreditasse.

— Você pode realmente me culpar? — Eu empurro minhas mãos contra o peito dele novamente.

Ele alcança e agarra meus pulsos, puxando-os para que fiquem travados em suas mãos e os move até ficarem presos acima da minha cabeça. Ele se inclina, deslizando o nariz para o lado do meu pescoço, fazendo arrepios se espalharem pelo comprimento da minha coluna.

Meus olhos tremulam fechados.

— Agora quem é a perseguidora? — ele sussurra.

— Eu te odeio — eu sussurro.

— O mesmo por você, querida. Mas claramente meu pau não, porque não importa o quanto você seja uma vadia, ou quantas vezes eu digo para ficar longe, é sempre aqui que acabo.

Ele empurra em mim, e eu mordo meu lábio para não gemer com a

sensação de seu pau grosso pressionando contra mim.

— Alguém vai ver.— Torço meus pulsos nas suas mãos, tentando novamente escapar. O atrito faz com que uma queimadura se espalhe pela minha pele, e seu aperto se intensifica.

— E? — Ele ataca meu pescoço, sua língua correndo ao longo da extensão da minha garganta. Meu clitóris pulsa, desesperado por ele fazer isso na minha boceta, em vez de me torturar. — Aposto que você me deixaria subir sua saia e abaixar sua calcinha aqui, não é?

Minhas pernas tremem. — Não.

Ele lambe minha orelha. — Eu poderia dobrar você sobre o capô do seu carro e deslizar meu pau dentro de você, exatamente onde todos podem ver.

Minha cabeça recua quando ele morde logo abaixo da minha mandíbula, minha cabeça batendo contra a janela.

— Você estaria tão pronta para mim, não estaria, garota bonita? Sua boceta doce me chuparia e me ordenharia, independentemente de quem pudesse passar. — Uma de suas mãos solta meus pulsos e se move para cobrir minha garganta, apertando a menor parte. — Você ainda me odiaria então? — ele continua. — Quando estou enchendo sua boceta carente com meu esperma, e você está vendo estrelas do prazer.

Minha respiração trava, meu estômago cambaleando com suas palavras sujas. Nas imagens que ele cria na minha cabeça. Seria *tão* bom tê-lo bombeando dentro de mim, me fazendo agarrar seu pau enquanto ele gemia no meu ouvido, sem se importar com o fato de estarmos no meio de um estacionamento muito público.

Mas, independentemente do que ele faça comigo fisicamente, isso não significa que eu goste de tê-lo por perto. Ou que é uma boa ideia entrar no que ele oferece.

Viro a cabeça um pouquinho e sussurro: — Eu ainda te odiaria se você fosse a última pessoa na Terra. E eu não te foderia de novo, mesmo que você tivesse uma faca na minha garganta. Eu escolheria a morte. Toda vez.

Seu corpo congela, suas ministrações param.

— Agora saia de cima de mim — eu forço a sair.

Eu empurro contra o seu aperto novamente, e desta vez ele me deixa ir, seus olhos vazios de qualquer emoção.

Ele balança a cabeça. — Tudo bem, você venceu. Não vale a pena. *Você* não vale a pena.

Meu peito dói, mas eu o deixo ir embora, porque não quero que ele fique.



Tijolos são feitos para caminhos,

No entanto, de alguma forma, estamos sempre quietos.

Se não há nada para nós no agora,

Então eu sei que nunca haverá.

Você pertence aqui em cima na luz,

e eu, em papoulas lá embaixo.

Talvez um dia nos encontremos novamente,

Do outro lado de um arco-íris.

O riso flui do corredor e eu fecho meu caderno na ilha da cozinha, assim que Dorothy entra com um sorriso brilhante colado no rosto.

Brayden segue logo atrás.

Ela não me nota, tagarelando sobre algo inconsequente, mas os olhos de Brayden encontram os meus imediatamente, como se fôssemos duas pontas de um ímã, reunidas à força.

O ar fica espesso e eu aperto a borda do balcão.

Dorothy para de falar a meia-sentença quando segue o olhar dele.

— Evie — diz ela, sorrindo finamente.

— Onde você esteve? — Eu pergunto, inclinando minha cabeça.

Ela nunca esteve fortemente envolvida no lado sombrio de nossas relações, nosso pai se certificando de que ela fique fora de perigo, mas ela *está* geralmente em torno de mais do que tem sido ultimamente.

— Ocupada — ela corta. — Alguns de nós têm coisas a fazer além de ficar sentados o dia todo e sonhar acordado em cadernos. Por

quê? De repente, começando a se importar?

Eu encolho os ombros. — Apenas curiosa.

Mas eu me importo, porque na maioria das vezes, hoje em dia, ela estar ocupada significa que nosso pai a envia em recados sobre os quais não sei nada. Faço uma anotação mental para ficar de olho nela.

Brayden ri e eu estreito meu olhar para ele. — Algo engraçado, perseguidor?

Ele passa a mão sobre a boca, sufocando o sorriso. — Apenas o pensamento de você se importar com qualquer coisa.

Inclino a cabeça, irritação subindo pela garganta e instalando pesado na língua. — Eu me preocuparia mais com sua propensão a pular de um brinquedo para o outro e menos com quanto *eu* me preocupe com minhas coisas.

No segundo em que as palavras passam pelos meus lábios, sei que são um erro, mas é tarde demais. Eu deixei minhas emoções sangrarem no momento.

Estúpida.

Seus olhos escurecem.

— Uau. Vocês realmente se sentiram mais à vontade um com o outro desde que eu fui embora — diz Dorothy, uma pitada de ciúmes tingindo as bordas de sua voz.

— Não se preocupe. — Eu sorrio. — Ele ainda pode ser seu cachorrinho, Dorothy. Não estou interessada em treinar novas

cadelas.

Ele sorri, descansando os cotovelos contra o balcão.

Dorothy levanta uma sobrancelha perfeitamente bem cuidada. — Você precisa de treinamento, Brayden?

— Isso depende — ele analisa. — Se eu te fizer uma bagunça, você vai esfregar meu nariz nele?

Ela cora tão ferozmente que estou surpresa que ela não desmaie, e eu reviro os olhos, odiando a maneira como meu peito se aperta. — Você é nojento.

Ele ri. — Sim, querida, está bem claro que você me odeia. Entendemos.

Pego meu caderno, segurando-o contra o peito, e seus olhos caem sobre ele.

— O que é isso? — ele pergunta.

— Evie escreve juras de *amor*. Isso não é fofo? — Dorothy ri, cobrindo a boca com a mão.

Suas sobrancelhas se levantam. — Oh? Procurando amor, menina bonita?

Meu coração titubeia com sua declaração, aquela que ele só me chama quando estamos sozinhos, e o sorriso de Dorothy cai imediatamente, a energia na sala se transformando em algo mais sinistro.

Eu ignoro a mudança.

— Talvez eu esteja procurando alguém para amaldiçoar. Você é voluntário?

Ele enfia os polegares nos bolsos da jaqueta de couro e balança de volta nos calcanhares. — Talvez.

— Ugh — Dorothy geme alto. — Estou entediada. Isso é chato. — Ela se vira para Brayden, cujo olhar está queimando em mim tão intensamente que parece que ele está marcando minha alma. — Quer assistir a um filme?

Ele finalmente deixa cair o olhar e olha para ela, mexendo nos pés e arranhando a nuca. — Eu ... na verdade não posso. Fui convocado pela bruxa malvada aqui. — Ele joga um polegar para mim.

Normalmente, eu lutaria, mas a maneira como a inveja gira através das feições de Dorothy me faz morder a língua. Além disso, é verdade. Preciso que ele vá comigo para verificar alguém.

— Desculpe, sorte sua — diz ela, torcendo o nariz. — Papai quer que eu faça algo por ele de qualquer maneira. Você sabe ... coisas de negócios.

A irritação percorre meu peito com o fato de papai fazê-la fazer alguma coisa, *novamente*, e não sei o que é de antemão. Ou talvez ela esteja mentindo apenas para me dar uma reação. Com Dorothy, você nunca pode ter muita certeza.

— Eu chamo você — diz Brayden de repente. — Uma vez que terminar de fazer as minhas *obrigações*, eu vou te pegar para um lanche tarde da noite. Você pode me contar tudo sobre o seu dia e seu importante 'negócio'.

Seu rosto acende e a raiva inunda através de mim como uma represa rompida.

Fecho os olhos quando a raiva faz minhas mãos tremerem e conto de volta.

Dez, nove, oito...

Capítulo 18

Nicholas



Olho para Eveline, mil perguntas diferentes na ponta da minha língua, mas sem saber como fazer nenhuma delas. Posso dizer que ela está chateada e gostaria de assumir que é porque estava flertando com a irmã dela, mas é mais do que provável que seja porque ela é apenas uma pessoa infeliz que não suporta ficar perto de mim.

Ela deixou mais do que claro onde estamos, e por mais divertido que seja irritá-la, manter nossa distância é o melhor. Tanto pela minha sanidade quanto pelo meu trabalho. Posso fingir que estou usando-a para obter informações o quanto eu quiser, a verdade é que há algo nela que me deixa louco.

Sua irmã é fácil e estará muito disposta a compartilhar todos os

segredos que ela conhece.

Mas nada disso muda o fato de eu ainda estar preso como a sombra de Eveline no futuro próximo.

Olho para ela novamente quando paramos em um sinal vermelho.

— O que realmente está no caderno? — Pergunto, em parte por curiosidade e em parte porque estou tentando avaliar se é algo importante que devo tentar colocar em minhas mãos.

Ela suspira, passando a mão pelo cabelo. — Poesia.

Surpresa nada através de mim, minhas sobrancelhas disparando.
— Quem é o seu favorito?

— Eu gosto dos clássicos.

— Hmm. — Eu aceno. — Ela mora com a beleza. Beleza que deve morrer; e alegria, cuja mão está sempre em seus lábios. Adeus; e prazer dolorido próximo, transformando-se em veneno enquanto a boca da abelha toma um gole.

Ela pisca, a boca se separando.

— O que? — Eu sorrio, virando à esquerda em uma rua lateral que leva a Kinland Heights; um dos bairros mais difíceis da cidade. — Você não sabe?

— Não, eu ...— Ela balança a cabeça. — Eu sei. Keats é o meu favorito, eu apenas ... como *você* sabe?

— Eu sei muitas coisas, querida. — Eu pisco.

Os lábios dela se franzem. — Bem, palavras *bonitas* não me impressionam. E nem sua pobre tentativa de evitar conversas reais.

Meu aperto aumenta no volante e uma dor aguda gira através de mim. — Minha mãe gostava de poesia.

O buraco no meu peito dói quando digo as palavras e nem sei *por que* eu estou dizendo elas. Eu não falo sobre minha mãe. Nunca. E especialmente não com alguém que é a personificação viva de por que eu não a tenho mais.

— Oh, — ela sussurra. — Ela está morta, certo?

— Quem sabe, — eu rosno.

Ela inclina a cabeça, os lábios franzindo. Eventualmente, ela diz: — Você está com raiva dela.

Meu estômago revira. — Não, eu ... eu não sei o que sinto. Não sinto mais nada, para ser sincero. Foi há muito tempo.

Ela levanta um ombro. — Minha mãe também foi embora há muito tempo e eu seria a primeira pessoa na fila a cuspir em seu túmulo.

Meus lábios se contraem. — Minha mãe teve problemas. Ela não estava por perto e, quando estava, estava doente.

Droga doentia, mas não adiciono esse pedaço de informação.

Eveline descansa a cabeça contra a janela do carro, e não sei se isso significa que ela está ouvindo ou não se importa, mas agora que comecei a falar, não quero parar. A memória surge do meu interior e se reproduz como um filme; tão potente e visceral que é como se estivesse acontecendo na minha frente.

— Ela tinha essa coleção de livros antigos. Eles eram pequenos, vermelhos e deformados nas bordas. Eu nem sei onde diabos ela os conseguiu, mas quando eu era pequeno, ela se esgueirava para o meu quarto no meio da noite e os lia para me ajudar a dormir.

Eu estaciono o carro na rua lateral alinhada com pequenas casas desgastadas, envoltas em cercas quebradas de arame. — Quando fiquei mais velho, e ela parou de aparecer, não sei ... acho que eles me ajudaram a me sentir perto dela ou algo assim. É estúpido.

Ela atravessa o console, juntando nossos dedos, o metal de seus anéis esfria contra a minha palma. — *Não* é estúpido.

Meu peito palpita com batidas incertas enquanto olho para a mão pequena e para o jeito que ela se encaixa tão perfeitamente na minha.

— Eles confortaram você — afirma ela.

Ela está me confortando. Eu engulo em volta do nó na garganta. — As palavras eram minha calma em uma vida cheia de caos.

Um sorriso bonito se espalha pelo rosto e a visão dele tira a respiração dos meus pulmões. — Minha também.

Minha mão dispara antes que eu possa pensar duas vezes, e eu espalmo a mandíbula dela, meu polegar esfregando no lábio carnudo, faíscas voando pelos meus dedos. — Jesus, menina bonita. Você pode arruinar vidas com um sorriso assim.

O sorriso dela cai quando ela olha para mim, e meu coração bate contra minha caixa torácica com tanta força que juro que está tentando se libertar e cair em seus pés.

Cerro os dentes, irritado com a sensação indesejável.

— De qualquer forma. — Eu tiro minha mão. — Eu realmente não gosto de falar sobre isso.

Minhas palavras são duras, mas tem o efeito desejado, o seu rosto se moldando de volta aos ângulos agudos de uma garota rabugenta de temperamento curto. — Bom, porque eu não sou sua maldita terapeuta.

— Graças a Deus por isso. — Eu rio.

Ela cruza os braços.

— Você sabe, você é um verdadeiro trabalho — lati, raiva pingando no meu sistema como lava queimando através da rocha.

Ela agarra o cabelo e depois bate nas coxas com as mãos. — Eu nem estou *fazendo* nada. Puta merda, e as pessoas dizem que *eu* tenho mudanças de humor?

— Oh, pelo menos você sabe que é psicótica.

O ar afina.

Ela sorri maníaca. — Ok.

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer com ‘ok’?

Ela não responde, apenas desliza as palmas das mãos pela saia esvoaçante que ela sempre usa e pula para fora do carro, marchando em direção à pequena casa no final da rua.

Fechando os olhos, expiro pesadamente e bato o punho no volante.

— *Porra.*

Saindo, corro atrás dela, não querendo que entre em uma situação da qual ela talvez não consiga sair. Mas eu não deveria ter me preocupado, porque quando finalmente me adianto, ela já está dentro de casa, um cara de joelhos no centro da sala, sua arma gigante pressionada contra a cabeça dele.

E talvez se ela não me deixasse tão louco, eu perceberia que cometi um erro.

Porque, embora seja verdade que não sei se minha mãe está viva, a mãe de Brayden Walsh morreu de câncer.

Capítulo 19

Eveline



Cillian é um dos nossos traficantes de drogas. Ele não é alto o suficiente para acessar meu pai ou fazer negócios diários, mas ele é o priminho de Liam, e com Liam agindo incrivelmente nervoso ultimamente, achei que era um bom momento para fazer uma visita a ele. Apresentar-me e verificar se não há nada engraçado sobre o qual precisamos saber.

Entro na porta sem bater - o idiota a mantém destrancada - e vou direto para Cillian, que pula do sofá sujo, com o jeans folgado praticamente caindo pelas pernas.

A raiva pulsa nas minhas veias da minha luta com Brayden e eu a uso para me alimentar, sabendo que normalmente eu não iria tão forte, mas não encontrando em mim para me importar.

—Olá, Cillian. Bom lugar que você tem. — Trazendo minha perna, eu chuto seu joelho até ele cair no chão e pressiono minha arma na cabeça.

— Que *porra*? — ele grita.

— Cale a boca — eu sibilo, empurrando-o mais forte para a têmpora dele.

Do canto do olho, vejo Brayden correndo pela porta atrás de mim e meu sorriso se alarga quando ele entra em cena.

A casa em si não é nada de especial. Um sofá velho com um cobertor marrom jogado nas costas e mesas incompatíveis que têm lâmpadas sem luz. Há uma pequena cozinha à esquerda e uma pequena mesa circular de café da manhã diretamente em frente a ela, onde uma mulher se senta, a boca aberta observando o que está acontecendo. Meus olhos examinam a sala, percebendo pela primeira vez os tijolos de heroína. *Minha* heroína, aberta e sendo reembalada.

Inclino minha cabeça, surpresa fluindo através de mim. — Brayden, seja legal e vá me dizer o que está nessa mesa.

Brayden segue meu olhar e caminha, com os músculos da mandíbula apertando quando vê de perto. Ele estende a mão, agarrando o celular localizado ao lado da mulher e colocando-o no bolso. — Apenas no caso de você ter alguma ideia. — Ele pisca para ela.

— Diga-me que não é o que eu acho que é — eu digo. — Diga-me que não está diluindo o pó e marcando como nosso?

Brayden estala em sua língua. — Não posso te dizer isso, querida.

Olhando para Cillian, com o cabelo loiro emaranhado na testa. — Alguém foi um garoto travesso.

— Vá se foder. Quem diabos é você? — ele cospe.

— Oh, apenas sua residente *psicopata*. — Eu sorrio. — Não está certo, Brayden?

Brayden geme, seu rosto inclinando-se de volta para o céu. — Cristo, você ainda está nisso? Podemos nos concentrar, por favor.

Eu encolho os ombros. — Estou perfeitamente focada.

Cillian estica as mãos e tenta agarrar meu pulso, e eu o trago de volta rapidamente antes de bater na lateral da cabeça. Ele desmorona, batendo no chão de madeira com uma rachadura, e eu movo minha perna, colocando meu calcanhar na carne do lado dele. Sinto isso pressionando contra as suas costelas e me inclino para a frente, para que todo o meu peso esteja sob ele. Ele choraminga.

— Viu? — Eu sorrio para Brayden.

A mulher sentada à mesa tem lágrimas nos olhos, as mãos cobrindo a boca.

Brayden balança a cabeça. — Ridículo.

Eu olho para Cillian. — Se eu te deixar levantar, você promete ser um bom garoto?

Ele geme e acena com a palma da mão ainda cobrindo o corte em sua têmpora.

Eu o solto e me agacho, meus cotovelos descansando de joelhos,

minha arma pendurada entre as pernas. — Sabe, acabei de perceber que nunca respondi sua pergunta. Sou Eveline e estou morrendo de vontade de saber por *que* você está usando minhas drogas?

— Eu não estou fazendo nada — ele resmunga. — Apenas o que vocês me disseram.

— Oh? — Levantando-me, afasto-me dele e da mesa, roçando em Brayden enquanto espio por cima do ombro da mulher.

— Por favor — ela sussurra. — Eu não...

— Ssh. — Coloco minha mão no ombro dela. — Está tudo bem.

Os tijolos estão abertos, pilhas de pó sendo transferidas e misturadas antes de serem reembalados e marcadas novamente com o nosso logotipo. Meus olhos apertam desviando para os sacos. É idêntico ao meu; a silhueta de um macaco com asas de morcego. Meu corpo treme com a audácia de sua cópia. Meus olhos continuam a se mover ao longo da mesa, observando o bicarbonato de sódio e *veneno de rato*.

A escuridão se arrasta para as bordas da minha visão. Girando para trás, eu ando até Cillian, que está de pé agora, esfregando uma toalha de papel no ferimento sangrento em sua cabeça.

— Você está misturando minhas drogas com veneno de rato, Cillian?

Ele zomba, olhando para mim. — Se você não sabe o que estou fazendo, talvez não seja tão importante quanto pensa.

Meu peito torce violentamente e eu reajo antes que possa me parar,

apontando minha arma para o joelho dele e puxando o gatilho. O som é silenciado pelo silenciador, mas a mulher grita e Cillian cai rápido, com as mãos voando para a perna. — *Jesus porra*, sua puta louca. — Ele grita.

Antes que eu possa reagir, Brayden está lá, com o punho voando no rosto de Cillian, antes de arrastá-lo pela camisa. — Cuidado com a boca.

Eu sorrio para ele, o calor se espalhando por mim e despertando a raiva, apenas um pouco. É engraçado que ele esteja defendendo minha honra, mesmo que tenha me chamado de pior.

— Eu só estou fazendo o que foi *dito* para fazer — grita Cillian.

— Por quem? — Eu inclino minha cabeça.

Ele olha, lágrimas rastreando seu rosto enquanto sangue penetra entre seus dedos. — Foda-se, por que eu te diria qualquer merda? Para que eles possam me matar quando eu fizer?

— Eu vou te matar agora, se não o fizer — respondo.

Silêncio.

Estalando meu pescoço, sorrio e entro na cozinha, abrindo as gavetas até encontrar uma grande faca de cozinha. *Isso fará o truque.*

Silenciosamente, ando até a mulher que está tremendo na cadeira à mesa e sorrio suavemente. — Desculpa.

Eu levanto minha arma e atiro na cabeça dela. Ela cai sobre a mesa, sangrado sob ela e espalhando-se sobre o produto que eles já

arruinaram.

A boca de Brayden se separa quando ele entra em cena, seus olhos como pedra.

Voltando para ele, entrego-lhe minha arma. — Segure isso para mim, filhote, tudo bem?

Seus olhos se estreitam com o apelido, mas ele faz o que eu peço, seu olhar passando entre a faca, a garota morta e depois de volta, antes que ele finalmente levante a arma, mantendo-o apontado na parte de trás da cabeça de Cillian.

Eu chego perto, usando a borda da lâmina para inclinar o rosto de Cillian. — Não sei se você me entendeu antes, então deixe-me esclarecer. Isso não é uma negociação e, apesar do que você possa pensar, *eu* sou seu juiz, júri e carrasco. O que significa que você me responde. — Eu deslizo a lâmina mais longe, logo abaixo da mandíbula, uma sensação doentia de satisfação derretendo através de mim quando encontra resistência, depois afunda em sua pele, sangue começando a pingar no metal.

Ele geme, e o som causa arrepios na minha espinha.

— O que fez você pensar que estava tudo bem em cortar minhas drogas?

— Ele me disse para... — ele gagueja.

— Quem? Benny está dizendo para você fazer isso? Seu primo? — Eu sussurro. — Diga-me e tudo terminará.

Ele pressiona os lábios juntos.

Suspirando, balanço a cabeça, apertando a mão e retirando a lâmina debaixo da mandíbula.

— Tudo bem-digo, caminhando até a mesa e pegando um dos sacos refeitos antes de voltar.

Meus calcanhares clicam no chão de madeira enquanto me movo em direção a ele e aceno para Brayden. — Curve-o para mim, filhote.

A mandíbula de Brayden tensiona e olha para mim. Meu coração começa a bater nos meus ouvidos quando acho que ele não vai ouvir, que talvez ele não possa lidar com o que aconteceu. Mas então, lentamente, ele assente e se abaixa, puxando os cabelos loiros emaranhados de Cillian até que seu pescoço cortado seja exposto.

— Você não está brigando muito, Cillian — eu repreendo, debruçada sobre ele com um dos saquinhos. Eu o abri com a ponta da faca. — É *quase* uma decepção.

Cillian pressiona os lábios juntos e meus dedos avançam, cavando no queixo e abrindo-os, sua carne ficando presa nas minhas unhas. Mergulho o saco de heroína misturada na boca dele, o pó enchendo o local enquanto ele engasga e cospe. Certifico-me de inclinar meu rosto para longe, não querendo que nada disso entre acidentalmente em minhas narinas.

Eu aperto suas bochechas com força, largando o saquinho e trazendo a ponta da faca para cobrir sua boca. — Engula.

Lágrimas rastream seu rosto e ele sacode contra o aperto de Brayden. Brayden aperta os olhos, mas o mantém no lugar.

Finalmente, a garganta de Cillian balança enquanto ele come o pó seco.

— Pense que foi o suficiente para fazer você se sentir bem, querido
— Empurro, deslizando a lâmina para baixo até que ela descansa contra sua jugular.

— Vou perguntar mais uma vez — sussurro. — Quem?

— Liam. Ele quer ... queria começar a colocar algum dinheiro separado. Para que pudéssemos fugir dessa merda. De todos vocês, idiotas ocidentais.

Minha mão se contrai nas costas dele e ele se empurra para a frente, me pegando desprevenida. Minha faca desliza em sua garganta, sangue jorrando, o líquido quente pulverizando minha pele. Seus olhos reviram em sua cabeça antes que seu peso corporal diminua, a alma deixando seu corpo.

Olho em choque por longos momentos, o silêncio ao nosso redor espesso e pesado. Então, eu dou um passo para trás e suspiro, olhando para a bagunça, minhas mãos manchadas de vermelho. — Bem, isso é lamentável.

Brayden deixa cair o corpo de Cillian, com os olhos vazios enquanto me olha como se nunca tivesse visto antes.

Meu estômago revira, mas empurro a sensação estranha para longe. Não é novidade que as pessoas não gostem do que vêem, e fazê-lo perceber que eu não sou a garota que ele criou em sua cabeça é uma coisa boa.

— Ligue para Zeke — eu instruo. — Diga a ele que precisamos nos encontrar na lavanderia.

Brayden engole, o pomo de adão balançando.

Eu estalo meus dedos na cara dele. — Olá? Você está vivo aí? Ligue.
Ele saberá o que isso significa.

E então eu giro e saio pela porta, marchando de volta para o carro e deslizando para dentro, alcançando o porta-luvas com mãos trêmulas, agarrando os lenços do bebê para tentar tirar o sangue.

Capítulo 20

Nicholas



Não falo no caminho de volta para a propriedade.

Eveline também não, suas mãos manchadas tremendo um pouco onde estão sentadas no colo dela. Não consigo descobrir se é de adrenalina ou porque ela não tem sangue frio quanto tenta parecer. Eu me odeio por me importar de qualquer maneira.

Minha mente está voando em mil direções diferentes. Lamento por não a ter parado. Desconfortável porque eu já me convenci que tudo bem. Que era *necessário* que eu ficasse parado e não fizesse nada.

Se eu tivesse entrado e salvado, isso teria estragado minha cobertura e, para ser completamente honesto, salvar dois

traficantes de drogas não está na minha lista de prioridades. A parte vingativa de mim acredita que eles conseguiram o que mereciam.

Pior ainda é que, com tudo isso, não me sinto zangado com Eveline. Tudo o que realmente quero é garantir que ela esteja bem. E isso é besteira, porque *ela é* quem causou tudo em primeiro lugar.

Não quero encarar o que isso significa sobre mim, porque, embora não demonstrar emoção seja importante para o trabalho, ainda sou um agente federal. Eu *supostamente deveria me importar*. Mas quando se trata de degenerados que voluntariamente colocam veneno nas drogas, causando overdoses e morte, acho difícil.

Eveline pula para fora do carro no segundo em que fazemos a curva, subindo os degraus e entrando em sua casa. Eu hesito, meus dedos apertados no volante, guerreando comigo mesmo sobre o que sei que devo fazer e o que quero fazer.

O que eu *devo* fazer é ir para Seth e chamá-lo. Informar Cap sobre os desenvolvimentos recentes, para que possamos armazenar mais evidências para o caso. Há cadáveres empilhados em Kinland Heights e sangue nas mãos de Eveline. Há um monte de heroína que pode nos levar a descobrir quem diabos estamos realmente tentando prender.

Em vez disso, estou estagnado no meu carro, o barulho do motor vibrando sob mim e o calor aquecendo minha pele enquanto explode através das aberturas de ventilação. Não tenho ideia de pôr que estou ficando esperando ... quem sabe o quê? Mas, independentemente disso, os minutos continuam passando e aqui estou eu. Finalmente, depois de horas, decido sair.

Para fazer a coisa certa.

Somente uma coisa.

Eu tiro o carro do estacionamento, mas antes que eu possa pisar no acelerador, algo chama minha atenção, rastejando ao longo do perímetro da mansão. Eu aperto meus olhos, tentando entender.

É uma pessoa, uma pessoa pequena, com um coque bagunçado e um capuz preto escondendo sua figura.

Eveline.

Estou desligando o carro e abrindo a porta antes que eu possa pensar, correndo rapidamente, para não a perder de vista quando ela escapa para a floresta que fica nos fundos da casa.

O frio repentino no ar pica meu rosto enquanto me apresso atrás dela, a lua cheia lançando um brilho sinistro na floresta escura. Tremo, minha jaqueta de couro mal o suficiente para me aquecer.

Fico longe o suficiente para que ela não me veja, e me pergunto para onde diabos ela está indo, porque parece que ela está entrando no meio do nada. *Talvez ela esteja mais chocada a partir desta noite do que deixou transparecer.* Não sei quantos minutos passam a seguindo mais fundo na floresta, mas é o suficiente para fazer minhas pernas doerem e minha boca secar quando de repente, o chão muda e eu tropeço, a grama e os galhos se transformando em tijolos amarelos desbotados.

Meus pulmões se apertam quando olho para os meus pés.

Os próprios tijolos estão desmoronando e cobertos de ervas daninhas crescidas, mas ainda assim estão lá, e meu cérebro vibra com teorias. *É uma coincidência que o clube de strip se chame The Yellow Brick⁴, quando está no quintal?*

Faço o meu caminho, seguindo o amarelo sinuoso até chegarmos a uma pequena clareira nas árvores. Eveline desliza dentro da porta da frente de uma pequena cabana degradada.

Putá merda.

Passei horas examinando plantas arquitetônicas azuis e imagens de satélite desta terra, mas de alguma forma, eu não tinha ideia de que isso existia.

Movendo-me para a frente, entro na porta atrás dela. Não tenho interesse em me esconder. Mas eu deveria saber que ela perceberia que estava sendo seguida, porque no segundo em que entro, ela está comigo, a arma dela na minha cara enquanto sou empurrado com severidade.

— Jesus — eu exalo, dor irradiando através do meu crânio enquanto bate contra a parede.

— Eu deveria saber que era você me seguindo — ela reclama.

— Eu só queria checar você. — O calor inunda em minhas veias quando o corpo dela pressiona contra o meu, e minhas mãos disparam para agarrar sua cintura.

Ela franze os lábios, relaxando o aperto. — Considere-me verificada.

Meu pau endurece quando vejo seu rosto nu sem um pouco de maquiagem, e meus polegares acariciam sua pele antes que eu possa me parar. Minha mente grita comigo para *me recompor*, mas meu corpo tem ideias diferentes, como sempre acontece quando se trata dela.

Eu não suporto isso.

— Você é feliz pra caralho, alguém já lhe disse isso? — Eu estalo.

— Somente antes de morrerem. — Ela sorri largamente.

Eu reviro os olhos, meu estômago torcendo de sua indiferença. — O que é este lugar? — Eu olho em volta.

Ela larga a arma, mas fica no meu domínio. — Minha fuga.

— De?

Ela encolhe os ombros. — Vida.

— Você não gosta da sua vida? — Não sei por que pergunto, mas de repente estou desesperado para saber.

Sua língua desliza pelo lábio inferior e ela inclina a cabeça. — Você nunca quer apenas ... fugir?

— Não particularmente.

Ela suspira. — Bem, eu quero. Eu sumiria para sempre se pudesse.

Meu interesse é despertado. — Onde você iria?

— Irlanda. — Ela não hesita por um segundo. — Meu pai se orgulha de nossa herança irlandesa, mas eu nunca estive lá, você pode acreditar nisso?

Não respondo porque não tenho certeza do que dizer. Em vez disso, absorvo o quão bonita ela é. Mas sua beleza é uma miragem, um truque de luz. Ela o suga e lhe dá conforto, apenas para ficar feia

quando você olha por baixo da superfície.

— Por que você mente tanto? — ela pergunta.

— Eu não minto. — Eu cerro meus dentes.

Tecnicamente, eu *minto*, mas é irritante que ela me repreenda constantemente, quando eu sou mais honesto com ela do que qualquer outra pessoa. Espero que ela tenha um retorno inteligente, mas só me observa. *Olha* para mim como se estivesse tentando afundar sob minha pele e desenterrar as partes enterradas. Isso me faz coçar, e eu me contorço, meus dedos pressionando firmemente na sua cintura. — Isso ainda é sobre o nome?

— Você me diz.

Sorrindo, engulo em torno do aperto na garganta e me inclino para sussurrar em seu ouvido: — Querida, você pode me chamar do que quiser, se isso significa que eu posso afundar nessa boceta doce novamente.

Ela se contorce, arrancando-se do meu alcance. — Ugh, você é uma desgraça para os homens em todos os lugares.

Eu rio. — Diz a garota que acabou de matar duas pessoas.

Ela abre a boca como se tivesse mais alguma coisa a dizer, mas se vira para entrar na pequena cozinha. Eu a sigo, aglomerando-se onde ela está de frente para o balcão com a cabeça inclinada, os dedos pressionando firmemente contra a borda. Enjaulando-a, eu desço até meu nariz deslizar contra o pescoço dela.

— Isso te incomoda, não é? — Eu pergunto. — O que você fez?

— Brayden, *por favor*. Vá se foder — ela murmura.

Eu não poderia te dizer por que faço isso. Talvez seja porque estou tentando encontrar a garota dentro do monstro; aquela que ela está tentando desesperadamente esconder. Ou talvez seja porque *eu estou* desesperado para ouvir uma razão, apenas uma razão pela qual eu não deveria denunciá-la, mesmo sabendo que é o que terei que fazer.

Meu estômago revira e aperto minha mandíbula. Eu deslizo minhas palmas pelo comprimento de seus braços, meu pau se enchendo enquanto arrepios aparecem ao longo de sua pele e sua bunda pressiona minha virilha. Nossos dedos se entrelaçam no balcão de formica, e meu coração bate contra minhas costelas quando o corpo dela treme.

— Você pode me dizer — eu murmuro contra o seu pescoço, minha língua escorregando para prová-la, só um pouquinho.

Neste momento, eu quero dizer isso. Ela *pode* contar-me. Não estou tentando reunir informações ou ver o que ela dirá. Não estou interessado em sua boca malcriada ou em todas as maneiras pelas quais posso fazê-la se contorcer. Eu só quero falar com a garota debaixo da máscara. Aquela que sorri tão grande que suaviza os olhos e me deixa sussurrar sonetos contra a pele dela.

Sua respiração é pesada. — Não estou chateada por ter matado eles.

A decepção se instala no meu peito como uma pedra, mas parece abafada e sem graça, ofuscada pelo fogo que ilumina meu interior sempre que estou a um metro dessa mulher.

— Estou brava por ter perdido o controle — continua ela.

Meu aperto nas mãos dela se intensifica e - eu *sei* - que deveria me afastar. Depois que isso acabar, passarei horas me odiando por me apaixonar por alguém contra quem devo me opor.

Mas quando se trata de Eveline Westerly, sou um idiota.

Então, em vez de sair e me reportar a Seth, movo nossos braços entrelaçados e os envolvo em seu corpo, antes de soltar meus dedos, arrastando-os pela frente do corpo dela enquanto afundo de joelhos.

— Então, pegue de volta.

Capítulo 21

Eveline



Eu sabia que ele estava me seguindo.

E eu sei que ele está mentindo sobre mais do que deixa transparecer. Então eu confio nele? Absolutamente, não.

Mas *eu* não estava mentindo quando disse que estou chateada por ter perdido o controle. Após a morte de Nessa, trabalhei incrivelmente duro para manter meu temperamento, para garantir que meu problema de impulso esteja trancado. Eu nunca dominei enquanto ela estava viva e fazê-lo na morte é uma das maneiras pelas quais tentei honrar sua memória.

Ultimamente, tem falhado muito, o que me faz sentir como se estivesse a desrespeitando. A *decepcionando*, do jeito que eu faço

com todo mundo.

Mas depois há ele.

Este homem. Este completo estranho. E ele está de joelhos por *mim*.

Não tenho ilusão de que ele desistir do controle seja fácil. Todo o motivo pelo qual estamos na garganta um do outro é porque há uma luta constante de eu tentar mantê-lo enquanto ele o tira. Mas há algo lá, entre o ódio e a animosidade. Uma fresta de esperança quente e suave ao redor das bordas, pedindo que eu afunde no que ele está dando.

Seus dedos cavam na minha cintura e meus braços tremem enquanto empurram contra a parte de trás de suas mãos. Fecho meus olhos, meu coração batendo tão rapidamente que sinto no meu pescoço. Lábios pressionam minha parte inferior das costas e calafrios contornam minha coluna, excitação enviando uma dose de adrenalina pelo meu centro.

E eu sei que isso não está certo. Eu o odeio, e ele me tolera na melhor das hipóteses. Mas meus nervos estão ricocheteando nas bordas do meu corpo, enviando uma ansiedade espinhosa esfaqueando pelo meu interior e, quando ele me toca, acalma a dor.

Então, eu vou me entregar. Só um pouco.

Torço meu corpo até estar de frente para ele e meu estômago tensiona quando nossos olhos se encontram. Meu moletom está um pouco amassado em suas mãos, e sua respiração passa pela lasca da pele que espreita por baixo do tecido. Eu me aproximo, levantando meu moletom e minha regata embaixo, levantando-as sobre a cabeça e deixando-as no chão. Não estou usando sutiã e meus mamilos se endurecem por ter os olhos em mim.

Seus cachos marrom-escuros são selvagens, um fio rebelde caindo no topo da testa, e eu corro meus dedos sobre ele, empurrando-o para fora de seu rosto e enroscando meus dedos através de seus fios sedosos.

— *Bonita* —ele sussurra, inclinando-se e chupando um dos meus seios na boca.

Eu ofego com a sensação molhada, a língua girando em torno do mamilo, os dentes mordendo até a dor se transformar em prazer.

— Tire minhas calças — eu exijo.

Ele libera meu peito com um estalo liso, o ar frio fazendo com que arrepios se espalhem pelo meu corpo. Suas mãos se movem languidamente, arrastando pelos meus lados e pelos meus quadris até que ele prenda os dedos sob a cintura das minhas leggings e roupa íntima. O tecido roça contra minhas coxas quando ele as empurra para baixo, e eu fico parada, excitação nublando minha visão enquanto ele me despe. Eles se juntam nos meus tornozelos e ele sobe de volta, me levantando pela cintura e me colocando ao lado da pia. O frio do balcão morde a pele da minha bunda e eu respiro fundo no frio repentino contra a minha pele aquecida.

O olhar de Brayden está trancado entre minhas pernas. Ele tira meus sapatos e descarta minhas roupas antes de traçar as palmas das mãos para cima, apertando minhas coxas.

Eu as abro mais para dar uma boa visão.

— O corpo não tem mais razão do mover-se em teu nome — ele murmura, esfregando o nariz ao longo da minha fenda.

Meu abdome tensiona. — Você está citando Shakespeare na minha boceta?

Ele pressiona um beijo suave no topo do meu clitóris. — Você ama isso.

— Eu não. — *Eu amo.*

Ele se afasta, um sorriso diabólico enfeitando seu rosto. — Eu minto com ela, e ela comigo. — Ele faz uma pausa e, de repente, sua língua está em mim, girando em pequenos círculos ao redor dos nervos sensíveis. Eu choramingo, calor disparando pelas minhas pernas.

Sua língua desaparece. — E em nossas falhas por mentiras, lisonjeamos ser.

Meu peito esquenta, desejo enrolando como uma corda em volta do meu núcleo e na espinha. Eu acho que gosto dele assim.

— Você não precisa confiar em mim, Eveline. Mas as palavras são seu espaço seguro, da mesma maneira que são minhas.

Meus dedos passam pelo cabelo dele.

— Deixe-me ficar calmo no caos, menina bonita.

A emoção enxameia no meu peito e bate atrás dos meus olhos tão rapidamente que me faz perder o fôlego, mas antes que eu possa processar a sensação, sua boca está em mim novamente, me *devorando* como um homem desesperado para provar seu valor.

Meus músculos se apertam, formigamento polvilhando no meu abdômen e se juntam entre as minhas pernas. Meu corpo se contorce quando ele lambe meu clitóris, seus dedos massageando o interior das minhas coxas.

— Sim — eu gemo, jogando minha cabeça para trás. — Chupe.

Ele faz, fechando os lábios ao meu redor e puxando o feixe de nervos para a boca, a ponta da língua me torturando, sucção lenta misturada com lambidas lânguidas, repetidamente, até que a tensão se espalhe tão fina que está prestes a quebrar.

E então eu me separo, explodindo em sua língua e gritando, me moendo contra seu rosto enquanto minha visão fica escura. Ele não para suas ministrações e eu arranco a cabeça dele quando me torno sensível demais. Ele sorri, a boca brilhando com a bagunça que ele fez.

— Venha aqui — eu digo.

Seus braços me prendem imediatamente quando ele se levanta e eu puxo seu rosto para o meu, lambendo seus lábios antes de mergulhar em sua boca.

— Isso mesmo, garota bonita — ele geme. — Prove-me da minha língua e veja como você realmente se sente.

Meu núcleo palpita com suas palavras e eu misturo nossos lábios juntos, o sabor almiscarado de *mim* misturado com tudo *dele* fazendo meus olhos rolarem.

Seus braços se envolvem em volta de mim com força, seus quadris se movendo entre minhas pernas até que sua ereção coberta por jeans pressione minha boceta nua.

Eu me afasto, pulando do balcão e pressionando minha mão contra o torso para empurrá-lo de volta até que suas pernas batam em uma cadeira de cozinha.

— Sente-se.

Ele senta.

— Certo. Você segue as instruções incrivelmente bem. — Sorrindo, eu me inclino sobre ele e levanto a camisa, jogando-a para o lado, meus olhos bebendo nas linhas fortes e nos músculos do tronco. Pego o seu cinto, desfazendo a fivela e deslizando-a das alças. — Coloque as mãos atrás da cadeira.

Sua testa franze, mas faz o que eu peço. Ando atrás dele, passando os dedos sobre os dele e virando as palmas das mãos para a outra antes de enrolar o cinto do lado de fora e amarrá-las. A antecipação ilumina meu peito, o desejo florescendo de quanto poder ele está me dando.

Voltando para a frente, ajoelho-me entre as pernas, deslizando minhas mãos pelas coxas até chegar ao topo da calça e desfazer o botão. Ele levanta os quadris, me ajudando a despi-lo. Meu coração bate no meu peito enquanto puxo suas roupas, permitindo que seu pau se solte. É tão duro e grosso que pulsa fisicamente, e minha boca saliva à vista.

— Seus pulsos estão bem? — Eu pergunto.

Não quero que ele sinta dor, principalmente porque sei que ele está fazendo isso apenas por mim. Sua língua desliza ao longo do lábio inferior e ele acena, seus olhos brilhando olhando para os meus. Eu estendo a mão e o agarro. Ele mexe na minha mão e eu sorrio, acariciando da base até a ponta, querendo fazê-lo se sentir tão louco quanto eu por ele.

— Você confia em mim?

Ele resmunga, um monte de pré-sêmen vazando de sua cabeça. —

Não tenho certeza.

— É mais inteligente se você não confiar — respondo honestamente.

Meu peito torce e me levanto um pouco, apenas o suficiente para pressionar um beijo leve em seus lábios. É terno e, francamente, indesejável, mas permito um momento mais suave, querendo mostrar minha gratidão pelo que ele está dando.

Há algo tão atraente em uma pessoa se submeter completamente a outra, de estar à sua mercê, aceitando o que achar melhor para lhe dar.

Eu quero consumi-lo e me divertir com sua rendição.

Seu olhar nunca deixa o meu quando me inclino sobre seu pau rígido, soprando pequenos sopros de ar contra ele até que seus músculos estejam tensos e seus quadris se elevem.

— Você gosta de me ver, não é? — Eu pergunto.

— Sim.

Minha língua escorrega e corre ao longo do comprimento de seu eixo, e sei que se ele realmente quisesse, ele poderia facilmente escapar de sua restrição e assumir o controle.

O fato de ele não fazer isso me deixa desesperada para recompensá-lo.

Outra lambida. Desta vez, certifico-me de que o achatamento da minha língua com o piercing bata na cabeça dele e círculo a carne sensível, esperando que a sensação adicional o deixe louco.

Ele geme e empurra os quadris, o pau batendo nos meus lábios separados. Eu o agarro na base e me movo um pouco, olhando para a veia grossa que corre ao longo do comprimento, sentindo a pressão crescer profundamente no meu abdômen. Abaixo novamente, aplicando a pressão mais leve ao mover meu rosto para baixo, o interior das minhas bochechas mal roçando contra a sua pele. Eu alcanço, minhas unhas arranhando contra suas bolas. Eles imediatamente se tensionam, seu pau pulando na minha boca.

Ele geme quando eu me afasto, jogando a cabeça para trás. — Você está malditamente me *matando*.

— Essas coisas devem ser feitas delicadamente — eu digo. — Mas eu gosto de ter você à minha mercê.

Ele olha para mim, com os olhos selvagens e a mandíbula apertando. Ainda assim, ele não tenta se libertar.

— Você está sendo um menino tão bom. — Eu sorrio. — Devo chupar seu pau como recompensa?

— Por favor — ele sussurra, movendo os quadris o máximo que pode enquanto os braços estão amarrados nas costas.

Abro a boca e engulo-o até que ele bata na parte de trás da minha garganta, minhas bochechas esvaziando enquanto chupo. O sabor salgado dele faz a umidade escorrer pelo interior das minhas coxas, e eu gemo, o que faz com que ele se mova para a frente. Eu engasgo quando ele bate na parte de trás da minha boca, e seu pau palpita na minha língua. Eu empurro mais longe até que ele quebre a resistência e escorregue pela minha garganta, meus olhos lacrimejando. Meus lábios alcançam sua base e eu movo minha língua, pressionando-a contra seu eixo, tentando não tossir enquanto ele me sufoca.

— Merda — ele geme.

Quando não aguento mais, volto, finas linhas de saliva conectando a ponta do pau aos meus lábios, cuspe pingando no meu queixo e no topo do meu peito. Meu esôfago queima, mas a dor faz minha boceta palpitar, então eu respiro fundo e mergulho de volta, iniciando um movimento rápido de empurrá-lo com minha boca e língua até eu senti-lo inchar e suas bolas tensionam em minhas mãos.

Eu paro rapidamente, e ele geme, com o peito cheio de respirações fortes.

— Garoto travesso, tentando gozar antes que eu diga. — Eu me movo dos joelhos, enfiando as palmas das mãos na pele aquecida até meus braços estarem enrolados no seu pescoço e minha bunda no colo dele, seu pau grosso pressionado contra minha boceta lisa.

— Você quer gozar, querido. — Eu sussurro contra seus lábios, moendo em cima dele.

— *Porra*, sim — ele se irrita.

— Diga-me.

Ele se inclina para a frente, sua respiração no meu pescoço e envia um calafrio pelo comprimento do meu corpo. — Quero que você me use até ficar satisfeita, então deixe-me entrar em você.

Meu núcleo se contrai dolorosamente, e eu agarro seu rosto em minhas mãos, esmagando nossos lábios até nossos dentes estalarem e nossas línguas colidirem.

O seu pau está lá, *diretamente* na minha entrada, e levanto meus quadris um pouco.

Gememos na boca um do outro quando ele entra, e minhas paredes se apertam ao seu redor. Eu me sinto tão malditamente *cheia*.

Movo meus quadris para frente e para trás, combinando o ritmo do nosso beijo desleixado, meu clitóris esfregando contra a virilha com cada movimento.

— Porra — ele sussurra contra meus lábios. — Estou perto.

Movendo minha mão pela frente do meu corpo, começo a pular para cima e para baixo, meus músculos se apertando até parecer que vou explodir de tensão. E então eu quebro, minha boceta ordenha-o enquanto eu gemo. Ele captura o gemido e o engole para si.

Ele segue logo depois, seus quadris batendo nos meus enquanto se mantém profundamente, seu pau pulsando loucamente enquanto ele bombeia seu esperma no fundo.

Eu desmorono contra ele, meus ouvidos zumbindo e minha visão embaçada. Chegando atrás da cadeira, eu me atrapalho com o cinto até que os pulsos estejam livres. Imediatamente, eles se envolvem em torno de mim, me puxando mais para ele. Eu descanso meu rosto contra o seu peito e ele pressiona um beijo contra o topo da minha cabeça, e eu me sinto ... contente.

Quase como a felicidade estivesse *exatamente* aqui, esperando que eu alcance e pegue.

Então eu afundo no momento, fechando meus olhos ao som de seu coração batendo.

E quando ele sai uma hora depois, dizendo que tem que ir buscar Dorothy, porque ele odiaria quebrar sua promessa, aquele sentimento de que eu estava tão perto de segurar se evapora em pó.

Capítulo 22

Nicholas



Faz quatro dias desde que vi Eveline.

Saí logo depois que ela me amarrou e virou meu mundo de cabeça para baixo, e tenho estado em uma espiral sem fim desde então. Ela me fez ficar mais duro do que já fiquei por *qualquer* mulher, e então ela deitou no meu peito e me abraçou como se eu fosse o seu homem.

Mas então, algo aconteceu.

Um pensamento sussurrou no meu cérebro. Que eu desistiria de tudo em um piscar de olhos se pudesse ficar assim para sempre.

E pensamentos como esse são inaceitáveis para mim, então usei a única coisa que sabia que a machucaria e fingi que estava saindo para encontrar a irmã dela.

Teve o resultado pretendido.

Seus olhos, que até aquele momento eram gentis e vulneráveis, se fecharam. E quando ela olhou para mim novamente, não havia mais nada além de uma geleira onde nada poderia sobreviver.

Debati em confrontá-la no dia seguinte, mas lutei contra o desejo.

Então, a encontrei no segundo dia. Ela nem sequer olhou para mim, dando uma desculpa rápida sobre a necessidade de conversar com o pai.

No terceiro dia, eu percebi que a boceta estava fodendo com a minha cabeça, e não importa o quão boa seja, ela ainda é minha inimiga. Não temos absolutamente nada em comum fora da nossa compatibilidade sexual.

E agora é o quarto dia. Estou sentado em frente ao pai dela no escritório do The Yellow Brick, e minha mente não consegue se concentrar. Estou muito ocupado me perguntando onde ela está, o que está fazendo. Se ainda me odeia tanto quanto eu sei que deveria odiá-la.

— Nós estamos indo para Chicago.

Eu me concentro rapidamente em Farrell, suas palavras me chocam até o presente.

Sempre foi uma possibilidade, ter que voltar para Chicago enquanto finjo ser outra pessoa. Trabalhar em um caso secreto no mesmo

estado em que você mora é arriscado, na melhor das hipóteses. Mas os prós superam os contras. Eles precisavam de alguém local que pudesse ser convincente em seu conhecimento da área. A máfia irlandesa não é exatamente conhecida por receber pessoas de fora.

— Pelo que? — Zeke pergunta, seus olhos olhando para mim e depois de volta.

— Um leilão de caridade, é claro. — Farrell sorri em torno de seu charuto. — Eu sou uma fila ... fi ... alguém que faz boas ações, e a reeleição do prefeito está chegando.

— O que há em Chicago para o prefeito de Kinland? — Eu pergunto.

— É uma noite na água — diz Farrell atrás de uma nuvem de fumaça. — Por uma causa importante.

— O que é isso? — Zeke ri. — Chupando paus de pessoas ricas e cobrindo seus bolsos?

— Haverá muitos convidados importantes lá. Oscar criou algo para nós com os Cantanellis.

Sento-me mais reto na minha cadeira. *Esta* é uma reviravolta surpreendente. — Os italianos?

Seus olhos se afiam. — Sem surpresa, eles estão cansados de não serem capazes de competir com o nosso produto. Eles foram ... menos do que acomodados com seus pedidos que paramos de distribuir em suas áreas.

Libertando os envoltórios ao redor do meu peito. — Você está se mudando para o território *deles*?

Ele encolhe os ombros. — Estou simplesmente sentando para negociar termos.

— Você está planejando dar a eles seu fornecedor? — Eu pergunto, inclinando-me para a frente no meu lugar.

O sorriso de Farrell cai e seus dois dedos grossos se levantam para tirar o Black & Mild da boca, batendo-o no cinzeiro de cristal, com os olhos se estreitando. — Deixe-me me preocupar com meu fornecedor. Estará lá, e é isso que importa. Você se preocupa em manter Dorothy segura.

Meu coração titubeia.

— Sem Evie? — Pergunta Zeke.

— Evie está ocupada — diz Farrell.

Meu peito se aperta, minha mente mais uma vez se perguntando onde ela está e o que está fazendo.

A porta se abre, um Liam suado entrando, seus olhos vermelhos e sua roupa amassada.

— Skip — ele arfa.

Farrell ri, apontando o dedo para Liam. — Olhe para esse filho da puta fora de forma. O que tem você correndo?

— Cillian está desaparecido. — Sua voz é uniforme, mas sinto o maníaco em seu tom.

O rosto de Farrell fica sério, toda diversão se esvaindo. — E meu produto?

Os punhos de Liam se apertam e ele balança a cabeça.

Zeke está perto de mim, nossos olhos se encontrando pelo menor dos momentos.

Farrell senta-se em seu assento, pegando de volta seu Black & Mild, a fumaça girando em torno de sua cabeça e evaporando no ar. Ele tira o charuto da boca e acena os dedos de um lado para o outro, passando a língua sobre a frente dos dentes. — Se aproxime, Liam. Você vem até mim. — Ele aponta para o próprio peito. — Você me diz que tem alguém em quem podemos confiar. Alguém leal. Alguém que pode nos fazer *mais* do que estamos recebendo. Estou certo até agora?

— Sim, mas ...— Liam começa.

Meus sentidos se aguçam, e tudo o que está atormentando minha mente até esse momento desaparece. Essa conversa parece importante.

— Mas nada. — Farrell balança a cabeça. — Você sabe, Evie diz que você é o rato.

O rosto de Liam torce. — O que? Não, eu...

Farrell pula de seu assento, agarrando uma arma debaixo da mesa e atirando em Liam duas vezes, bem na cabeça. Seu corpo cai no chão, com os olhos arregalados.

Meu estômago se contorce.



O vento chicoteia através da água do lago Michigan e rola pela cidade, fazendo o frio picar minhas bochechas e congelar minhas mãos. Minhas respirações vêm em nuvens visíveis de ar e eu descanso contra a parede de concreto coberta de grafite, vendo Seth andar de um lado para o outro no beco dos fundos.

Não foi fácil fugir quando chegamos a Chicago, mas aqui estou eu.

— Quando é a reunião? — ele pergunta.

— Este fim de semana. Sábado à noite. — Esfrego minhas mãos antes de enfiá-las nos bolsos da minha jaqueta. — De fato, poderíamos configurar algo. De jeito nenhum ele não vai trazer produtos para eles experimentarem.

Seth solta uma respiração. — Cara ... você sabe que não é isso que estamos procurando.

— Escute — continuo frustrado no meu interior. — Ninguém vai me dizer nada. Zeke está lá há anos, e ele ainda não tem ideia. Vamos trazê-los, ameça-los. Podemos fazer Farrell quebrar. — Eu paro.

Seth franze seus lábios. — Podemos configurá-lo com o DP novamente, mas Cap não quer fazer nenhum movimento estúpido.

Eu balanço minha cabeça. — DP está comprometido pra caralho. Definitivamente, tem vazamentos em Kinland, o que significa que ele provavelmente também está aqui.

— E as filhas dele? — ele pergunta.

— Sim — eu digo, as gavinhas geladas de pavor envolvendo meu pescoço. — Elas podem saber alguma coisa.

Ele geme, apertando a ponte do nariz. — Você sabe que um “podem” não é suficiente. Galen quer o cachorro grande e, se nos movermos muito cedo, poderemos perder tudo.

— Estou morrendo aqui, Seth — peço, desespero empurrando as palavras da minha língua. — Você sabe como é esperar e ver as pessoas se machucarem, assistir as leis serem violadas e fazer *nada*? — Eu pressiono meus dedos a minha têmpora. — Isso fode com sua cabeça.

— Você nunca teve um problema antes — afirma.

— Sim, estou tendo um problema agora — eu retruco.

— Isso é por causa da garota?

Eu me afasto dele. — O que?

—Eveline Westerly. — Ele se aproxima de mim, inclinando a cabeça. Sua mão estende e repousa no meu ombro, e eu cerro os dentes, empurrando para baixo o desejo de empurrá-lo para longe.

— Você está muito fundo, Nick?

Uma explosão de raiva explode através de mim e eu aperto sua camisa, torcendo até que ele bata contra a parede. Nuvens vermelhas nublam minha visão. — Quantas vezes eu tenho que dizer para você não me chamar assim? *Jesus Cristo*. Você está tentando me matar?

— Mas quem você é — diz Seth. — Você é Nicholas Woodsworth

Ele empurra meu peito e meu aperto afrouxa. — Nascido em 17 de agosto. Você teve uma infância de merda com uma mãe viciada que fez você crescer rápido demais e tem uma irmã esperando em casa. Quem te ama e pergunta sobre você *todo* dia.

Solto o aperto na camisa dele, tropeçando para trás enquanto olho para minhas mãos, meu estômago revirando.

O que diabos está acontecendo comigo?

— Eu...

— Você sabe — Seth me interrompe. — Você até fala como eles agora.

Eu ainda estou olhando para minhas mãos.

— Entendi, cara. Sei que é difícil e, no meu coração, acredito que ninguém pode fazer esse trabalho como você. Você recebeu o dom.— Ele hesita. — Mas a razão pela qual você é tão bom é porque você não *sente as* coisas do jeito que as outras pessoas sentem. Você é uma máquina. Você não se apegá.

Eu levanto minha cabeça, encontrando seu olhar preocupado.

— Então, se você está começando a sentir — ele continua. — É algo que precisamos resolver.

Lambendo meus lábios, balanço minha cabeça, ignorando a maneira como uma dor está se espalhando entre minhas têmporas. — Não, eu estou bem. Apenas estressado. Eu sinto muito. — Flexionando meus dedos trêmulos, engulo, determinação se estabelecendo como

um tijolo pesado no centro do meu intestino. — Acho que Dorothy pode saber alguma coisa.

Os olhos de Seth disparam. — Você tem certeza disso?

Balanço a cabeça, bufando uma risada exasperada. — Não, mas se ela o fizer ... se oferecermos imunidade a ela, ela poderá aceitar. Apenas me dê um tempo com ela.

Capítulo 23

Eveline



A mesa do prefeito é maior do que parece na câmera.

Pego um charuto cubano em seu estojo chique e me inclino para trás na cadeira, colocando os calcanhares no carvalho ostensivo e acendendo a ponta do charuto. Não há ninguém aqui agora, mas depois de uma rápida conversa com a secretária dele na frente, convenci-a a almoçar cedo e me deixar esperar em seu escritório.

Afinal, somos velhos amigos, o prefeito e eu, e este é o momento perfeito para nos encontrarmos. Todo mundo foi para Chicago mais cedo, meu pai alegando que quer que seus homens “aproveitem a cidade” antes do evento de Oscar, mas eu fiquei para trás, dizendo que precisava estar aqui com as papoulas.

Não é mentira, a botânica é uma coisa muito demorada, e preciso verificá-las com frequência para garantir que tenhamos um fluxo constante de ópio para fazer o Flying Monkey.

Mas não foi por isso que não fui.

A porta do escritório se abre e entra Oscar. Ele tem um olhar de concentração no rosto pálido e seu cabelo preto com gel é rígido e perfeitamente penteado, liso para trás com o brilho de um político. Seus passos vacilam quando me vê, sua mão parando de onde estava afrouxando o nó na gravata.

— Bem, bem, bem. Se não é a pequena Eveline Westerly. — Seus olhos arrastam pelo meu corpo. — Toda crescida.

— Olá, Oscar — respondo, soprando uma nuvem de fumaça.

— Seu pai te mandou? — Ele se aproxima.

Estalo na minha língua, colocando o charuto cubano na curva da mesa dele. Seus olhos seguem o movimento, estreitando quando algumas cinzas caem em seu elegante tapete persa roxo e dourado.

— Estou aqui em nome da minha irmã.

— Qual?

Inclino minha cabeça, observando seu rosto com cuidado. Eu não esperava que ele dissesse isso. — Qual você *pensa*?

Seus olhos se estreitam e há alguns momentos de silêncio constrangedor em que estamos trancados em um olhar aquecido. Finalmente, um sorriso se espalha pelo rosto. — Você está fodendo comigo?

— Você sabe — ignoro a pergunta dele, passando as pontas dos meus dedos pela madeira da mesa. — Esta é uma bela peça de mobiliário. Forte. Resistente. — A cadeira range quando eu avanço, batendo minhas juntas no topo. — Você poderia fazer muitas coisas em uma mesa como esta.

— Hmm. — Seu sorriso cresce. — É por isso que você veio me ver? Para testar quão *robusta* minha mesa pode ser?

— Oh, Oscar. — Eu rio, levantando-me e caminhando em sua direção. Seus olhos estão meio largos e o forte cheiro de colônia flutua nas minhas narinas quando me aproximo. Envolver meus dedos em volta da gravata, suavizando-a e endireitando o nó antes de esticar meu pescoço para encontrar seu olhar. — Há alguma conversa sobre você, sabe? Pensei que você poderia querer saber.

— Verdade? — Sua testa se levanta. — Sobre?

— Você está confortável com os Cantanellis.

Ele zomba. — Por favor.

— Você estava perto de Nessa, então considere isso um favor ... uma visita para lembrá-lo de onde você veio. — Eu dou um tapinha com a palma da mão do terno dele. — Eu odiaria alguém tão *importante* como você se envolver em rumores desagradáveis.

O corpo dele está tenso. — Você está ameaçando um funcionário público, Srta. Westerly?

— Apenas uma conversa com um velho amigo. — Eu encolho os ombros.

— Bem, tão divertido quanto essa *conversar* é — ele desenha. —

Não é um bom momento. Tenho uma reunião do conselho da cidade em trinta minutos.

— Claro, eu vou deixar você chegar lá. — Eu passo ao redor dele para caminhar em direção à porta, meus calcanhares clicando no chão de madeira e ecoando nas paredes bege lisas. Meus dedos envolvem o botão de metal e eu torço, mas antes de sair completamente, paro, voltando para encará-lo.

Ele está me observando com as mãos nos bolsos e um olhar de consternação no rosto.

— Você sabe ... é uma pena que não tenhamos tempo para testar essa mesa. — Eu suspiro. — Acho que vou perguntar ao Comissário Boq como ela se sustenta.

Eu pisco e suas narinas inflam. — Saia do meu escritório.

Rindo, eu giro e saio, a adrenalina de ameaçar alguém inundando minhas veias como uma droga.

Três horas depois, voltei para minhas papoulas, respirando os aromas terrestres enquanto escrevo. Risque isso, enquanto eu *tentava* escrever. Estou bloqueada há seis dias, desde que deixei Brayden sussurrar poesia em minha pele enquanto eu contornava sua língua.

Palavras são o seu espaço seguro.

Eu jogo a caneta para frente e para trás de novo e de novo, o final tocando nas bordas dos meus nós dos dedos e depois na página, criando um ritmo agitado.

Ele também sussurra poesia para Dorothy?

Meu interior azeda com o pensamento e eu gemo, jogando meu caderno no chão ao meu lado. Fechando os olhos, conto de trás para frente, concentrando-me na respiração e tentando encontrar meu centro. Mas flashes de Brayden e Dorothy filtram meu cérebro. *Eles estão se divertindo juntos em Chicago?*

Eu me sinto ... usada. Patética. Fraca. Eu deveria saber que não deveria desistir. E não é só isso, eu continuamente desisto repetidamente, revelando a maneira como ele faz meu corpo cantar. Eu deveria ter ouvido minha voz interior quando acenou sua bandeira vermelha gigante como um sinal de aviso desde o primeiro dia, gritando na minha psique.

Mas pela primeira vez desde Nessa, alguma *outra* voz entrou nas rachaduras e comecei a ouvi-lo em vez de mim. Como o cachorro de Pavlov, ele me treinou sem esforço para aceitar o mínimo necessário. Para desejar a idas e vindas, a animosidade se transforma em emoção sempre que ele está perto, simplesmente porque ele prestou atenção em mim.

E se era negativo ou positivo, pelo menos ele estava me *vendo*.

Além disso, posso admitir de má vontade que ele é a melhor foda que já tive.

Deixe-me ficar calmo no caos.

Besteira.

Suspirando, corro meus dedos pelos cabelos, puxando as raízes até que a dor limpe meus pensamentos. Na verdade, não funciona quanto mais tempo fico no silêncio, mais repito todos os encontros que Brayden e eu já tivemos, procurando por algum motivo além do físico que explique a atração que sinto.

E quando chego na outra noite, quando ele estava me falando sobre sua mãe, uma epifania se apaga como uma lâmpada explodindo no meu cérebro.

Andando de um lado para o outro no chão, praticamente corro para o meu telefone, pegando-o e discando rapidamente para Cody. Ele responde no terceiro toque.

— Não é um bom momento, querida.

— Como a mãe de Brayden morreu? — Eu solto rápido.

— Eu... quem?

— O cara que você procurou. Você não disse que a mãe dele morreu.

— Uhh ... sim. Câncer. Quando ele tinha dezoito anos. Ouça, posso ligar depois?

Largo o telefone, uma dor forte se espalhando pela minha cabeça e por todos os membros do meu corpo, seguida de perto pela raiva.

Raiva pura e genuína.

Aquele filho da puta mentiu para mim. De novo.

Capítulo 24

Nicholas



Eu assumi que “cuide da minha filha” significava ficar de olho nela durante o evento, mas claramente esse não é o caso. Fui colocado em serviço de babá, comendo e bebendo com Dorothy enquanto os outros caras poderiam estar se preparando para qualquer coisa. Isso me deixa no limite, me faz pensar *porque* eu não estou com eles.

Dorothy, por outro lado, não parece chateada por não estar sendo incluída, o que não é totalmente surpreendente, porque ela não se encaixa no molde para esta vida. É como se ela *quisesse* fazer parte do negócio, mas não entendesse realmente o que esse negócio implica.

Além disso, Farrell é muito protetor para permitir que ela

realmente mantenha qualquer poder. Mostrar a seus inimigos - mesmo aqueles com quem você está fazendo acordos - quem são importantes para você é uma maneira infalível de lhes dar munição mais tarde.

Os relacionamentos são uma fraqueza e, quando você joga jogos perigosos, precisa ser uma fortaleza.

Então aqui estou eu com Dorothy, comendo aperitivos disfarçados bruschetta e bebendo vinho no restaurante do hotel. É um lugar ostentoso e, embora eu saiba que devo me concentrar em ganhar a confiança dela para que ela seja mais fácil de dobrar, não posso deixar de desejar que não fosse *ela* do outro lado da mesa.

Seu cabelo é sedoso e liso, um lindo castanho que qualquer homem mataria para afundar os dedos.

Mas prefiro vê-lo emaranhado e preto.

Seus olhos são suaves e grandes, serenos, como mergulhar em águas calmas em um dia ensolarado.

Mas sinto que eles se enfiem como uma tempestade.

E quando ela joga a cabeça para trás e ri, minha mente se pergunta como seria vindo *de outra pessoa* com lábios carnudos.

— Essa é a sua cor natural do cabelo? — Eu pergunto, tentando como o inferno tirar minha mente de coisas que não importam.

Dorothy sorri e passa a mão sobre os fios. — Sim, por quê?

Eu encolho os ombros. — Apenas imaginando. Sua irmã tinge. Fiquei curioso se você fez o mesmo.

Seus olhos caem um pouco, mas seu sorriso aumenta. —Eveline começou a mexer com sua aparência no segundo em que nossa irmã morreu. Deus sabe por que ... talvez a aparência dela combine com a alma sombria.

Ela ri como se o que dissesse fosse engraçado, mas não é. Na verdade, isso me deixa um pouco triste. — Sinto muito, por sua irmã.

Seus lábios se erguem e ela estende a mão, pegando um pedaço de bacon embrulhado em bruschetta do prato central e colocando-o na boca. Ela mastiga e depois toma um gole de vinho antes de falar. — Não éramos próximas.

— Mas ela e Eveline eram?

Eu não estava pensando em fazer tantas perguntas, mas mais uma vez Eveline assume todos os pensamentos e o nome dela continua saindo dos meus lábios sem que eu possa ajudá-lo. Além disso, Dorothy parece um pouco bêbada, e seria estúpido da minha parte perder uma oportunidade.

Ela toma outro gole de Cabernet, a ponta do sapato vermelho brilhante batendo na perna da mesa. — Acidente de barco.

— Um acidente?

Eu já sei, é claro, mas a maneira como Dorothy está inquieta, todo o seu comportamento tendo mudado da garota despreocupada que era momentos antes, tem curiosidade borbulhando nas minhas bordas.

Ela aperta o canto da boca com o guardanapo antes de colocá-lo de volta no colo. — Apenas um acidente infeliz. Eu estava lá, sabia? Nessa nunca me deu muita atenção, não comparada a Evie, mas sempre que ela entrava na água com o prefeito Norman ... ela me

levava.

Seus olhos assumem um brilho estranho, quase como se ela estivesse prestes a chorar. Só que ela nunca chora.

— Você sabe, eles nunca encontraram o corpo dela — ela reflete, pegando seu copo de vinho novamente. — Ela está em algum lugar lá fora, em decomposição no fundo do lago Michigan.

—Jesus, Dorothy. Isso é mórbido. — Eu me encolho.

Ela ri, tomando outro gole de sua bebida. — Como eu disse ... não estávamos próximas.

Sorrio e aceno com a cabeça, mas sinto qualquer coisa menos luz. Havia uma corrente estranha nessa conversa. Algo que tem minha intuição cutucando minha coluna, e eu faço uma nota mental para olhar mais profundamente na morte de Vanessa Westerly.

De repente, sinto a perna da minha calça se agitar, o sapato de Dorothy subindo o comprimento da minha canela e depois recuando.

— Você sabe, toda essa conversa está me entediando — ela ronrona.
— Quer sair daqui?

Não.

Eu não posso transar com ela.

Não tenho interesse em transar com ela.

— Certo. — Eu limpo minha garganta.

Pedimos a conta e seguimos para o quarto antes de caminhar pelo saguão e pegar o elevador para o vigésimo primeiro andar onde fica o quarto dela. Paro na frente da porta dela e, quando ela a abre para entrar, fico no corredor.

Ela gira em minha direção, com as sobrancelhas arqueando. — Você não vem?

Eu balanço minha cabeça. — Por mais tentadora que seja essa oferta, prefiro não acabar na lista de merda do seu pai.

Ela deixa cair o olhar, deslizando-o lentamente de volta para o meu corpo. — Eu não vou contar.

Náusea provoca meu estômago enquanto me inclino, pressionando um beijo na bochecha. — Fica para próxima.

Nas próximas duas horas, ando no meu quarto, minha mente se contorcendo entre ficar parado caso alguém apareça ou correr o risco indo ver minha irmã. É estúpido, mas estou perdendo a cabeça sentado aqui e sem fazer nada.

Rose vence.

Saio do meu quarto, usando a escada dos fundos e correndo quatro degraus até chegar à saída dos fundos.

Nosso apartamento não está nesta parte da cidade, mas não está *muito* longe, e eu posso estar lá em vinte minutos a pé. Sei que devo ficar longe, não é inteligente e definitivamente não é seguro, mas não resisto à tentação de fazer uma checagem enquanto estou aqui.

Só por um minuto. Só para ter certeza.

Quando estou a cerca de três quarteirões de distância, encontro um telefone público antigo escondido na parte de trás do Gas 'N Go. Eu corro para ele, olhando em volta antes de entrar no pequeno suporte de vidro e pescar alguns trocos do meu bolso.

— Pegue, pegue, pegue — murmuro, pulando nos dedos dos pés para impedir que meu corpo sinta o ar frio de Chicago.

O correio de voz dela clica.

Merda.

Eu tento mais uma vez e depois desisto, pendurando o telefone de volta no receptor antes de descer os últimos três quarteirões, checando atrás de mim a cada poucos metros. Não há ninguém por perto, mas não consigo espantar os formigamentos assustadores, ocasionalmente, subindo pelas minhas costas.

O prédio é alto e bege, um buraco de quatro andares que possui equipamento de trabalho suficiente para ser considerado “habilitável”. Pulo todas as outras escadas subindo os degraus da frente e entro na porta, meu estômago tenso de nervosismo, embora não tenha certeza de por que estou nervoso. Não a vejo há alguns meses, mas ela ainda é minha irmã.

O elevador à direita tem uma fita de advertência colada nas portas, da mesma forma que nos últimos dois anos, e eu passo por ele sem pensar duas vezes, indo em direção à escada que leva ao nosso apartamento no segundo andar.

Meus passos ecoam nas paredes de concreto enquanto subo os degraus.

Chego a nossa porta, o grande 4A brilhando contra a tinta vermelha velha e levanto minha mão para bater, batendo minhas juntas até

doerem.

Ninguém responde.

A ansiedade aperta meu estômago.

São onze da noite, onde diabos ela poderia estar?

Eu bato de novo, desta vez pressionando minha orelha na porta e balançando a maçaneta da porta. Eu sabia que deveria ter trazido minha chave, mas não queria nada na minha pessoa que pudesse ser rastreado. Você nunca sabe quando seus itens acabarão nas mãos erradas.

Ainda assim, ninguém responde.

Suspirando, descanso minha testa contra a porta, tristeza brotando pelo peito na oportunidade perdida. Não sei quanto tempo esse caso vai durar, mas estou meio desesperado para ver Rose, esperando que ela me entenda corretamente.

Sem ela para me manter com os pés no chão, sou apenas uma concha oca e enferrujada, fazendo o papel de um homem vivo e respirando.

Um barulho do outro lado do corredor me faz levantar a cabeça e, antes que eu possa virar, o clique de um interruptor de segurança está no meu ouvido, então a forte pressão de metal na parte de trás do meu crânio.

— Se importa de explicar por que diabos você está aqui?

Capítulo 25

Eveline



Foi uma decisão importante vir para Chicago. Eu sabia onde eles estavam hospedados; fui eu quem fez as reservas e esperei nos bastidores, pronta para caçar Brayden e atirar nele ou cortar seu pau.

Mas então eu o vi levando minha irmã para o quarto dela. Acariciando o cabelo e pressionando beijos macios na bochecha, e meu estômago se revirou, náusea queimando no meu interior como ácido.

Fui até a porta do hotel depois, mas minhas emoções fortes e poderosas me impediram de entrar. Quero manter minha raiva quando o vejo, não me sentir como um filhote de cachorro doente que viu seus donos desistirem e encontrarem outro cachorro.

Quando ele reapareceu, seu corpo irradiava o pior tipo de energia ansiosa, eu o segui. E agora estamos aqui, com ele parecendo derrotado enquanto minha Desert Eagle pressiona contra sua cabeça.

— Você sabe — eu começo. — Você quase me ganhou.

Todo o seu corpo endurece e ele se vira. Eu permito que ele mova minha arma da cabeça para o peito quando estamos cara a cara. Os músculos dos meus braços já estão doendo com o peso da arma e com o quão tensa estou segurando-a, mas não vacilo na minha postura. E então, pela primeira vez desde que conheci Brayden Walsh, vejo emoção em seu olhar. O medo genuíno sangra em seus olhos, apenas um flash, e então se foi.

— E você me *chama* de perseguidor — ele brinca. Mas não há humor em seu tom.

— Cale a boca — eu sibilei através dos dentes cerrados. — Explique o que você está fazendo.

Ele assente, colocando as mãos nos bolsos e olhando para onde o cano está pressionado contra o peito. — Eu não sabia que você estava em Chicago.

— Surpresa. — Eu sorrio.

Ele olha atrás dele para a porta fechada e solta um fôlego, com as bochechas inchando um pouco quando o faz. — Se você está planejando atirar em mim, prefiro não sangrar por toda a porta da minha amiga. É rude.

Eu inclino minha cabeça. — Que amiga?

— Vou lhe contar qualquer coisa que você queira saber sobre ela, querida. Abaixe a arma e vamos voltar para fora.

Minhas mãos tremem, rajadas grossas de verde chicoteando através de mim quando ele confirma que é uma mulher, e então eu quero me matar por sentir algum ciúme.

— Juro por Deus, Brayden, se você tem uma namorada ...

Ele sorri, aquelas covinhas estúpidas iluminando seu rosto e ele se aproxima de mim, o fim da minha arma tocando seu peito. — Ciúmes?

— Apenas não estou interessada em pau comunitário.

A mão dele agarra o lado do meu rosto, cobrindo minha bochecha. Ele abre a boca, mas hesita, com os olhos fechados como se estivesse tentando descobrir o que dizer. — Não é uma namorada ... é minha irmã.

Eu aperto meus olhos. — Você não tem uma irmã.

— Eu tenho.

Lentamente, abaixo a arma.

Ele agarra minha palma imediatamente, juntando os dedos e me arrastando para trás dele. Eu sigo, muito atordoada com seus toques carinhosos e suas revelações para discutir.

Minha mente corre enquanto caminhamos pelo corredor e pelas escadas. Ele manobra pelo prédio como se o conhecesse intimamente, e meu coração se aperta, imaginando se ele está mentindo.

Cody disse que não tinha parentes.

Ele abre uma porta lateral para o exterior e o ar frio bate no meu rosto, mas mesmo assim ele não para até que me puxe pela lateral do prédio para um pequeno beco escuro. Ele puxa a mão como se eu o queimasse.

Balanço a cabeça, levantando a arma novamente. — Você está mentindo para mim?

Seus olhos escurecem e ele se inclina para a frente, torcendo meu braço rapidamente, meus tendões se alongando enquanto ele rouba a Eagle da minha mão e aponta para mim. Sua outra palma agarra meus pulsos com força, prendendo-os com seu aperto forte e empurrando-os acima da minha cabeça e contra a parede.

— Deixe-me explicar uma coisa para você, querida. — Ele corre o cano ao longo da lateral do meu rosto, o metal roçando minha bochecha, meu coração subindo na minha garganta. — Sou ladrão há anos. E naquele tempo, roubei de homens muito perigosos. *Importantes*. Você acha que eu faria tudo isso sem garantir a segurança de pessoas importantes para mim?

Cerro os dentes e empurro contra o seu domínio.

Ele aumenta o aperto. — Eu sei que você não é estúpida o suficiente para acreditar que é a única com acesso a arquivos do governo.

A confusão nada na minha cabeça, embora tudo o que ele esteja dizendo faça sentido. De fato, se eu estivesse na situação dele, provavelmente faria o mesmo. — Meu cara saberia se seus documentos fossem falsos.

Ele sorri, pressionando os quadris mais para perto de mim. — Você tem certeza disso?

— Não — admito de má vontade. — Tire *minha* arma da minha cara.

— Não se sente tão bem quando está do outro lado, não é? — O cano está frio enquanto ele desliza ao longo da pele do meu pescoço, arrastando em um ritmo torturante até acariciar minha clavícula. — Escondi o fato de ter uma irmã. Inventei algumas histórias sobre um garoto solitário que viveu uma vida normal até perder a mãe. Parabéns, você se apaixonou por isso. Assim como todo mundo.

Minha frequência cardíaca acelera, adrenalina batendo em todas as veias. — Me deixar ir.

— Você dificilmente está em posição de ser exigente.

Meus dedos estão começando a ficar dormentes com seu aperto em torno dos meus pulsos, e eu me mexo, o tijolo raspando nas minhas costas, mesmo através das minhas roupas. Se eu quisesse lutar, se eu *verdadeiramente* quisesse, sei que poderia, mas por qualquer motivo, não quero.

Se eu for honesta, é por isso que apareci, não é? Por que eu pulei no meu carro, com a arma meio engatada, pronta para enfiar no rosto de Brayden e irritá-lo. Não era para exigir respostas, não inteiramente. Foi porque minhas emoções estavam explodindo, e o único que leva os golpes, o único que me deixa *sentir*... é ele. Ele não me diz para me recompor ou não ser exatamente quem eu sou. Em vez disso, ele amortece o golpe, certificando-se de que minhas peças não se espalhem ao vento. E talvez seja por isso que eu me deleite com a sua atenção, desejando a maneira como seus músculos da mandíbula se apertem e seus olhos escurecem quando ele me coloca no meu lugar. Ou quando ele desiste de seu controle.

Ele pode ter dado beijos suaves em Dorothy e jantares sofisticados, mas ele não dá isso a ela.

Eu amoleço em seu aperto, ficando calma, sua respiração roçando na minha bochecha enquanto ele manobra minha arma ao longo do meu corpo. Ele percebe a mudança e se aproxima até que seu corpo fique cheio do meu.

Meus dentes afundam no meu lábio inferior e seus olhos caem para seguir o movimento.

— Você gosta disso, não é, garota bonita — ele murmura, pressionando a arma contra a lateral do meu pescoço. — Isso te excita.

— Pare de se lisonjear. — Minha voz sai ofegante.

— Te excita. — Ele sorri, mergulhando a cabeça até que seus lábios toquem contra a minha pele. — Vou lhe contar um segredo. O pensamento de fazer coisas com você aqui neste beco sujo me deixa tão malditamente duro.

Meu interior treme com as suas palavras e eu empurro com entusiasmo contra ele, tentando como o inferno segurar minha raiva de alguns minutos atrás e falhando miseravelmente.

— *Você me faz. Ficar. Tão. Duro.*

Ele mantém meus braços presos enquanto percorre meus seios com a Eagle, deslizando o cano entre meu decote. Meus mamilos tensionam, doendo por seu toque.

— Eu quero te foder aqui — diz ele, puxando a arma para trás, para que minha camisa se afaste da minha pele. — Eu gastei *dias* memorizando as curvas do seu corpo apenas para ir para casa e tirar meu pau, acariciando-o pela a visão de você na minha cabeça.

Meus dentes afundam mais no meu lábio, a carne se separando até que o sabor do cobre quente atinja meu paladar.

Ele se move novamente, deslizando o metal pelos meus lados, arrepios brotando em todos os lugares em que ele perambula.

Vozes gritam da rua, ecoando nos prédios e ficando mais altas à medida que os segundos passam, mas ele não para. De fato, sua ereção palpita contra mim, como se o pensamento deles nos vendo o excitasse.

— Você e essas saias — ele geme, finalmente soltando meus pulsos e estendendo a mão para deslizar livre por baixo do tecido.

Minhas pontas dos dedos formigam quando o sangue corre para baixo e eu balanço meus braços em volta do pescoço dele, meu corpo trêmulo demais para ficar sozinho.

— Me dê suas palavras, garota bonita. — A arma pressiona contra minhas costelas e sua mão esquerda toca minha boceta, seus dedos acariciando meu clitóris através do tecido encharcado da minha calcinha. — Eu quero suas pequenas juras de amor.

As vozes estão tão próximas agora, seria um milagre se elas *não* vissem e meu estômago cambalhota quando eu visualizo como seremos quando o fizerem. Ele quer poesia, mas não posso dar a ele a minha. É muito pessoal e já estou dando demais.

— Minha vida estava parada, uma arma carregada — forço entre respirações pesadas.

As pontas dos dedos dele deslizam sob minha calcinha agora, deslizando pelos meus lábios, coletando a umidade que escorre do meu buraco.

Sua língua serpenteia e lambe a coluna do meu pescoço, enviando um arrepio pelo meu corpo.

— Continue — ele exige.

— Nos cantos até um dia.

Como se em câmera lenta, sua mão para de esfregar contra mim, movendo a arma para o meu quadril até que ela desapareça sob minha saia. Ele pressiona o cano contra o meu clitóris.

Minha cabeça voa para trás, batendo contra a parede, minhas unhas cavando em seu pescoço.

— O dono passou — eu clamo. — Identificado, e me levou embora.

O metal frio empurra minha boceta, e meus quadris têm uma mente própria, deslizando ao longo do cano, as ranhuras profundas uniformemente espaçadas no topo, criando uma sensação de calor que serpenteia pelo meu núcleo e derrubando minhas pernas.

— Oh, *Deus!* — Gemo quando ele move a arma para frente e para trás.

Ele se inclina, seus lábios tão perto que sua respiração é meu ar. — Eu sei, querida. Eu sei.

— E ... e agora vagamos em bosques soberanos, e agora caçamos ... caçamos a corça — gaguejo. — E toda vez que pergunto por ele, as montanhas respondem diretamente.

Estou moendo contra a arma agora, tão perdida no nevoeiro do que está acontecendo, esqueço qualquer outra coisa. — E sorrio, luz cordial, contra o vale brilha. É como um rosto vesuviano, deixou seu

prazer passar.

— Eles estão nos observando, Eveline. — Ele pressiona um beijo suave nos meus lábios. — Ficando do lado de fora do beco, vendo todas as coisas depravadas que faço com você.

A maneira como ele diz meu nome completo faz meu rosto corar e minhas costas se curvarem, meus quadris trabalhando mais contra a parte superior do cano.

— Você acha que eles gostam? — Sua outra mão agarra o tecido e puxa apenas o suficiente para fazer minha calcinha deslizar pela metade das minhas coxas. — Você acha que os paus deles são grossos e duros, suas mentes girando com ciúmes que podem olhar, mas nunca tocar?

Um barulho me escapa enquanto ele pinta a imagem lasciva, e eu aperto meus olhos fechados.

— Eu os mataria se eles te tocassem. *Isto* é meu — ele rosna. — Também há uma mulher. Você acha que ela vai para casa hoje à noite e se deitar em sua cama, se foder com o pensamento do que estou fazendo com você?

Gemo enquanto passo em cima da minha arma, perseguindo o orgasmo que eu *preciso*.

— Abra suas pernas para mim.

Eu faço, sem pensar. Estou muito ocupada imaginando o olhar nos rostos de estranhos enquanto eles assistem; os homens apertando os punhos para não tirar os paus e se acariciar a visão. A mulher, agarrando-se a um dos braços, sua boceta inchada e encharcada, latejante enquanto me observa ser torturada com prazer.

— Continue, garota bonita. Você está indo tão bem.

Meu abdômen se aperta, os músculos se apertam até sentirem que vão explodir na minha pele. — E ... e quando à noite, nosso bom dia terminou, guardo a cabeça do meu mestre.

Sua mão livre se estende, segurando um punhado da minha bunda, me forçando mais a arma e o corpo dele.

Abro a boca e Brayden mergulha, pegando o gemido com a língua. Ele desliza a Eagle contra o meu núcleo e depois a arrasta de volta para que a visão frontal - a pequena peça saliente na ponta - pressiona meu clitóris. Eu subo ainda mais, a pressão entre minhas pernas cresce.

Ele quebra o beijo e fala a próxima linha contra meus lábios, sua voz profunda e tensa. — É melhor do que o travesseiro mais macio ser compartilhado.

Minha boceta se contrai. Ele conhece Emily Dickinson.

— Para o dele, eu sou mortal... *porra*... Eu sou um inimigo mortal — forço a sair, apertando meus olhos com mais força tentando formular palavras. — Ninguém mexe pela segunda vez. Em quem eu coloco um olho amarelo, ou um ... um polegar enfático.

Os dentes de Brayden afundam na minha garganta, com força suficiente para rasgar a pele enquanto ele continua me masturbando com *minha* arma, e eu suspiro, minhas pernas tremendo.

— Por favor — imploro, minhas unhas estão destruindo a nuca dele. — *Por favor.*

Seu aperto está machucando minha bunda enquanto ele controla meus movimentos, me empurrando para frente e me arrastando de volta, e então ele muda o ângulo da mão até que a ponta da arma circule contra a minha entrada.

Faíscas ricocheteiam em todas as partes de mim, meu corpo zumbindo como se eu estivesse drogada.

— Termine o poema — ele sussurra, puxando para trás para olhar nos meus olhos.

Meu coração titubeia enquanto olho para ele, algo quebrando no meu peito, permitindo que o calor inunde todas as rachaduras. — Embora eu, possa viver mais, ele deve mais do que eu — eu ofego.

A trava de segurança está acionada? A excitação corre através de mim como uma tempestade, minhas costas voando da parede enquanto eu o seguro como se estivesse me afogando.

— Pois eu tenho apenas o poder de matar — ele sussurra, o braço está tenso ao meu redor.

— Sem o poder de morrer — termino.

Ele desliza a ponta da arma dentro de mim, o metal roçando contra a minha abertura, enviando picadas de dor, e eu estou gozando, luzes ofuscantes disparando através da minha visão como fogos de artifício.

Sua boca está de volta em mim rapidamente, me segurando com força enquanto eu me despeço, minha boceta se espasmando em torno do cano da minha arma, sensação tão intensa que meus ossos doem.

Desmaiei completamente e, quando acordo, estou ofegante, desabei contra ele com os lábios pressionando beijos macios na minha cabeça. Eu me arranco, meu corpo treme enquanto olho em volta.

Não há ninguém lá.

Filho da puta mentiroso.

Ele ri e encontro seus olhos, minha boceta ainda latejando pelos tremores secundários do orgasmo mais intenso da minha vida.

Sua mão cobre minha bochecha e ele inclina minha cabeça para encontrar seus olhos. — Passe a noite comigo.

Eu tento falar. Eu realmente faço. Eu arranco minha língua do céu da minha boca e procuro mais palavras para dar. Mas todas desapareceram. E estou cansada de lutar, então pressiono meu rosto na palma da mão dele e aceno com a cabeça, o deixando calmo para o meu caos.

Capítulo 26

Nicholas



Eu fodi tudo.

E eu continuo fodendo. Repetidamente, acho que vou acertar minha cabeça e depois *ela* aparece e tudo vai pro espaço. Era estúpido tentar ver Rose sem o planejamento adequado de antemão.

Então eu entrei em pânico.

Se eu mentisse novamente, quem sabe o que aconteceria. E não estou disposto a jogar com a vida de minha irmã dessa maneira. Eu não deveria ter ido em primeiro lugar.

Mas se eu dissesse a verdade...

Eu corri um risco. Mostrei minha mão para que Eveline não procurasse o resto, e então eu a bati contra a parede e a fodi com a arma como um meio de distraí-la. Mas, como sempre, sempre que envolve Eveline Westerly, me perco no momento.

Ela é louca. Mas tê-la à minha mercê faz algo comigo, acende um fogo com brasas esquecidas, criando um inferno ardente sempre que ela está por perto. Ela me faz sentir vivo.

Agora ela está no banheiro do meu quarto de hotel e mais uma vez estou em pânico, meu coração batendo no peito enquanto me atrapalho com o telefone descartável e envio uma mensagem para Seth.

Tire Rose. Agora.

Eu gostaria de poder dizer que confio em Eveline, mas não sou burro.

Que porra eu estou fazendo?

A porta do banheiro se abre quando enfio o celular descartável na gaveta superior da mesa lateral, escondido desleixadamente embaixo da Bíblia do hotel. Deitado de volta na cama, puxo o lençol até a cintura e coloco as mãos atrás da cabeça, sorrindo para ela.

— Como foi o seu banho?

Ela suspira, esfregando o cabelo molhado com uma toalha. — Bem.

Meus olhos localizam seu corpo úmido e meu pau se contrai quando a observo. Ela sempre faz isso por mim, mas algo em vê-la assim, nua e despojada de todos os seus extras, me faz sentir como um homem das cavernas.

Eu limpo minha garganta. — Com fome? Eu posso pedir um café da manhã.

Ela inclina a cabeça, deixando as duas toalhas no chão até ficar completamente nua. Minha boca seca.

— Você está sendo estranho — diz ela, escorregando por baixo das cobertas.

— Por que estou perguntando se você quer algo para comer?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei, isso é estranho, não é? Nós não estamos discutindo? Quero dizer, eu definitivamente estava planejando causar sérios danos corporais quando cheguei aqui. Ainda não tenho cem por cento de certeza de que não vou.

— Uau. Romântico. — Coloco minha mão sobre meu coração.

— É isso que você quer que eu seja? — Ela inclina a cabeça. — Romântica?

Sua pergunta me dá um soco no estômago e a energia alegre no quarto evapora em um abismo sombrio, deixando algo mais pesado para trás. É o tipo de ar que se senta nos ombros e pressiona para baixo, fazendo você se sentir cansado do peso.

— Eu realmente não acredito na coisa toda de “romance”. — Estendo a mão, enfiando o cabelo úmido atrás da orelha. — Mas eu gosto do jeito que você me faz sentir.

O canto da boca se inclina. — Mesmo quando estou tentando te matar?

Eu rio. — Especialmente isso. Me dá um motivo para foder a

pirralha de você.

O piercing da língua espia enquanto ela o passa por cima do lábio inferior. — Então isso é apenas ... sexo.

Meu estômago se agita com os nervos, e tudo está me pedindo para dizer a ela que nem pode ser isso. A verdade é que, se eu continuar transando com ela, não será para o caso ou para obter um ângulo. Vai ser porque eu posso.

Porque eu quero.

Porque não tenho certeza se posso ficar perto dela e *não* a tocar.

Pego a mãozinha na minha, minhas pontas dos dedos traçando pelas costas dela. — Você sabe que não é.

— Eu sei? — ela pronuncia.

Inclinando-me, pressiono um beijo na lateral da mandíbula, movendo minhas palmas para baixo das costelas. Sinto o sorriso dela enquanto ela se anima.

Meus dedos traçam seus lados e ela ri.

É só por um momento, mas o som está tocando, mil volts de eletricidade me iluminando por dentro.

— Faça isso de novo — exijo.

Ela levanta uma sobrancelha. — Fazer o que?

Eu não respondo, cavando meus dedos no torso dela, tentando forçar o barulho da boca dela. Ela bate no meu ataque, gritando

enquanto suas mãos empurram contra mim, risos saindo dela enquanto luta contra o meu domínio. Eu mergulho, enchendo o pescoço dela com beijos, todo o meu corpo *flutuando* pela maneira como suas risadinhas voam pelo ar e se instalam no centro do meu peito.

Finalmente, eu me afasto e ela se acalma, com os olhos brilhando enquanto olha para mim com um sorriso no rosto.

E eu estou cambaleando; sem fôlego nos pulmões, tonto do tipo de rodopio da altura.

É *aquele* sorriso novamente, a verdadeira ela. Raro e tão bonito.

Meus olhos estão vorazes quando olho, fixando esse momento em minha memória, caso nunca mais a veja assim. Sabendo que em breve, não terei mais chance.

— Eu nunca percebi que você tinha sardas — eu digo.

Ela torce o nariz, a mão correndo pelo rosto. — Sim, maquiagem geralmente as cobre.

Pego a mão dela, afastando-a das bochechas, meu estômago revirando. — Você não gosta delas?

— Eles me lembram minha mãe. — A voz dela é monótona.

— E isso é uma coisa ruim?

— Olhar no espelho e ver uma mulher que não suportava que eu existia? Não parece exatamente sol e rosas, não.

Sua linguagem corporal muda então, os braços endurecem

enquanto ela os cruza sobre o peito. Ela está se enrolando. Afastando-se.

— Você sempre faz isso?

— Ugh — ela reclama. — Se eu soubesse que você estava planejando fazer tantas perguntas, não teria concordado em passar a noite.

Eu sorrio. — Estou apenas tentando conhecê-la.

Ela rola para o lado, descansando as mãos sob o rosto enquanto se deita no travesseiro, com os olhos tremeluzindo sobre cada centímetro de mim. — Minha mãe era ... ela simplesmente não era para ser mãe, eu acho. Não *minha*, de qualquer maneira.

Meu peito queima porque nunca me relacionei mais com um comentário.

— Eu sou a filha mais nova, sabia? Nessa e Dorothy, ambas foram planejadas, mas ... não eu. Eu fui um erro. Um “acidente infeliz”. —

Ela faz uma pausa, os olhos perdendo o foco. — Quando eu era pequena, quando era forçada a ir à missa todos os domingos, costumava ouvir o padre ficar poético em relação a Deus, e eu ia para casa e deitava na cama imaginando, se todos nós fomos feitos à Sua imagem, por que minha mãe não podia me amar do jeito que eu doía por ser amada.

— Eu acho ...— eu digo com cuidado. — O único amor com o qual você pode contar é a maneira como você se ama.

Ela murmura, mordendo o lábio inferior. — Sim. Talvez. Eu superei isso agora, sabia? Ela se foi há muito tempo. Meu pai foi para a prisão e ela saiu fora rápido. Deixou Nessa para nos criar, embora ela ainda fosse apenas uma criança.

O silêncio se estende entre nós.

— Minha mãe realmente não morreu de câncer. — A verdade é boa quando sai da minha língua, e eu continuo sabendo que estou mais uma vez comprometendo minha cobertura, mas não dando a mínima. Ela sabe que meus arquivos são falsos e é uma merda não lhe dar algo real quando ela me deu algo.

Ela revira os olhos. — Não brinca.

Rindo, eu estendo a mão e puxo o corpo dela para mim antes de me mover para as minhas costas, minhas mãos traçando linhas para cima e para baixo da coluna enquanto ela descansa a cabeça no meu peito.

Eu me pergunto se ela pode ouvir como meu coração está acelerado.

— Ela era viciada, na verdade. Ela nunca ... — A emoção entra na minha garganta e eu engulo em torno dela, forçando as palavras. — Ela não estava por perto muito, e quando estava, não era ótimo. Mas houve momentos.

Penso na última vez que a vi. Quão claros eram seus olhos, seu rosto parecendo mais vivo do que em anos. Eu estava convencido de que ela estava melhorando.

— Como a poesia? — Suas pontas dos dedos enviam arrepios patinando pela minha pele enquanto ela faz círculos no meu peito.

— Como a poesia — repito. — Então um dia ela nos deixou no trailer de sua irmã e desapareceu.

— Ela não voltou — afirma Eveline.

Balanço a cabeça, a ferida esfolada no peito sendo aberta até sangrar.

— Minha mãe nunca teve momentos — ela reflete. — Não comigo, de qualquer maneira. Eu costumava passar inúmeras horas tentando descobrir por que ela me odiava tanto e, um dia, percebi que não me importava.

Movendo minhas mãos pelos lados até meus dedos baterem no queixo, eu levanto o rosto para que ela encontre meu olhar. — Eu não sei como alguém poderia te odiar.

— *Você não* me odeia?

Eu balanço minha cabeça, meu meio apertando forte. — Tanto quanto você me odeia.

Ela se levanta e pressiona os lábios nos meus, e pelo resto da manhã estou perdido.

Capítulo 27

Eveline



Estou olhando para o rosto do meu pai, tentando descobrir o que ele está pensando e não conseguindo.

Mil coisas diferentes estão correndo pela *minha* mente embora. Principalmente sobre a estreita ligação que tive com Brayden hoje cedo. Eu sabia que era estúpido ficar no quarto dele, e quando Zeke apareceu e bateu na porta à tarde, corri e me escondi no banheiro como uma criança pega roubando doces.

Não porque estamos fazendo algo errado, mas porque não tenho interesse em compartilhar Brayden com o resto do mundo. O que acontece é entre nós, mais ninguém.

— Eu pensei que você não viria — resmunga papai.

— Mudei de ideia. — Eu sorrio, embora meus pulmões se apertem com o pensamento de ir para o evento *aquático*.

— Bem, bom. Eu pretendia falar com você de qualquer maneira — continua ele, acendendo a ponta de seu Black & Mild. — Eu tenho um presente para os Cantanellis.

Leva um minuto para suas palavras se registrarem. — Para quem?

— Vamos, Bug. Você sabia que eu estava planejando expandir. Não posso fazer isso sem ajuda. Precisamos dos italianos do nosso lado ou eles virão atrás de nós. — Ele olha para mim. — Nós somos os pequenos aqui.

— Eles já vindo atrás de nós. Você sabe que eles estão prestes a fazer lances naquele novo canteiro de obras no centro de Kinland?

Ele zomba. — Eles não podem tocar nossa cidade.

— Eles *podem*, se tiverem o prefeito no bolso. — Eu balanço minha cabeça. — Você precisa ser inteligente sobre isso.

O punho bate na mesa. — Você não me ensina. Estou fazendo o melhor para nós, para a nossa *família*. Se fornecermos os Cantanellis, somos valiosos.

Eu soltei uma risada incrédula. — Não pai. Se fornecermos os Cantanellis, somos as cadelas deles. Além disso, irritamos o Cartel e não sei sobre você, mas não quero nada com isso. Estamos indo muito bem em nosso cantinho do mundo. — Eu pressiono minha mão na mesa até doer. — Sem mencionar que nem tenho capacidade para produzir o suficiente para esse nível de distribuição.

— Vamos atrair mais pessoas.

— *Foda-se*. Isso. — Eu sopro uma respiração frustrada. — Olha ... já temos problemas suficientes. Lembra que eu peguei o primo de merda de Liam adulterando nossas drogas e mantendo o lucro? Quem sabe que outro merda está fazendo o mesmo.

Irritação acende dentro de mim, borbulhando como um caldeirão prestes a transbordar. Aperto a ponte do meu nariz e fecho os olhos.

Dez. Nove. Oito...

Quando volto ao controle, abro-os novamente. — O *ponto* é que está cometendo um erro. E com a chance de os Cantanellis aceitarem esta oferta, você está me pedindo para fazer o impossível.

Ele encolhe os ombros. — Então, eu sugiro que você descubra.

— Nessa nunca teria feito isso — eu estalo.

Seus olhos piscam quando ele sopra em seu charuto, me observando. Ele derruba o Black & Mild, batendo na ponta dos dois dedos da frente na mesa. — Talvez se ela tivesse, não seríamos peixinhos em um grande lago de merda.

Minhas unhas cavam nas palmas das mãos para não atacar e fazer algo de que me arrependo. — Ela foi cautelosa.

— Ela era estúpida — ele revidou. — É uma piada. Você sabe quanto trabalho foi necessário para colocar nosso nome em boa posição depois da merda que ela fez? Os erros que ela cometeu.

Minhas veias esquentam, a fúria corre através delas e me tiro da minha cadeira. — Cale-se.

— Como é? — Ele se levanta tão rápido, encostado na mesa e segurando meu rosto com força nas mãos. Eu estremeço com a dor.
— Tome cuidado com o jeito que você fala comigo.

— Você não a conhece — eu me arrepio com os dentes cerrados. Minha voz tremendo quando a emoção brota e sangra no meu tom.
— Você *nunca* a conheceu.

Ele ri, jogando meu rosto longe dele. — Pare de ser dramática. A melhor coisa que sua irmã já fez foi cuidar de você. Sinto muito se isso machuca seus sentimentos, Bug, e sei que você a amava. Eu sei que você sente falta dela. Mas ela não era a heroína que você pintou na sua cabeça.

Minhas narinas inflam, uma queimação na minha garganta.

Não há lugar como o lar e não há nada como a família. Fiquem juntos.

Minha visão fica nebulosa nos cantos, o desejo de atacar e fazê-lo sentir um décimo da dor que sinto enche meu estômago e se expande para o peito. Mas uma batida na porta me mantém no lugar. Ele vai responder e eu estou parada, minhas unhas ainda penetrando nas palmas das mãos e minha cadeira bateu de lado atrás de mim. Minha mandíbula dói de onde tenho certeza de que impressões digitais vermelhas são deixadas para trás.

As vozes são filtradas pelo corredor e se aproximam quando chegam ao centro da sala, mas eu não olho. Não consigo me mexer, meu corpo congelado com a raiva que estou tentando como o inferno conter e esconder.

— O que você tem? — Dorothy diz, aproximando-se e acenando com a mão na frente do meu rosto.

Eu olho para cima.

Meu pai está olhando para mim, Zeke não está prestando atenção em nada, e Brayden está examinando a sala, uma carranca puxando suas feições. Meu estômago vira quando nossos olhos se encontram e ele levanta uma sobrancelha. Ele joga o olhar nas minhas bochechas e seu corpo endurece.

Me dá nojo de como eu quero ir até ele. Deixá-lo me confortar com a dor que meu pai acabou de causar nas partes mais sombrias da minha alma. Eu não fui nada além de leal a esta família, mas *isto* é como ele me paga?

— Tudo bem? — Brayden pergunta, seu olhar nunca sai do meu.

— Está tudo bem — responde meu pai, andando e atirando um braço sobre meus ombros.

Meu corpo está doendo, não gostando do toque. Eu dou de ombros sob o controle dele.

— Eu pensei que você não viria — suspira Dorothy.

— Os planos mudaram. — Eu sorrio para ela, tentando encontrar prazer em sua aversão por eu estar aqui.

— Onde você esteve? — Papai bate nela.

Os olhos dela crescem. — Fui ao spa do hotel e fiz uma massagem. Não achei que você precisasse de mim.

Ele resmunga, e eu inclino minha cabeça, observando a maneira como seus dedos se unem e torcem como se ela estivesse nervosa.

Brayden se move pela sala enquanto a atenção não está voltada para nós até que ele esteja perto. Ele olha para mim de sua visão periférica. — Você está bem?

É uma pergunta tão pequena. Simples, realmente. Ainda assim, meu coração vibra com o fato de ele estar perguntando.

— Não — eu respondo. — Mas eu estarei.

Capítulo 28

Nicholas



S: Ela está segura. Na minha casa e pedindo para vê-lo.

O alívio flui através de mim e a gratidão se filtra com a mensagem de Seth. Eu tenho sido um parceiro de merda, mas mais do que isso eu tenho sido um amigo horrível, resolvendo meus problemas pessoais quando, dentre todos na minha vida, ele é o *único* que está nas minhas costas.

Ele nunca me deixou na mão e eu estou pagando por ele explodindo em ataques de raiva e indo pelas costas, saindo com a garota que prometi a ele que não era um problema.

Ela *é* um problema. E isso nunca ficou tão claro quanto uma hora

atrás, quando entrei no quarto de hotel do pai e vi marcas na pele dela.

Minha visão sangrou em vermelho e levou tudo dentro de mim para não causar uma cena. Eu sei que ela pode cuidar de si mesma, mas isso não significa que ela deveria.

Eu me viro para Zeke, assim que ele vira a chave na ignição, o estrondo de seu carro ganhando vida. Estamos correndo rapidamente para a loja, pegando comida e mais charutos para Farrell.

— Eu preciso que você me leve a algum lugar.

Ele olha para mim, com a mão parando no câmbio. — Desculpa?

— Faz um minuto desde que eu fiz o check-in com meus caras, então preciso que você me leve até lá — repito.

Suas bochechas ficam coradas quando ele me olha incrédulo. — Que porra eu estou fazendo.

A impaciência torce meus músculos. — Não é uma sugestão.

Desde minha tentativa fracassada, a necessidade de ver Rose pessoalmente só se fortaleceu. Ver com meus próprios olhos que ela está prosperando sem mim.

Que ela ainda está sóbria.

Pegando o telefone, ligo para Seth, que atende o segundo toque.

— Ei.

— Estou indo.

— Ei amigo. É bom ouvir você. Eu estou bem, obrigado.

Aperto a ponte do meu nariz. — Merda, desculpe. Estou com um pouco de dificuldade, mas preciso ... preciso vê-la.

A linha fica em silêncio. — Você tem certeza que é uma boa ideia?

— Não — eu respondo. — Mas você disse para lhe dizer se a merda estava ficando real. A merda está ficando real e preciso falar com ela.

— Tudo bem, cara. Estaremos aqui.

Acenando, respiro fundo. — Obrigado.

Dez minutos depois, Zeke entrou em um posto de gasolina a três quarteirões da casa de Seth. Ele pode estar trabalhando para nós, mas isso não significa que eu confio nele com conhecimento de onde um agente federal mora. — Você pode esperar aqui. Eu serei rápido.

— Quando essa merda vai acabar? — ele questiona.

Eu já tinha começado a sair do carro, mas me sento, virando-me em sua direção. — Quando você me conseguir o fornecedor.

O rosto dele cai. — Oh, vá se foder. Esse não era o negócio, e sabe de uma coisa? Mesmo se eu soubesse, não diria.

Ele bate o punho no volante, a buzina apita tão alto que faz meu interior pular. — Eu me sinto uma merda, ok? A culpa está me comendo vivo.

Eu encolho os ombros, apesar de me relacionar mais com as palavras dele do que gostaria de admitir. — Isso parece um problema pessoal, Zeke.

Ele dá uma risada vazia. — Você pode fingir que não se importa. Faça o papel do grande agente federal que vem para afastar os bandidos. Mas eu vejo você.

Meu coração pára. — Vê exatamente o que?

— Você sabe por que Skip veio até mim todos esses anos atrás, querendo se juntar e reconstruir o legado de meu pai? Não foi por quem eu era ... não totalmente. Meu pai era rei da selva, não eu. Eu nunca peguei esse gene, aquele em que você pode subir ao topo e não ter medo da queda. — Ele bate os dedos nos olhos. — Mas sou perspicaz e essa merda é valiosa nesta vida.

Eu mudo no meu lugar.

— Me virar contra os Westerly. — Ele balança a cabeça, a língua pressionando contra a frente dos dentes. — Vou ter que viver com essa merda pelo resto da minha vida. E você pode dizer que estou fazendo a coisa certa o quanto quiser, mas a verdade é que não *parece* certo. Parece a saída mais fácil. — Ele olha para mim. — E o que você está fazendo? Não vai *ser* uma saída fácil para você. Você entende? Você está fodendo com a mulher errada.

E eu sei que, sem dúvida, ele está falando sobre Eveline.

Eu sorrio, mas meu interior está cambaleando. — Fique no carro. Não vou demorar.

— Sim, tanto faz.— Ele foca pela janela lateral do motorista.

Eu pulo do assento, batendo a porta atrás de mim. Não tenho tempo para me preocupar com Eveline e com os erros que estou cometendo quando se trata dela, ou como as coisas vão acabar. No momento, preciso me concentrar na minha vida *real*; aquela que está embaçada, como se eu estivesse olhando no espelho retrovisor.

A caminhada é rápida e, em pouco tempo, estou parado na base de uma colina com uma movimentação íngreme, uma pequena casa em estilo de fazenda com persianas azuis no peitoril da janela olhando para mim. Subo os degraus e Seth abre a porta antes mesmo de bater, estendendo a mão e me arrastando para um abraço. — Como vai, mano.

— Onde ela está? — Eu pergunto, recuando.

Ele acena em direção ao corredor dos fundos, esfregando o pescoço. — No quarto de hóspedes.

Meu estômago vira quando chego a Rose, e abro a porta, meus músculos relaxando quando a vejo, pernas cruzadas no meio da cama. Ela tem fones de ouvido nas orelhas e quando abre os olhos e os fixa em mim, eles se estreitam.

Antes que eu possa falar, ela se levanta, se aproxima e me dá um tapa na cara.

A dor dispara na minha bochecha e eu cubro o local tentando acalmar a queimadura. — Aí, que porra é essa?

Ela aponta um dedo magro para mim. — Isso é por me fazer vir aqui.

Eu gemo. — Por favor, não comece com sua merda, Rose. Preciso que faça isso por mim, só até voltar.

Ela tira os fones de ouvido e os joga na cama antes de jogar as mãos nos quadris. — E quanto tempo vai demorar, Nick?

O nome é um choque para o meu sistema, e eu pisco enquanto absorvo o golpe.

Suas sobrancelhas se erguem, a raiva desaparece de seus traços, sendo substituída por algo mais suave, algo mais preocupante.

— Você está bem? — ela pergunta.

Eu aceno, rangendo os dentes. *Não*. Sim.

Seus olhos voam sobre o meu rosto e ela balança a cabeça. — Ok. Eu vou ficar.

O alívio derrama através de mim e me movo para a parede esquerda, enfiando minhas mãos nos bolsos. — Eu quero saber como *você está*. Você está vendo seu fornecedor?

Ela suspira, alcançando-a atrás dela e pegando um travesseiro para jogar na minha cabeça. — Eu não te vejo há três meses e esta é a primeira coisa que sai da sua boca?

— Você *bateu* em mim. — Eu me abaixo, rindo. — Eu só me preocupo, é tudo.

— Sim, eu sei. — Ela assente, os dedos subindo pelo braço. — Na verdade, encontrei um novo emprego.

— Não brinca?

O rosto dela se anima. — Apenas entrada de dados de nível básico para um cara rico que tem vários aplicativos, mas é legal. — Ela

sorri. — É bom.

O contentamento flui através de mim, feliz por *ela* parecer estar feliz. Olho para trás, vendo que já se passaram trinta minutos desde que deixei Zeke. Meu estômago está com câibras, sabendo que preciso voltar.

— Eu tenho que ir, garota.

Ela cruza os braços. — Você acabou de chegar aqui.

— Sim, bem ... é um milagre que eu possa parar em primeiro lugar.

Ela coloca os dedos na boca, mastigando as pontas das unhas enquanto caminha até mim, unindo nossos braços e nos levando de volta para a sala da frente.

Só estou lá por mais dez minutos, apenas o tempo suficiente para informar Seth e dizer um adeus rápido.

Quando Rose cai em meus braços, me abraça mais forte que o normal, descansando a cabeça no meu peito. — Me prometa que está seguro.

Eu engulo, odiando que tenho que mentir para ela. Odiando que tenho que mentir para *todo mundo*. — Eu prometo.

— Te amo. — Ela aperta e depois solta.

— Te amo também, garota. — Eu sorrio para ela.

Ela revira os olhos. — Eu sou mais velha.

Eu encolho os ombros, agarrando-a em um aperto e dando-lhe um

casudo, alegria brilhando no meu peito quando ela luta contra o meu domínio.

Isto é o que eu precisava. Um lembrete de que, embora eu me sinta uma fraude em um mar cheio de pessoas, ela está aqui, esperando que eu volte para casa.

Capítulo 29

Eveline



Não gosto de me vestir, mas adoro usar salto. Admito que eles não são os sapatos mais práticos, mas quando você tem um metro e cinquenta e dois e está no reino de homens perigosos, é importante ter tudo o que você pode usar à sua disposição. E stilettos doem quando você os apunhala na pele.

Estou enjoada desde que acordei, sabendo que hoje é o baile da caridade *aquático*. Só o nome tem pânico agitando meu interior, sem mencionar que estará no mesmo iate em que minha irmã foi vista pela última vez viva. Não estive nem perto da água desde a morte de Nessa e, mesmo antes disso, sempre me senti desconfortável.

Meu estômago rola como ondas agitadas, minha mão esquerda segurando a lateral do meu longo vestido verde-esmeralda. Sinto-me nua, tanto por causa do vestido sem alças, mas também porque é muito apertado, não há espaço para a minha Desert Eagle.

O SS Toto é grande, primitivo com seu acabamento preto brilhante. Ele balança na água serenamente, ondas suaves colidindo contra seus lados enquanto o horizonte de Chicago brilha ao fundo. É pitoresco, e a visão me faz querer vomitar.

Minhas mãos tremem quando eu seguro minha bolsa perto do meu corpo e subo a rampa para embarcar. Passo correndo pelo convés da frente e entro no refeitório onde sei que o leilão está ocorrendo, pressionando as pessoas vestidas da melhor maneira possível, ansiosa para chegar a uma sala onde posso fingir que ainda estou em terra.

Acabei de entrar na área principal, minha pele arrepiando de frio, quando uma aderência áspera envolve meu braço. Eu giro, meu corpo já está no limite, mas vacilo quando percebo que é Zeke.

Ele olha para mim e sorri. — O que você está fazendo aqui em cima? Vamos lá, vamos para o porão.

— Oh, eu não sabia para onde ir. — Porque é claro que meu pai não pensou em me incluir nos detalhes.

Eu espio enquanto Zeke me puxa e vejo Dorothy parada no canto direito, uma taça de champanhe na mão enquanto ela fala com Oscar. Eu aperto meus olhos, lembrando que ele perguntou *qual* irmã de quem eu estava falando. Eu não sabia que eles interagiram após a morte de Nessa, e agora estou me chutando por não prestar mais atenção.

O corpo de Zeke está em alerta máximo enquanto caminhamos pelo

corredor e passamos pelos banheiros, subindo uma escada que leva ao nível mais baixo. Minha coluna endurece a cada passo, a ansiedade aperta meu meio quando o iate sacode quando começa a se mover. Meus dedos se torcem e eu bato a minha língua na parte de trás dos meus dentes.

— Onde eles estão se encontrando, nas malditas masmorras? — Eu assobio.

Zeke olha para mim, nos parando na frente de uma porta de aço e virando para me encarar. — Você vai conseguir.

Forço um sorriso, mesmo que ache que posso desmaiar. — Estou bem, apenas irritada por vocês não terem me dito a que horas estar aqui.

— Ok — diz ele, levantando o queixo. — Não faça nada estúpido aqui, sabe? Esses caras ... apenas se sente e deixe seu pai lidar com as coisas.

Meu estômago cai no chão, suas palavras se formando em facas enquanto esculpem minha pele.

Endureço minha mandíbula e aceno bruscamente.

Ele abre a porta e entramos em uma sala cheia de caixas. As prateleiras de metal correm ao longo dos lados abastecidos com material de limpeza. As paredes têm pequenas janelas circulares espaçadas uniformemente por toda parte e, se eu ouvir de perto, posso ouvir ondas colidindo contra o barco enquanto atravessamos o lago. Gotas de suor se formam na minha linha do cabelo, meu coração batendo contra o meu peito.

Se afundarmos, este será o primeiro lugar a inundar.

— Ei — uma voz sussurra. Eu engulo, olhando para cima e encontrando os olhos de Brayden. Ele está me olhando com preocupação, como se estivesse preocupado que eu pudesse ficar doente e ele não sabe o que fazer.

Mas tudo isso é empurrado para o esquecimento quando vejo Giacomo Cantanelli sentado em uma pequena mesa dobrável no centro da sala, fumando um charuto com meu pai como se fossem velhos amigos.

Nenhum deles me reconhece quando entro, mas os dois capangas de pé nas costas de Giacomo certamente o fazem.

— Você sabe — diz Giacomo, apontando o dedo com anéis de ouro no rosto do meu pai. — Seu produto voador está realmente me causando dor de cabeça.

Meu pai sorri. — Há uma solução para todos os problemas, Giacomo.

Giacomo murmura, girando o charuto na boca, seus grossos fios prateados e pretos arrumados com pomada e um terno alinhado de três peças ajustado perfeitamente nele. Ele parece um deus, e quando olho para meu pai com suas tatuagens e as arestas ao redor das bordas externas, não há comparação.

Os Cantanellis são rivais, mas no final do dia ainda são grandes peixes na lagoa. O alcance deles é muito maior que o nosso e, se quisessem, poderiam nos matar agora e estar na igreja amanhã de manhã sem ninguém fazer perguntas.

Isso é o poder que meu pai deseja ter, mas nunca alcançará.

Esse é o tipo de desespero que faz as pessoas fazerem coisas estúpidas e idiotas.

— Você e eu pensamos da mesma forma. — Giacomo sorri e envia alarmes tocando na minha cabeça. — Não há necessidade de sermos inimigos quando podemos ser *amigos*. Claro, você entende, se você trabalha para mim, preciso saber tudo.

Meu peito aperta quando passo para frente. — Quem disse que trabalharemos *para* vocês?

Os olhos de todos na sala se encaixam nos meus, como se agora estivessem percebendo que estou aqui. Brayden suspira pesadamente, mas se aproxima do meu lado.

—Eveline. Quieta — exige meu pai.

— Eveline Westerly — Giacomo ronrona, seu olhar brilhando para cima e para baixo na minha forma. — Que prazer.

Eu sorrio para ele, certificando-me de mostrar todos os meus dentes.

Ele acena a mão no ar, me chamando. — Venha aqui, boneca. Deixe-me dar uma boa olhada em você.

Eu me movo em direção à mesa, mantendo meus olhos nele o tempo todo. Na minha visão periférica, vejo o olhar de desaprovação de meu pai.

— Você parece tensa, Eveline — observa Giacomo. — Você não está com medo, está?

Rindo, balanço a cabeça, sentando-me ao lado do meu pai e pegando um charuto da mesa. Giacomo está lá com o isqueiro antes que eu possa perguntar. Eu tomo meu tempo exalando no final, permitindo que a fumaça se esvaia na minha boca antes de soprá-la de volta no

ar. Ninguém fala enquanto espera e, surpreendentemente, não me importo com a atenção.

— Não — finalmente digo. — Eu não tenho medo. Eu apreciaria se todos parassem de agir como se eu fosse uma garota mansa incapaz de participar da conversa.

— Você é um prêmio, não é? — Giacomo sorri, com os olhos olhando através do meu vestido novamente. — Farrell, certamente ela não está aqui para fazer negócios.

O movimento chama minha atenção e Brayden se move de perto da porta até que ele esteja mais perto do centro da sala, onde se inclina contra um pilar com os braços cruzados.

Ele parece calmo, legal e gentil. Mas eu sei melhor. Seu olhar nunca se desvia de mim.

— Se você vai trabalhar *conosco*, então eu gostaria de fazer parte disso, sim — respondo.

Meu pai limpa a garganta. — Eveline faz muito por mim. Ela sabe muito sobre os nossos negócios. A família é importante para ela, e ela pode ficar um pouco ... apaixonada. Você entende.

— Eu entendo. — Giacomo acena. — Interessante você deixar uma mulher ter tanto prestígio. Eu nunca permitiria uma coisa tão ridícula.

O fogo queima no peito, mas eu mordo a réplica, pressionando as unhas nas palmas das mãos até que ela rasgue a pele.

— Presumo que você trouxe algum produto para testarmos? — ele continua.

Meu pai inclina a cabeça. — Claro.

Ele estala os dedos. Brayden e Zeke se movem, caminhando para o canto da sala, onde há cinco grandes sacolas pretas. Eles as carregam e jogam na mesa.

— Considere isso um presente de boa-fé — diz papai.

Giacomo examina seus olhos sobre mim mais uma vez. — Ela também é um presente?

Meu sorriso cai, preto começando a aparecer em torno da minha visão. Inclino a cabeça, colocando o charuto no cinzeiro. — Minha irmã pode ser mais do seu agrado.

Meu pai endurece e a satisfação passa por mim. É isso que ele ganha por fazer acordos sobre minha produção sem mim.

— De alguma forma, duvido que ela segure uma vela para você — Giacomo ri antes de acenar para o pai. — Vamos tentar o produto e você terá notícias nossas em breve, mas você deve saber se concordamos, *você* trabalhará para *nós*. — Ele fica de pé, abotoando o paletó antes de olhar para nós dois. — Isso significa que quero saber com quem estou trabalhando. De quem estou comprando.

Não há como meu pai concordar. Anos tenho feito isso por ele e, durante todo esse tempo, nem uma palavra. Esse é o acordo. Isso me mantém protegida; fora dos holofotes, e nos dá alavancagem onde, caso contrário, ficaríamos aquém.

Meu pai sorri e aperta a mão. — Você tem minha palavra.

Capítulo 30

Nicholas



Ajusto as abotoaduras nos braços, tentando aliviar a tensão que vem atormentando meu corpo desde que pisei nesse ridículo barco. Eu não esperava que Eveline aparecesse na reunião e, quando o fez, meu estômago voou para minha garganta, orando para que não saísse do controle.

Ela não fez, mas agora estou chateado por um motivo diferente. Aquele filho da puta tinha os olhos em cima dela, e suas mãos estavam em um *caminho* muito perto. Um fogo possessivo pulsa em minhas veias enquanto passo pelo leilão no refeitório e vou para o convés traseiro. Ando até a parede das portas francesas e saio, imediatamente agradecido por não haver mais ninguém aqui, exceto por uma figura solitária.

Eveline.

Agora que a ameaça imediata passou, tenho tempo para absorver o que ela está vestindo e, quando o faço, meus pulmões se apertam e meu pau ganha vida. Ela está perfeita em um vestido verde que flui ao longo das curvas de seu corpo. O cabelo dela é encaracolado e de lado no pescoço, e embora eu saiba que ela não age como o resto da elite de Illinois, a *maldita* pode se vestir como eles.

Suas costas estão para mim, e eu bebo a vista de sua pele nua, o vestido aberto nas costas e escorrendo pela curva de sua bunda. Eu sigo em frente sem pensar. Suas mãos estão enroladas no corrimão de metal que reveste a parte de trás do navio. O vento chicoteia a água, girando pelo convés, e a parte inferior do vestido farfalha, pequenos pedaços de cabelo flutuando em volta do pescoço.

— Não pule.

O seu corpo está tenso e eu me aproximo, imaginando por que ela não tem um retorno rápido do jeito que normalmente faria.

Eu passo ao lado dela, percebendo seus olhos fechados, depois, movendo meu olhar por seus braços cobertos de arrepios e, finalmente, para onde suas juntas estão descansando de seu aperto forte no parapeito.

— Você está bem?

— Cale a boca — ela se exalta, apertando os olhos com mais força.

Ela abre uma pálpebra timidamente, olhando para o lago escuro. Seu peito sobe e desce mais rápido e ela fecha de novo.

Ela está com medo da água?

Eu me movo sem pensar, em parte porque ela precisa de mim e outra parte porque estou desesperado para tocá-la, só para provar que posso depois de ver outro homem cobiçá-la e ser incapaz de detê-lo. Eu passo atrás dela, não muito totalmente encostado, mas perto o suficiente para o calor do seu corpo irradiar em de volta.

Ela está aqui sozinha, e toda a sua família está lá dentro, como se não percebessem que ela poderia estar lutando. Como se eles nem soubessem que ela tem medo.

Talvez, não saibam.

É uma sensação desanimadora vê-la dessa maneira.

Eu pressiono um beijo suave na sarda no ombro esquerdo e tiro minha jaqueta, colocando-a sobre ela. Então eu a pego, meu corpo a rodeia e minhas mãos descansando no parapeito.

Sua respiração treme, mas ela não abre os olhos. Eu aumento o aperto dela do metal, enfiando meus dedos nos dela para que ela possa me segurar.

— Estrela brilhante, eu ficaria firme como tu estás - não em esplendor solitário pendurado no ar durante a noite. E assistindo, com as pálpebras eternas separadas, como o paciente da natureza, Eremita sem dormir. — Eu sussurro as palavras suavemente em seu ouvido.

O corpo dela pressiona contra o meu.

— As águas móveis em sua tarefa sacerdotal, purificação nas costas humanas da Terra, ou contemplando a nova máscara caída, de neve nas montanhas e nos pântanos...

A respiração dela se acalma e a cabeça relaxa contra o meu peito, e eu provavelmente deveria me importar com quem poderia ver, sobre onde estamos e o que estamos fazendo, mas não o faço. *Somente* o que importa é ela.

— Amorteça sobre o peito amadurecido do meu amor justo, não - ainda assim firme, ainda imutável, para sentir para sempre sua queda e inchaço suaves. — Eu inclino a cabeça até meus lábios tocarem o pescoço dela e a inspiro, meu pau duro e meu coração batendo forte. — Acorde para sempre em uma doce agitação, ainda.

Ela pressiona em mim, um gemido suave deixando seus lábios quando sente meus quadris firmemente contra ela.

— Ainda para ouvi-la respirar ternamente e viver sempre - ou então desmaiar até a morte.

A tensão que gira em torno de nossos corpos é esmagadora, e não sei o que estou sentindo, apenas que nada mais importa. Abrindo os olhos, ela vira nos meus braços para olhar para o meu rosto.

Ela sorri.

E meu peito parece que vai explodir.

— Keats é o meu favorito — ela suspira.

— Eu lembro. — Aperto meus braços em volta dela, trazendo um de nossos dedos emaranhados para pressionar um beijo nas costas da mão.

— Para alguém que não acredita em romance, você é irritantemente bom nisso.

— É isso que é romance? — Eu rio.

— Você está citando Keats e me confortando. — Ela encolhe os ombros. — E não apenas Keats. Ele estava escrevendo sobre querer morrer se não pudesse viver para sempre com seu amor. Eu não acho que fica mais romântico do que isso.

Ela olha para a água, seu corpo tenso novamente.

— Não tenha medo — sussurro, o vento enviando uma forte rajada de ar nos rodopiando, fazendo-a tremer. — Eu tenho você.

Ela chupa um fôlego, movendo o olhar de volta para mim. — Promete?

Quero, com todos os ossos do meu corpo, dar-lhe a verdade. Mas eu não posso.

Então, eu minto.

— Eu prometo.

— Isso é fofo — uma voz aguda interrompe.

Eveline me empurra para fora dela antes de girar e adotar um olhar em branco enquanto olha para a irmã.

— O que vocês dois estão fazendo? — Dorothy olha entre nós dois.

— Apenas admirando a vista — respondo, colocando minhas mãos nos bolsos.

— Hmm — ela cantarola, bebendo de uma taça de champanhe enquanto caminha em direção à beira do convés. Ela descansa

contra ela, suas unhas vermelhas brilhantes batendo contra o vidro enquanto olha para nós e depois olhando para as águas escuras abaixo. — As pessoas realmente vêm e vão tão rapidamente, não é?!

Minhas sobrancelhas se afastam, mas Eveline sacode ao meu lado.

Quando Dorothy olha para trás, há um olhar maníaco nos olhos e um sorriso largo no rosto. Surpreende-me o quanto isso me lembra a aparência de Eveline antes de ela se exaltar.

Acho que o gene corre na família, afinal.

— Você é uma puta — Eveline cospe.

Dorothy ri olhando para nós dois.

Eu nunca a vi assim antes, como se ela tivesse se transformado em uma pessoa completamente diferente. Como a filha inocente que adora estar nos olhos do público e queria ser a garota do papai, nada mais era do que uma fachada, escondendo essa mulher sinistra que estava à espreita por baixo.

— Estou apenas declarando um fato — diz ela.

Suspirando, eu corro uma mão sobre o meu rosto. Esta família é cansativa. — Do que você está falando, Dorothy?

— Oh, você não sabia? Foi aqui que nossa irmã morreu.

Choque me bate no peito e viro meus olhos para Eveline. Mas eles não estão prestando atenção em mim. Eles estão focados a laser em Dorothy.

Eveline acena a cabeça. — Quer refrescar minha memória sobre

como exatamente isso aconteceu de novo?

O lado esquerdo da boca vermelha de Dorothy se eleva. — Ela escorregou.

Eveline zomba, e sinto a mudança na energia antes que aconteça. Ainda assim, não sou rápido o suficiente para agarrá-la. Ela se lança para a frente, segurando Dorothy ao redor da garganta, as duas caindo no chão do convés, a taça de champanhe de Dorothy se despedaçando ao lado delas.

Dorothy está se debatendo, as unhas arranhando a parte de trás da minha jaqueta quando ela escorrega dos ombros de Eveline, e eu corro em direção a elas, agarrando Eveline pela cintura e arrancando-a.

A mão de Dorothy atira na garganta. — Jesus, Evie. Você precisa ser interditada.

— Tire *fora* esses sapatos. — Eveline grita, seu rosto manchado e lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Como você ousa usa-los aqui?

Meus olhos caem para os pés de Dorothy, onde saltos brilhantes e vermelhos estão brilhando ao luar.

Dorothy zomba. — Você é sempre tão dramática. Não é como se eles servissem em você.

A cabeça de Eveline se contrai e ela se vira para mim, seu olhar feroz. — Você tem sua arma com você?

—Sim — mas estou extremamente desconfortável dizendo isso a ela agora. Ela percebe minha hesitação.

— Posso ver? — ela pergunta docemente.

Recuando dela, balanço minha cabeça. — Vou deixar você fazer o que quiser quando sairmos.

Dorothy suspira alto, tirando o pó da frente do vestido antes de tirar os sapatos e pegá-los na mão. — Tudo bem, você os quer tanto? Eles são seus.

Ela os mantém afastados, e Eveline dá um passo à frente, estendendo a mão para agarrá-los. Então Dorothy os joga para o lado do barco. Eu mal consigo ouvir quando eles caem na água.

— *Não!* — Eveline chora, jogando seu corpo no parapeito. Assim que seus olhos batem na água, ela congela, e eu estou atrás dela, segurando-a pela cintura e puxando-a para junto de mim, o seu corpo tremendo enquanto eu nos afundo no chão do convés.

— Talvez se você mergulhar atrás deles, eles a levarão para casa — brinca Dorothy.

Meus olhos se estreitam quando minha cabeça se inclina. — Dorothy, cale a boca antes que eu atire em você.

Ela ri. — Deus, imagine que eu queria dormir com você. Patético.

Seus passos são altos, mesmo sem os sapatos, enquanto ela se aproxima, e se agacha na nossa frente. — Eu vou lhe contar um segredo, Evie.

Eveline olha para cima, rímel borrando seu rosto, seus lábios inchados e vermelhos. Eu nunca a vi parecer tão derrotada, e meu peito racha com a visão. Não é assim que deveria ser. Esta não é quem *ela* é deveria ser.

— Eu não quis matá-la — sussurra Dorothy. — Mas estou feliz por ter feito.

Ela fica de pé e caminha, e meu aperto aumenta até que eu tenha certeza de que vou machucar a cintura de Eveline, querendo deixá-la ir tão longe, mas sabendo que se ela machucar sua irmã aqui, na frente de todas essas pessoas, mesmo *eu* não serei capaz de salvá-la.

Capítulo 31

Nicholas



Partimos antes que o leilão termine e não espero contar a ninguém que fomos. Meu interior está ficando louco, meu cérebro tentando colocar novas peças do quebra-cabeça em lugares apropriados. Dorothy assassinou Vanessa Westerly, e eu tive que *segurar* Eveline de assassiná-la.

Ela não luta comigo quando eu a carrego do convés traseiro do barco, e assim que estamos em terra sólida, seu corpo relaxa, o medo debilitante que ela carregava lavando como lembranças desenhadas na areia.

— Eu ainda vou matá-la — afirma ela calmamente.

Eu sorrio, colocando-a no banco do passageiro do meu carro e alcançando o cinto e apertando-a no lugar. — Eu sei.

Não me incomoda do jeito que provavelmente deveria.

Eveline tem *anos* de feridas que não foram curadas, apenas enfaixadas com sarcasmo e tristeza, formando tecido cicatricial mutilado que ainda escorre quando picado.

E talvez minha moral esteja entorpecida quando se trata dela. Porque enquanto *ela está* envolvida, é difícil para mim dar a mínima para o que acontece com qualquer outra pessoa. Eu me inclino e pressiono um beijo suave na sua testa, respirando seu perfume floral e terroso.

— Me leve para casa — ela sussurra.

Eu aceno, enviando uma mensagem para Zeke dizendo para ele pegar minhas coisas no quarto de hotel e depois levar de volta para Kinland. Não falamos no caminho, e eu nos deixo em silêncio porque às vezes palavras *não podem* ajudar. Por duas horas, seguro a mão dela e não a solto, meu polegar esfregando metodicamente sobre as juntas dos dedos, e não é até entrarmos nos portões da frente da propriedade Westerly que eu afrouxo meu aperto.

Não sei como lidar com essa parte dela. Essa garota vulnerável e triste que sente falta da irmã e odeia as pessoas que a levaram embora.

Ela não olha para mim quando sai do carro, movendo-se para subir os degraus da frente até as grandes portas duplas de carvalho. Eu sigo atrás dela, sem saber se ela quer que eu fique ou vá.

— Eveline.

Ela faz uma pausa, virando para olhar para mim. Seu cabelo está bagunçado, fios crespos caindo aleatoriamente ao redor do rosto. Risca de rímel nas bochechas, lágrimas negras refletindo as manchas marcadas em sua alma.

E através de tudo, ela ainda é a coisa mais impressionante que eu já vi.

— Você quer que eu vá? — Subo as escadas até ficar na frente dela.

Ela suspira, passando a parte de trás da mão sobre a boca, manchando um pouco do batom vermelho já bagunçado. — Eu não quero que você vá embora.

Eu enfio meus dedos nas raízes do cabelo dela e inclino o queixo para cima com o polegar, meu estômago revirando quando a absorvo. — Droga, você é linda.

Ela está em mim rapidamente, sua boca encontrando a minha. Eu a pressiono, agarrando a cintura e levando tudo o que ela tem para dar.

Ela é esmagadora.

Devastadora.

Ela vai arruinar a porra da minha vida.

Se afastando, ela pega cegamente atrás dela para abrir a porta, me arrastando com ela. Minhas mãos estão selvagens, incapazes de parar de tocar sua pele por um segundo, toda a possessividade de antes - quando vi outro homem pensar que ele poderia tê-la - voltando.

Tropeçamos pelo hall de entrada, a mansão vazia e escura, além do brilho do lustre apagado pendurado acima de nossas cabeças. Há uma grande mesa redonda no centro da sala, entre a escada dividida, e eu a jogo em cima dela, não me importando que o vaso de flores caia da borda e se despedace no chão.

Eu bato meus dentes ao longo da mandíbula dela, meus lábios já estão inchados e machucados pelo seu ataque, mas eu não me importo. Quero que ela marque cada pedaço de mim. Minha mão percorre a sua garganta e pressiono minha boca contra a dela.

— Diga-me que você é minha — exijo contra os lábios dela.

A sua mão pula no meu rosto, acariciando a barba enquanto ela olha nos meus olhos. — Eu sou sua.

Meus dedos agarram a frente do vestido e puxam até que rasgue, seus seios perfeitos em exibição apenas para mim. Mergulho e contorno um mamilo na boca, sentindo-o endurecer sob a língua.

Ela geme e eu chupo mais antes de soltá-lo quando seus dedos puxam meu cabelo e me puxam de volta para sua boca.

Já fodemos inúmeras vezes. Eu a levei em todas as posições, a enchi com meu pau de mil maneiras diferentes.

Mas agora tudo empalidece em comparação com a maneira como me sinto ao beijar.

Está tudo consumindo, como se ela tivesse rasgado meu meio e colocado seu coração dentro do meu peito, forçando-o a bater.

Eu desço pelo seu corpo, pressionando meus lábios em cada centímetro de pele que posso encontrar, e então afundo de joelhos,

deslizando o tecido verde pelas pernas até ficar preso em volta dos quadris.

Ela não está usando calcinha, e meu pau pulsa quando sua boceta pingando está na minha cara, carente e exigente, implorando para que eu devore sua porra inteira. Não perco tempo mergulhando entre as coxas dela. Eu a olho enquanto a lambo, seu gosto inunda minha língua e faz desejo rasgar através de mim.

— Está certo, querido — ela geme, apoiando-se nos cotovelos enquanto mói a boceta contra o meu rosto. — Lamba meu clitóris.

Ela vem violentamente, apertando-se ao meu redor enquanto grita, seu corpo desabando sobre a mesa. E então estou me levantando, mergulhando na boca dela para que possa se provar em mim, do jeito que eu sei que ela gosta de fazer. Ela geme quando nos beijamos, e suas mãos vagam pela minha camisa até ela agarrar meu cinto e desfazer desajeitadamente minhas calças. Seus pés se movem para cima, descansando na cintura e ela os empurra com os dedos dos pés até que meu pau fique livre, a cabeça quase roxa de quão duro eu estou por ela.

Sua mão me agarra e ela acaricia da base a ponta, fazendo meu corpo se enfiar nela, excitação correndo pela espinha. Ela chupa minha língua e depois se afasta, pulando da mesa, girando e empurrando meu peito até que eu seja o único de costas, meu pau latejante enquanto fica no ar.

Gritando, ela agarra seus peitos, rolando os mamilos entre os dedos, os olhos revirando na cabeça.

— Você é tão sexy quando se toca — eu ofego, acariciando meu pau enquanto a assisto.

Seus lábios se erguem enquanto ela cospe, saliva driblando da boca

e pingando, batendo no topo do decote, rolando ao longo da curva até afundar entre o vale de seus seios.

Maldita.

Inclinando-se para a frente, ela as envolve ao meu redor, com as mãos empurrando-as juntas quando ela começa a mover o peito para cima e para baixo.

— Oh, *porra*.

Ela cospe de novo, desta vez deixando cair na cabeça do meu pau, e a sensação de deslizar pela lateral do meu eixo enquanto a pele pegajosa desliza para cima é suficiente para fazer minhas bolas se apertarem.

É uma das coisas mais quentes que eu já vi. Ela dobra a cabeça e estica a língua. Minha mão agarra sua mandíbula e eu sento até o rosto dela estar embaixo de mim, meu pau ainda preso em seu decote. Eu deixei minha própria saliva driblar até que bata na boca dela, e a imundície disso tudo me excita tanto que mal consigo respirar. Eu capto seus lábios com os meus, sua respiração quente e doce enquanto ela geme, movendo seus seios para me masturbar. O calor se acumula na base da minha coluna e sei que se não parar, vou gozar por todo o peito dela.

— Diga-me novamente. — Eu empurrei nela.

— Sua.

O fogo brilha através de mim, embotando tudo, exceto a necessidade de se aproximar. Eu soltei o seu rosto e a virei até que ela esteja propensa debaixo de mim. Batendo no meu pau, eu me alinhei até a entrada dela, nós dois ainda meio vestidos e desesperados, e eu afundo profundamente dentro dela, meu pau se

sacudindo enquanto suas paredes se contraem ao meu redor.

Merda.

Isso parece diferente. Parece mais.

Áspero e bagunçado e mil tons diferentes de errado.

Mas se eu sou a calma, então *ela* é o meu caos, e se não posso viver com ela para sempre, então não quero viver.

Eu capto seus lábios quando começo um ritmo punitivo, meus quadris batendo contra os dela a cada golpe. Sinto-me insano, completamente sobrecarregado com tudo o que ela é, com o que diabos ela está fazendo comigo. Ela está me *mudando*. Ou talvez, ela esteja simplesmente me fazendo sentir vivo.

Ela arqueia em mim, suas unhas cavando na minha pele quando se desfaz, os pulsos de sua boceta me fazendo inchar e explodir dentro dela.

Minha visão fica preta e meu corpo cede quando pinto as paredes da boceta dela, e eu caio em cima dela, suor pingando na lateral do meu rosto, minha bochecha descansando contra o peito dela. Ela passa os dedos pelos meus cabelos, e eu fecho meus olhos, tentando recuperar o fôlego enquanto ouço as batidas rápidas de seu coração.

Meu corpo treme com tremores secundários.

— Brayden — ela murmura.

Eu congelo, meu peito se dividindo no meio e caindo no chão.

Brayden.

Ela é de Brayden.

O que significa que ela nunca será minha.

Capítulo 32

Eveline



Ninguém perguntou o que aconteceu com o vaso no hall de entrada, e eu não ofereci uma explicação. Mas já faz quatro dias e tenho me consumido com minhas emoções. Na verdade, eu tenho me encolhido na cabana, porque o próximo lote de vagens está pronto para colher e é uma desculpa perfeita para me esconder do mundo e manter meus *impulsos* em cheque.

— Bug.

A voz do meu pai soa através da estufa e eu paro, respirando fundo antes de girar para encará-lo. Fico feliz que ele esteja aqui. Parte da razão pela qual eu tenho me trancado é descobrir como abordar a situação, para que ele saiba que não estou bem em expandir. Não quero trabalhar com os Cantanellis. Não desejo mudar a maneira

como ele parece precisar.

Em vez de encontrar seus olhos, encontro os marrons cintilantes de Dorothy.

Meu coração cai no chão, rachando e se partindo em dois.

Como ele poderia trazê-la aqui?

Eu educo o olhar no meu rosto, não querendo que ela saiba que isso me incomoda. A própria visão dela me deixa com raiva, e é preciso toda a minha força de vontade para não tirar lâmina da mesa e cavá-la em seus olhos, para que ela nunca possa *olhar* para mim de novo.

Este é o meu lugar. Meu santuário. O único ponto que eu tinha que estar sem me preocupar que outros viessem me encontrar.

E meu pai acabou de arruinar isso.

A raiva entra e eu fecho meus olhos, contando até dez.

Quando os reabro, lambo meus lábios. — O que ela está fazendo aqui?

Um grande sorriso sorri pelo rosto. — Eu te disse antes, não disse? Papai está me mostrando o caminho das pedras.

— Você disse que não podia lidar com a produção — ele entra em cena. — Conheça sua nova protegida.

— Não, obrigada — eu rosno. — Eu não preciso de ajuda.

O calor em seu rosto desaparece completamente e ele dá um passo

mais perto de mim. — Não está em debate. Não esqueça quem dirige isso, Eveline.

Suas palavras são facas que cortam meu meio como cortes de papel.

— Eu não estou expandindo.

Ele sopra uma respiração profunda e caminha em minha direção. Minha coluna endurece enquanto eu permaneço firme.

— Escute, eu entendo o que você quer, eu realmente faço, mas você precisa entender onde eu estou.

Crack.

Sangue reveste o interior da minha boca, minha bochecha palpitando quando meu rosto é jogado para o lado pelas costas da mão.

Ele se abaixa. — Agora, porque eu te amo e você é minha filha, vou deixar esse... *incidente* passar. Mas se você me tentar de novo, forçará minha mão. Você faz muito por mim, mas não vamos fingir que não é substituível.

Meu peito aperta tão forte que perco a respiração.

— Entendeu?

Fecho os olhos e aceno com a cabeça, meu corpo tremendo de raiva que implora para escapar.

— Boa. Adicionei Dorothy ao scanner de segurança. Ela voltará amanhã para aprender as coisas.

Eu pisco, e minha visão se embaralha, mas não o suficiente para perder a maneira como Dorothy sorri antes de ela se virar e seguir nosso pai quando ele sai.

Dez. Nove. Oito...



— Eu preciso da sua ajuda.

Cody gira em sua cadeira, fones de ouvido envolvendo o pescoço e cabelos loiros espetados em cem direções diferentes. — O que mais há de novo?

Ele sorri, mas eu não, e seu rosto se transforma em algo mais sério.

Balanço a cabeça, sem saber por onde começar, e sinceramente não tenho certeza do quanto devo dizer a ele. Depois que Dorothy e meu pai deixaram minha estufa, eu queria pegar minha Desert Eagle e atirar na cabeça deles.

A ideia ainda tem mérito.

Mas prefiro ver o rosto do meu pai, pois tudo fica em chamas.

E Dorothy? Eu quero vê-la queimar.

— Você está bem? — ele pergunta.

Minhas pernas tremem, fazendo a cadeira da mesa em que estou

sentada girar para frente e para trás. — Há quanto tempo somos amigos?

Cody revira os olhos. — Parece uma eternidade.

— Você pode falar sério, por favor? Estou tentando me abrir para você aqui, que é o que você tem me *perguntando* sobre o que eu faço desde que você voltou ...

— Três anos atrás.

Eu aceno. — Certo. Três anos.

— Muito mais se você contar o ensino médio — observa ele.

— Então eu posso confiar em você, certo?

Suas sobrancelhas franzem e ele usa os calcanhares para empurrar a cadeira para frente, rolando pelo chão até que esteja perto o suficiente para levar minhas mãos nas dele.

Meu interior está tenso, sem gostar do toque, mas não me afasto.

— Você é minha melhor amiga, querida.

Engolindo, eu aceno. — Eu não estive sendo *completamente* honesta com você.

Ele suspira, jogando uma mão em seu coração. — Estou chocado. Deixe-me adivinhar, você está fodendo aquele cara Brayden.

— Eu o quê? Não ... — Eu balanço minha cabeça. — Bem, sim, mas não é disso que estou falando.

Ele estala os dedos, rindo. — Eu sabia. Eu sabia que ele estava te fodendo.

— Não é disso que se trata — eu digo. — Eu preciso que você invada um sistema de segurança para mim.

Suas sobrancelhas se erguem para isso, e ele cruza a perna sobre o joelho oposto, descansando o queixo na mão. — Continue.

— Há coisas importantes para mim. Coisas que prefiro não permitir que meu pai ou minha irmã possam acessar mais até que eu esteja pronta para eles saberem.

— Como um cofre.

— Isso importa?

Ele inclina a cabeça. — Um pouco.

Eu expiro, meu estômago cambalhota enquanto empurro as palavras dos meus lábios. — É uma estufa.

Ele assente. — Você quer que eu ajude a manter suas plantas seguras?

— Sim. É para ... são papoulas.

Ele avança em sua cadeira. — E por que haveria um sistema de segurança para algumas papoulas, Evie?

— Não é necessariamente para as *papoulas*. — Eu olho para ele. — É para o laboratório.

Ele pisca, então seu rosto muda, surpresa filtrando através de seus

traços. — Você é o Flying Monkey?

— Eu sou a *criadora* do Flying Monkey — eu corrijo.

Ele assobia, balançando a cabeça. — Caramba. Eu deveria saber.
Ok ... conte-me tudo sobre isso, e então eu vou trabalhar.

Capítulo 33

Eveline



Acabei de voltar para a casa e agora estou esperando Brayden chegar aqui. Percebi que não tinha o número dele, o que é uma loucura, considerando que o pau dele passou várias horas dentro de mim, então peguei de Zeke e mandei uma mensagem, pedindo para ele parar por aqui.

Parece estranho ter o que eu acho que você consideraria convidados. Nessa me presenteou com essa cabana antes de falecer, e quando meu pai percebeu que precisávamos de um espaço para crescer, ele construiu a estufa subterrânea, estoque cheio de segurança e isolamento para que nem as câmeras térmicas o atendam.

Não posso deixar de me perguntar por que diabos ele passou pelo problema apenas por estar tão disposto a desistir de tudo no final.

Durante anos, éramos apenas nós duas. Agora há Brayden, Dorothy e Cody para adicionar à lista de pessoas que sabem. Recuso-me a sentar e esperar que ele convide os Cantanellis também.

Há uma batida e, embora eu tenha certeza de que é Brayden, eu agarro minha Desert Eagle de qualquer maneira, abrindo a porta e mirando. Estou ansiosa e isso está me fazendo sentir um pouco maniaca.

Brayden sorri, entrando pela porta, com o peito roçando contra o cano. — Esta é a sua maneira de me pedir para te foder de novo?

Largo a arma e me movo para o lado, fechando a porta atrás dele.

— Você *não* é irritante? — Eu estalo.

Ele sorri, escovando os lábios nos meus. — Prazer em vê-la também.

Eu pressiono minhas mãos contra o peito dele, meus dedos esfregando o couro da jaqueta. — Isso é couro de verdade?

— Uhh ... sim, por quê?

Que nojo. Aperto o nariz, olhando para ele. — Não importa. Ouça, posso confiar em você?

O pomo de Adão dele balança. — Eu não sei, querida, posso confiar em *você*?

Esfrego minha língua na parte de trás dos dentes antes de morder meu lábio. Ele se aproxima, passando a mão pelo meu cabelo e me puxando para ele. Respiro fundo, aproveitando a maneira como ele me traz conforto e me odiando por precisar.

— O que está errado? — ele pergunta.

Nervos correm através de mim, fazendo minhas palmas suarem. É um risco colocar tudo em perigo por ele. Mas quero contar tudo a ele e, para fazer isso, preciso garantir que ele sinta por mim do jeito que eu sinto por ele. Estou com medo que ele não o faça. Afinal, *ele é* quem disse que não acreditava em romance.

Meu coração titubeia.

Eu o puxo para perto de mim e pressiono meus lábios nos dele antes de empurrá-lo para longe.

Suas sobrancelhas se erguem e ele sorri novamente, aquelas covinhas em exibição total. — Então você *não* quer foder?

— Eu não quero foder. Quero dizer, obviamente, mas não agora.

Não é disso que se trata. Sempre nos distraímos com o físico e agora, quando minha mente está tão *torcida*, sentindo-me cativa sem saída, preciso da atenção dele, não do toque dele.

— Eu te amo — eu murmuro.

As palavras são surpreendentemente fáceis de dizer, e prendo a respiração esperando por sua resposta.

Seu corpo trava com força, cada um de seus músculos fica tenso enquanto me olha de maneira vazia.

Eu rio, passando a mão pelo meu cabelo. — Eu sei, isso é loucura, certo? Eu não quis que isso acontecesse. Eu nem sei quando diabos *isso* aconteceu, mas eu sei que está lá e é grande. Tipo, não consigo respirar quando você está por perto. E é ... — Eu paro, levantando

minhas mãos em frustração. — Porra irritante. Da mesma forma que tudo *sempre* me irrita com você. E é estúpido. Porque eu não sei pequenas coisas como sua cor favorita, ou como você foi na escola ou seu nome do meio. E para ser sincera, eu realmente não me importo.

Começo a andar porque a cada palavra vomitada, os músculos do corpo dele ficam mais tensos. — Mas está lá. E é uma merda, e eu *odeio* eu mesma por te amar.

Ele dá um passo mais perto. Paro de me mover, deixando minhas mãos para os meus lados.

— Mas eu odeio o pensamento de não ter mais você.

O silêncio soa mais alto do que qualquer barulho que já exista, minhas palavras voaram e se espalharam no espaço entre nós. O desejo de recuperar tudo é forte, mas não o faço. — Todo esse tempo, e eu não poderia pagar para você calar a boca, e *agora* você escolhe ficar quieto. — Eu reclamo.

O canto da boca se eleva e então ele se move.

Ele está comigo rápido, agarrando a parte de trás da minha cabeça e roubando minha respiração para si mesmo, empurrando seus lábios e língua, com um beijo que supera todos os outros beijos existentes. Meu coração pula, meu estômago vira e, pela primeira vez na minha vida, me sinto como qualquer outra garota.

Uma garota que finalmente tem alguém para amá-la de volta.

Ele se afasta da minha boca e pressiona os lábios no meu ouvido, com as mãos segurando meu rosto com força. — Minha cor favorita é azul. — Ele segue um leve punhado de beijos ao longo da minha mandíbula e pelo meu pescoço.

Meu peito parece que pode desmoronar.

— Eu fui bem na escola. Bom em esportes. Ruim na lição de casa. Faculdade odiada.

Algo está no fundo da minha mente, mas então seus lábios encontram os meus novamente e eu me perdi, perdida no que ele está me dando.

— E o que há em um nome? — ele continua. — Aquilo que chamamos de rosa com qualquer outro nome cheiraria tão doce.

Eu sorrio contra a boca dele.

— Obrigado por me amar — ele sussurra, recuando apenas o suficiente para me olhar nos olhos.

O polegar dele escova minha bochecha e eu derreto no momento, esperando com a respiração suspensa para ouvir o que ele diga a seguir.

Mas então o telefone dele toca.

— É Zeke. — Ele se encolhe. — Segure esse pensamento.

Antes que eu possa piscar, ele está do lado de fora, levando meu coração com ele.

Capítulo 34

Nicholas



Culpado. O sentimento de vergonha ou arrependimento por sua má conduta.

Nunca pensei muito na palavra, mas a culpa que sinto por tudo que envolve Eveline é um tornado, girando rápido e forte, destruindo tudo o que toca. E então aumenta porque eu sei, sem dúvida, se eu voltasse e tivesse a chance de fazer tudo de novo, não mudaria nada.

Não a conhecer - não existir em seu mundo - é uma tragédia muito maior do que desempenhar um pequeno papel dentro dela.

Ela me ama.

Ela me *ama*.

Mas ela não sabe quem eu sou, e não tenho dúvidas de que, quando ela descobrir a verdade, tudo terminará para nós.

E porra, dói como uma cadela.

Eu recuso o chamado de Zeke, tendo apenas usado ele como desculpa para sair antes de fazer algo estúpido, como estragar minha cobertura e implorar por ela para entender, ou mentir completamente e dizer que não sinto nada. Eu estava no parado no lugar e não tinha *como* estar lá, então eu fugi.

O céu está nublado e cinza, o cheiro da primeira neve que se aproxima no ar, folhas mortas e detritos esmagando sob meus pés enquanto eu acelero pelo caminho de tijolos amarelos. Estou olhando para o meu telefone e enviando uma mensagem rápida para Zeke, informando que estou ocupado, é por isso que não vejo a pessoa em pé na minha frente antes de encontrá-la.

Meu corpo empurra, o telefone voando da minha mão, a tela rachando quando bate no chão.

— *Merda*. — Eu me inclino para buscá-lo. Quando me levanto de agarrá-lo, fico cara a cara com Dorothy.

Ela franze os lábios. — Então, você sabe.

Não é uma pergunta e minha testa se franze, tentando descobrir do que diabos ela está falando. *Sabe o que?*

Ela cruza os braços, as unhas batendo contra a parte interna do cotovelo. — Típico. Eu sou sempre a última pessoa a descobrir alguma coisa.

— O que? — Eu tiro as lascas de vidro da minha tela.

Ela joga a mão na cabana. — Sobre a estufa.

Minhas mãos param de onde eu estava tentando e falhando em consertar meu telefone. — Oh — digo com cuidado, meu estômago torcendo. *Estufa?* — Certo. Você quer dizer que não sabia disso até agora?

Ela zomba. — Você sabe a Evie não me inclui. Ela e Nessa estavam *sempre* me deixando de fora, e ela odeia que nosso pai não faça o mesmo.

Meu coração acelera, pedaços de um quebra-cabeça clicando no lugar, criando uma imagem que eu não fazia ideia.

— Bem — lambo meus lábios, olhando para trás. — Parece que você sabe agora, pelo menos.

— Sim. — Ela suspira. — Mas é meio chato, certo? Quero dizer, quem quer aprender sobre plantas?

Meu estômago afunda, suas palavras se repetindo na minha cabeça como um mantra. — O que exatamente você está aprendendo?

— Como fazer o produto de Evie, obviamente.

Minhas orelhas ficam dormentes e minha boca fica seca.

Ela inclina a cabeça, os olhos se estreitam e eu tento educar meus recursos, mas não acho que tenha sucesso.

— Você sabe — ela continua. — Eu não quis te segurar do que quer você esteja fazendo. Eu vou deixar você ir. Apenas ... esqueça que eu

disse alguma coisa, sim.

Ela se move ao meu redor com pressa e eu a deixo passar, meu coração batendo contra minhas costelas.

Choque escorre pelos meus membros como gelo.

Eveline é a fornecedora.

Putá merda.

Eu giro, meu corpo tremendo enquanto corro para o meu carro, deslizando para o assento e saindo entorpecido da propriedade. Não presto atenção ao meu entorno e não tenho ideia se o guarda do portão se despede. Tudo o que sei é que devo encontrar Seth no motel em três horas para o nosso check-in semanal, e agora tenho algo a dizer a ele.

Algo grande.

Porque desta vez eu encontrei nosso cara. Mas eu não esperava que fosse ela.

Minha mente está no piloto automático enquanto eu dirijo por Kinland Heights, caminhando para o lote traseiro do motel. Eu estaciono, mas não saio. Em vez disso, sento no meu carro, assistindo os números digitais no meu painel, um minuto depois do próximo, até o sol mergulhar no horizonte e a lua nascer para tomar seu lugar.

O pensamento de entregar Eveline faz a bília subir na parte de trás da minha garganta, a náusea parece que estou sendo jogado no mar. Respiro fundo, meus cotovelos descansando no volante enquanto esfrego os olhos.

Que porra eu devo fazer?

Sentado no meu lugar, lembro-me de todas as razões pelas quais me tornei um agente da DEA em primeiro lugar. Colocar criminosos, como *ela*, atrás das grades. Esse tem sido meu objetivo desde que eu tinha idade suficiente para perceber que as drogas e as pessoas que as colocam nas ruas são o que me custou a infância.

Minha família.

Minha inocência.

É tudo o que eu já conheci, e embora as coisas que sinto por ela sejam tão fortes, elas entorpecem tudo ao meu redor ... elas ainda são novas. E meu ódio pelo que ela representa é igualmente forte. *Não é?*

Minha mão voa para o peito devido à dor latejante, espalhando-se para fora como hera e envolvendo cada pedaço de mim até sentir que vou me dobrar sob o peso. Não quero fazer isso, mas também não sei se poderia olhá-la nos olhos novamente e não ver todo o trauma do meu passado.

Ambas as opções são dolorosas, apertando-me de ambos os lados e rasgando até eu me dividir em dois; peças irregulares que nunca mais se encaixam.

Emoção entope minha garganta, lágrimas queimando atrás dos meus olhos. Exalo, minhas bochechas inchando enquanto tento sacudir a tristeza.

Eu sei que no meu coração, é isso que tenho que fazer.

Então eu desligo o carro, abro a porta e ando até o quarto do motel

para ver Seth.

Do jeito que eu sempre tinha que ter feito.

Capítulo 35

Eveline



Fiquei na cabana por cerca de dois minutos, olhando para o local onde Brayden estava antes de sair. E então eu saí e corri atrás dele, pronta para exigir que ele me olhasse na cara e me dissesse como se sente. Porque ele não consegue fazer isso. Ele não consegue me fazer *sentir* muito e depois se afastar como se Zeke fosse mais importante que eu.

Saindo da porta da frente, corro com Dorothy. Ela diz alguma coisa, mas se eu falar com ela, vou matá-la e quero fazer doer quando o fizer, então eu a empurro para o lado e passo, esperando que não seja tarde demais para pegar Brayden.

Quando volto para a propriedade, vejo-o em seu carro, preparando para sair. Meu peito está apertado porque se ele estava

conversando com Zeke, por que ele estaria saindo completamente? Então eu pulo no meu Range Rover e sigo, porque vou fazê-lo me encarar, quer ele queira ou não.

Ele dirige pelas ruas do bairro até atingirmos o coração do centro da cidade, depois continua, e eventualmente percebo que ele está indo em direção a Kinland Heights.

Ele mora aqui?

Quando ele entra no motel, eu dirijo para o outro lado, estacionando longe o suficiente, onde ele não verá. Minha ira surge por não saber por que ele está aqui, e não quero me apressar e exigir respostas. Eu só quero sentar e ver o que diabos ele está fazendo.

Acontece que ele não está fazendo nada.

Ele senta. E senta. E senta.

Quanto mais tempo ele faz, mais inquietação começa a ondular no meu peito, porque não há uma boa razão para alguém estar na parte mais perigosa de Kinland agindo como sombra.

Fica escuro lá fora e meus olhos começam a cair, a exaustão se torcendo pelos meus ossos. Mas então, *finalmente*, ele se move para sair do carro. Eu me contorço, meu coração titubeia enquanto sangra a ansiedade pelas minhas veias.

Pego minha Eagle no porta-luvas quando o vejo deslizar pela esquina do prédio e mais uma vez sigo, certificando-me de andar devagar e com calma para que meus passos não soem na calada da noite.

Rastejando pelas portas do motel, bati na beira da parede e espiei

pela esquina.

Ele está na última porta, batendo três vezes e passando a mão pelos cabelos castanhos encaracolados.

Ele está encontrando alguém? Se ele encontrar uma prostituta, acho que ficarei doente.

Alguém responde, e um leve sopro de alívio me atinge quando é a voz de um homem. Brayden lhe dá um abraço de um braço e os dois desaparecem dentro do quarto. Eu corro pela esquina, tentando pegar a porta antes que ela feche, mas não há necessidade porque o sinal de *não perturbe* pendurado na alça está alojado entre a fresta, facilitando a abertura novamente, só um pouco. Apenas o suficiente para ver dentro.

Meus olhos examinam o que posso do meu ponto de vista limitado e pego Brayden e o outro homem que está parado atrás de uma mesa improvisada, xícaras de café e computadores monitorados duplamente na frente dele. Há uma arma em cima da mesa e os dois estão à vontade, falando como se fossem velhos amigos.

Eles definitivamente se conhecem.

Aperto os olhos enquanto olho para o estranho, tentando reconhecê-lo. Ele parece tão familiar e isso mexe na espinha, algo cutucando meu cérebro me pedindo para apenas *pensar*. E então clica.

A noite todos esses meses atrás no bar.

— *Eu fui colocado em um novo emprego hoje que está me levando para fora da cidade. Estamos comemorando uma última vez.*

Um trabalho. Ok ... talvez eles sejam apenas amigos se

aproximando.

— Galen quer falar com Zeke — diz o estranho.

Brayden ri. — Boa sorte. Zeke está feito. É um milagre que o filho da puta ainda não tenha desistido de mim.

Minha testa franze, algo pesado arrastando sua ponta afiada pelo meu meio.

— Eu não posso mais fazer isso — continua Brayden, com a voz baixa e torturada.

Seu amigo observa Brayden com olhos escuros, as mãos nos quadris. Ele estala as bochechas e balança a cabeça. — Nick ...

O nome é um soco no peito, a respiração forçada dos meus pulmões. *Nick.*

Meu meio gira em seu eixo enquanto repito cada momento que tivemos juntos, quebrando as memórias e olhando para elas de diferentes ângulos.

Meus olhos voam de volta para Brayden — *Nick* — e eu o vejo andar de um lado para o outro em frente à mesa.

A maneira como ele se comporta agora é diferente, a maneira como fala é diferente, seu nome é diferente, *tudo* sobre ele é diferente, e eu tenho que jogar as costas da minha mão na minha boca para não vomitar.

A verdade marca contra a minha pele, me deixando aberta e afundando nos meus ossos. É um sentimento familiar, mas nunca senti que queimasse tão profundamente.

Eu estou *tão* cansada de pessoas me usarem. Mentirem para mim. E terminei porque não tenho mais nada para dar. Preto escorrega nas bordas da minha visão.

Meu aperto na minha Eagle aumenta quando me levanto, meus joelhos estalando quando levanto, e chuto a porta para que ela bata contra a parede antes de recuar. Eu pego com o ombro quando entro na sala.

Ambos sacam suas armas e giram em minha direção.

Eu gargalho quando os pego, percebendo que além de quando ele estava me torturando com a minha, é a primeira vez que vejo Brayden segurando uma arma. Sua forma é impecável. Como se ele tivesse sido treinado com perfeição.

Seus olhos se arregalam, os braços caem imediatamente para os lados, a arma caindo no chão. — Eveline.

Meus olhos se movem para a arma e voltam para ele e eu puxo meu queixo. — Você provavelmente deveria pegar isso de volta. Atire em mim agora para ter uma chance melhor.

Sua boca se separa e ele dá um passo à frente.

Meus dedos se apertam ao redor da Eagle, meu olhar se acende para o homem atrás dele. — Acho que não fomos apresentados — digo, minha voz é forte.

Ele olha. — Oh, eu sei tudo sobre você, Eveline Westerly.

Minhas narinas inflam, pontas afiadas de traição apertando em torno do meu meio.

Brayden se vira e o olha. — Cara, abaixe a arma, Jesus.

— Nick, eu...

Brayden congela e tudo em mim fica gelado com o nome, mesmo que eu já tenha ouvido falar.

Eu balanço minha cabeça e *Nick* coloca as mãos na frente dele, como se estivesse se aproximando de um predador. — Eveline, eu posso explicar.

— Não quero ouvir suas explicações — sibilo. Minha visão se esvai com lágrimas e eu ranjo meus dentes, balançando a cabeça, tão fodidamente *louca* que estou mostrando tudo o que ele está me fazendo sentir.

— Eveline — diz o amigo com calma. — Largue sua arma.

— Seth — Nick grita. — Cale a boca. Eu posso lidar com isso.

Eu dou uma risada. Ele pode *lidar com* isto. Meu peito queima e então algo mais me ocorre, o fraseado das palavras me atingindo como uma adaga direto para o coração.

Minha boca cai e aperto os olhos, tentando manter meu foco para não o perder completamente. Tomo um momento e respiro fundo para encontrar meu centro. Quando eu abro minhas pálpebras de volta, meu olhar encontra verde preocupado.

Mas eles não têm o mesmo efeito em mim como antes.

Minhas mãos tremem tanto que a arma treme nas minhas garras.
— Você é policial.

Seu rosto se contrai e sua boca se separa, mas então ele a fecha novamente, sua cabeça tremendo enquanto ele se move em minha direção.

Eu volto, elevando o cano mais alto. — Dê outro passo e juro por Deus Brayden que esvaziarei todo esse pente na sua boca mentirosa.

Ele engole, seus olhos ficando vidrados. Mas ele não se move novamente. — Eveline.

— Não. — Meus dentes doem com o quão apertados eu os estou mordendo. — Apenas ... me diga a porra da verdade pela primeira vez na sua vida.— Meu tom aumenta a cada palavra.

Ele pressiona os lábios juntos, as narinas queimando e o queixo levantando enquanto me observa com olhos lacrimejantes. — Eu sou um agente federal.

Teria doído menos se ele me matasse.

Meus olhos se fecham e meu rosto fica quente, lágrimas quentes *nojentas* escorrendo pelas minhas bochechas como um desgosto tangível.

— Por favor — sua voz racha. — Por favor, menina bonita ... deixe-me explicar.

Respiro pelo nariz, tentando contar a partir de dez, mas os números não chegam.

Tudo o que vem é raiva.

Lentamente, abro os olhos e endireito a coluna, deixando a umidade

salgada pingar do meu queixo e no chão.

Eu mudo meu alvo dele para o parceiro dele.

Isso acontece em câmera lenta depois disso. Brayden - Nick - cai e pega sua arma, as mãos tão firmes quanto seu peito vazio deve ser.

— Não faça isso, Eveline — diz ele, levantando a arma.

— Você atiraria em mim? — Outra lágrima traidora cai no chão.

Sua mandíbula se aperta, mas ele não move sua mira. — Eu não vou deixar você matar *ele*.

— Então, é assim.— Minha boca se inclina para cima.

Ele pisa para o lado, bloqueando Seth. — Sim, garota bonita. É assim.

Meu dedo está no gatilho e eu passo em direção a ele até que o final do cano esteja apontando diretamente para o peito. Ele abaixa os braços, como se estivesse aceitando a morte, se eu optar por dar.

— Largue sua arma. — O amigo dele grita. — Eu não vou falar novamente.

Mas eu o ignoro, encolhendo o pescoço e olhando nos olhos que nunca conheci. — Você vai deixá-lo me matar? — Eu sussurro.

Ele olha para mim, o pomo de Adão balançando.

O silêncio dele é toda a resposta que preciso.

— Faça então. — Eu me viro e vou embora, meu coração na

garganta, metade de mim desejando que ele terminasse o trabalho agora e atirasse nas costas. Mas nada acontece. Então eu saio, um tipo pesado de entorpecimento caindo no lugar como uma cortina, me protegendo de qualquer coisa que não seja a escuridão.

Capítulo 36

Nicholas



Meu disfarce está queimado.

Obviamente. Então, eu estou oficialmente retirado do caso e agora estou de mau humor no meu apartamento - meu *real* apartamento - a decisão de contar ao meu departamento tudo o que sei pesa no peito que não posso respirar.

Ontem à noite, tomei a decisão, com certeza estava fazendo a coisa certa, não importa o quanto doesse. Não importa o quanto tivesse gosto de trair a única pessoa que nunca me decepcionou. Mas quando olhei Seth na cara, não consegui tirar as palavras da minha língua. E quando Eveline bateu na porta e olhou para mim como se *eu* matasse sua alma?

Foi quando eu soube.

Eu a escolheria mil vezes, mesmo que isso significasse apodrecer no inferno.

Eu a deixei sair pela porta, porque não mereço mantê-la, e eu caí contando tudo a Seth. Tudo *exceto* quem é o fornecedor. Então cheguei em casa para minha irmã, sem saber para onde mais ir.

Rose senta na pequena mesa redonda em frente a mim, uma xícara fumegante de chá nas mãos. Ela franze os lábios enquanto me observa. — Você parece uma merda.

— Sinto-me pior — grunho.

Ela abaixa a caneca, estendendo a mão para agarrar o topo da minha mão. — Bem, é bom ter você em casa.

Eu corro meus dedos através do meu cabelo, a cavidade no meu peito chocalhando. — Sim. É bom estar aqui.

Exceto *não* me sinto bem, porque isso não parece mais em casa. Acho que não sabia o que era casa até encontrá-la.

— Você quer falar sobre isso? — Rose pergunta.

— Você já se apaixonou? — Eu retorno.

Ela se senta na cadeira, com as sobrancelhas vermelhas disparando. — Uh ... sim.

Eu olho para ela. — Como é isso?

— Então, é isso que é — ela respira. — Um coração partido.

É isso? Eu rio, curvando até minha testa repousar sobre a mesa. — Não, eu só ... eu não sei.

Ela toma um gole de chá. — Entendi, cara. Amor é uma merda.

— Como você sabe que é real? — Eu sussurro, meu estômago torcendo

— Dói?

— Como uma cadela.

Ela bate nos lábios. — Então, é real.

Não digo nada, apenas rolo minha cabeça de um lado para o outro contra a madeira fria, esperando que de alguma forma ela chegue dentro de mim e acalme a queimadura.

— Então, quem estragou tudo, você ou ela?

— Ela. Eu. — Outra risada vazia sai da minha boca e eu sento de volta, puxando as raízes do meu cabelo. — Eu não sei, porra.

Rose toma um gole de seu chá. — Quem é ela?

— Ela é essa mulher ...

— Sim, eu entendi — ela interrompe.

Sorrio suavemente, mordendo a dor que está me separando quando imagino o rosto de Eveline.

— Ela é ... ela é *tudo*. — Eu balanço minha cabeça. — Mas ela não é uma boa pessoa.

Rose murmura. — Acho difícil acreditar que meu irmão se apaixonaria por alguém que não vale a pena amar.

A parte de trás da minha garganta incha até queimar.

— Ela te ama.

— Ela disse que sim...*amava*. Mas eu não sei. — Eu encolho os ombros. — Foi rápido.

As unhas de Rose batem contra o lado de sua xícara. — Sabe, eu nunca te agradei por me salvar.

— Não me agradeça — murmuro.

Ela joga a mão no ar. — Não faça essa merda de mártir comigo, Nicholas.

— Eu não *estou*. — Eu zombei.

— Você sempre faz — diz ela. — Você assumiu a culpa por tudo o que aconteceu em nossas vidas quando *nada* disso foi sua culpa. — Ela se inclina, os olhos afiados enquanto olham para os meus. — Você me ouviu? Nada disso.

Eu pressiono meus lábios juntos, tentando segurar o soluço que quer escapar.

Os olhos dela lacrimejam. — *Eu sou* a irmã mais velha. Eu deveria ser a única a proteger *você*. E se você não sabe como é ser amado, então claramente falhei nisso.

— Não — eu digo. — As pessoas que colocaram esse veneno nas ruas falharam com nós dois. Você fez o melhor que pôde.

— E você está fazendo o melhor que pode também — responde ela.

— Eu estou? É meu *trabalho* detê-los. Como posso viver comigo mesmo por amar alguém que representa tudo o que perdi?

— Oh, Nick — Rose suspira, descansando o queixo na mão. — Você sabia que eu vendi uma vez?

A respiração trava em mim e eu caio na parte de trás da minha cadeira. — Você o quê?

Ela assente. — Sim. Eu estava fodida e desesperada, e às vezes era a única maneira de guardar o suficiente nos bolsos para sobreviver.

— Você estava doente. Não foi sua culpa.

— Eu sabia exatamente o que estava fazendo. — Ela limpa as lágrimas das bochechas. — Você *me odeia* agora?

Agarrando os dedos sobre a mesa, eu aperto. — Claro que não.

— Certo. Porque eu ainda sou *eu*. — Ela funga. — Estamos todos aqui vivendo, sabe? Perambulando sob nuvens que são mil tons diferentes de cinza. Mas você não pode escolher quem você ama, Nick.

Acenando, olho para a mesa, meu coração enferrujado tentando como o inferno bombear no meu peito.

— Eu assisti você existir por um longo tempo agora. Você segue os movimentos e ... entra em sua carreira, tentando compensar erros que nunca foram seus pra carregar.

Meu lábio inferior treme e eu cerro os dentes.

— Você não é o culpado pelas decisões que outras pessoas tomaram. As decisões *que eu* tomei.

Eu encontro o olhar dela.

— E ela também não.



— Você tem certeza disso? — Seth pergunta, seu tom baixo e profundo.

Eu pisco para ele, sem dizer uma palavra - não *tendo* nenhuma palavra – por que o que mais há?

O que me resta dizer?

Eu giro na cadeira da mesa em que não estou sentado há meses, olhando para os poucos retratos emoldurados e o protetor de tela dançando pelo monitor. Parece estranho, como se Nick Woodsworth realmente não existisse. Como ele nunca existiu.

É engraçado como algo que me pareceu tão intrínseco a quem eu era por tantos anos, agora parece um estranho.

— Tenho certeza — respondo.

Seth se inclina na borda da parede cinza do cubículo, assentindo. — Você sabe que isso não vai mudar muito. Não vamos parar o caso, não até encontrarmos o que estamos procurando.

Eu ando em torno do conhecimento que estou mantendo perto do meu peito e me levanto, agarrando meu distintivo e minha arma, sabendo que eles precisarão deles quando eu me demitir. — Eu sei.

— Quer que eu vá com você para contar a ele? — ele pergunta.

— Woodsworth. Adams. Meu escritório agora — grita a voz de Cap.

Eu sorrio para Seth. — Parece que você não tem escolha.

A mão de Seth encontra meu ombro e aperta, me segurando no lugar. — Eu sou seu parceiro, mas mais do que tudo, sou seu amigo. Profissionalmente, não posso tolerar o que você está fazendo. — Ele faz uma pausa, um leve sorriso alinhando os cantos da boca. — Mas pessoalmente ... me faz feliz como o inferno ver o homem atrás da máquina.

Ele se afasta antes que eu possa dizer qualquer coisa, mas suas palavras doem nas partes mais profundas de mim. Eu daria qualquer coisa para voltar a ser como costumava ser, porque esse sentimento agora? É uma merda.

E não sei se isso vai embora.

Sigo Seth pelo corredor estreito através dos cubículos e vou para o escritório de Cap, parando quando vejo Oscar Norman, prefeito de Kinland, sentado ao lado de outro homem de terno cinza e cabelos bagunçados.

Cap sorri quando entramos. — Notícias fantásticas, meninos. Acontece que não importa que você tenha estragado tudo.

Eu franzi a testa, confuso.

— Senhores, conheçam o agente Baum Cap.— acena para Oscar. — E este é o prefeito Norman.

O agente Baum se levanta da cadeira, estendendo a mão para apertar a minha, com os óculos com armação de arame caindo levemente no rosto. — Prazer em conhecê-lo.

— O que está acontecendo? — Seth pergunta, olhando em volta com uma sobrancelha franzida.

Cap acena em direção aos homens. — O agente Baum está na divisão de Chicago do FBI. Eles estão construindo um caso contra os Westerlys nos últimos anos e tiveram uma grande chance.

Meu estômago cai. *Porra do FBI.*

— E você está aqui por que? — Eu empurro meu queixo em direção a Oscar.

O agente Baum limpa a garganta. — O prefeito e o comissário de Kinland decidiu recentemente que preferia cooperar conosco. — Ele sorri para ele. — Não é mesmo, Oscar?

Os lábios de Oscar estão apertados quando ele assente.

— Ele tem sido parte integrante de conseguir o que precisamos contra os Cantanellis e os Westerlys.

Uma lâmpada explode no meu cérebro. A caridade no iate do Oscar. A reunião. *Putá merda.*

Eu respiro fundo, afundando em uma cadeira no canto da sala, meus cotovelos se afundando enquanto tomo o que isso significa, o que eles estão dizendo.

O agente Baum balança a cabeça. — Agradecemos tudo o que você fez até este momento. Estou aqui como um favor, para que você saiba que seu trabalho duro não será esquecido. Assim que você puder nos mostrar todas as suas evidências, melhor.

Seth ri. — Não há muito que possamos oferecer. — Ele olha para mim. — Nosso foco foi encontrar o fornecedor, não construir um caso para pequenos crimes. O agente Woodsworth foi descoberto antes que pudéssemos encontrá-los.

Minha perna bate em um ritmo nervoso.

O agente Baum sorri. — Mas nós fizemos.

Capítulo 37

Eveline



Faz dois dias que meu mundo voltou a virar de cabeça para baixo e descobri que Brayden é uma mentira. Que tudo *entre* nós era uma mentira.

Eu me sinto suja.

Usada.

E mais do que tudo, me sinto muito, muito estúpida. Eu sempre me orgulhava de ser o cérebro da família, mas quão inteligente posso ser se deixei isso acontecer?

Fechando os olhos, encosto-me na lápide de Nessa. — Você mentiu

para mim, Ness — sussurro ao vento. — Você disse que a família é tudo que eu preciso, que temos que ficar juntos. Acontece que isso é besteira.

Balanço a cabeça, meus dedos passando pela grama debaixo de mim. Meu lábio inferior treme e eu abro meus olhos, olhando para o caderno no meu colo. Abro, examinando a letra bagunçada e as palavras arranhadas que se confundem nas páginas. Eu corro a ponta do dedo no último poema que pude escrever. Agora, cada letra me lembra *ele*.

Minha palma da mão se instala e eu agarro a página, rasgando-a do caderno. É bom, então eu faço de novo. E de novo.

Rasgo. Lágrima. Rasgo.

Não paro até que tudo seja arrancado da encadernação e em pedaços no chão. Meus olhos examinam o espaço ao meu redor e pego as páginas rasgadas, colocando-as na base da lápide de Nessa, em uma pequena pilha na pedra. Chegando ao meu bolso, aperto a caixa de fósforos de Winkies que trouxe, só por precaução, e passo para frente de joelhos, com os dedos trêmulos.

Cada palavra parece uma confissão agora, em vez de uma fuga. Poemas tolos de uma garota solitária e quebrada, fingindo ser forte.

O vento passa pelo meu rosto, fios do meu cabelo fazendo cócegas nas bochechas e respiro fundo, acertando o fósforo contra o papel e o jogando nas partes rasgadas de mim, vendo as palavras pegando fogo.

A cada segundo que queimam, minha alma palpita com uma dor que tenho certeza de que usarei pelo resto da minha vida. E eu odeio *Nick* só um pouco mais por roubar a única coisa que parecia minha.

Ele era o rei das palavras bonitas, então agora eu o farei rei das cinzas.

O fogo queima rapidamente e depois acaba quando não resta mais nada.

Aqui está cujo nome foi escrito na água.

Eu chego à frente, soprando nas cinzas até que se espalhe, flutuando sobre os túmulos de cem pessoas diferentes. Talvez minhas pequenas juras de amor possam ser a calma no caos *deles*.

— Durante toda a minha vida vivi por outras pessoas e terminei. — Olho a lápide de Nessa uma última vez. — Isso significa que eu tenho que parar de viver para você também, Ness. Espero que você entenda.

A tristeza atravessa-me e, embora seja difícil, também parece estranhamente catártico, como se cadeias subterrâneas profundas estivessem saindo do meu corpo, me libertando da restrição que o sangue nas minhas veias e meu sobrenome sempre causaram.

— Não importa para onde eu vá na vida, Nessa, não importa quem eu amo e perco.... Acho que sempre sentirei mais sua falta.

Batendo um beijo na palma da minha mão, pressiono-a na lápide dela antes de recuar e me afastar, deixando uma única flor de papoula na base do túmulo.

Volto direto para a propriedade, contornando a entrada principal e andando pela parte de trás, indo para a cabana. Honestamente, não pretendo ficar depois que tudo for destruído, mas, enquanto isso, não suporto ver os rostos de pessoas que nunca se importaram.

Zeke está sentado no pátio, encostado em uma cadeira, fumaça de cigarro subindo no ar ao seu redor. E em toda a minha dor, toda a minha tristeza, eu tinha esquecido um grande detalhe da outra noite.

O nome de Zeke foi mencionado em uma sala de agentes federais.

Eu aperto meus olhos, caminhando até ele enquanto ele olha para mim e depois de volta para o céu.

— Me dê uma boa razão para não te matar, Ezekiel.

Ele faz uma pausa, o cigarro a meio caminho da boca. — Eles me disseram que você descobriu, sabia? Me ligaram ontem à noite, tentando me convencer a sair. Proteção de testemunha ou alguma besteira.

— Então, por que você não foi? — Coloco minha mão embaixo da saia, puxando minha arma do coldre e descansando na mesa do pátio.

Eu esperava me sentir mais irritada com ele, mas acho que quando soltei o nome Westerly e sua importância, as pessoas que traíram o nome começaram a importar menos. Ainda assim, dói saber que ele estava me jogando debaixo do ônibus e não se importando onde eu pousei.

— Como você pôde?

Ele suspira, sentado na cadeira, olhando para mim pela primeira vez. — Eles não me deram uma escolha.

— Há *sempre* uma escolha.

— Você sabe o que aconteceu com meu pai quando ele foi preso? Ele se transformou na cadela de alguém e depois foi mutilado e pendurado nas vigas. Ele ainda é ridicularizado até hoje. — Ele balança a cabeça. — Você acha que eu quero acabar assim? Fui forçado a viver uma vida como ele. Também não quero morrer como ele.

— Então você fez um acordo — acrescento.

Ele assente. — Então, eu fiz um acordo.

Eu bato meus dedos no topo da minha Eagle. — Você sabe, você não passa de um covarde.

A fumaça ondula de suas narinas. — Você está certa. Eu *sou*. E isso me assusta. Eu vivi minha vida inteira olhando para o meu pai. Ele era um deus para mim. E ele ficaria enojado com quem eu me tornei ..., mas eu sou quem sou.

Eu não respondo, não tendo em mim para lutar. E enquanto a traição ainda está lá, entendo sobre viver na sombra de seu pai e querer me libertar. Não posso invejá-lo por isso, tanto quanto eu gostaria.

— Você vai me matar? — ele pergunta quando eu me levanto e pego minha arma.

— Não — eu suspiro. — Mas nunca mais quero te ver. Viver com a vergonha de saber que você nunca será metade do homem que seu pai era é mais doloroso do que qualquer tortura que eu pudesse oferecer. — Movendo-me ao redor da mesa, paro na frente dele. — Um dia, Ezekiel, espero que você encontre sua paz.

— Eu não mereço sua empatia — ele sussurra, olhando para o colo.

Eu engulo em volta do nó na garganta. — Não ... você não merece.
Mas estou dando a você de qualquer maneira.

Pegando minha arma, passo por ele e entro na floresta. Quem se importa se ele vê para onde estou indo neste momento.

Capítulo 38

Eveline



Passei três horas arrumando o espaço antes de mandar uma mensagem para minha irmã e pedir que ela me encontrasse aqui, para que eu pudesse “mostrar o caminho das pedras para ela”, desde que explodi ontem. Vou gostar de vê-la morrer.

Minhas pernas estão cruzadas e meus olhos se fecham enquanto me sento calmamente no centro do corredor, do lado de fora da porta da estufa. O pequeno tamborilar de pés descendo a escada do armário escondido faz meus ouvidos se animarem, a emoção formigando minha espinha. Eu estive esperando *anos* para este momento.

Eu abro meus olhos, sorrindo enquanto olho para ela. —Olá, Dorothy.

— O que você está fazendo? — ela olha em volta. — Onde está o pai?

— Ele estará aqui — digo calmamente, levantando-me. Eu me movo em direção à porta para pressionar minha impressão digital no scanner, mas Dorothy me empurra e passa a dela. A luz fica verde, tudo desbloqueando. Minha testa enrugada, percebendo que Cody ainda não deveria ter conseguido invadir o sistema.

Não que isso importe mais.

Ela entra na estufa, com o nariz torcendo enquanto olha para todas as papoulas. — Você sabe, por lindas flores, elas realmente não cheiram tão bem, não é?

— Subjetivo, eu acho. — Eu murmuro, minha saia preta balançando enquanto passo por ela. — Por aqui.

Eu a conduzo pelos dois acres de flores, florescendo em seus vários estágios, e para o laboratório na parte de trás, acendendo as luzes e indo para a mesa de metal no centro da sala onde está minha química. Eu já tenho tudo preparado.

— Uau, isso é ... intenso — ela reflete enquanto caminha, o globo ocular ampliado enquanto olha através de um béquer.

— Sim — respondo, derramando água em uma pequena tigela de metal, bem como em alguns dos ópios brutos que terminei recentemente de extrair.

— O que você está fazendo? — Ela paira sobre a mesa para tentar dar uma olhada melhor. — Você deveria estar explicando as coisas, certo? Como devo aprender.

Eu sorrio para ela. — Apenas arrumando as coisas para que eu possa mostrar como elas funcionam.

— Oh. Ok. — Ela levanta uma sobrancelha. — Você está sendo estranha.

— Você sabe — eu digo, pegando o recipiente e colocando-o sobre o queimador de Bunsen, aumentando lentamente o calor. — Quero me desculpar com você, Dorothy. Eu estava fora da linha no outro dia. Eu não sei *o que* eu estava pensando.

Os olhos dela estão estreitos.

Eu rio, vendo o ópio derreter na forma líquida. — Algo que você disse naquela noite no barco realmente ficou comigo.

— Sêrio? — O tom dela é incrédulo.

— Sêrio — repito, removendo o líquido do queimador e agarrando a agulha ao meu lado. — Você disse que talvez se eu fosse atrás dos sapatos de Nessa eles me levassem para casa. E naquele momento, fiquei tentada, porque nada me pareceu o lar do jeito que Nessa me fazia sentir.

— Fiz um favor a todos nós. — Ela zomba. — Nessa era uma vadia.

Eu jogo minha cabeça para trás e rio. É agudo e tenso, e mesmo para os meus ouvidos, parece penetrante.

Os olhos de Dorothy se arregalam. — Você é louca pra caralho.

— Sim. — Eu sorrio. — É o que dizem.

Retirando o êmbolo, chupo o ópio líquido, depois seguro a agulha

até a luz e acarício o lado, livrando-me das bolhas de ar. — Quer ver? — Eu pergunto, segurando para ela.

Ela se inclina. — Hm. Fascinante.

— De qualquer forma — continuo. — Pensei em como seria bobagem fazer isso ... deixar você *ganhar*. Mesmo que fosse o desejo do meu coração estar com Nessa.

Eu perambulo ao redor da mesa, a agulha ao meu lado. Seus olhos estão piscando para ela e depois para mim e ela dá um passo.

— Então, da próxima vez que eu sentir dor por algo que amo? Não vou sair do meu próprio quintal. — Os dedos dos meus sapatos pressionam contra as pontas dos dela. — E eu realmente, *amarei* ver você morrer.

Trazendo a agulha, enfio-a no pescoço dela, apertando o êmbolo para que o ópio derrame na corrente sanguínea.

Seus olhos se voltam, sua boca caindo em um grito enquanto ela se agita. Eu alcanço, prazer nadando nas veias enquanto balanço o punho para trás e balanço para frente, dando um soco na cara dela até que ela caia no chão.

A dor se espalha através dos meus nós dos dedos e eu aperto minha mão, agarrando seu estúpido rabo de cavalo marrom saltitante, do jeito que eu sonhava em fazer há anos, arrancando-o do couro cabeludo enquanto eu a arrasto para a mesa. Ela está chorando e se debatendo, mas eu tenho um bom controle e me viro, gostando do jeito que o sangue dela está saindo do nariz e manchando sua blusa azul bebê. Chuto-a de lado, depois pressiono meu calcanhar em cima dela, afundando todo o meu peso até o satisfatório *pop* de pele empurra na minha bota. Ela grita de novo, com as mãos subindo para cavar na minha perna e eu chego rapidamente, pegando as

gravatas que coloquei lá apenas para esta ocasião.

Quando o ópio começa a correr pelas veias, ela relaxa.

— Está certo — arrulho, escovando as costas da minha mão pelo rosto e depois amarrando os pulsos antes de passar para os tornozelos. — Vá dormir um pouco, doce irmã. Não se preocupe, não farei nada divertido por mais algumas horas.

— O que há em mais algumas horas? — ela murmura, seus olhos ficam nebulosos.

Eu sorrio. — É quanto tempo você tem que viver.

Suspirando, escovo meu cabelo do rosto, permitindo que a adrenalina me encha até que eu esteja pronta para explodir. Já faz muito tempo.

Agarrando-a mais uma vez pelos cabelos, puxo com severidade, sentindo a dor das raízes enquanto eu a arrasto para fora da sala dos fundos e pelos corredores até chegar até onde eu preparei o palco para o show. Largo o corpo mole dela enquanto descanso meus braços. É poético, tê-la inconsciente e prestes a morrer aqui no meu campo de papoulas.

Meus pés estão *doloridos*, o suor escorre pelo meu rosto e minhas roupas grudam na minha pele, mas não me importo com o esforço. Prendi um gancho especial ao final de uma das luzes de iodetos móveis e a puxo por baixo, grunhindo enquanto eu levanto os braços dela e coloco o gancho embaixo da gravata. Então eu ando até onde controlo a altura e pressiono um botão, a içando.

Há um barril de plástico preto de cinquenta litros que eu coloco no lugar sob os pés dela, e eu sorrio quando ela geme, a cabeça balançando de um lado para o outro. Caminhando até a parede

oposta, levanto o equipamento de proteção pelos braços e coloco a máscara no rosto, depois pego as garrafas de Teflon cheias de ácido fluorídrico e volto para o cano, cantarolando para mim mesma enquanto eu a encho.

Quando fica pronto, mudo para o lado, retiro o equipamento e envio uma mensagem para meu pai, dizendo que é uma emergência e preciso da ajuda dele. Então, pego minha Desert Eagle e sento no chão, cruzando minhas pernas e fechando meus olhos com as palmas para cima e abertas.

Agora esperamos.

Leva trinta minutos para meu pai chegar. Eu sei porque contei cada um. Eu ouço o sinal sonoro do sistema de segurança, então abro minhas pálpebras, pulando e indo em direção ao botão que controla a altura da luz à qual Dorothy está ligada. A porta da estufa se abre e eu sorrio, encantada ao ver meu pai enquanto ele entra em cena.

— Oi, pai. Você está atrasado.

— Bug ...— Seus olhos se voltam para onde Dorothy está inconsciente, sangue seco ao redor de suas narinas, de onde eu quebrei o nariz, boca amordaçada enquanto ela balançava acima do barril de ácido. — O que diabos você está fazendo?

— Apenas amarrando algumas pontas soltas. — Arranho minha têmpora com o cano da minha Eagle. — Acho que fiz muito por você ao longo dos anos, você não concorda?

Ele engole e dá um passo mais perto, com as mãos atrás dele.

Eu repreendo, apontando minha arma. — Por favor, pela primeira vez na vida, não seja estúpido. Eu odiaria ter que te matar antes que veja o show.

— Eveline — diz ele. — Vamos falar sobre isso.

Dorothy geme atrás de nós e seus olhos voam de volta para ela, seus músculos da mandíbula tensos.

— Oh, bom, ela está acordando. — Eu sorrio. — Coloque sua arma no chão e sente-se na cadeira que montei apenas para você.

— *Evel...*

— Senta! — Eu grito, meu dedo batendo contra o botão. O corpo de Dorothy cai até que apenas seus pés estejam submersos no ácido. Eu paro, soprando um fôlego para me recompor. — Na cadeira, pai. Não gosto de me repetir.

Ele faz o que eu peço, seu olhar ardente nunca sai do meu.

Os olhos de Dorothy piscam quando ela volta. Quando ela acorda completamente, ela começa a balançar, a solução ácida espirrando em sua pele.

— Eu não faria isso se fosse você — eu canto. — Há apenas mais alguns minutos até você começar a sentir. Você está apenas piorando para si mesma. — Volto para o papai. — Como eu estava dizendo, sinto que me inclinei para trás para acomodá-lo desde que você saiu da prisão. Eu cresci para você. Corrigi todos os seus problemas. Matei qualquer um que atrapalhasse. E o que eu ganho como agradecimento?

— Bug — ele tenta novamente.

Pressiono o dedo no botão novamente e Dorothy cai, soltando um grito abafado através da mordaca na boca.

Rindo, eu coço meu rosto. — Sim, começando a queimar? Isso é ácido fluorídrico para você. Deseja saber o que está fazendo à medida que derrete através da pele? Possui íons fluoretos que migram pelo corpo, destruindo tecidos até que se alojem em seus ossos.

Dorothy agita mais, ranho e lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Claro, se estiver me sentindo bem, talvez eu apenas afogue você primeiro. — Eu inclino minha cabeça. — Pense que Nessa dará boas-vindas a *você*. —Aponto a arma de volta para o papai. — Quaisquer últimas palavras para ela, *Papai*?

Seus músculos da mandíbula ficam tensos e as narinas inflam, mas ele vira a cabeça para o lado, nem mesmo olhando para ela.

Eu estalo na minha língua. — Não? Ok. Deixe-me perguntar uma coisa. — Largo Dorothy novamente até que ela esteja com a cintura profundamente afundada, seu rosto agora com a sombra de um tomate maduro de quão duro ela grita. — Você sabia que ela matou Nessa?

Ele lambe os lábios e balança a cabeça. Mas posso dizer pelo olhar em seu rosto que ele sabe.

— Você realmente nunca se importou conosco, não é? Somos todos apenas meios para atingir um fim. Bem, parabéns, pai. Estamos no fim da estrada agora.

Um barulho me distrai, e eu me viro em direção a ele, vendo Zeke parado na porta aberta da estufa, com os olhos arregalados e a boca aberta enquanto ele entra em cena.

Ótimo.

E então meu corpo é jogado, minha arma batendo no botão enquanto voa da minha mão, deixando Dorothy completamente no ácido. Há mãos em volta do meu pescoço, e meu ar é imediatamente cortado, meu pai deitado em cima de mim, as veias na garganta projetando-se através de suas tatuagens. Eu me agito, minhas unhas cavando a pele do braço dele enquanto tento me libertar.

Mas não adianta. Só o tamanho do corpo dele me coloca em desvantagem o suficiente, onde estou sem sorte.

— Sua puta estúpida. Você acha que tem o poder? Você nunca teve *qualquer* poder real aqui. — Seu cuspe voa na minha bochecha e meus pulmões estão se agarrando, meu coração bate alto nos meus ouvidos enquanto meu corpo implora por um suspiro. Minha visão se esvai e eu jogo minha cabeça para trás, tentando como o inferno sair de seu domínio estrangulado. Eu mal consigo distinguir Zeke, parado, assistindo. Não fazendo nada, do jeito que ele sempre fez.

Covarde.

Meu corpo fica mole, minha mente fica nebulosa e eu desisto, percebendo que é isso. Meus últimos momentos passados estão em uma sala cheia de papoulas nas mãos do homem que eu estava tão desesperada por me amar.

Um som agudo soa e um peso cai no meu peito, o ar volta aos meus pulmões a um ritmo alarmante, enquanto as mãos do meu pai relaxam. Algo molhado escorre pela lateral do meu pescoço, e o cheiro de sangue atinge minhas narinas, me deixando miserável. De repente, seu corpo é levantado e jogado para o lado. Eu ofego, minhas mãos voando para a garganta e está sensível que eu estremeço ao toque. Estou sugando goles de ar gananciosos enquanto olho para o rosto embaçado de Zeke, uma arma ao seu lado.

Ele estende a mão, ajudando-me a ficar de pé e envolve o braço em volta da minha cintura para me manter firme.

— Obrigada — eu murmuro, minha voz mal um sussurro, minhas cordas vocais em carne viva do trauma. Examino a sala, observando o buraco de bala no peito do meu pai, os olhos dele olhando vagos e largos para o teto e depois para o cano de ácido, o corpo de Dorothy submerso.

Ambos estão mortos.

Está feito.

Surpreendentemente, tudo o que sinto é entorpecimento.

— Vamos — diz Zeke. — Eu vou ajudá-la a limpar.

Capítulo 39

Eveline



Não sei ao certo o que Zeke fez com os corpos de meu pai ou de minha irmã, embora não restasse muito de Dorothy depois que eu derreti a pele dos ossos dela. E quando acordei esta manhã e tentei encontrá-lo, ele não estava em lugar algum, deixando um bilhete agradecendo-me por ajudá-lo a encontrar sua coragem.

Mas eu não fiz nada disso. Estava dentro dele o tempo todo. Espero que um dia ele saiba. Estou sempre em dívida com ele por salvar minha vida quando mais precisava dele.

Ninguém questionou o desaparecimento de meu pai, ainda não, mas sei que é apenas uma questão de tempo. Poucas horas antes de as pessoas começarem a procurar, seus garotos de nível inferior entrando para pagar suas dívidas, e eu prefiro não estar por perto

quando a merda bater no ventilador.

Suspirando, eu me movo pelo quarto da casa, me sentindo estranhamente agridoce por deixar tudo para trás. De todos os lugares da minha vida, este foi o único que realmente parecia *meu*, e estou triste por ter que sair. Mas é hora de seguir em frente e criar novas memórias em outro lugar. Se ao menos Cody pegasse a porra do telefone. Eu pressiono o celular no meu ouvido, tentando-o mais uma vez antes de aparecer na casa dele sem ser convidada.

A música ecoa da outra sala, e eu congelo no lugar, girando enquanto me esforço para ouvir. Eu franzo a testa e sigo o barulho. Minha mão segurando o telefone fica relaxada.

Outro barulho, e uma maldição abafada flutua pelo ar quando eu viro a esquina e entro na sala, meu coração subindo na minha garganta.

— Deus, aí está você — dou um suspiro de alívio. — Eu tenho tentado ligar para você o dia todo.

Cody gira para me encarar, a porta da frente ainda se abre atrás dele, e ele sorri. — Ei, querida.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, meus olhos seguindo seu terno e voltando para seus cabelos e óculos bagunçados. — E por que você está tão vestido?

— Pensei em aparecer e ver onde a mágica acontece. — Ele mexe as sobrancelhas, olhando em volta. — Então é isso, hein? A cabana na floresta.

Eu faço uma cara. — Uhh ... sim. Eu acho que é.

Rindo, ele balança a cabeça. Ele coloca a mão nos quadris, os lados da jaqueta cinza balançando para trás, e eu respiro fundo quando noto a arma presa no cinto.

— Desde quando você tem uma arma?

— Desde que fiquei com ciúmes da sua. — Ele sorri. — Onde está a sua? Talvez possamos comparar.

Olho para a mesa da frente perto da porta onde está minha Desert Eagle antes de olhar para ele. Nem me passou pela cabeça agarrá-la quando cheguei na frente. Mas ele está agindo de forma estranha, se vestindo de maneira diferente e me fazendo sentir que isso era uma coisa realmente estúpida para eu fazer.

Ele sorri, aquele sorriso pateta que sempre me deu, só que desta vez não parece tão genuíno quanto no passado.

— Eu tenho me preocupado com você — diz ele, andando e me puxando para um abraço.

Eu tensiono no contato, meus braços retos como flechas nas minhas laterais.

Ele recua a menor parte, com as mãos segurando meus ombros. — Eu realmente me importo com você. Eu quero que saiba disso.

A confusão corre através de mim, e eu inclino minha cabeça, mudando em suas mãos. — Cody, o que diabos está acontecendo?

Seu aperto aumenta, uma das palmas das mãos saindo pelo segundo mais breve quando ele chega atrás das costas.

Minha mente ainda está se aproximando, tentando descobrir o que

diabos está acontecendo.

Click.

Algo frio pressiona contra o meu pulso.

— Você tem o direito de permanecer calada — ele sussurra.

Oh meu Deus.

Eu me contorço do aperto dele, mas não sou rápida o suficiente, e ele me pega de novo, me jogando no chão e me montando nas costas, agarrando minha outra mão e algemando-a.

— Acalme-se — ele resmunga.

— Você é um policial? — Minha respiração vem em um arfar rápido, e minha bochecha está esmagada contra o chão de madeira, dor pulsando na minha cabeça.

Todo esse tempo, e eu realmente só estive sozinha.

Ele sai de mim assim que me algema, e eu giro, gemendo de desconforto. Ele se inclina para baixo, encolhendo-se enquanto me ajuda a me mover para uma posição sentada, minhas costas contra o velho sofá de veludo.

— Você estava trabalhando com Bray-Nick? — Meu coração torce pelo nome.

Ele balança a cabeça, passando a mão pelo cabelo para consertar os fios rebeldes. — Por favor. Aquele pedaço de merda se mudou para o meu território como se pudesse enfiar o pau em você e roubar meu caso. Isto é *meu* caso, e eu não estou trabalhando com alguma

merda da DEA.

— Uau. Duas investigações separadas. Eu não tinha ideia de que era tão popular. — Descansando a cabeça contra o sofá, aceito meu destino pelo que é.

Mas quão injusto isso depois de todo esse tempo, acabo pegando a punição e salvei minha família do mesmo destino. A morte era boa demais para os dois.

— Onde está o seu backup? — Eu tento ver atrás dele, fora da porta, mas ele está muito perto de mim e é difícil se mover para olhar ao seu redor.

— Eu vim primeiro como cortesia — diz ele, como se isso fizesse alguma diferença. — Eles estarão aqui em breve.

— Esse tempo todo, hein? — Eu pergunto, ainda não querendo acreditar que depois de tudo - depois de todos esses anos - era apenas uma mentira.

— Fui escolhido especificamente por causa de nossa conexão no ensino médio.

A realização afunda, afiada e profunda, serrilhando os pedaços machucados e danificados da minha alma. — Você voltou por minha causa.

— Eu admito que estava começando a perder a fé. — Ele ri. — Você é incrivelmente cautelosa, sabia disso sobre si mesma?

— Parece que eu tinha o direito de ser — eu estalo.

— Justo. — Ele lambe os lábios. — Honestamente, eles estavam

prestes a me tirar. Mas então ... você me deu um presente.

A descrença chove sobre mim como granizo. — Eu te falei sobre a estufa.

— Você acha que eles vão me dar a medalha de mérito? — Seus olhos perdem o foco como se ele estivesse imaginando naquele momento. — Não leve para o lado pessoal, querida. Também temos coisas nos Cantanellis, graças à gravação que você sugeriu que levássemos do prefeito.

A unidade USB. Eu tinha esquecido que existia.

— Durante todo esse tempo, pensei que você era um cara misterioso, vivendo atrás de uma cortina e fazendo truques sofisticados com seus computadores.

Ele encolhe os ombros. — Eu sou um homem de muitos talentos.

— Você é um verdadeiro pedaço de merda.

— Vamos lá, não há ne ...— Há um estrondo, e então seus olhos se arregalam, com sangue saindo do buraco que apareceu no meio da cabeça. Goteja do seu rosto e seu corpo cai, o baque alto quando atinge o chão.

Nicholas está atrás dele, minha arma ao seu lado e seus olhos como fogo enquanto queimam através de mim.

Minha boca se abre e eu olho para ele, completamente chocada. Meu coração galopa. — O quê...

— Calma — ele exige, fechando a porta atrás dele e depois avançando para se inclinar sobre o cadáver de Cody, com as mãos

checando os bolsos até encontrar um pequeno conjunto de chaves.

Eu fecho minha boca porque, bem, não estou realmente em posição de fazer outra coisa senão o que ele pede agora.

— Existe outra saída daqui? — ele pergunta.

Minhas sobrancelhas se erguem, meus olhos brilhando para frente e para trás de Cody e o sangue se acumulando ao redor de seu corpo, depois para Nick. De novo e de novo. *É assim que o choque parece?*

— Eveline. — Sua voz é afiada. — Existe outro caminho para você fugir?

Eu engulo, saindo do meu atordoamento, meu peito se levantando enquanto percebo o que ele acabou de fazer. — Sim, há um túnel subterrâneo que tem uma saída traseira.

Quando ele se ajoelha ao meu lado, seu perfume de canela e pinheiro flui através de mim, fazendo meu peito ficar tão apertado que mal consigo respirar. — Você precisa ir.

Ele desfaz minhas algemas e eu levo minhas mãos para cima, esfregando meus pulsos. — Você apenas...

Agarrando meu rosto, ele vira para ele, com as mãos tão firmes como sempre foram, os polegares escovando sob minhas bochechas. Seus olhos estão escuros, preocupados e tão perfeitos, e isso me irrita que, mesmo agora, me distraio com tudo o que ele é.

— Escute-me — ele sai correndo. — Você precisa ir.

— Mas eu...

Ele bate a boca na minha e eu não posso deixar de beijá-lo de volta, porque por tudo o que ele fez e tudo o que não fez, eu ainda o amo, não importa o quanto eu tentei parar.

— Eu te amo — diz ele.

Um soluço percorre meu corpo e fica preso na parte de trás da minha língua.

— Eu não sabia que *poderia* amar até você. E você não é perfeita, ok? Você me irrita e faz coisas com as quais nunca pensei que ficaria bem, e você é mal-humorada como o inferno. Você é realmente a coisa mais distante da perfeição que eu já vi. Mas Eveline ... você é perfeita para mim.

Meu coração se torce, pequenos pedaços dele se movendo de volta nas costuras.

Ele me beija mais uma vez. — Em cerca de cinco minutos, este lugar vai enxamear com federais, e eles estão aqui por *você*. Você entende o que estou dizendo?

Eu aceno, meu estômago está virando, o sangue correndo pelas minhas veias.

Ele aumenta o aperto no meu rosto. — Me escute. Não vou pedir seu perdão. — Ele olha para a porta antes de prender os olhos frenéticos em mim. — Eu não *quero que* você me perdoe agora. Eu só quero saber que você está lá fora e há uma chance. Que um dia, talvez nos encontremos novamente, e eu vou até você e direi que sou Nicholas Tennyson Woodsworth, minha cor favorita é azul, eu odiava a escola, e estou tão apaixonado por você que não consigo imaginar viver em um mundo que não tem você nele.

Soluço, minhas mãos se envolvendo em torno de seus pulsos.

— Se você não sair, *agora*, então eu não tenho essa chance. — Seus olhos tremulam entre os meus. — Por favor, deixe-me, garota bonita. *Vai*.

Há um único momento em que considero ficar. Olho para Cody, esparramado no chão, e me pergunto como Nicholas explicará isso. Se ele conseguir.

— Eu vou ficar bem — ele pede.

Ele me agarra, pressiona os lábios nos meus mais uma vez e depois me empurra para longe.

Eu levanto, viro e corro.

Capítulo 40

Nicholas



Eu cheguei a tempo.

Honestamente, eu não tinha certeza se faria. Eu ainda não tinha renunciado, querendo manter meus olhos e ouvidos abertos, e graças a Deus que eu fiz, considerando que foi há apenas três horas que recebi a dica de que o agente Baum estava se movendo.

Quando ouvi dizer isso, houve um momento de clareza, como olhar para águas cristalinas pela primeira vez na minha vida. Não havia dúvida de que tudo o que eu lutava se dissipou no ar como se nunca tivesse existido em primeiro lugar.

Tudo o que eu sabia era que não podia deixá-la cair. E talvez isso

me faça estúpido, talvez me deixe fraco. Talvez ela tenha me manipulado para me tornar algo que eu nunca quis ser. Seja qual for o caso, eu não ligo. Porque ela me mudou fundamentalmente. Irrevogavelmente. E não há como voltar atrás.

Eu não amo Eveline, apesar de suas falhas. Eu a amo *por causa* delas.

O alívio inunda através de mim quando ela desaparece na parte de trás da cabana, e eu fecho meus olhos, orando pela primeira vez em anos que dê certo. Então, saio pela porta da frente e espero.

Pneus trituram sobre a neve recém caída, sedãs pretos puxando as árvores, prontos para levar a garota que eu amo sob custódia. Para roubá-la para sempre.

E, para simplificar, não posso viver com isso.

Uma dúzia de agentes armados pulam de seus carros, departamento de polícia local ao seu redor como reserva. Eles se agacham atrás de portas abertas e apontam suas armas para mim.
— Largue sua arma.

Levanto minhas mãos e ando sobre a varanda de madeira precária, jogando a pistola no chão.

— Sou o agente Nicholas Woodsworth — eu falo. — Eu tenho trabalhado neste caso.

Um homem com cabelos escuros e olhos de aço sai por trás da porta, avançando sem tirar o alvo do meu peito. — Onde está o agente Baum?

— Morto.

— E a suspeita?

— Fugiu. — Meu coração bate contra o meu peito. — Vou enfiar a mão no bolso e mostrar meu distintivo, ok?

O homem levanta a arma mais alto. — Mantenha suas mãos onde eu possa vê-las.

— Bem, *you* pode vir verificar. Vim oferecer ajuda, mas estava ... — Eu balanço minha cabeça, franzindo a testa. — Eu estava muito atrasado.

Eu aceno em direção ao bolso do paletó e ele se aproxima, agarrando meu distintivo e abrindo-o, examinando-o antes de olhar para mim. Finalmente, ele abaixa o braço e alerta os outros para fazer o mesmo.

— Agente Woodsworth, desculpe por isso. — Ele se encolhe. — Protocolo.

Eu sorrio. — Entendi.

O resto da noite é um borrão. Fui trazido para dar uma declaração e observo enquanto eles carregam o primeiro homem que eu já matei em uma maca, colocando seu corpo sangrento em uma bolsa e lançando-o para fora.

Não sinto arrependimento e não estou lutando com o que tinha que fazer. Eu me sinto contente por saber que mantive a mulher que amo em segurança.

Na manhã seguinte, entro na minha divisão, contornando minha mesa e indo direto para o escritório de Cap, colocando minha arma e meu distintivo em sua mesa.

Ele levanta uma sobancelha. — O que é isso?

— Este sou eu entregando meu crachá. — Eu encolho os ombros. — Eu terminei, Cap.

Ele respira fundo, passando a língua por cima dos dentes. — Que diabos você quer dizer que terminou?

— Eu quero dizer exatamente isso. Terminei. Estou fora. Eu desisto. — Cada vez eu digo meus ombros ficam mais leves.

— Essa é uma grande decisão — diz ele. — Você tem certeza que é o caminho certo?

Sento-me com a pergunta dele por um minuto e depois olho para o jornal no topo de sua mesa, uma foto de Eveline com a palavra PROCURADA estampada embaixo em negrito.

Me açoitando, eu aceno. — Esta vida não é o meu sonho. Não mais.

Ele aperta os olhos. — Você precisa conversar com alguém sobre o que aconteceu com o agente Baum? Temos recursos, sabia.

Eu balanço minha cabeça. — Estou bem, mas obrigado. Eu agradeço isso.

— Ok. — Ele respira fundo e caminha pela mesa, vindo até mim e colocando a mão no meu ombro. — Eu provavelmente deveria tentar convencê-lo a ficar.

Sorrindo, uma sensação de tristeza me atinge no peito. Afinal, ser agente é tudo que eu já conheci. Durante a maior parte da minha vida, é tudo o que eu sempre quis. Mas então o rosto de Eveline aparece em minha mente, e não quero mais *nada* do que ela.

— Não perca o fôlego, Cap

Suas sobrancelhas se aproximam. — Eu não sou um capitão do caralho.

Eu ri, agarrando-o em um abraço. Ele endurece, me dando um tapinha nas costas e me afastando.

— Você sempre será o capitão do meu coração.



O primeiro mês sem ela estava cheio de ansiedade. Ela estava em todas as notícias. Os cérebros por trás de Farrell Westerly. Considerada armada e extremamente perigosa.

O agente Cody Baum recebeu a medalha de mérito postumamente, e fui chamado três vezes por Cap tentando me colocar de volta em campo.

Acontece que ele não me odeia tanto, afinal.

O segundo mês rolou e a cobertura começou a diminuir. Ela era uma notícia antiga agora, e eles não tiveram sorte em encontrá-la. Além disso, os Cantanellis estavam sendo acusados de várias acusações diferentes, graças às escutas que o prefeito Norman usava ao fazer acordos sujos, e eles sempre *foram* o peixe maior na lagoa.

No terceiro mês, eu estava inquieto. Peguei madeira e descobri que

tinha o dom de criar móveis personalizados. Até comecei um pequeno negócio para tentar passar o tempo, mas nada impediu minha alma de doer, clamando por sua outra metade.

Mês quatro, debati ligar para Seth, vendo se ele poderia localizá-la. Mas eu nunca fiz. Eu já o coloquei em situações suficientes que colocam sua carreira em risco. Posso ser um homem egoísta, mas acabei de ser um amigo egoísta. Então, eu contratei um agente investigativo, alguém que monta as fronteiras da lei apenas o suficiente para não me preocupar com ele entregar as informações que ele reúne para ninguém além de mim. E, a princípio, minha esperança foi renovada.

Mas os meses se arrastaram.

Então, um dia, doze meses e dezessete dias depois que matei o agente Cody Baum e ajudei Eveline a escapar, meu telefone tocou.

Ele a encontrou morando em uma pequena cidade na costa da Irlanda. Exatamente como ela sempre sonhou.

Faz três dias desde que ouvi as notícias e ainda não fiz nada a respeito.

Rose suspira, vindo para sentar ao meu lado no sofá da sala. — Você deveria ir até ela.

Engolindo o nó na garganta, balanço a cabeça. — Ela está bem sem mim.

— Bem, *eu estou* cansada de você — ela ri. — E enquanto eu aprecio a maneira como você está enchendo nosso lugar com móveis bonitos, se me der outra mesa, começarei um maldito incêndio apenas para dar espaço.

— Eu não quero te deixar, garota.

Ela sorri, cutucando meu ombro. — Eu sempre quis visitar a Irlanda.

É tudo o que é preciso. Na manhã seguinte, estou em um voo, com um endereço rabiscado em um pedaço de papel e nada além de nervos e esperança explodindo no meu peito. Leva oito horas e estou na beira do meu assento o tempo todo, imaginando o que direi quando a vir, se ela *quiser* me ver.

O tempo se move mais devagar quando você está ansioso para começar o resto da sua vida, mas eventualmente *ele* move.

Saio do táxi, olhando para a pequena pousada em Doolin Village. A cidade em si é edifícios pitorescos e coloridos que revestem uma bela paisagem de colinas verdes e um mar cintilante. Mas não estou encarando nada disso. Não quando Eveline está bem na minha frente.

Ela está saindo pela porta da frente e descendo a rua, um caderno na mão e uma saia preta e esvoaçante girando em torno dos joelhos. Ela parece a mesma, mas totalmente diferente. Seus cabelos negros se foram, as ondas marrons naturais fluindo para o meio das costas e as sardas espalhadas pelo rosto são visíveis mesmo de onde estou do outro lado da rua.

Meu coração pára no meu peito e minha mão se levanta para descansar em cima dele.

Ela tira meu fôlego.

Eu sigo atrás dela.

Andamos pelo que parece horas, mas não me importo com a vista, encantado com a maneira como ela é *existente*. Eventualmente, o caminho se estreita e a vista muda, passando de terra ondulada para falésias afiadas que caem no mar.

Ondas batem contra as rochas e ela para em uma pequena área onde ninguém mais está por perto, olhando para o oceano, o vento fazendo seu cabelo voar em direções diferentes atrás dela.

O trovão ronca baixo e profundamente à distância, e olho além de onde estamos, percebendo as nuvens cinza-escuras entrando, folhas molhadas visíveis quando caem sobre a terra.

Ela se senta, cruzando as pernas e abrindo o caderno, e eu me afasto e a observo como um perseguidor absoluto. Ela rabisca, depois rasga e leva a caneta até os lábios, a cabeça inclinando-se em pensamentos.

Finalmente, eu faço a minha jogada.

— Você está se esforçando demais — dou um passo mais perto, meu coração batendo no meu peito.

Seu corpo congela e ela se vira, a boca se abre enquanto olha para mim.

— Com licença? — ela diz. — Quem disse que estou tentando?

Ela fica de pé, o olhar está feroz e os lábios franzidos, e por apenas um momento, meu peito pára, pensando que talvez ela esteja chateada por eu estar aqui. Que talvez ela não tenha me perdoado, e talvez ela nunca o faça.

Mas então um sorriso se espalha pelo rosto. Um verdadeiro, do tipo

que mostra todos os dentes e faz os olhos enrugarem nos cantos.

Meu coração pula e titubeia e começa a bater em um ritmo constante.

E com esse único sorriso, sei que cheguei em casa.

Epílogo

Eveline



Ele está aqui.

Faz doze meses, quase até o dia, e eu tinha perdido a esperança de que ele me encontrasse. Fico feliz que ele não fez até agora.

Eu precisava de tempo para respirar, para aprender a ser *eu* sem o peso adicional da expectativa. E eu precisava de tempo para perdôá-lo.

Então eu vim para a Irlanda e me apaixonei, sabendo que nunca

iria embora.

Não que eu pudesse, considerando que sou uma fugitiva.

Nicholas está a alguns passos de distância e segue em frente, sem parar até estar diretamente na minha frente. Respiro profundamente, canela e pinheiro correndo pelos meus sentidos e fazendo meu peito virar. Dói por sentir falta dele.

— Oi — ele diz.

— Oi.

Ele estende a mão. — Eu sou Nicholas Tennyson Woodsworth.

Minha garganta incha e coloco minha palma na dele. Arrepios correm pelos meus braços no contato e olho para onde estamos nos tocando. — Tipo de um nome longo.

Ele ri. — Você vai me dizer o seu?

Balançando a cabeça, olho para ele. — Como eu sei que você não é um perseguidor?

— Oh, garota bonita. — Ele se aproxima, enfiando os dedos nos meus cabelos e me puxando para ele. Eu vou de bom grado, afundando em seu aperto. — Eu serei o que você quiser que eu seja.

Eu pressiono minha cabeça na palma da mão, dobrando um pouco para deslizar minha mão sob minha saia e agarro minha arma nova. Não é ouro rosa e não tem lembranças, mas ainda faz o trabalho. Eu a arrasto pelo tronco e o coloco embaixo do queixo. — Me dê suas palavras, Nicholas. E talvez eu deixe você ficar.

Seus olhos brilham.

— Você não sabe com que saudade olho para você. Você deve ser quem eu estava procurando, ou ela era o que procurando. — Ele abaixa a cabeça e roça os lábios na minha bochecha. — Em algum lugar certamente vivi uma vida de alegria com você. Tudo é lembrado quando nos divertimos, fluidos, afetuosos, castos, amadurecidos.

O nariz dele esfrega contra o meu, e meu estômago vira e voa.

— Você cresceu comigo, era um garoto comigo ou uma garota comigo, eu comi com você e dormi com você, seu corpo não se tornou seu apenas nem deixou meu corpo apenas meu.

Seus dedos se movem, traçando minha testa, meu nariz, minhas bochechas. Fecho meus olhos, o som do oceano quase tão alto quanto a batida do meu coração, de onde bate no meu peito.

— Você me dá o prazer de seus olhos, rosto, carne, quando passamos, você pega minha barba, peito, mãos, em troca. Eu não devo falar com você. Devo pensar em você quando me sento sozinho ou acordo à noite sozinho.

Ele envolve a mão em volta da minha, movendo a arma para baixo até que esteja ao meu lado, em vez de debaixo do queixo.

— Eu devo esperar, não duvido que devo encontrá-la novamente. — Sua respiração desliza pelos meus lábios. — Eu devo garantir que não te perco.

Olho para trás, vendo a tempestade chegando e um arco-íris fraco espreitando de suas bordas e mergulhando na água abaixo.

— Você sabe, por não acreditar em romance.

— Estou tão apaixonado por você, Eveline Westerly — ele me interrompe.

Eu sorrio, levantando-me na ponta dos pés para pressionar um beijo nos lábios dele. — Toda parte miserável?

Ele escova o cabelo do meu rosto. — Cada uma.

Notas

[←1]

Vá tomar no cu, em italiano.

